Anno I — N.º 1 SERPA, Janeiro de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

Collaborador artistico: — F. VILLAS-BOAS

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

2.ª edição

A TRADIÇÃO

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:—LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

«**A TRADIÇÃO**, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

RAMALHO ORTIGÃO.

PRIMEIRO ANNO

1899

(Segunda edição)

COLLABORADO POR

Adolpho Coelho (Dr.), Alberto Pimentel, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Athaíde d'Oliveira (Dr.),Conde de Ficalho, Corrêa Cabral, Castor, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (Dr.ª), Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, João Varella (Dr.), Ladislau Piçarra (Dr.), Lopes Piçarra, Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Sousa Viterbo (Dr.), Theophilo Braga (Dr.), Thomaz Pires.

Collaboradores artisticos:—F. VILLAS-BOAS e J. V. PESSOA

LISBOA
TYP. DE ADOLPHO DE MENDONÇA & DUARTE
46, Rua do Corpo Santo, 48
1900

A' Memoria

DO

SERPENSE ILLUSTRE

José Francisco Corrêa da Serra

(*) Clerigo do habito de S. Pedro, do conselho de sua magestade, fidalgo cavalheiro da sua real casa, conselheiro da legação, agente diplomatico em Londres, ministro plenipotenciario junto ao governo dos Estados Unidos, cavalleiro da ordem de Christo e commendador da Conceição, conselheiro da fazenda, deputado ás Cortes de 1822, doutor em direito canonico pela Universidade de Roma, socio fundador e secretario perpetuo da academia real das sciencias de Lisboa, correspondente do Instituto de França, da sociedade philomatica de Paris, socio da sociedade real de Londres, das academias de Turim, Florença, Bordeus, Lião, Marselha, Liege, Sena, Mantua, e Cortona, das sociedades reaes de agricultura do Piemonte, da Toscana e da Linneana de Inglaterra, dos antiquarios de Londres e da sociedade real e economica de Valença.

(*) *Vidè «Glorias Portuguezas»*, por A. A. Teixeira de Vasconcellos, Tomo I.

INDICE

ILLUSTRAÇÕES

Galeria de Typos Populares

CANCIONEIRO MUSICAL

ADDENDA E CORRIGENDA

Estatinga = Estantiga

O erudito redactor da *Revue Hispanique* lembra-me que esqueci citar uma passagem muito caracteristica da *Guerra de Granada*, em que Diego de Mendoza descreve a apparição da *hoste antiga.*

Deixando aqui consignada a minha gratidão, apresso-me a communicá-la aos leitores do meu artigo.

E diz:

. .*i veen los moradores encontrarse por el aire esquadrones; oyense vozes como de personas que acometen: estantiguas llama el vulgo Español a semejantes apparencias ó fantasmas que el baho de la tierra, quando el sol sale ó se pone, forma en el aire baxo, como se veen en el alto las nubes formadas en varias figuras i semejanças.*

Guerra de Granada, lib. IIII (ed. 627, f. 1124)

CAROLINA MICHAELLES DE VASCONCELLOS.

A circumstancia d'*A Tradição* ter sido impressa a longa distancia dos seus directores, deu origem a que escapassem diversos erros, aliás de pequena monta, e que facilmente serão corrigidos pelo espirito culto do leitor. Cumpre, no emtanto, assignalar os seguintes:

— A pag. 77, ao fim da columna direita, no verso em que se lê «Com vergonha d'ir á missa», leia-se *Tem vergonha d'ir á missa.*

— A canção musical n.º 9 *Hei-de m'ir para o Algarve*, é «descante» e não «choreographica» como por equivoco sahiu:

— Nas *Lendas & Romances*, a VII, a pag. 183, onde se lê *Bernal Françez* leia-se *Bernaldo Francez.*

A TRADIÇÃO

APRECIAÇÕES DA IMPRENSA*

«A Tradição»

«E' assim que se intitula uma revista mensal cuja séde de redacção é em Serpa, e cujos directores são os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes.

O titulo não podia ser mais bem escolhido nem mais bem adequado. A *Tradição*, propõe-se effectivamente a ser um repositorio de ethnographia portugueza, e, a ajuizar por este numero, não só o seu plano é deveras attrahente, mas promette ser executado a capricho, com o primôr de quem se dedica a estes assumptos com todo o affecto e com todo o desinteresse material.

Este numero traz artigos curiosissimos e vem adornado com uma bella phototypia, representando a *Apanhadeira de azeitonas*, mulher de Serpa, além de uma pagina de musica popular.

A nova revista merece, por todos os motivos, o favor do publico e este não deixará de lh'o conceder, dando-se de mais a mais a circumstancia da *Tradição* estar ao alcance das bolsas mais modestas. O preço da assignatura annual é apenas de 600 réis, duvidando nós muito que o seu producto chegue a custear as despezas materiaes.

Saudando jubilosamente a «*Tradição*», estimamos, para honra das letras portuguezas, que ella alcance a longa existencia a que tem direito.»

(Do *Diario de Noticias*, n.º 11:900).

«A Tradição»

«Sob este titulo, começou agora a publicar-se, em Serpa, uma revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada, da qual são directores os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, e collaborador artistico o sr. F. Villas Boas.

Qual é o fim d'esta nova revista?

Dil-o a redacção nas seguintes palavras: «*A Tradição*, cujo primeiro numero temos o prazer de dar a lume, propõe-se reunir — recolhido com todo o escrupulo e fidelidade — o maior numero possivel de materiaes ethnographicos, assim de caracter physico como de caracter mental, relativos ao nosso paiz.»

E' uma obra digna de applauso, que deve contribuir, como esperam os seus directores, «para o rejuvenescimento patrio e ao mesmo tempo para a historia da civilisação humana.»

Coincide a apparição d'esta magnifica revista com o primeiro centenario do nascimento de Garrett, que foi em Portugal o iniciador dos trabalhos «folkloristicos». Foi elle o primeiro que reuniu materiaes do saber popular no seu esplendido «Romanceiro».

Mais tarde, os srs. Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Leite de Vasconcellos, Consiglieri Pedroso e muitos outros alargaram o campo da investigação ethnographica, colligindo novos materiaes.

(*) Deixâmos de publicar, involuntariamente, algumas apreciações da imprensa, por extravio no correio de varios jornaes que se occuparam da *Tradição*.

A *Tradição* vem continuar esta ordem de trabalhos.

Pelo summario do primeiro numero, vê-se que ha de vir a ser um valioso archivo da tradições».

(D'*O Seculo*, n.º 5:114).

×

«A Tradição»

«E' o titulo d'uma interessante publicação mensal de ethnographia portugueza, illustrada, que acaba de se publicar em Serpa e de que recebemos o exemplar inicial.

E' uma revista que deve encontrar protecção e que, pela maneira como é redigida, deve ter o maximo acolhimento e longa vida».

(Da *Vida Nova*, n.º 938).

×

«A Tradição»

«Chega-nos ali do Alemtejo uma publicação muito interesante. E' uma revista mensal de ethnographia portugueza, impressa em Serpa. Directores: Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes. Intitula-se: *A Tradição*.

Excellente lembrança, que merece a estima dos que ainda em Portugal curam d'estas coisas.

Nós desejariamos que esta revista vinda de Serpa tivesse principalmente caracter regional. O Alemtejo está tão pouco estudado! O que conhecemos de melhor sobre usos e costumes transtaganos é a curiosissima collecção de artigos publicados em tempo no *Elvense*. E pouco mais.

Srs. alemtejanos, dêem-nos Alemtejo na *Tradição*, e terão prestado um optimo serviço.

Não esmoreçam.»

(D' O *Popular*, N.º 640)

×

«A Tradição»

«Temos presente o primeiro numero d'esta revista, uma das mais interessantes que nos ultimos tempos teem chegado á nossa redacção.

São seus redactores os nossos velhos amigos srs. Dias Nunes e dr. Ladislau Piçarra.

Estes dois nomes, para nós, constituiam, desde que se annunciou a saida da primorosa revista, segura garantia de que ella revestiria o interesse e o brilhantismo que ora lhe encontrámos.

Dias Nunes e Ladislau Piçarra são dois escriptores de talento, vivendo retirados do bulicio da capital — n'essa formosa e alegre villa de Serpa, lá no extremo do Alemtejo, onde o sol parece ter mais brilho e a natureza maiores encantos.

E' ahi onde elles vivem entregues aos seus trabalhos de investigação do passado.

A Tradição é, pois, mais do que uma revista litteraria, é uma revista scientifica, dirigida proficientemente, collaborada com esmero por bons escriptores. E' uma publicação que deleita e instrue.

A par de artigos interessantissimos e variados, publíca uma bella photogravura, a «Apanhadeira de azeitona», um d'esses typos de mulher de olhar insinuante, carnadura sadia e trajo pittoresco, tão caracteristicos do Baixo-Alemtejo e tão desconhecidos aqui, em Lisboa, onde, dos provincianos, pouco mais se conhece do que o das ovarinas e o das minhotas.

Tambem este numero publica a lettra e musica da «Cantiga dos reis», essa melopêa singela e mystica que evoca em nós saudosas recordações de infancia.

A «Cantiga aos reis», ao «Deus Menino», ás Janeiras», como são deliciosas na sua quasi primitiva simplicidade, e que saudades nos despertam!

Bem hajam os directores da *Tradição* em tornar conhecido todo o nosso bello cancioneiro popular, as nossas lendas, os nossos usos e costumes.

N'um paiz, onde a ethnographia tem sido tão pouco estudada, apesar de tão rica, deve-se bemdizer aquelles que se dedicam á investigação do passado, extrahindo d'elle quanto de util e de bom possam entregar ao futuro.

E' um trabalho civilisador e patriotico.»

(D' A *Lanterna*, N.º 181)

×

«A Tradição»

«Tivemos o prazer de receber o primeiro numero d'esta revista scientifica, illustrada, que mensalmente, começou a publicar-se na villa de Serpa, *A Tradição*, propondo-se, segundo affirma, reunir o maior numero possivel de materiaes ethnographicos, assim de caracter physico como de caracter mental, relativos ao nosso paiz, vem prestar um alto e relevante serviço patriotico.

Brilhante e competentemente dirijida pelo sr. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, facilmente se calcula a importancia da nova publicação, pelo summario que do primeiro numero damos:»

. . . .

(D' *O Lidador*, N.º 7)

×

«A *Tribuna* festeja com as suas melhores galas o advento, em Serpa, do 1.º n. d'*A Tradição*, revista mensal illustrada de ethnographia por-

tugueza, de que são directores os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes. *A Tradição* «propõe-se reunir — recolhidos com todo o escrupulo e fidelidade — o maior numero possivel de materiaes ethnographicos, assim de caracter physico como de caracter mental, relativos ao nosso paiz.»

De jornaes d'estes, tem o nosso espirito tanta necessidade, como o nosso corpo de pão para a bocca; porque sobre propor-se, a *Tradição*, inventariar todas essas lindas e suggestivas coisas com que se decora o viver rustico portuguez — ella será, para ós nossos artistas, manancial permanente de inspiração, e museu encantador, ainda por cima, de adereços para a sua obra.

Não devem guiar a *Tradição*, a meu vêr, ostensivos propositos de erudição. Tudo quanto convém, em jornaes assim, é o *facto*; — e se as nossas coisas velhas tendem a desapparecer, por esse espirito de cosmopolitismo que vae rasoirando e nivelando tudo, e por conseguinte descaracterisando-o, a hora não é para se desaproveitar uma linha, um movimento, um segundo, em discussões eruditas, que nos dão sempre, no fundo, a sensação de artificiaes; mas sim, e senão exclusivamente ao menos preferentemente, — para colher, para recolher, para inventariar, — para pôr a salvo, emfim, d'essa onda de esquecimento que ahi vem, surda mas pavorosa, as mais sagradas, carinhosas e graciosas alfaias do lar dos nossos avós...

Inspire-se, pois, no Povo, e só n'elle, a *Tradição*. Se o seu titulo a volta para o passado, volte-se para o passado com o peito todo: fareje, sonde, investigue, recolha; e quanto mais cheias de terra vierem as coisas, mais as furte, por óra, ás mãos dos sabios, — que tanto as limpam, em regra, que as estragam... O presente lá tem os seus jornaes: a começar pelo *Diario do Governo*! — e tudo quanto devem fazer os dois prestimosos poetas de Serpa, é convencerem-se, na devoção fervorosa da sua tarefa, que não ha mais mundo que a terra que calcam, mais jornaes senão a *Tradição*, — outro sabio que não seja o Povo.

Vá isto á laia de aviso, que não de commentario ao numero que tenho presente. O numero que tenho presente, haja vista o summario, è devéras optimo:»

....

Trindade Coelho.

(Da *Tribuna*, N.º 4)

×

«A Tradição»

«Os livros e os periodicos, semelhantemente ás pessoas, têm a sua physionomia especial que desde o primeiro momento nos captiva, ou nos deixa indifferente ou nos inspira antipathia. Foi a primeira impressão a que nos despertou este novo periodico em cujo artigo preambular se nos depararam logo estas palavras promettedoras: (Seguem alguns periodos do artigo de apresentação).

«Que este bello programma não é uma simples phantasia, uma aspiração promettedora, demonstra-o desde já este primeiro numero de *A Tradição* que lemos com immenso prazer. Abre por um interessante e curiosissimo estudo do illustre investigador sr. dr. Sousa Viterbo, sobre a vulgarissima expressão *doutor da mulla russa*, documentando a origem que tem por mais provavel e mostrando que o sentido ironico e irrisorio em que é empregada não é, muito pravavelmente, justo.

«Seguem-se, a esse artigo, as seguintes materias que obedecem á orientação da nova revista:

....

«*A Tradição* é uma das mais brilhantes iniciativas no nosso moderno jornalismo litterario, e deve ter um bello exito não só entre os espiritos cultos de Portugal, mas no estrangeiro, onde estes estudos são muitissimo apreciados.»

(Da *Gazeta das Aldeias*, n.º 160).

×

«El Baño Del Alma»

«Una notable publicación acaba de fundarse en Serpa (Portugal) con el titulo *La Tradición*.

«En el primer número de esta revista, que llegó recientemente á nuestras manos, se publican trabajos curiosisimos del escritor lisbonense, nuestro querido amigo doctor Sousa Viterbo; del director de la revista, doctor Ladislau Pizarra, y de otros notables escritores portugueses, con lo cual *La Tradición* entra de lleno en el rango de las más importantes revistas lusitanas.

«Por su brevedad y por lo curioso de la leyenda, vamos à dar á conocer aqui un trabajo del doctor Pizarra, quien en galana forma da á conocer una superstición muy arraigada, entre el elemento popular de Serpa, que cree en ella como artículo de fe.

«*El baño del alma* se titula el hermoso artículo del director de *La Tradición*, que traduzido dice asi:»

....

(D'*El Globo*, n.º 8.459).

×

«A Tradição»

I

«Sei que a *tradição* é o alicerce do edificio social, como sei que a *historia* é a mestra da vida; mas, confesso, entendo um pouco mais — bem pouco, por signal — d'innovações, que de tradi-

ções. Por causa d'esta tendencia, boa ou má, do meu espirito, a tradição, que muitas vezes é digna de reparo, *escapa-me* pela tangente do esquecimento, se posso dizel-o assim. E, se eu perscrutasse o meu fôro intimo, pedindo a mim proprio a explicação do phenomeno, talvez o reparo se traduzisse do seguinte modo: Se uma lenda acreditavel, (que as ha, e não brigam com a rasão) fosse memorada como lenda; a não acreditavel, como uma patranha; o chamado milagre, como uma exploração de mystificadores habeis; o bruxedo, como uma *palermice* digna de... muita instrucção obrigatoria—vá! toda a tradição seria util, porque seria como que o espelho do que nós *fomos*, e em cada recordação d'uma desvanecida crença envelhecida fariamos nós, em caracteres diamantinos, a sublime palavra salvadora — Progresso! Mas não. O povo — o eterno ludibriado —toma toda a tradição por verdadeira, confundindo a verdade e a mentira, que nos vem da tradição. Nas egrejas, onde eu quizera, com simples naturalidade, analysar, traduzida em arte, uma antiga crença robusta, hoje em decadencia —mandam-me ajoelhar e curvar a cabeça, humilde; vendo passar na rua os cortejos da ingenuidade e quantas vezes, da hypocrisia — idem; o problematico, dado por verdadeiro; emfim por toda a parte se impõe a mentira triumphante — que é *tradição*, mas que é tambem *imposição*, e que deixa de ser, para mim, tanto mais digna d'estudo quanto mais certo é tornar-se-me odiosa, pela seu caracter de soberba intolerancia, em liberdade de critica não ha verdade, e arte sem verdade seria bem comparada com um dia sem sol. Portanto, as bôas tradições, essas que nobilitam os povos, que os revigoram nas suas aspirações de liberdade e de bom senso — como por exemplo a tradição das immunidades municipaes — confundem-se com as do velho direito de primogénitura; e as da aspiração para Deus — fonte perene de todo o bem — deixam-se mesclar pela exhibição de toda a casta d'imbecilidade, desde a penitencia mais inutil e mais soèz, até ás pragas damninhas e aos castigos perversos, attribuidos ao Deus bom que o mundo ampàra e guia na sua marcha triumphal.

Deve, pois, abandonar-se a tradição e construir se um novo edificio social, a começar pelos alicerces? Não. A Tradição é util e bôa, comtanto que a pár da sua rememoração, se faça por não olvidar a distincção entre a verdade e a mentira. Que se não percam as riquezas do mineral ethnologico ou ethnographico, mineral que deve apparecer á luz para bem da civilisação; mas que, dando-se vida ao passado, se não auxilie, de modo algum, o trabalho de sápa dos obreiros da treva, que ahi andam fiados tambem na tradição (a tradição do absurdo) — e Quixotes de nova especie — envidando esforços para que a marcha não seja para a frente, transfigurando assim a tradição em reacção, e fazendo perigar a liberdade, d'onde deriva todo o *Progresso*!

— Tudo isto me occorreu a proposito, ou a despreposito, do bem escolhido titulo d'esta pu blicação mensal, iniciada agora pelos dois sympathicos democratas serpenses. Que o distincto poeta dos «Rosmaninhos» e o seu diplomado companheiro me perdoem a caturrice — e, entremos na Tradição:

II

— PRELIMINAR — eis a epigraphe da apresentação da nova *revista*: duas columnas e meia de prosa castiça, em que todos os periodos são reveladores de consciencia nitida e de talento pujante. Os dois tradicionaes (não confundir com o negro tradicionalismo hespanhol!) sabem o que querem, e para onde caminham. Querem comparar o passado com o presente, e caminham para o futuro. E como, de certo, se inspiram no trabalho luminoso de Theophilo Braga e de tantos outros benemeritos, não podem errar o ponto alvejado. Que Deus e a rasão — a rasão suprema e a rasão humana — os guiem, e façam bôa jornada.

*

Principia o trabalho de collaboração por um artigo magistral de Souza Viterbo, explicando as origens d'um dito popular — *Doutor da mula ruça* — que serve de titulo ao mencionado artigo. E fiquei sabendo o que não sabia: que o celebrado *Doutor* realmente existiu; que era um excentrico, pois se vangloriava da sua alcunha; que era o seu nome Antonio Lopes, e residia em Evora na 1.ª metade do seculo XVI: o que tudo provado fica pela sua carta de doutoração ou de favor, que vem na integra.

*

Segue o — *Natal, Anno bom, e Reis* — de Dias Nunes.

Natal: o de Christo! Ha perto de 1:900 annos que isso foi. Simples facto: Ainda assim, o maior acontecimento de que resa a Historia.

Anno bom: como que a esperança de que o novo anno não póde ser ruim! Grata consolação para os que soffreram as agruras do passado!

Reis, a festa dos Reis; que bello, festejar gente tão simples, que morreu ha tantos annos!

Animo! que as lagrimas não são para aqui. Lemos, até com prazer esse *trio* encantador de Dias Nunes. Como elle o conta! O *Natal*, em Serpa, é o natal na minha terra, e penso que em todo o Alemtejo é assim. Mas que empolgante assumpto, que verdade na descripção! Até os vicios de linguagem ou de pronunciação, não deixou no olvido. Nós temos por aqui, a menos, o do engraçado *a* depois do *lelhe* e do *rêre*.

«Entrae, pastorinho, entrae
por esse portal sagrado,
vinde *vêl-o* Deus menino
entre palhinhas *détado*.»

Deus menino: o Deus dos «simples» como lhe chamou o nosso 1.º poeta.

Como tudo isto é saudoso!

Bons tempos! bons tempos! «E que não voltam mais...»

— *Anno bom*... é que parece que não ha por aqui. Só uma ou duas vezes em minha vida ouvi cantar as *janeiras*, e prompto.

— Depois os *Reis*, com as cantigas da tradição christã, e outras uzadas em Serpa sobre o pedido d'esmolas e respectivo agradecimento. Tudo d'um sabor poetico e — sem *calembour* — cheirando a *rosmaninhos*.

Aqui — terra de republicanos — é esta, a festa dos *Reis*, a que tem talvez por antinomia, mais nomeada e mais festeiros! Comtudo divergem bastante as cantigas finaes e a musica, das indicadas e transcriptas por Dias Nunes. Nós temos, por exemplo:

Estas casas são caiádas
por dentro, e por fóra não;
o Senhor que n'ellas mora
Deus lhe dê a salvação.

Estas casas são de ouro,
nellas mora uma princeza:
Meta a mão ao seu thesouro,
reparta com a pobreza.

Senhora dona de casa,
deixe-se estar que está bem,
mande-me dar a esmola
pelo filhinho que tem.

E outras muitas, devidas á musa popular, e que soffrem modificação de casa para casa e de nome para nome, isto é, com a mudança d'invocação.

*

— Mas passêmos adiante, e vejâmos um artigo de critica, devido á penna de Paulo Osorio. Intitula-se «Cancioneiro de muzicas populares» e n'elle se faz a apologia do professor portuense compillador do «Cancioneiro», Cesar das Neves, e se nota, pela differença de *cantares*, a differença dos genios, hespanhol e portuguez, justificativa, talvez, d'uma dupla autonomia peninsular.

— Um bravo! ao ex-director da *Alvorada*, pelas bellezas do seu estylo, pela superioridade do seu trabalho.

*

— Depois... (Supremo prazer o da leitura d'um artiguinho burilado a primor, que começa pela suggestiva e, para mim, empolgante palavra — Vidigueira! esta santa palavra que faz lembrar «videiras», e muita uva saborosa e aromática, e muita vegetação soberba e bellezas sem fim! palavra que é tão grata ao meu ouvido como ao meu coração de vidigueirense... e acaba pela assignatura d'um compatrióta, amante extrêmo da mesma patria, tanto como eu, ou mais do que eu; o nostálgico Fazenda Junior, emfim!)

Vidigueira e as suas tradições — eis, completa, a epigraphe do artigo a que, por conter assumptos da minha terra, mais detidamente me vou referir. Trata se nelle, principalmente, da noticia tradicional sobre o apparecimento da *Senhora das Reliquias*, em um zambujeiro, no sitio onde mais tarde se erigiu o chamado convento do Carmo e por traz do corpo da egreja em memoria do immortal Gama, se transformou ha pouco, em monumento nacional. O supposto episodio milagroso está descripto com muito cuidado e fartas minudencias, resaltando, nitida, de toda aquella profusão de flores, a verdade da tradição ..

....

*

— Segue o — *Rei Sardão*, d'Alvaro Pinheiro: conto popular *recolhido da tradição oral*, segundo o auctor, mas de certo muito mais bello depois de lhe ter posto mão o ameno estyllista, que traz á idéa (e é este o seu maior elogio) a *maneira* de dizer, de se exprimir, de D. Anna de Castro Osorio, nos seus immortaes livrinhos — *Para as creanças*.

*

— Agora o 1.º espécimen dos — *Jogos Populares*: — *O arrioz* — e — *Superstições*: — *O banho da Alma*.

— Pelo dr. Ladlslau Piçarra.

Conhecem Ladislau Piçarra? Eu nunca o vi, e nem ao menos lhe conheço o retrato, como aliás conheço o de Dias Nunes; mas se a physionomia do homem tem alguma relação com os traços caracteristicos da physionomia intellectual, como esta tem, provado está, com os da envergadura moral, o dr. Ladislau Piçarra deve ter uma physionòmia sympathica, como è sympathico, o seu talento e a sua obra.

Sobre *jogos*, o auctor começa por uma especie de preambulo com pensamentos muito judiciosos attinentes a mostrar a utilidade de fazer conhecidos, e uzados, os brinquedos da *pequenada* das ruas — promettendo, para outros n.os da *revista*, as demais «considerações que o assumpto lhe

suggere». Respeitante ao jogo popular — *arrioz* — que direi? Muito bem apresentado, muito explicito, mas para mim novidade completa, tanto na descripção como no titulo. Ou terá elle alguma coisa de commum com o jogo *arriosca*, que tambem desconheço, e cuja palavra representativa se emprega, vulgarmente, como cilada, ou engano?

A' cerca do tradicional *banho* — 1.ª das *Superstições* — é que existe aqui a mesma crendice absurda sobre a alma dos mortos, e se dão as mesmas cautellas do desperdicio da agua onde as *almas se banham*; julgo porèm que, devido ao cumprimento integral do velho preceito, ou preconceito, nenhuma mulher, casada e nova como a tal serpense, *enjoou* ainda, perante um cadaver d'avô, até produzir-se o caso *interessante* constatado pelo auctor. Se o marido a que se refere o *Banho da Alma* tivesse feito o voto de S. José, teriamos a registar, talvez uma nova... *intervenção de espirito santo.*

O povo, o povo! E haver quem julgue de grande utilidade a má ignorancia!

— Estou quasi no fim da minha tarefa: A seguir, só as — *adivinhas* — de Castor, copiadas da tradição popular, e *epigraphadas* graciosamente pela *decifração* do proprio enygma .. com o fim evidente de nos roubar a gloria de sermos adivinhões: pelo quê deixo aqui lavrado o meu protesto em nome de todos os leitores.

— E, finalmente, o trabalho *bibliographico* d'um dos directores da *Tradição*, que, segundo as iniciaes do nome, se chama Dias Nunes e se *parece* immenso com o Castor das *Adivinhas*. A critica é, como tinha de ser, muito rezumida, mas correctissima e conscenciosa, e diz respeito a obras ultimamente publicadas.

— As *illustrações* — devidas á intelligente collaboração artistica de F. Villas Bôas, são: — O referido *cantico* dos Reis, e a *apanhadeira d'azeitona* (Serpa), figura escultural e typica de mulher do campo alemtejano, onde é vulgar a mulher bella e sã!

III

—E prompto...

Ultimado porém este insciente trabalho de critica, que fiz muito a meu gosto, sem conseguir, de certo, communicar o meu sentimento a quem me lê — aproveito a occasião para agradecer ao meu captivante amigo M. Dias Nunes a gentilleza do offerecimento do 1.º n.º da «Tradição». Faço votos para que os numeros subsequentes sejam como este, abrilhantados por escriptores distinctos — pois que o assumpto é vasto, e, n'este paiz onde acaba o dinheiro, o talento, mercê de Deus, ainda não acabou...

E para a frente, caracteres altivos e bons! Investigai! dai luz! olhos fitos n'um ideal de redempção!

Cá fico eu a abençoar a vossa obra, e dizendo:

A Verdade — eis a nossa irmã!

A Liberdade — eis a nossa mãe!

Porque não ha verdade, sem esta, visto que a liberdade é a pedra angular, o fundamento de pedra, aonde assenta este grandioso edificio da civilisação moderna!

(*Vidigueira*)

PEDRO CÓVAS.

(Do *Nove de Julho*, n.º 778)

×

«A Tradição»

«Iniciou no passado mez a sua publicação em Serpa uma revista mensal, illustrada, de etnographia portugueza, tendo por directores os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, e de inteira justiça, sem favor, é dizer-se que com o pé direito entra ella nas lides da imprensa, promettedora de opimos fructos na especialidade a que se consagra, que havendo sido tão descurada entre nós até não ha muitos annos, actualmente está tendo um culto fervoroso e de que ella é bem merecedora, pugnando os que mais de perto se lhe dedicam por vencer os descuidos do passado a tal respeito, e pondo todo o esforço em resgatar com seus trabalhos o tanto tempo perdido para a compilação das riquezas folkloricas do nosso paiz, algumas das quaes talvez já irremediavelmente perdidas.

Entre os que desde muito lidam n'esta afanosa faina, tem-se feito notar os dois directores da *Tradição*, os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, e especialmente do segundo tenho eu lido estudos etnographicos muito interessantes. Isto é garantia segura de que a nova publicação, fiel ao seu titulo e norteando-se por elle, fará brilhante carreira no nosso periodicismo destinado a archivar de modo seguro as riquesas tradicionaes de Portugal, tão farto d'ellas, e o seu 1.º numero d'isso é penhor e testemunho de todo o ponto valioso e applaudivel.

Saúdo, pois, jubilosamente a apparição da *Tradição* que por collaborador artistico tem o sr. F. Villas Boas.»

RODRIGO VELLOSO.

(D'*Aurora do Cavado*, N.º 2 do 32.º anno)

«A Tradição»

«Revista mensal de ethnographia portugueza, illustrada, de que são competentissimos directores os snrs. dr. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes.

A *Tradição* veio preencher uma importante lacuna na imprensa, pois actualmente não conhecemos nenguma publicação d'este genero.

O primeiro numero é collaborado pelo snr. dr. Souza Viterbo, Paulo Osorio, Fazenda Junior e Alvaro Pinheiro, e traz em boa photogravura o retrato de uma apanhadeira de azeitona.»

(Da *Gazeta de Noticias*, N.º 421)

«A Tradição»

«D'esta bella revista mensal d'ethnographia portugueza, de Serpa, de que são directores os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, acabamos de receber o 1.º numero, que se apresenta ricamente escripto, sendo por isso digno dos elogios que a imprensa portugueza tem sabido dispensar-lhe.»

(Da *Soberania do Pôvo*, N.º 2:037)

«A Tradição»

«Começou a publicar-se, em Serpa, esta revista de ethnographia portugueza, que tem como directores os snrs. dr. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, e collaborador artistico o Snr. F. Villas Boas. Propõe-se *a Tradição*, reunir, com todo o escrupulo e fidelidade, o maior numero de materiaes ethnographicos, relativos ao nosso paiz.

E' muito bem redigida e de muito valor ésta Revista, o que fará com que doutos e semi-doutos a apreciem e reclamem.»

(D'*A Illustração Moderna*, N.º 4)

«A Tradição»

«Com este titulo começou a publicar-se, em Serpa, uma explendida revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada, tendo por directores os srs dr. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes.

A «Tradição» vem desempenhar um grande papel no meio litterario do nosso paiz e prestar valiosos serviços á Ethnographia Portugueza, infelizmente bastante descurada.

Eis algumas linhas do seu artigo de apresentação, que definem, melhor que nós o poderiamos fazer, o que será a nova revista:»

(Seguem os dois primeiros periodos do artigo d'apresentação).

(Da *Semana Alcobacense*, N.º 544)

«A Tradição»

«Uma revista mensal, illustrada, de ethnographia portugueza, publicada em Serpa, sob a directoria de Dias Nunes, o conhecido poeta dos *Rosmaninhos*, e de Ladislau Piçarra, outro poeta, de merecimento tambem.

E' nobilissimo o intuito dos dois poetas que dirigem a «Tradição»: «reunir — recolhidos com todo o escrupulo e fidelidade — o maior numero possivel de materiaes ethnographicos, assim de caracter physico como de caracter mental, relativos ao nosso paiz.» Nobilissimo e merecedor do apoio de todos os que sentem ainda um bocadinho de amor por esta boa e linda terra que nos foi berço.

Insere o 1.º numero da «Tradição» opimos trabalhos do dr. Sousa Viterbo, Dias Nunes, Paulo Osorio, Alvaro Pinheiro, dr. Ladislau Piçarra, etc., etc.

E para terminar: o meu reconhecimento a Dias Nunes pelas carinhosas referencias que se permitte fazer ao opusculo *Arte*, meu e do Paulo Osorio. E tanto mais vivo é este meu reconhecimento, quanto é certo que as palavras que consagra ao meu nome são immerecidissimas.»

JULIO DE LEMOS

(D'*A Aurora do Lima*, N.º 6:501)

«A Tradição»

«Com este titulo acaba de vir a lume o 1.º numero d'uma revista mensal d'ethnographia portugueza, dirigida pelos nossos illustrados collegas srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes.

Esta revista é d'uma grande utilidade e valor.

«O estudo do povo portuguez, no que encerra de tradicional e typico, — diz a redacção do novo jornal no seu preliminar — e sob o duplo aspecto da sua vida physica e mental, está infelizmente bem longe da realisação.

«A proseguirmos assim, com a mesma indifferença e desdem por assumpto que tanto deveria interessar-nos, a breve trecho se verá de todo obliterada a tradição nacional.

«Procuremos, pois, despertar de similhante indifferença, que, sobre ser anti-patriotica, nos colloca a nós mesmos portuguezes na impossibilidade de nos conhecermos, e priva a sciencia ethnologica dos indispensaveis elementos para julgar, com precisão e segurança, das nossas afinidades ethnicas e da evolução dos nossos usos, costumes, instituições e crenças em relação aos outros povos.»

(Do *Gil Braz*, N.º 1)7

«A Tradição»

«O nosso amigo e distincto poeta dos «Rosmaninhos» M. Dias Nunes vem prestando, juntamente com o sr. dr. Ladislau Piçarra, um optimo serviço á ethnographia portugueza com a publicação da sua revista mensal «A Tradição».

E' uma publicação interessantissima onde é recolhido, com uma persistente paciencia e acurado escrupulo, tudo quando a tradição popular nos legou. Assim, o numero dois da curiosissima revista insere uma descripção dos usos e costumes do carnaval no Alemtejo, danças populares do Baixo Alemtejo, crenças e superstições, modas-estribilhos alemtejanas, habitações da mesma provincia, novellas populares minhotas, jogos e contos populares, etc.

E' um repositorio de coisas tão interessantes como curiosas, e pena seria que ellas ficassem dispersas e perdidas.

Este numero publica uma esplendida gravura representando uma «Camponesa vindo da fonte» e a musica popular «Manuelzinho, você chora».

Aos distinctos escriptores dr. Ladislau Piçarra e Dias Nunes as nossas felicitações pelo seu escrupuloso e paciente trabalho, e agradecimentos pela amabilidade da offerta.»

Marcos Guedes

(D'*O Sorvete*, N.º 92)

×

«A Tradição

«Eis um jornal de que o paiz havia de estar cheio: A tradição dos povos, quando lucidamente archivada pelo livro, é de inestimavel valor historico, e se á tradição verbal se devem trabalhos importantes, é certo que a verdade nem sempre vae lidima, perfeita, como convém que o seja.

Por isso a *Tradição*, que em Serpa iniciou a a sua honrosa tarefa, é digna de muitos applausos e da protecção incondicional de todos.»

(Da *Estrella do Minho*, N.º 188)

×

«A Tradição»

— Recebemos os n.os 1 e 2 d'esta excellente revista ethnographica que se publica em Serpa, sob a direcção dos srs. dr. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes. Esta publicação é no genero da antiga — Revista do Minho — mas mais apurada tanto na parte material como na disposição dos diversos artigos que a tornam attrahente e curiosissima. Em todos os numeros publica uma excellente photogravura representando um typo popular e a musica d'uma trova alemtejana.»

(D'*O Campo d'Ourique*, N.º 34)

×

«A Tradição»

Revista mensal de ethnographia portugueza, illustrada

«Esta revista, publicada em Serpa, veiu preencher uma lacuna bastante sensivel, em publicações d'este genero, tanto na provincia como na capital.

Lá fóra, em paizes adeantados, existem ás dezenas; mas em Portugal onde tão descurado anda tudo o que interessa saber do povo, sua vida, seu meio, sua actividade, seu sentimento, poucos se teem abalançado a obra semelhante, tão util e tão agradavel ao mesmo tempo.

A Tradição é, pois, uma revista de todo o interesse, bem redigida e methodisada, e faremos votos para que os seus directores, os srs. dr. Piçarra e Dias Nunes, não esmoreçam no incitamento, e continuem a fazer reviver a provincia, o povo, em tudo quanto tem de bello e digno de estudo.»

(De *A Patria*, N.º 2)

×

«A Tradição»

«D'esta bellissima publicação recebemos o n.º 3, relativo ao mez de março. Continua despertando-nos intimo interesse a leitura de suas paginas, pois vemos apparecer ahi, com meticulosa fidelidade, o nosso passado, tão cheio d'encantos, todo embalsamado de poesia, e as singelas e encantadoras tradições populares.»

(Da *Semana Alcobacense*, N.º 459)

×

«A Tradição»

(Segue o extracto do summario do n.º 2 da Revista.)

«O numero vem decerto interessante, — mas aqui e ali, cheira a *sciencia* e a *litteratura*. Nos contos populares não devemos attender só á ideação: devemos reproduzir, quanto possivel, a syntaxe do povo, para que os contos se tornem, ao mesmo tempo, um *documento da lingua*.

Isto não quer dizer que se caia tambem no exagero, tão vulgar, de estropear palavras, —

salvo se a phisionomia anormal de algumas assumiu caracter geral.

O melhor processo de reproducção de contos populares seria a tachigraphia; mas se não poder empregar-se, ao menos não adulterar sensivelmente a syntaxe, — mesmo porque á ideação do povo uma só forma vae bem: a do mesmo povo. E não só a essa. Tambem não iria mal... á dos litteratos.»

CH.-A. HYSSON (TRINDADE COELHO).

(Da *Tribuna*, n.º 11)

×

«A Tradição»

«Interessantissimo o numero 2 d'esta Revista, em que se vão archivando carinhosamente, com todo o escrupulo da observação sincera, os fastos da vida popular, sobretudo das populações do Alemtejo. Danças, contos, cantigas, estribilhos, jogos, crenças e superstições, tudo emfim que faz o encanto do *folk-lore*, tudo ali tem a sua agenda, a sua commemoração, de modo a ficar perpetuado pela imprensa o modo de ser mais intimo da vida popular portugueza.

Este numero vem enriquecido com uma pagina de musica e com uma photogravura, representando um gracioso typo de Serpa — *A camponeza que volta da fonte.*»

(Do *Diario de Noticias*, n.º 11:937)

×

«A Tradição»

«Continua a sua carreira triumphante a excellente revista que muito honra, com o paiz, a terra onde se publica, a villa de Serpa,

E' uma publicação onde muito se aprende e que não devia deixar de ser lida por ninguem.»

(Da *Estrella do Minho*, n.º 197)

×

«A Tradição»

«Eis uma publicação que não tem desmentido a espectativa d'aquelles que pela primeira vez a viram e sabiam o valor dos seus directores, o nosso amigo Dias Nunes e sr. dr. Ladislau Piçarra. O ultimo numero, o 4.º, referente a abril, vem interessantissimo; para se apreciar, basta ler o summario:»

....

(D'*O Seculo*, n.º 6:224)

« — **A Tradição**, apreciabilissima revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada, superiormente dirigida pelos srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, tendo por collaborador artistico o sr. F. Villas Boas, e publicando-se em Serpa, prosegue regularmente em sua publicação, alcançando merecida aura e applausos. Com todas as veras lhe trago eu os meus.»

(D'*A Aurora do Cavado*, n.º 8 do 32.º anno)

×

«A Tradição»

Revista mensal d'ethnographia portugueza, Illustrada, de Serpa

«Repositorio d'uzanças populares em voga ou recolhidas da tradição, esta revista é altamente interessante, porque nos dá uma viva impressão do que é o nosso povo, principalmente o alemtejano.

Typos populares, habitações, costumes, canções com a respectiva musica, mésinhas, preconceitos e superstições, lendas e romances conservados nas tradições do povo, danças e folgares, tudo o que constitue o modo de ser do elemento popular vae surgindo em *A Tradição* de modo a photographar o physico e o moral do povo portuguez.

No nosso meio litterario, o povo apenas é conhecido pela personificação burlesca do Zé Povinho, de Bordallo Pinheiro, ou pelas descripções mais ou menos phantasiosas d'alguns romancistas. E essa ignorancia da modalidade popular tem sido talvez uma das causas que tem tornado tão ronceiro o nosso caminhar no progresso.

Ha na vida do povo muita coisa a extirpar, muita coisa a corrigir, muita coisa a aproveitar, mas para isso é preciso conhecel-as. *A Tradição* vae na piugada d'esse scopo, tornando-se uma especie d'animatographo em que desfila o elemento popular.

Quanto á parte material, impressão nitida, magnifico papel, soberbas illustrações e... barato.

Agradecemos a visita e fazemos votos pelas prosperidades de *A Tradição*, que bem o merece.»

(D'*O Jornal de Vagos*, n.º 16)

×

«A Tradição»

«Acabamos de receber o n.º 5 da 1.ª série d'esta revista mensal d'ethnographia portugueza, que se publica em Serpa. Vem realmente interessante, mostrando-se digna do interesse publico e agradando pelo cuidado que se nota em

satisfazer bem o seu fim. Insere varios artigos de assumptos tradicionaes e é illustrada com uma gravura: *Campaniça* (mulher do termo de Mertola) e a musica de um descante: *Verde caracol*.»

(D'*O Ideal da Bairrada*, n.º 28)

×

«A Tradição»

«Recebemos mais um numero d'esta interessante revista mensal que se publica em Serpa, sob a direcção dos nossos talentosos collegas Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes.

A sua collaboração artistica e litteraria é, como sempre, primorosa.»

(D'*O Circulo das Caldas*, n.º 286)

×

«A Tradição»

Revista mensal de ethnographia portugueza, illustrada—Serpa

«Sob a intelligente direcção dos srs. Dias Nunes e Ladislau Piçarra, conhecidos escriptores, encetou a sua publicação em janeiro d'este anno em Serpa esta interessante revista, destinada a reunir o maior numero possivel de materiaes ethnographicos relativos ao nosso paiz, inserindo differentes estudos sobre costumes, crenças, linguagem, superstições do nosso povo, e archivando cantigas populares, historias, proverbios, adivinhas, tudo emfim que constitue o vasto dominio do *folk-lore* do saber popular».

Nos cinco numeros já dados a lume cumprem os seus intelligentes directores amplamente as promessas feitas ao encetarem aquella publicação, que de numero para numero se vae tornando mais interessante.

Cada um dos numeros é illustrado com uma bella photogravura reproduzindo um typo popular, e insere tambem uma canção popular para piano e canto.

A collaboração é escolhida, contando-se entre os auctores dos variados e interessantes artigos, que a revista tem publicado, alguns dos escriptores mais distinctos que em Portugal se occupam da especialidade.

O summario do n.º 5, ultimo publicado, é o seguinte, e pelo seu simples enunciado se vê a importancia d'esta publicação.»

(Du *Gazeta da Figueira*, n.º 762)

«A Tradição»

«Acaba de se publicar o n.º 6 da serie I d'esta excellente e unica publicação no seu genero, de que são directores os srs. dr. Ladislau Piçarra e nosso amigo M. Dias Nunes, de Serpa.

Esta revista mensal de ethnographia portugueza, illustrada, que custa por assignatura apenas a quantia de 600 réis annuaes—o que constitue um verdadeiro milagre—melhora de numero para numero a olhos vistos, tornando-se cada vez mais interessante.

No presente numero nota-se a collaboração distincta de escriptores consagrados como os srs. conde de Ficalho, Alberto Pimentel, e estudiosos como os srs. Pedro Covas, Pedro A. de Azevedo, A. Thomaz Pires e Antonio Alexandrino, além da publicação de artigos dos seus talentosos e distinctos directores.

O summario é o seguinte:

....

Seria uma falta da nossa parte não citar o merecimento do seu collaborador artistico, sr. F. Villas-Boas.

A Tradição, que tem já uma tiragem digna de espanto para o nosso minguado mercado litterario, vende-se avulso, por 60 réis o numero, em Lisboa, na Galeria Monaco, Rocio; no Porto, na Livraria Moreira, praça de D. Pedro, 42 e 44; e em Coimbra, na Livraria França Amado.»

(D'*O Seculo*, n.º 6:281)

«A Tradição»

«D'entre o limitadissimo numero de jornaes que se consagram ao estudo da patria portugueza, sobresae com grande valor *A Tradição*. Destinada simplesmente ao estudo ethnographico, vem ella preencher uma grande lacuna, e fixar uma grande parte da maneira de ser do nosso povo. E ha-de, esperamol-o, estudar com muita especialidade, com muito amor, com muito interesse, a maneira como elle falla, como elle canta, como elle vive, as suas tendencias, etc. Todavia devemos distinguir uma simples superstição de uma simples suggestão.

Da *superstição dos criminosos* poderia citar factos que não determinam superstição, mas que são o simples rezultado de uma observação extranha de grande poder suggestivo.

Uma e outra coisa tem valores muito differentes.»

(Do *Noticias de Alcobaça*, n.º 4).

«A Tradição»

«Aquelles estudos que para Vico constituiram a «sciencia nova», a demopsycologia, mytographia, volk-lehre, litteratura oral, ou, segundo William Thoms, o *folk-lore*, o «oui-dire» dos francezes, »volker-psycologie» dos allemães, for-

mas basilares na anthropologia, philologia, sociologia e o mesmo na historia, que desde ha uns cincoenta e tantos annos veem interessando um nucleo de intellectuaes e por toda a banda florescem grandemente—tanto que o scientista hespanhol Machado y Alvarez ainda ha pouco os dizia «já sem patria»,—esses estudos trazendo a diversos escriptores nossos uma rara delicia espiritual, tornaram-os dedicados cultores da psycologia do povo.

Occorrem-me agora estes nomes: Theophilo Braga, J. Leite de Vasconcellos, Adolpho Coelho, Trindade Coelho, Armando da Silva, Sousa Viterbo, Silva Vieira, P. Fernandes Thomaz, A. Thomaz Pires, Paulo Osorio, Rodrigo Velloso, Alvaro Pinheiro, Alberto Pimentel, Gualdino de Campos, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Ladislau Piçarra, etc., etc.

Todos esses se hão permittido a gostosa e proveitosa tarefa de inventariar elementos ethnographicos, classificar tantos principios de commoção artistica, de desenvolver, entre nós, o mais captivante ramo das sciencias moraes.

De Serpa tem-me chegado, aos mezes, a revista que os dois ultimos dos tradicionalistas ahi acima nomeados, dirigem e cujo scopo unico é o estudo scientifico da ethnographia portugueza.

«Do nosso *folk-lore* ha alli tudo; um pouco de tudo. As poesias populares, tradições, contos, lendas, crenças, superstições, usos, adivinhas, proverbios, enfin tout ce qui concerne les nations, leurs opinions, isso que, no dizer do Conde de Puymagre, *é o folk-lore, topamol-o* em suas paginas tractado com notavel proficiencia.

Dos numeros 2, 3, 4, 5 e 6, que estão sob os meus olhos e a que devo algumas referencias, destaca para o meu carinho, estes escriptos: Danças populares do Baixo-Alemtejo, de Dias Nunes; Na quaresma, idem; Therapeutica Mystica, de Ladislau Piçarra: Serração da velha, de Theophilo Braga; as Lendas & romances, de A. Thomaz Pires; O elemento arabe na linguagem dos pastores, do Conde de Ficalho; e a prosa de Alberto Pimentel, Andar ás vozes.

Outros escriptos, de grande curiosidade tambem, esmaltam as restantes laudas da *Tradição*.

Prosiga a folha serpense na rota d'agora. N'estes dias, em que, ai de nós! vamos invadidos pela influencia estrangeira, tão pronunciada; em que, por via da grande ancia toda de cosmopolitismo que nos accommetteu, a feição nacional parece extinguir-se, quando, a despeito da baixa cambial, as pochades de além fronteiras cursam livremente no nosso mercado, as paginas da *Tradição* são um eloquente protesto que dois poetas, dois homens honestos e de um valor incontestando, Dias Nunes e o doutor Piçarra, atiram ahi á face dos mystificadores.

Cumprimento-os.»

JULIO DE LEMOS.

(D'*A Aurora do Lima*, n.º 6562).

«Continúa com toda a regularidade a publicação d'esta interessante revista, que vê a luz publica em Serpa, e que de numero para numero mais affirma a sua grande importancia pela escolha e variedade dos assumptos e esmerada collaboração tanto litteraria como artistica.»

(Da *Gazeta da Figueira*, n.º 785).

×

«Publicou-se o n.º 6 d'esta excellente revista ethnographica, primoroso repositorio de valiosissimos subsidios para o estudo do nosso povo, e que é superiormente dirigida pelos srs. Dr. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, de Serpa».

(Da *Semana Alcobacense*, n.º 471)

×

«É indiscutivelmente esta uma das mais interessantes publicações portuguezas da actualidade, não só pelos assumptos de que trata, como pela sua distincta collaboração. O summario do n.º 7 que em seguida publicamos, dá sobeja ideia do seu valor:»

....

(Da *Gazeta das Aldeias*, n.º 189).

×

«Imaginem, se são capazes, onde se publica uma revista de sciencia com este titulo, e por signal que feita á altura da gravidade das circumstancias? N'uma terra modesta que por um triz esteve para não figurar no mappa—em Serpa, villa do Alemtejo, que poucos conhecem para cá do Douro. E' n'este canto da região do *gaspacho*, da açorda e de paios, que alguns rapazes curiosos e intelligentes se lembraram de estudar as costumeiras, as cantigas, os trajes, as superstições, a lingua, as modas, os proverbios do povo. Ali encontra o leitor tudo, como na botica. E' pedir por bocca. O ultimo numero, por exemplo, ensina-nos como se guardam cabras, as virtudes amatorias do mangerico e da alcachofra (aviso aos amadores do pé rachado), e benzedura contra a erysipela branca, contra a vermelha, a empolar e a negral (t'arrenego), e a receita para desembruxar creanças, com farinha e agua (com vista ás mulheres de virtude). E como se isto fosse pouco, ainda o leitor pode admirar uma linda photogravura—a Lavadeira—e sabendo solfa, trautear a canção «Dizes que sou lavadeira», e que é linda como o lindo amor.

Tudo isto por tres vintens, hão de concordar que é um ovo por um real. Bom e barato, claro está que se vende como manteiga.

Vão ao Moreira, livreiro, e ia apostar que já difficilmente encontrarão um exemplar.

E' que os nossos amigos Piçarra e Dias Nunes (vá um parenthesis a sério na galhofa do nosso semanario) souberam fazer da *Tradição* um curiosissimo repositorio digno de figurar na estante dos amadores d'estas coisas, que, para honra nossa, augmenta de dia para dia.»

MARCOS GUEDES.

(D'*O Sorvete*, n.º 112).

×

«Continùa a fazer uma carreira gloriosa o periodico *A Tradição*, que surgiu do fundo do Alemtejo, da villa de Serpa, com grande surpreza de todo o paiz.

O numero 9 que temos presente, confirma plenamente a impressão que o 1.º numero produziu em todos os centros litterarios.

Não fazemos reclamo, que o não precisa *A Tradieão*.

E' uma bella publicação, rara entre as rarissimas que entre nós conseguem lançar raizes sem o favor de ninguem.»

(D'*O Popular*, n.º 1:202).

×

«Segue confirmando os seus creditos e attestando a intelligencia dos seus directores, os nossos prezados confrades Ladislau Piçarra e Dias Nunes. Excellente o numero relativo a outubro, que vem a ser o 10.º Collaboração muito variada e assumptos interessantes. E' vêr o summario, que é este :»

....

(D'*A Patria*, n.º 259).

×

«Continúa com toda a regularidade a publicação d'esta curiosa e interessante revista d'ethnographia portugueza, illustrada, que vê a luz da publicidade na villa de Serpa, e de que são directores os srs. dr. Ladislau Piçarra e Dias Nunes, com illustrações dos srs. F. Villas Boas e J. V. Pessoa.

Collaborada per distinctos escriptores, augmentando de numero para numero a variedade e o interesse dos assumptos que trata, a *Tradição* é, no seu genero, uma das publicações mais importantes que no paiz se tem feito, e veio na realidade prestar um incontestavel serviço aos que se interessam pelos progressos dos estudos ethnographicos, tão descurados até hoje, infelizmente, entre nós.»

(Da *Gazeta da Figueira*, n.º 805).

«Recebemos com superior agrado a curiosa revista dirigida pelos srs. Ladislau Piçarra e Dias Nunes, que emprehenderam n'esta publicação a agradavel e util tarefa de recopilar e fazer reviver sob uma fórma litteraria, amena e comprehensiva, os documentos de diversa ordem que interessam á ethnographia, á philologia, á anthropologia e ramos scientificos que com ellas se entroncam.

Collaborada por escriptores conscienciosos e de talento, que imprimem auctoridade a esta excellente revista, torna-se attrahente para todos pela fórma despretenciosa e singella da exposição e narrativa, acompanhada de formosos documentos photographicos, que illustram todos os numeros. Agradecemos e estimamos devéras a amabilidade da troca com a nossa revista.»

(Da *Revista de Educação e Ensino*, n.º 10, 1899).

×

«Sempre curiosissima, inserindo escriptos de verdadeiro valor, esta publicação que está prestando magnificos serviços á litteratura nacional. N'este numero destaca-se a continuação de um bello estudo do sr. conde de Ficalho, sobre o elemento arabe na linguagem dos pastores alemtejanos.

Publica, como de costume, uma estampa na galeria dos typos populares (Acarretador de farinha—*Brinches*) e a pagina musical, preenchida pelo trecho coreographico *Marianita foi á fonte*.»

(Da *Gazeta das Aldeias*, n.º 139).

×

«A Tradição»

«Vae quazi no primeiro anno de existencia esta excellente revista alemtejana, que tem por directores dois distinctos publicistas, dois dos mais dedicados tradicionalistas, que tanto amam a terra portugueza.

Amar a sua terra, amar o seu paiz, amar a sua patria, é querer cada um a todas as tradições, tanto da familia como do povo. Ora, de todos os paizes da Europa, é Portugal o mais rico de tradições, como o disse um sabio estranjeiro.

Pois apezar d'isso, se o dr. Ladislau Piçarra e o meu bom amigo M. Dias Nunes não houvessem mettido hombros á empreza para elles glorioza e para as lettras proveitoza de fundar entre nós uma revista de estudos scientificos de ethnographia portugueza, Portugal não teria ainda hoje, como rico repozitorio e excellente inventario de elementos tão vastos e importantes, uma publicação como a de que estamos falando.

O ultimo numero, referente a outubro, além das illustrações, que são, na «Galeria dos typos populares», um *Grupo de marçanos ou aprendizes de tosquiador, com o mestre ao lado*, e, no

«Cancioneiro muzical», o *Cantico das janeiras,* insere os artigos seguintes:»

. . . .

«Estudos tão ricos, tão bellos e interessantes como são os ethnographicos, por onde bem conhecemos e bem queremos o modo de pensar, de sentir e de proceder da nossa querida terra, e que tambem, como disse outro sabio, representam a *sciencia nova*, ao mesmo tempo que constituem a psycologia do povo, encontram-se na excellente revista alemtejana, tratados com o maximo carinho e o mais proficiente cuidado.

Bem podemos portanto, dizer que o dr. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, com a sua obra, com a sua *Tradição*, onde o estudo das nossas tradições leva ao amor dos uzos, costumes e caracter do paiz que nos foi berço, desenvolveram de tal arte entre nós um dos mais interessantissmos ramos que compõem as sciencias moraes.

Cumprimentamos e felicitamos do coração os dois distinctos e sympathicos escriptores.»

Alfredo de Pratt.

(Da *Correspondencia de Coimbra*, n.º 70).

×

«Pnblicou-se o n.º 10, correspondente ao mez de outubro, d'esta interessantissima revista ethnographica, cuja séde é em Serpa, e que se dedica especialmente a assumptos alemtejanos, embora tambem trate de outros com relação ao resto do paiz.

Os artigos d'este numero são, como os anteriores, muito curiosos. Traz a costumada estampa musical, que d'esta vez se refere á cantiga das janeiras, e outra represeutando um grupo de «marçanos ou aprendizes de tosquiador, com o mestre á frente.»

Era-nos desconhecida esta significação local «marçano», que nos traz á lembrança aquella outra definição phantasticamente humoristica de uma das comedias de Gervasio Lobato, em que uma das personagens diz que na sua terra «marçanos» são os que nascem em março.»

(Do *Diario de Noticias*, n.º 12:217).

×

«Continua a ser interessantissima esta revista, que é das melhores que no seu genero conhecemos, e que faz honra á provincia do Alemtejo.

O n.º 12, agora publicado, comprehende o seguinte texto:»

. . . .

(D'*O Popular*, de fevereiro de 1900).

×

. . . .

«Entre todas as publicações destacamos uma —*A Tradição*.

Não ha no nosso paiz outra n'este genero. A ella está confiada a perpetuação de um certo numero de factos, verdadeiros estygmas de um povo, dignos de respeito para o caracterisar e definir. Tem e não podia deixar de ter um logar á parte, marca um assumpto novo, fere uma nota que tem estado no silencio e como tal, se impõe á nossa consideração.

Aos seus redactores o nosso tributo de admiração, de mãos dadas com a nossa gratidão.»

(Do *Relatorio da Direcção da Associação Academica*, de Coimbra.)

×

«As publicações periodicas de caracter puramente litterario, e sobretudo as que revistam um caracter um tanto ou quanto scientifico — como as de philosophia, de historia, de geographia, de archeologia, etc.; quer dizer as publicações periodicas de litteratura, que mais utilidade podem ter, são precisamente as que mais difficilmente logram insinuar-se no publico e ao mesmo tempo as que mais rapido decahem... quasi sempre por falta de materia prima.

Entre as raras excepções que conhecemos com muita satisfação podemos incluir a *Tradição*, de Serpa, revista de ethnographia que desde o seu primeiro numero (e acaba de completar um anno) tem mantido uma brilhantissima collaboração e se tem publicado regularmente, o que nos prova que consegue fazer o milagre de viver n'um meio rebelde a estudos d'esta ordem.

No ultimo numero publicado, relativo a dezembro de 1899, insere artigos, versos e um trecho de musica, relacionados com a especie de investigações a que a revista é consagrada: danças populares, superstições, lendas, contos populares e proverbios.

E' um numero muito curioso.

Os directores d'esta revista, srs. dr. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, podem ufanar-se de dar á estampa uma das publicações modernas portuguezas mais interessantes.»

(Da *Gazeta das Aldeias*, N.º 216)

×

«A Tradição»

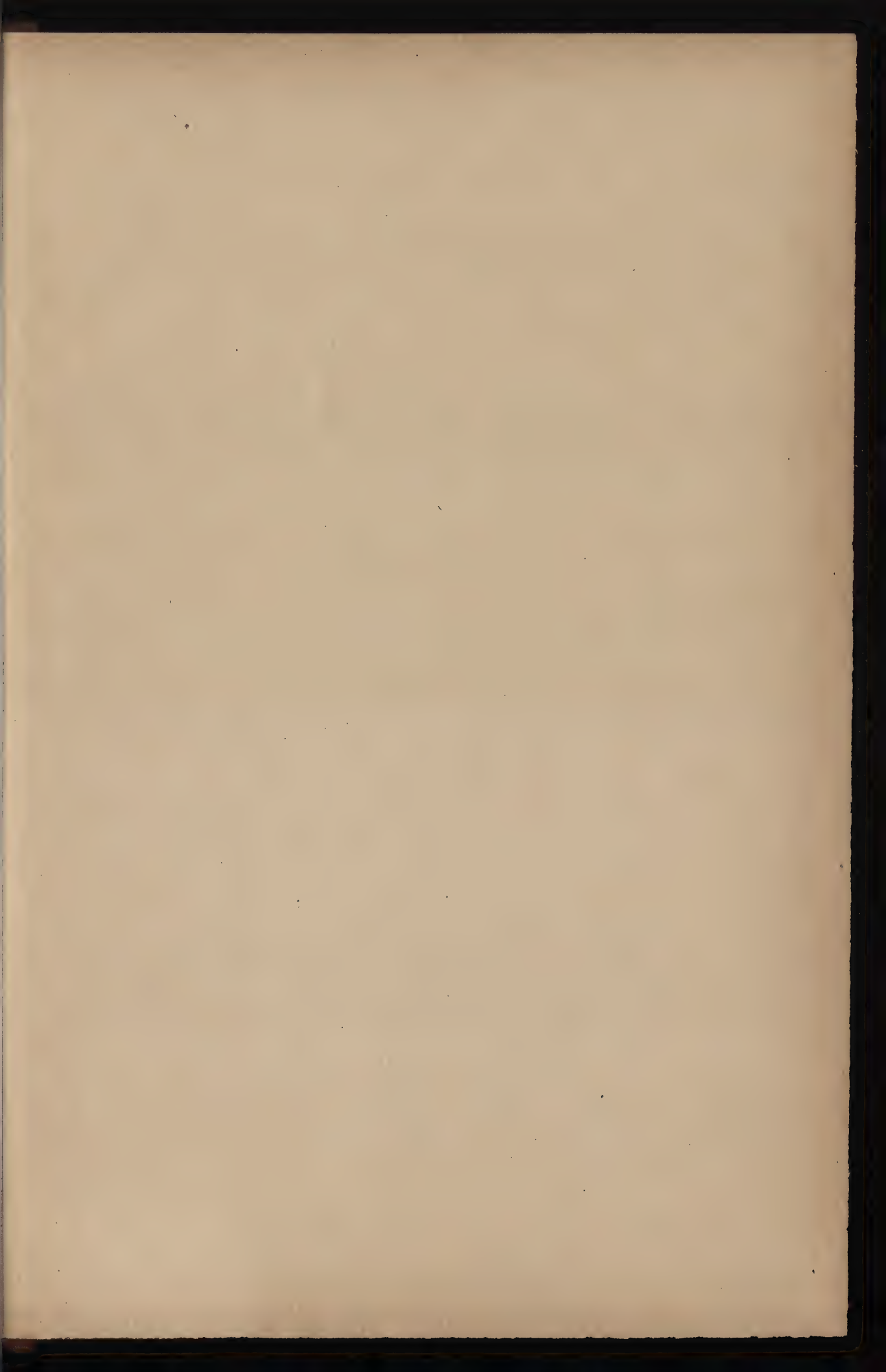
«Unter dem Titel «A Tradição» erfcheint feit etwa Iachresfrist eine portugiesische Zeitschrift für Volkskunde, die wohl des Interesses weiterer Kreise sicher sein darf. Die Verleger und Versender sind Ladislau Piçarra und Dias Nunes in Serpa (Portugal). Die vorliegenden elf Nummern bringen Beiträge aus allen Gebieten der Volkskunde.

Da sind gediegene Aufsätze über Tracht und Spiele, erläutert durch meisterhafte Trachtenbilder von Villas-Boas und Notenbeilagen («portugiesische Tänze») in jeder Nummer. Manche tiefsinnige Legende wird mitgeteilt, poesievolle Nomanzen, wie die vom Garinaldo, in mehreren Fassungen dargeboten, und aus verschiedenen Gegenden, aus der Ghene des Minho, wie aus Alemtejo, Märchen und Fabeln, oft in der Mundart mitgeteilt.

Schalkhafte Volksrätsel fehlen nicht.

Dem deutschen Leser wird in der Bibliographie viel wertvolles Material zugeführt. Wir wünschen dem neuen Unternchmen einen guten Fortgang und eine weite Verbreitung, auch in Deutschland.»

Dr. Robert Petsch.

(*Das litterarische Echo*—15. Februar 1900)

Anno I — N.º 1 SERPA, Janeiro de 1899 **Série I**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

PRELIMINAR

O estudo do povo portuguez, no que elle encerra de tradicional e typico, e sob o duplo aspecto da sua vida physica e mental, está infelizmente bem longe da realisação.

Apesar de quanto se tem effeituado n'este ultimo quartel do seculo, as manifestações mentaes do nosso povo offerecem ainda larguissimo campo a explorar; principalmente na provincia do Alemtejo e, em particular, no que respeita a festas religiosas linguagem, contos, jogos, lendas, estribilhos, superstições e cantos coraes.

Sob o ponto de vista physico, então, póde affoitamente asseverar-se que quasi nada ou nada se encontra investigado e descripto: — nem a organisação e processos consuetudinarios das diversas industrias. taes como a agricultura, a ceramica, a fiação, a cutelaria, etc.; nem as habitações, mobilario e utensilios domesticos das classes populares; e nem sequer os variadissimos trajos, tão originaes e caracteristicos, tão pittorescos e evocativos, do operariado dos campos.

A proseguirmos assim, com a mesma indifferença e desdem por assumpto que tanto deveria interessar-nos, a breve trecho se verá de todo obliterada a tradição nacional.

E devêmos ponderar que a tradição —voz augusta e saudosa do passado, elo invisivel mas poderoso que liga estreitamente os individuos e as gerações — a tradição é a força que avigora a alma e o caracter de cada povo, d'onde em grande parte deriva a respectiva existencia independente e autonoma.

Procuremos, pois, despertar de similhante indifferença, que, sobre ser antipatriotica, nos colloca a nós mesmos portuguezes na impossibilidade de nos conhecermos, e priva a sciencia ethnologica dos indispensaveis elementos para julgar, com precisão e segurança, das nossas affinidades ethnicas e da evolução dos nossos usos, costumes, instituições e crenças, em relação aos outros povos.

*
* *

A *Tradição*, cujo primeiro numero temos o prazer de dar a lume, propõe-se reunir — recolhidos com todo o escrupulo e fidelidade — o maior numero possivel de materiaes ethnographicos, assim de caracter physico como de caracter mental, relativos ao nosso paiz.

E d'est'arte julgâmos prestar sincero concurso, modesto embora, á execução d'uma obra extraordinariamente grandiosa no seu conjuncto — a Ethnographia Portugueza. A qual obra — despertadora da tradição nacional e basicamente subsidiaria da ethnologia — será d'altissimo valor para o rejuvenescimento patrio e ao mesmo tempo para a historia da civilisação humana.

* * *

Antes de concluir este breve preliminar, seja-nos dado esclarecer que, muito propositalmente substituimos a palavra ethnographia á palavra *folk-lore*, geralmente adoptada para designar o genero de trabalhos de que nos occupâmos.

Em nossa humilde opinião, *folk-lore* (do inglez archaico *folk*, povo e *lore* sciencia) apenas convém a uma simples parte dos estudos em questão,—áquella que descreve as manifestações da intelligencia, a chamada sabedoria popular. Ao passo que o termo ethnograhia—conforme o definiu Topinard—comprehenne integralmente a descripção de cada povo nos seus usos, costumes, religiões, linguas, caracteres physicos e origens na historia.

A Redacção

O doutor da mula ruça

Ainda hoje é vulgar a expressão *doutor da mula ruça*, mas não lhe sei determinar rigorosamente a significação que me parece se emprega sempre em sentido ironico e de troça. Fallando do *ratinho*, isto é do aldeão da Beira, o snr. dr. Theophilo Braga, sugestionado não sei por que analogia, diz o seguinte do *dr. da mula ruça:*

«Como este typo isolado, creou-se entre o povo o typo do Doutor pedante, de um personagem do tempo de D. João III, o *Doutor da mula ruça*, e o typo da criada ladina ou *Sirigaita*.»([1])

Como se vê, não exemplica nem documenta a sua asserção. Não seria antes o *doutor da mula ruça* um typo similhante ao *João Semana*, tão admiravelmente desenhado por Julio Diniz?

A unica allusão, que por ora tenho encontrado na nossa antiga litteratura é a qne traz o poeta Chiado no *Auto das regateiras*:

> «*O doutor da mula ruça*
> vos dará são, como a palma,
> ou o *das sete carapuças*,
> que aqui anda vaganau.»

O *doutor da mula ruça* não é comtudo uma entidade de phantasia; teve uma realidade historica, documentalmente comprovada. Chamava-se Antonio Lopes e residia em Evora na primeira metade do seculo XVI. Parece que elle se glorificava do seu epitheto popular, por isso que vem muito claramente expresso na sua carta de doutor. Por certo que o adquirira com tal ou qual honra, de modo a apregoal-o jactanciosamente, d'outra sorte não se comprehende que elle lhe désse assim fóros de cidade

Antonio Lopes estudara durante dez annos na Universidade de Alcalá de Henares, onde se fez bacharel em artes e medicina, tendo toda a sufficiencia e requisitos para obter o grau de doutor, o que todavia não realisou por falta de meios. Requereu portanto a el-rei que lhe concedesse aquella qualificação para gosar das honras e privilegios que usufruiam os doutores pela Universidade de Lisboa. El-rei, attendendo aos seus merecimentos scientificos, e aos serviços prestados não só na cura gratuita da gente pobre mas na de outras pessoas gradas, accedeu favoravelmente, mandando-o examinar pelo physico mór, doutor Diogo Lopes. Este, effectivamente, acolytado pelos drs. Antonio Mendes e Francisco Mendes, e mestre Francisco Geraldes, procedeu ao respectivo exame e achando o candidato habilitado lhe passou carta.

A este auto, que se realisou a 19 de maio de 1534, assistiram como testemunhas: Diogo d'Afonseca, cavalleiro fidalgo da casa real, o licenciado Gaspar Ribeiro, physico da rainha, e Diogo Gomes, boticario. A carta regia de confirmação foi passada a 23 de maio do mesmo anno, e acha-se registada na chancellaria de D. João 3.º, a fls. 87 ver-

([1]) Dr. Theophilo Braga, *O Povo Portuguez*, vol. 2.º, pag.s 415.

GALERIA DE TYPOS POPULARES

I

Apanhadeira de azeitona (Serpa)

2.ª edição

so do Livro 20 das *Doações*, d'onde a transcrevi.

Julgo curioso reproduzil-a aqui na integra, não só como importante documento para a biographia do *Doutor da mula ruça*, mas tambem como specimen dos diplomas universitarios da epoca. Eil-a:

«Dom Joham & a quantos esta minha carta virem faço saber que ho doutor Amt° Llopez, fisico da mulla Ruça, morador em esta cidade d'Evora, me apresemtou hũa carta do doutor Dioguo Llopez, meu fisyco moor, de que o theor de verbo a verbo he o seguinte: «O doutor Dioguo Llopez, commendador da ordem de Xpos (Chistos) e fisico mor dell-Rey nosso senhor em seus regnos e senhorios, faço saber a quamtos esta minha carta de douctorado vyrem como por Amtonio Lopez, fisico da mulla ruça, morador em esta cidade d'Evora, me foy apresemtado hum alluara dellRey noso senhor, per sua alteza asynado e pasado per sua chancelaria, do qual o trellado he o seguinte: «Eu ellRey faço saber a vos doutor Diogo Llopez, meu fisico moor, que Amtonio Llopez, fisico da mulla ruça morador em esta cidade, me dice per sua pitiçã que elle estudou nove ou dez annos no estudo de Alcalaa de Annares, que he hũa das boas vniversydades da cristimdade, e nela se fez bacharel em artes e medicia (*sic*) e,per os gastos serem muito grandes, elle se nam fez douctor no dita Vniversidade, posto que tivesse soficiemcia e os curssos todos passados que se requeriam pera ello e vemdo que nam tinha posybylydade pera os ditos gastos, se fez doutor per rescrito, pedimdome per merce que avemdo respeito ha suas letras e soficiemcia, de que cuja tinha enformaçam e asi de meus fisicos como doutras pesoas notaveis que em meu Regno tinha curado, ouvese por bem lhe comceder de novo o grao de douctor ou que goze dos privilegios de que gozam os doutores que sam per mim feitos ou dos que se fazem em ha Vniversidade de Lisboa, e esto per aver doze ou treze annos que cura depois de ser graduado em esta cidade, omde curou todo este tempo todos os pobres d'ella de graça e asi outras muitas pessoas que curou em minha corte per meu mãdado, e visto asi todo per mim ey por bem e me apraz que vos com o douctor Andre Mêdes e com ho douctor Francisco Martins e mestre Francisco Giralldez examineis o sopricamte e, achamdo que he soficiente, vos lhe daries o grao de doutor e sendolhe dado, ey por bem que goze de todollos previllegios e liberdades como se fose feito doutor na Vniversidade de Lisboa, e vos lhe dareis carta do dito grao, em a qual sera treladado este meu allvara de verbo a verbo e o dito exame se fara segundo se custumã fazer os exames na dita Vniversidade de Lisboa, quamdo se os semelhantes graos dam sem elle fazer repitiçam. Noteficouollo asy e aos ditos fisicos e mãdouos que asy o cumprais. Anrique da Mota o fez em Evora aos XIII dias de março de jb^{c} XXXII; e esto semdo provado pellos mais devoos e os ditos doutores averam juramento primeiro que façam o dito exame:» pedimdome que ho comprise como nelle he contheudo e em comprimento delle mãdey ajumtar os doutores em elle cantheudos e nomeados, aos quais dey juramento aos samtos avamgelhos segumdo forma do dito allvara, que bem e verdadeiramente comigo o exeminasem pera lhe aver de ser dado o dito grao, semdo achado auto e sobficiemte pera ysso, e elles e eu o examinamos per reguroso exame, segundo se custuma fazer em ha Vniversidade de Lisboa, quamdo se os semelhantes graos daão sem repitiçam, e per ho achar que era aucto e pertemcemte pera o dito grao com os ditos doutores lhe dey o dito grao de douctor na forma custumada com todas insignias e soblenidades que se nos tais auctos custumam fazer, goardamdo inteiramente todalas clausulas do dito alvara, por bem do quall decraro ao dito Amt.° Llopez per doutor feyto per reguroso exame, asy e de maneira que se fazem na dicta Vni

versydade de Lisboa e mãdo a todas as pesoas, que ho conhecimento desto per temcer, da parte dellRey noso senhor, que ho ajam por doutor feito em exame reguroso e por tall o tenham e acatem e lhe goardem todas as omras e liberdades, previllegios, graças, prerogativas, dignidades e favores e preminencias, que se goardam e soem goardar na dita Vniversidade de Lisboa, segumdo forma do alvara do dito senhor, e por certidam dello lhe mamdey pasar esta carta per mim asinada; Jorge Nabo a fez em a cidade d'Evora aos XIX dias do mes de mayo, e eu escrivam fuy presemte a todo o sobredito aucto, o qual se pasou da maneira que nesta carta se conthem, semdo pera ello e rogado chamado com as testemunhas que ao dito auto foram presemtes Diogo d'Afonseca, cavaleiro fidalguo da casa dellRey noso senhor, e o L.º Gaspar Ribeiro, fisico da Rainha nosa senhora, e D.º Gomes, boticairo, morador em esta cidade ano de jb^c XXXIIII anos.» «Pedimdome o dito fisico da mulla ruça por merce, pois já he feito doutor pello dito fisico moor per reguroso exame, segumdo forma do meu alvara lhe mãdase pasar carta patemte per mim asinada e pasada pella minha chancelaria per que haprovase e comfyrmase ho dyto grao de doutor e que nella se deroguem os estatutos da huniversidade de Lisboa, de minha certa ciemcia como se de verbo a verbo fossem todos e cada hum per sy derogados e lhe sejam goardados todallas as omras, previlegios, liberdades e exemções que tem os doutores feitos per exame na dita Universidade de Lisboa, e visto per mim seu requirimento ser justo e por follgar de lhe fazer graça e merce, ey por bom o dito grao e o aprouo como se na dita carta do fisico moor conthem e quero e me apraz que ho dito doutor Amtonio Llopez goze de todollos previlegios, omras, liberdades, framquezas e excepções, que tem e ham os doutores feitos por exame na dita Vniversidade de Lisboa sem embarguo dos previlegios e estatutos da dita Vniversidade em contrairo, os quais aqui ey por nomeados, declarados e expressos, como se de todos e cada hum delles de verbo a verbo se aquy fizesse expresa mençã sem embarguo de minha ordenaçam do segundo livro que diz que nam se entemda derogada nenhuma ley nem ordenaçã e da substancia della se nam fizer expresa mençã e por tamto mãdo a todollos corregedores, ouvidôres, juizes, justiças, oficiaes e pesoas, a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento della pertemcer, que em todo lha cumprã e goardem e façam mui inteiramente comprir e goardar, como se nella conthem, sem duvida nem embarguo allgum que a ello ponham, por que asy he minha merce. Dada em ha cidade d'Evora a XXIII dias do mez de mayo — Anrique da Mota a fez — anno do nascimento de noso senhor Ihu X.º de jb^c XXXIIII anos.»

No *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende (vol. 3.º da edição de Stuttgart, pag. 176) vem o testamento de *Macho ruço* de Luis Freire, o qual termina por o seguinte *ditado* ou epitaphio:

Aqui jaz o mais leal
macho ruço que nasceu;
aqui jaz quem não comeu
a seu dono um só real.

Na Bibliotheca Nacional de Madrid existe um manuscripto, que é uma compilação do *Cancioneiro* de Resende. Tito de Noronha, no opusculo que acerca d'esta obra publicou no Porto em 1871, sendo o primeiro de uma serie de *Curiosidades bibliographicas*, refere-se de passagem ao codice madrileno, affirmando que elle não é copia do impresso, e que contém trovas de mais 18 poetas, que não vem no livro de Resende. Entre as falhas cita o seguinte:

Do macho ruço de Luiz Freire.

Se em tudo o mais fôr tão verdadeiro como n'este ponto, vê-se que não pode merecer inteira confiança.

No emtanto, quem fizesse uma nova

edição do *Cancioneiro* de Garcia de Rezende (no que prestaria um grande serviço á nossa litteratura) não poderia deixar de consultar o exemploar manuscripto de Madrid, do qual não posso formar exacto juizo, por não ter presente minuciosas informações bibliographicas e paleographicas.

Sousa VITERBO.

Natal, Anno-bom e Rêis

Este titulo, que apenas serve a epigraphar um singello artigo descriptivo de costumes locaes, podia bem constituir o thema de largas considerações ácerca d'alguns systemas religiosos que precederam o christianismo, na parte relativa ao nascimento dos respectivos deuses.

E quiçá não seriam aqui descabidas, nem de todo inuteis, essas considerações: A analyse minuciosa e reflectida das praticas cultuaes do natal ou natividade, que rodeavam o deus *Osiris* dos egypcios, o deus *Agni* ou *Ignis* dos arias, e o deus *Mithra* ou *Sol Invictus* dos persas e romanos derrama preciosa luz sobre a origem e significação de várias lendas, usos e costumes populares, adstrictos ás trés festas principaes que o christianismo celebra após o solsticio do inverno,—a do Natal, Anno-bom e Rêis.

Não se compadece, porém, o diminuto espaço que nos é reservado, com a natural amplitude de tão magno assumpto; alem de que—analysando, e porventura comparando,—iriamos invadir o campo da ethnologia, quando é de pura ethnographia que nos incumbe tratar.

Limitar-nos-hemos, pois, á simples descripção dos costumes tradicionaes do povo de Serpa, respeitantes ás festas alludidas.

I

NATAL

No lapso de tempo que decorre desde 24 de Dezembro até 6 de Janeiro de cada anno, isto é, desde a vespera de Natal até ao dia de Rêis, representava-se aqui o Auto Sacramental do Presepio, animadamente e ao vivo, com todos os numerosos personagens de que reza a tradição: S. José, N. Senhora, o Anjo na nuvem e o Menino perdido; os trés pastores, um dos quaes denominado o pastor alarve; o rei Herodes e mais os Magos rei Gaspar, rei Balthasar e rei Belchior, o preto, todos de manto e corôa; a lendaria Cigana de quem se enamorou o Deus-Menino em Belem, etc., etc.

Estas representações—segundo o testemunho fidedigno d'um respeitavel ancião coevo de factos que venho narrando—eram muito do agrado do publico serpense, que, pela modica quantia de um vintem cada pessôa, enchia litteralmente a sala dos espectaculos, a qual pertencia ao extincto Celleiro Commum.

Cahiram em desuso os velhos autos, quer profanos quer religiosos, d'envolta com os vetustos mômos e entremezes; e o Auto do Presepio (ou Colloquios do Presepio) teve afinal em Serpa a derradeira exhibição ahi pelo anno de 1835.

O que ainda subsiste apesar da sua origem secular—tão secular como a do Presepio—é o costume dos descantes ao Deus-Menino, ás Janeiras e aos Rêis.

Em noite de Natal, ao redor dos grandes lumes alimentados a tóros de azinho, reune cada familia—principalmente entre a classe camponeza—no maior numero possivel dos seus membros. E, emquanto aguardam o repicar festivo dos sinos annunciando a proximidade da classica missa do gallo, a que assistem os mais devotos, vão alternando a chavena do café e o pezado repasto das bolotas, preparadas em grossas assaduras, com apreciaveis córos ao Deus-Menino. Damos em seguida a lettra d'esses córos; a musica, já recolhida, sahirá n'um dos proximos numeros da *Tradição*. [1]

[1] Procurei figurar os principaes vicios da linguagem local, que se me depararam nas rimas populares do presente artigo, e aos quaes (a alguns) se referem as notas seguintes.

AO DEUS-MENINO

—Que havemos dar ó ([1]) Menino
Esta noite de Natála ([2]) ?
—Camisinhas de bertanha ([3]),
Botanitos de crystála.

Namorou-se o Deus-Menino
Da cigana, em Belem.
Olha a dita da Cigana!
Que lindo amor que tem!

O Menino está na neve.
A neve o faz treméra ([4])
Menino Deus da minh'alma!
Quem lhe podéra valéra!

Lá no palaiço ([5]) reála
Uma estrella baixou
Visital-o Deus-Menino,
Que Deus ó ([6]) mundo mandou.

—Ó meu Menino-Jâsus,
Quem vos deu ? pruque ([7]) choraes ?
— Deram-me as moças na fonte,
Já não quero lá ir mais.

Esta noite, á mêa ([8]) noite,
Óvi ([9]) cantar ó ([10]) Divino:
Era Santa Madanela ([11])
Que embalava o Deus-Menino.

— Ó meu Menino-Jâsus,
Quem vos deu o fato verde ?
—Deu-m'o minha avó Sant'Anna
D'uma doença que téve.

Sameou-se o pão da vida
Nas entranhas da Senhora:
Nasceu uma tal Espiga
Que sustenta a gente toda!

Nasceu essa tal Espiga
N'uma noite de Natála;
Nasceu junto á mêa noite,
Antes do gallo cantára.

Caminhando vae Joséi ([12]),
Caminhando vae Maria:
Tanto caminham de noite
Como caminham de dia.

São chegados a Belem:
Já toda a gente dormia;
Só um portal estava aberto,
Aonde o gado se acolhia.

Joséi embala o Menino
Que a Senhora logo vêm,
Foi laval-os cuérinhos
Á fontinha de Belem.

Entrae, pastorinho, entrae
Por esse portal sagrado,
Vinde vêl-o Deus-Menino
Entre palhinhas dêtado.

Estribilhos, que se dizem, ora um ora outro, depois de cada uma das quadras antecedentes:

Li-ailí-ailí-ailí,
Li-ailí-ailí-ailéi.
O Menino nascido éi. (Ou)

Li-ailí-ailí-ailí,
Li-ailí-ailéi, Menino!
Quem vae para o ceu vae bem
Se não erral-o caminho.

II

ANNO-BOM

«Das festas as vesperas» — diz o antigo proverbio; e confirmando-o, temos que a vespera do primeiro de Janeiro, ou dia de Anno-bom, (como de resto a vespera do Natal, e assim a de Rêis) é aqui mais celebrada do que o proprio dia de festa, em que os jubilos do povo se resumem, afinal, a profusas libações ao venerado Deus Baccho.

De feito, em a noite de 31 de Dezembro costuma organisar-se um ou mais grupos populares, geralmente compostos de trabalhadores ruraes, para cantarem ás Janeiras. Effectuam-se estes descantes ao ar livre e á porta das pessôas a quem os cantadores desejam ser agradaveis ou por méra amisade, ou mais vulgarmente por interesse, com a mira na esmola, que pedem no fim da cantoria. Rhythmado lentamente ao som da viola, n'uma toada chorosa de cantochão, é assim o cantico

ÁS JANEIRAS

Esta noite de Janêras
Éi de grande mer'cimento,
Por sel-a noite primêra
Em que Deus passou trumento (13)

O trumento que passou
Foi pru nossa redempção;
O sangue que derramou
Foi pru nossa salvação.

Esta noite da Janêras
Se rezam n'as prophecias;
Mandou Deus dos ceus á terra
Um Menino d'oito dias.

III

RÊIS

Muitas creanças em trajo, por assim dizer, de carnaval continuam a pristina usança de *esperar os Réis* (que hão-de chegar das bandas do Oriente) visitando ás familias das relações mais intimas; pelo que recebe a petizada quantos mimos e gulodices inventou entre nós a conservaria dos conventos. Além d'isto, que se verifica em a noite de 3 de Janeiro, ha ainda os descantes aos Rêis, realisados pelo mesmo modo e nas mesmas condições dos descantes ás Janeiras.

Publicâmos hoje a musica dos córos— a primeira do nosso Cancioneiro — e eis as quadras que lhe correspondem:

AOS RÊIS

—Quaes sã' n'os trés cavalhêros
Que fazem sombra no mára?
—Sã'n'os trés de o Oriente,
Que a Jâsus veem buscára.

Não préguntam por poisada,
Nem aonde pernoitára;
Só précuram n'o Deus-Menino:
Aonde o irão achára?

Foram-n'o achar em Roma
Revestido no altára,
Com trés mil almas de roda,
Todas para commungára.

Missa-nova quer dizéra,
Missa-nova quer cantára:
São João ajuda á missa,
São Pedro muda o missála.

*
* *

Resta-nos fallar das desgarradas— as rimas populares, em quadras, oitavas ou decimas, que soem recitar após os canticos aos Rêis e ás Janeiras, e dos quaes se apartam ou *desgarram,* já pela natureza do assumpto, já pela fórma de dizer. Ahi vão uns spécimens de as

DESGARRADAS

(Pedindo esmola)

Senhora que estaes dêtada,
Tinde-la Virgem ó (14) péi,
Tamem tem do outro lado
O espozo, São Joséi;
São Miguel bemaventurado,
E o apostolo São Thoméi.
Ora escutae-me este recado,
Que elle tem ponto de féi:
Vinde-nos dar uma esmola
Em lóvor do Deus, nascido éi.

(Na espectativa da esmola)

D'aqui d'onde estou bem vejo
Um canivete balhára
Para cortar o chóriço
Que a senhora me ha-de dára.

No adro de Santa Cath'rina
Ha que (15) eu quero ser entarrado,
Dentro d'um coiro de vinho,
Seis pães alvos de cada lado.
Á cabecêra o tócinho,
Ós (16) péis um bom lombo assado,
E pró conducto o quêjinho.
'Stá o alforge aviado.

(Se a esmola demora)

Ó (17) o chóriço é grosso,
Ó (18) a faca não quer cortára.
Dê-lhe um sarruço-marruço (19)
Na borda do alguidéra.

CANCIONEIRO MUSICAL

I

AOS RÊIS

(CANTICO)

(Depois da esmola recebida)

Viva da casa o patrão,
Que éi da casa principála!
Deus lhe dê saude e pão
Prá sua casa ámentára!

Deus o faça bem casado
Como a Eva com Adão,
Deus lhe dê n'este mundo gloira (20)
E no outro salvação.

M. Dias NUNES.

---

(1) Ó = ao. (2) As palavras acabadas em *l* sôam como se tivessem no fim um *a* breve. Ex.: Natal, *Natála;* crystal, *crystála;* real, *reála,* etc. É conveniente notar que, por uma esthetica innata, o povo repelle, na poesia, a addição do *a* quando este produz alteração no metro. (3) E' frequente a transposição das lettras *re,* tal como succede em *bertanha* = bretanha. (4) A's palavras terminadas em *r* convem, exactamente, tudo o que dissemos das que terminam em *l*. (5) É tambem frequente, na linguagem da gente rustica, a transposição de lettras que se observa em *palaiço*=palacio. (6) Ó=ao. (7) Pruque=porque. (8) O diphtongo *ei* sôa quasi sempre ê. Ex.: Meia, *mêa;* azeite, *azête;* Janeiras, *Janêras.* Tambem, n'alguns casos, sôa *é*, como em *mantéga* = manteiga. (9) Os diphtongos *ou* e *ao* sôam quasi sempre *ó* no começo das palavras Ex.: Ouvi, *óvi;* Joaquim, *Jóquim.* Quando isolados, sôam sempre *ó.* (10) Ó=ao. (11) Madanela=Magdalena. (12) O *é* agudo, isolado ou no fim das palavras, sôa éi. Ex.: é, *éi;* José, Joséi. (13) Trumento=tormento, (14) Ó=ao. (15) Ha que=é que. (16) Ós=aos. (17) Ó=ou. (18) Ó=ou. (19) *Sarruço-marruço,* vocabulo onomatopaico, com que se pretende exprimir a afiação de qualquer instrumento cortante. (20) O povo pronuncia *gloira, victoira, histoira,* etc.

D. N.

«CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES»

Nos romances e lendas do inicio da monarchia e na sua musica dolente mas intensamente expressiva, harmoniosa e branda como sons asperos de cantares de guerra arrastados de ao longe no caminhar do vento, estava o germen d'essa poesia docemente amorosa, encantadoramente elegiaca que com a sua musica perfeitamente caracteristica, mais tarde havia de ser um dos vinculos da differenciação d'um povo, então em plena aurora da sua existencia gloriosa.

Troveiros d'outr'ora, descuidosos cantores de hoje, como sois bem os interpretes d'um povo que um dia quiz ser independente e quer conservar hoje essa liberdade autonoma!...

Seria facil, por um cancioneiro, traçar a historia de Portugal desde o começo dos reinados com as trovas guerreiras e da cavalleria até ás elegias ao mar quando pela primeira vez despertou a audacia portuguêsa a devassá-lo, e depois, modernamente, as cantigas bellicosas que dizem a effervescencia d'esse povo sedento do sol brilhante da liberdade, que deixou para após isso mysteriosamente sonhar, nas suas bellas canções d'amor.

Sonhar hoje, sonhar outr'ora, eternamente sonhar! Mas, — fructo da organisação estranha d'este povo,—a melancolia supersticiosa da sua dolorida alegria vem após o rir e o folgar de instantes, ensurdecedor e troante como o ruido brusco para um esquecimento de dôr, e assim temos as suas trovas e as suas musicas graciosas, cheias de malicia, ou gargalhantes, d'uma alegria doida, que vem a proposito de tudo, de uma scena de eleições ou d'um desastre nacional, e que nos conquistaram as attenções do estrangeiro, que nos portuguezes aprecia *les toujours gais.* No emtanto a melancolia cheia d'um fatalismo e d'uma superstição ingenua é o sentimento que mais fundamente caracterisa as canções populares da nossa terra.

Fórma um interessante contraste essa alma portuguêsa, sonhadôra e triste, com a d'esse povo visinho alegre, despreocupado, talvez excedendo-nos no apuro da sua phantasia.

Quanto seria bello um grande livro onde houvesse inscriptas todas as cantigas anonymas que correm de bocca em bocca e pelos labios vermelhos das raparigas ao ar sadio do campo extenso e verde, sob o céu enorme e azul, e a seu lado a musica que lhes dá a melodia, a

harmonia e o tom alegre e fresco que emoldura os quadros em que se falla de amôr...

*

* *

Cabe ao professor portuense Senhor Cesar das Neves o emprehendimento de uma obra d'essa natureza e que de ha tempo se vem publicando. Lançada n'um meio por educar, essencialmente ignorante, que se costumou a desprezar tudo o que seja de Arte, só uma energia rara e uma vontade inquebrantavel poderia ter levado a cabo uma obra d'esse valor.

E' exemplo precioso que convém seguir.

Nas indecisões de plano d'uma obra de completa novidade, na transigencia parcial com a imbecilidade do meio, o *Cancioneiro de Musicas Populares*, não é isento de defeitos: uma obra modelar que destitua de valor qualquer futura iniciativa.

Não tratando agora de verificar a autenticidade da origem de algumas das musicas que o compõem, notarei no emtanto a imperfeição de plano formal da obra, plano que n'essa transigencia com o meio e no modo de publicação da obra se explica por completo. Cerca de quinhentas musicas que até hoje se tem inserido, vêm miscidas, desordenadamente postas: agora um romance, depois uma cantiga, a seguir uma marcha, uma chula, um fado, uma dança e assim. Na publicação em fasciculos, isso dá a cada um d'elles uma apetecida e apreciada variedade, não faz numeros seguidos na mesma toada, uniforme e aborrecida, mas na obra completa não é certamente a disposição mais adequada e precisa.

Mas se attendermos ao enorme trabalho de factura d'essa obra monumental, minusculos defeitos como este desapparecem quasi e só teremos a prestar a devida homenagem a quem soube emprehender um trabalho de tal alcance para a historia da arte e para a historia d'um povo. Demais, sem aquelle defeito, quantos assignantes não suspenderiam a recepção a partir dos primeiros fasciculos repletos de toadas de outros tempos?

E' isso que levou o auctor a fazel-a assim, como tambem a inscrever ao cimo de cada musica o nome de uma dama, n'uma cortez galanteria de ha vinte annos.

Paulo OSORIO

Vidigueira e as suas tradições

Corre, desde tempos immemoriaes, na Vidigueira a attractiva e encantadora lenda do apparecimento da Virgem Senhora da Serra, ornando-a a fertil imaginação popular com episodios dignos d'espècial menção.

Um d'estes episodios é — segundo reza a tradição — que a Virgem appareceu no cimo d'um zambujeiro a uma pobre pastorinha da herdade dos Alfaiates, quando ella supplicava um pedaço de pão para saciar a fome que a torturava. Affirma tambem a crença popular que uma velhinha—que se suppõe ser a Virgem —se dirigiu á referida pastora dizendo-lhe que fosse para o monte, que lá acharia a sua arca aberta e replecta de pão, regressando logo a rapariga e verificando que effectivamente assim era.

Uns religiosos de Vidigueira, logo que constou o milagre, organisaram um imponente cortejo que levou processionalmente a Virgem da Serra para a pittoresca e agradavel capellinha de Santa Clara, situada n'uma encantadora e aprazivel eminencia ao norte da villa; e no dia seguinte foram encontrar a mesma Senhora no cimo do Zambujeiro em que apparecera á pobre pastora dos Alfaiates, edificando-se pouco tempo depois uma ermida da sua invocação, que mais tarde, no tempo em que Vasco da Gama residiu na Vidigueira, foi transformada n'um imponente e magnifico convento

de carmelitas descalços, que funccionou até 1834.

O nome mais vulgarisado e que bem caracterisa essa imagem milagrosa, é o de *Nossa Senhora das Reliquias*, originando-se semelhante designação no facto eminentemente suggestivo de todos quererem guardar com muito fervor religioso pedaços do tronco do zambujeiro em que a Senhora fez o seu apparecimento. Pelo menos a tradição mais seguida assim o confirma.

Na linda e magnifica quinta pertencente aos srs. viscondes da Ribeira Brava, existe — artisticamente envolvida n'uma caprichosa e bem trabalhada moldura de pedra de cascata, meio occulta pela era e a verdejante ramaria de perfumadas roseiras em flôr — existe a mais deslumbrante das telas, que representam assumptos de caracter puramente religioso, na qual se reproduz clara e exhuberantemente o milagre que encerra a piedosa apparição da Senhora das Reliquias.

Vidigueira é fertil em lendas, pela sua antiguidade e manifesta importancia historica. Os costumes d'esse perfumado e attrahente cantinho do Alemtejo são ainda os mais puros e democraticos de toda a provincia transtagana de nobilissimas e altivas tradições, e o povo, com quanto emancipado das crendices com que lhe embalaram o berço, é comtudo muito religioso, festejando sempre com o mais communicativo e irresistivel enthusiasmo as suas festas, que principalmente se realisam no estio.

Os dias do anno ali mais festejados são os seguintes: Anno novo, Reis, Paschoa, Ascensão e Natal, sobretudo a Ascensão, em cujo dia se realisa a festa assim denominada na Egreja do Carmo, sahindo processionalmente a Senhora das Reliquias, acompanhada de muito povo de todo o concelho, que a tem em muita veneração.

Nas festas que tiveram logar nos dias 14 e 15 de maio de 1896, além de muitos outros cavalheiros de Lisboa, notaveis na politica e na litteratura, assistiu tambem o distincto escriptor Ramalho Ortigão, que se hospedou no bello palacio do illustre titular — seu particular amigo — sr. visconde da Ribeira Brava, que se confessa um dedicado admirador das lettras, muito embora os cuidados da politica lhe absorvam a maior parte do seu tempo.

N'esse dia organisaram-se ao ar livre encantadores bailes populares com a selecta assistencia de muitos e illustrados cavalheiros, convidados expressamente para esse fim, que constitue a verdadeira e mais attrahente diversão da bellissima e afamada festa da Ascensão.

. . . .

Muitas outras lendas religiosas circulam entre o povo vidigueirense, além de variadissimas e até divertidas crendices, que eu—no intuito de ser agradavel aos leitores de «A Tradição»—vou cuidadosamente colligir, conjunctamente a outros assumptos de caracter genuinamente popular, taes como: cantares, superstições, terrores de coisas extraordinarias, que todos teem logar n'uma publicação de consciencioso estudo ethnographico do paiz, especialmente do nosso querido Alemtejo.

FAZENDA JUNIOR.

NOVELLAS POPULARES MINHOTAS

I

O rei Sardão

Uma vez era um rei, que tinha uma camisa da côr da pelle de sardão. Um dia casou-se, e a rainha, que não queria vel-o com aquella camisa, despiu-lh'a quando se achava na cama, metteu-a no fôrno e queimou-a.

Ao dar pela falta da sua camisa o rei Sardão sahiu da cama e fugiu, desesperado com o mau proceder da mulher.

Encontrou um palacio muito rico e pediu hospedagem n'elle. A rainha sahiu em procura d'elle a fiar n'uma roca de oiro, e encontrando o tal palacio e sabendo que o rei Sardão estava ali hospedado, pôz-se a fiar em frente de uma das varandas. Uma aia que estava penteando uma das princezas e que viu aquella mulher a fiar, disse-lhe:

— O' princeza, que linda róca para aquelle dia!

— Vae-lhe dizer se t'a vende.

— Vende-me essa roca, mulhersinha?

— Não a vendo, minha senhora; dou-a se me concederem a honra de dormir esta noite debaixo da cama do rei Sardão, que está n'esse palacio.

A aia foi dizel-o immediatamente á princeza, que a mandou entrar.

A' noite deitaram dormideiras na comida servida ao rei Sardão, que seguidamente se recolheu ao seus aposentos e adormeceu n'um somno pesado. Então a mulher da róca de oiro, que era a sua, metteu-se debaixo da cama, dizendo muitas vezes em alta voz:

— Rei Sardão, lembra-te da rainha D. Leonor que de tres peças d'oiro que tinha só tem duas...

Mas o rei não ouviu.

No dia seguinte D. Leonor retirou-se e veio de novo postar se em frente do palacio e pôz-se a fazer meadas no seu sarilho d'oiro.

A aia que estava penteando a princeza a uma das varandas, disse-lhe:

— O' princeza, que lindo sarilho para aquelle dia:

— Vae-lhe dizer se t'o vende.

— Vende-me esse sarilho, mulhersinha?

— Não o vendo minha senhora; dou-o se me concederem licença de dormir mais esta noite debaixo da cama do rei Sardão, que está n'esse palacio.

A aia foi outra vez dizel-o á princeza que logo a mandou entrar.

Camo na primeira noite, deitaram dormideiras na comida do rei Sardão que logo se recolheu aos seus aposentos e adormeceu n'um somno muito pesado. E a mulher do sarilho d'oiro, que era D. Leonor, metteu-se outra vez debaixo da cama, bradando muitas vezes em alta voz:

— Rei Sardão, lembra-te da rainha D. Leonor que de tres peças d'oiro que tinha só tem uma...

Mas o rei, como na primeira noite, não ouviu.

Tornou D. Leonor a retirar-se, voltando pela terceira vez a postar-se em frente do palacio, dobando meadas na sua dobadoira d'oiro.

A aia que estava, como nos outros dias, penteando a princeza, disse-lhe:

— O' princeza, que linda dobadoira para aquelle dia!...

— Vae-lhe dizer se t'a vende.

— Vende-me essa dobadoira, mulhersinha?

— Não a vendo, minha senhora; dou-a se me derem licença de dormir só mais esta noite debaixo da cama do rei Sardão, que mora n'esse palacio.

Então a aia foi mais uma vez dizel-o á princeza, que promptamente a mandou entrar.

Fizeram o mesmo que nas outras duas noites, servindo-se das dormideiras para fazer adormecer o rei Sardão, mas a desconfiança levou-o a não tomar alimento algum e recolheu-se aos aposentos.

D. Leonor metteu-se debaixo da cama, como nas outras noites, repetindo:

— Rei Sardão, lembra-te da rainha D. Leonor que de tres peças d'oiro que tinha não tem nenhuma.

O rei Sardão ouviu aquella voz, mas não quiz responder. E D. Leonor retirou-se para nunca mais tornar a apparecer diante do palacio, á hora em que uma aia penteava os loiros cabellos da princeza.

Passados alguns dias faziam-se no palacio todos os preparativos para festejar o casamento da formosa princeza com o rei Sardão. Fez-se o casamento, e quando no fim do lauto jantar todos os convidados palestravam alegremente, disse o rei Sardão:

— Senhores! Eu tinha uma chave e perdia-a: mandei fazer uma nova, mas agora achei a velha. De qual me hei-de utilisar, da nova ou da velha?

— Da velha, — brandaram todos.

— Pois então a minha verdadeira mulher é a primeira.

E retirou-se do palacio, com muito espanto de todos, para a elle nunca mais voltar.

(Recolhida da tradição oral)

(Espozende). ALVARO PINHEIRO.

JOGOS POPULARES

A provincia do Alemtejo offerece aos olhos do observador um vasto quadro de jogos populares, o maior numero dos quaes, segundo creio, não foram ainda publicados. Muitos d'elles recommendam-se por uma tal originalidade e engenho, que não devem de forma alguma deixar-se perder, como succede a tantas praticas tradicionaes que a acção inexoravel do tempo aniquila.

Além do seu valor incontestavel para o estudo da ethnografia, possuem os jogos uma altissima importancia sob o ponto de vista pedagogico. Auctores dos mais notaveis, baseando-se na sã fisiologia e na propria psichologia, preconisam os jogos como um dos melhores elementos d'educação, merecendo por isso ser conservados atravez das gerações.

Reservando para mais tarde todas as considerações que o assumpto nos sugére, limito-me, por agora, á descripção pura e simples dos principaes jogos usados na margem esquerda do Guadiana.

I

O arrioz (*)

Este jogo tem a sua origem nas epocas mais remotas, e é um dos que despertam maior prazer entre os rapazes.

(*) Arrioz: arriol ou belindre, como dizem em Lisboa.

Usa-se principalmente no outôno, havendo o cuidado de procurar para elle bons terreiros, planos e enxutos.

O arrioz é uma pequenina esfera de pedra marmore ou massa rija e de superficie lisa. Joga-se d'este modo: firmando o bordo interno da mão esquerda no chão, e encostando o arrioz ao bordo interno do dedo polegar correspondente, dá-se-lhe um piparote com o dedo médio da mão direita. Graças a este piparote o arrioz parte animado de bastante velocidade, podendo percorrer uma distancia relativamente grande.

Ao arrioz jogam geralmente os rapazes dois a dois; mas podem entrar no mesmo jogo tres ou quatro parceiros.

Vejâmos em que consiste o jogo do arrioz: Reunem-se os rapazes no logar convencionado, munido cada um do seu arrioz. Fazem uma cova no chão, e, postando-se, um de cada vez, a uma certa distancia, atiram com os arriozes á referida cova. O jogador que consegue enfiar na cova, péga no seu arrioz e, collocando-se na posição acima descripta, joga-o aos arriozes dos companheiros até errar algum. N'este caso, o parceiro cujo arrioz foi errado, entra em exercicio jogando contra os outros arriozes.

Qualquer parceiro, emquanto joga, póde, querendo, dirigir o seu arrioz á cova, e depois d'enfiar n'esta joga-lo aos arriozes dos companheiros. Mas, então, se não enfia na cova, perde e dá a vez ao companheiro a cujo arrioz apontava.

Por cada vez que o arrioz enfia na cova, ganha o respectivo jogador — dois, e por cada estálo (estrumélo) que dá batendo com o seu arrioz n'outro, ganha — quatro.

O parceiro que primeiro faz 24 ganha o jogo, e recebe por isso do companheiro com o qual acabou o mencionado jogo, um arrioz ou qualquer outro objecto préviamente combinado, como uma marca, botão, etc.

O jogo do arrioz, assim como outros que hoje constituem unicamente diverti-

mentos de rapazes, eram tambem usados outr'ora por adultos, os quaes encontravam n'estes exercicios um alegre e innocente passatempo.

(Serpa).

LADISLAU PIÇARRA.

SUPERSTIÇÕES

O Banho da Alma

Ha entre os habitantes do concelho de Serpa a seguinte crença: Quando qualquer pessoa morre, a alma separa-se immediatamente do corpo e banha-se em toda a agua que encontra em casa do finado e nas habitações que lhe ficam mais proximas.

D'aqui o preceito da familia do morto mandar acto continuo despejar o pote da agua, as quartas, etc., a fim de ninguem se servir d'essa agua, considerada impura.

Em abono do que acabo de referir, vem a pello narrar um caso que se me deparou no exercicio da minha prfissão clinica.

Um dia, ha proximamente dois annos, indo visitar um doente, sua mulher, ainda nova, M. C., natural de Serpa, queixou-se-me de nauseas e vomitos, dizendo que attribuia este mal-estar a um nôjo que contraira desde pouco tempo. Dera-se o seguinte facto: fallecera o avô da doente, e esta tendo em seguida um ataque nervoso, em que perdera os sentidos, trouxeram-lhe uma pucara d'agua tirada das quartas. Sabendo depois que havia bebido da mesma agua, onde julgava ter-se lavado a alma do avô, foi tomada do nôjo acima citado.

Estas nauseas e estes vomitos podiam, todavia, explicar-se d'outra fórma que não a do simples nôjo, pois que M. C. se achava no seu estado interessante.

L. P.

ADIVINHAS

I

OS DEDAES

Somos mais de cem irmãos
'Spalhados em todo o mundo:
Nem todos temos corôa,
E nem todos temos fundo.

Alguns homens nos perguntam,
E as mulheres nos procuram;
De tanto que lhes servimos,
Deixam-nos quando nos furam.

II

O COMPASSO

Eu, ave não sou,
E corpo não tenho;
As pernas me afamam,
Sem pés vou e venho.

Sei que tenho cabeça
E que tenho dois bicos;
E com estes meus passos
Sirvo a pobres e a ricos.

Com meus passos curtos
Cidades abranjo;
No ceu e na terra
Mil coisas arranjo.

III

A ALCACHOFRA

Está uma esphera armada
Com armas para temer.
Eu só, uma pobre mulher,
Tenho que dar que comer.

Dá tinha, que tinha,
(Que não adivinha!)
Até mais não poder ser.

IV

A MELANCIA

Verde é meu nascimento.
Sempre tenho estado presa.
Tenho agua entre mim:
Sou fresca de natureza.

(Da tradição oral)
(Serpa)

CASTOR.

BIBLIOGRAPHIA

Fastos religiosos (festas e procissões), por Sousa Viterbo.—O erudito escriptor lisbonense Senhor Doutor Sousa Viterbo, nosso distincto collega do *Diario de Noticias*, e que hoje nos concede a subida honra da sua prestigiosa collaboração, publicou ha pouco um interessante trabalho de investigação ethnographica subordinado ao titulo *Fastos religiosos* (festas e procissões). E' um elegante opusculo de 32 paginas (grande formato) no qual o Senhor Doutor Viterbo colligiu, annotando-os com toda a proficiencia, numerosos e valiosos documentos sobre antigas calvagadas, romarias, confrarias e procissões, em grande parte já extinctas.

Os referidos documentos, extrahidos laboriosamente d'entre os vetustos archivos da Torre do Tombo, encerram um verdadeiro manancial de inestimaveis subsidios para a historia do sentimento religioso do povo portuguez, nas suas multiplas e variadas manifestações tradicionaes.

Do opusculo em questão apenas se fez uma tiragem reduzida e que não entrou no mercado.

Agradecemos ao auctor, muito penhorados, a captivante offerta do exemplar com que nos distinguiu.

Dezoito annos em Africa, por Trindade Coelho.—A' penhorante amabilidade do seu auctor, o Senhor Doutor Trindade Coelho, devêmos a posse do importante livro *Dezoito annos em Africa*, que foi publicado em justa homenagem ao insigne funccionario portuguez no ultramar, o Conselheiro Senhor José d'Almeida.

O que é este livro? Dil-o, na sua vigorosa phrase castigada e brilhante, o Senhor Doutor Trindade Coelho: — «é a exposição impressa, chronologicamente ordenada, dos principaes documentos de caracter publico e official que assignalaram actos, tambem de caracter publico, e de caracter official tambem, da vida intensamente laboriosa, e singularmente prestante, do funccionario a que diz respeito».

Ao inimitavel contista de *Os meus amores*, ao laureado mestre do moderno conto portuguez — a expressão sincera do nosso agradecimento cordial.

Nuvens (versos), por J. Leite de Vasconcellos. — O nosso presado amigo Senhor Doutor J. Leite de Vasconcellos—um eminente homem de sciencia *doublé* d'um poeta distinctissimo — acaba de brindar-nos com o seu ultimo livro de versos — *Nuvens*.

Lêmos côm summo interesse as novas composições poeticas do inspirado auctor das *Balladas do Occidente*, e de todas nos ficou grata impressão. Apraz-nos porém especialisar, por serem as que mais nos vibraram, as poesias intituladas *Aspirações*, *Bucolica*, *Na minha sepultura*, *That is the question*, e *In extremis*.

Acceite o Senhor Doutor Vasconcellos um affectuoso aperto de mão, significativo dos nossos agradecimentos e parabens.

Arte, por Paulo Osorio e Julio de Lemos. — Por causa d'uma apreciação litteraria ao livro *Tragedia na provincia*, de Alberto Pinheiro, empenharam-se em rija pugna na liça da imprensa, dois *novos* de superior talento e vastos recursos intellectuaes — Paulo Osorio, o estylista delicado e subtil que dirigiu a *Alvorada*, e Julio de Lemos, o prosador elegante e vernaculo que temos lido e admirado no conto e na critica. Foi a *arte* o motivo d'essa pugna, em que ambos os contendores souberam terçar, como perfeitos *gentlemen* que são, as espadas toledanas dos mais finos argumentos. Ambos ficaram vencedores porque ambos afinal tinham razão. E assim, é natural e logico o que succedeu: após o combatente, apertaram-se as mãos e uniram estreitamente as armas inimigas; offerecendo-nos agora em commum opusculo os deliciosos artigos que constituem a *Arte*.

Para ambos, pois, calorosos emboras e o testemunho leal do nosso muito apreço.

Influencia dos descobrimentos portuguezes na historia da civilisaçao, por Consiglieri Pedroso.—Para celebrar o quarto centenario da descoberta da India, realisou o Senhor Consiglieri Pedroso em 26 de Novembro de 97, na Sociedade de Geographia de Lisboa, uma importante conferencia, que depois foi publicada em folheto sob o titulo que nos serve de epigraphe.

Aqui deixâmos consignado o nosso reconhecimento ao notavel publicista e sabio lente do Curso Superior de Lettras, pelo exemplar com que nos honrou.

Para as creanças, por D. Anna de Castro Osorio.—Recebêmos e agradecêmos o n.º 19, 1.º da 4.ª serie, da excellente publicação *Para as creanças*, que a talentosa auctora dos *Infelizes*, a Senhora D. Anna de Castro Osorio, continúa a redigir com o maior esmero.

Bulletin des 1.—Temos presente o boletim, relativo ao mez findo, da prestimosa e florescente associação parisiense *des 1*, de que é presidente o Conde de Kératry e secretario geral o reputado causidico Doutor Albert Rosseau.

D. N.

BIBLIOTHECA D' «A TRADIÇÃO»

Publicação bi-annual, em volumes de 150 a 200 pag.

VOLUME I (a entrar no prélo):

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO-ALEMTEJO

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME II:

JOGOS POPULARES

POR

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME III:

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

POR

ANTONIO ALEXANDRINO

Prefaciados por

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME IV:

O AUTO DO PRESEPIO E A DEGOLLAÇÃO DO BAPTISTA

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME V:

SYLVA DE XÁCARAS

POR

A. THOMAZ PIRES

Anno I — N.º 2 SERPA, Fevereiro de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

Collaborador artistico: — F. VILLAS-BOAS

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I—N.º 2 SERPA, Fevereiro de 1899 Série I

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

O CARNAVAL

As festas do carnaval, mau grado a sua remota origem nas *bacanaes* e *saturnaes romanas*, encontram-se ainda sobremodo radicadas na villa de Serpa,—como aliaz nas demais terras do paiz. Olhando para o velho e classico entrudo, achamonos, pois, em presença d'uma festa popular que a tradição tem mantido atravez das gerações, passando muito embora por vicissitudes proprias do caminhar constante da sociedade.

Ao delinear este singelo artigo, de fórma alguma pretendemos tratar do carnaval sob o ponto de vista da sua historia; o nosso proposito, mais simples e modesto, reduz-se a descrever o que seja o carnaval em Serpa, indicando as particularidades que elle aqui reveste e lhe imprimem uma feição etnografica local.

O carnaval no municipio de Serpa costuma, por assim dizer, annunciar-se por meio de letreiros e toscos desenhos, feitos a fungão, nas paredes exteriores dos predios.

São geralmente os rapazes que se entreteem a riscar nas paredes toda a série de garatujas, sobresaindo as figuras obscénas.

Em certas localidades d'este concelho, em Brinches por exemplo, attingem as referidas *illustrações* uma tal extensão e grosseria, que enchem de repugnancia e indignação toda a gente circumspecta e digna, a quem se depára o indecoroso espectaculo. Os letreiros são, muitas vezes, torpes allusões á vida intima das familias. Convém notar que taes manifestações, reveladoras d'uma evidente depressão moral, devem-se, em grande parte, á mocidade adulta da terra, que d'este modo, ou patenteia cupidos instinctos, ou então sacía animosidades e vindictas.

Um outro divertimento, bastante primitivo e pouco engraçado, usado aqui na época carnavalesca, é o das *caqueiradas*. Estas são atiradas, ordinariamente de noite, para dentro das casas cujos moradores se acham descuidados. Um postigo aberto, uma porta mal fechada, eis no que andam á espreita os empenhados em tão extravagante brincadeira. Concebe-se facilmente o que a fantasia popular nos poderá offerecer, no que respeita a este genero de distracções: caqueiros com terra ou cinza, cascas de laranjas e mariscos, pedras, etc.; n'isto consistem as caqueiradas. E não deixa de ser curiosa a lembrança de lançar em casa de qualquer cidadão um pedragulho bem quente ao lume, afim d'escaldar as mãos que inadvertidamente lhe pegarem.

As quatro semanas que precedem os tres dias d'entrudo, designa-as o povo, e por sua ordem: semana d'amigos, semana d'amigas, semana de compadres e semana de comadres. Nas quintas feiras da primeira e terceira semana, os rapazes de maior lidação entre si teem por costume reunir-se em casa d'um d'elles para ahi, alegres e contentes, comerem, beberem e cantarem. A estas pe-

quenas festas em familia, chamam elles — fazer amigos ou compadres, conforme a reunião é na quinta feira d'amigos ou de compadres.

A seu turno, as raparigas, as mais approximadas pelos laços da affeição, costumam egualmente — fazer amigas e comadres, nas respectivas quintas feiras. E, á similhança dos rapazes, reune um grupo d'ellas em casa d'uma, e n'essa casa comem, cantam e bailam, animadas pela mais intima satisfação.

Quando duas amigas querem ser comadres, ha um pequeno cerimonial, que não deixaremos de registar. Consiste em darem-se os dedos minimos da mão direita, e, entrelaçando-os, dizerem:

«Comadre, comadre,
Comadre querida:
Fazemos comadres
Para toda a vida».

As duas semanas de compadres e comadres são habitualmente consagradas á arte venatoria. Por esta occasião, os caçadores, reunidos em grupos, dirigem-se d'ordinario para a Serra e lá consomem os dias em procura da apetecida presa. No fim da semana de comadres regressam a casa os caçadores, alguns carregados de coelhos, tornando-se por isso alvo da admiração popular.

A caça é uma arte assaz estimada n'esta região e que muitos ainda exercem com verdadeiro enthusiasmo.

Não é, porém, este o momento opportuno de nos occuparmos d'uma tal diversão, que bem merece ser descripta em todas as suas minudencias.

Mas, proseguindo na descripção do nosso carnaval, diremos que, no periodo comprehendido entre 20 de Janeiro e o Domingo Gordo, nota-se maior animação, sobretudo entre os novos, que não cessam d'entreter o espirito dirigindo-se graças, ditos picantes, enganos e arrelias. D'estas ultimas, por serem um tanto curiosas, damos em seguida alguns exemplos: A' noite, quando cada um está muito socegado á lareira ou devorando a ceia, é frequente ouvir bater o badalo da porta: são garotos a quem acode a importuna lembrança d'atarem um cordel ao mencionado badalo e de pucharem por elle, depois de collocados a uma certa distancia. A pessoa que vem á porta, não divisando ninguem, reconhece que é partida d'entrudo. Outras vezes, ouve-se bater á porta; pergunta-se: «quem é?», e a esta innocente interrogação respondem de fóra qualquer das phrases: «se está sentado, ponha-se de pé», ou «a minha frieira no seu pé», ou ainda «manda dizer o balha-balha, que accommode a sua canalha».

Antigamente era perigoso, pelo carnaval, passar qualquer varão proximo d'um rancho de raparigas do trabalho, porque ellas bem depressa o agarravam e lhe infligiam toda a casta de judiarias.

O decorrer dos annos tem, felizmente, suavisado esta pratica terrivel, e hoje não ha, póde-se dizer, o menor risco em transitar pelo campo durante o entrudo.

São tambem já volvidos os tempos em que as laranjas e as seringas (de metal ou de canna) desempenhavam papel importante entre os divertimentos carnavalescos. Actualmente vemos — e ainda bem — as laranjas substituidas pela fagulha do trigo e por papelinhos, e a historica e temivel seringa, pela graciosa e aromatica bisnaga.

Chegados os tres dias de carnaval, redobra — escusado será dizel-o — o movimento d'alegria: As vendas de bebidas constantemente atulhadas d'amadores do *chá de parreira;* pelas ruas grupos de populares cantando e berrando a plenas guelas, e fazendo resuscitar todas as modas, que apparecem n'esta occasião como uma perfeita revista; bailes por toda a parte, onde noite e dia se dança, canta e pula. Note-se que as pessoas que bailam se apresentam sempre de cara descoberta; bailes de mascaras, não nos consta que, até hoje, se tenha aqui realisado algum. Em todo o caso, não faltam nas ruas mascarados, assim como danças

GALERIA DE TYPOS POPULARES

II

Camponeza vindo da fonte (Serpa)

e rapazes buzinando em caules de cardos chamados — de segredo.

Tambem é da praxe tirarem os mancebos os lenços ás respectivas namoradas, e trazerem-nos ao pescoço até restituirem-lh'os, o que só fazem em quarta feira de cinza.

N'estes dias, o povo, saltando por cima das conveniencias prescriptas na boa civilidade, usa d'uma linguagem demasiadamente licenciosa, dando livre expansão ás tendencias coprolalicas, que aliaz se revelam quotidianamente.

Não devemos esquecer que, nos dias d'entrudo, toda a gente procura saborear as melhores iguarias, reinando á sobremesa, as filhozes, os coscorões, os bolinhólos e o apreciavel arroz doce.

Após o carnaval vem a quarta feira de cinza, e a tarde d'esse dia aproveita-a ainda a mocidade para, em alegre romaria, ir bailar e cantar junto da ermida de Nossa Senhora da Guadalupe, situada sobre o cume do mais elevado dos montes que circundam a villa.

Para terminar esta breve descripção, publicamos, a seguir, algumas quadras populares allusívas ao entrudo (1).

Já lá se vae o entrudo
Com gallinhas e capões;
Agora vem n'a quaresma,
Estudam-se as orações.

Já lá se vae o entrudo
Com gallinhas e *caròfos;*
Agora vem n'a quaresma,
Resam-se os padre-nossos.

Já lá se vae o entrudo
Pelo barranco da nóra,
Gritando em altas vozes:
«A quaresma me põe fóra!»

Oh moças! não se admirem
De eu cantar e ser viuvo,
Que eu canto com alegria
De vêr fugir o entrudo.

LADISLAU PIÇARRA.

---

(1) M. Dias Nunes: *Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo*, prestes a sair á luz.

Danças populares do Baixo-Alemtejo

As danças populares do Baixo-Alemtejo pertencem, em parte, á categoria das religiosas, em parte, na maior parte, na quasi totalidade mesmo, ás denominadas danças d'amor.

O primeiro genero de danças, embora em manifesta decadencia, ainda póde observar-se em diversas festas religiosas de arraial, onde valentes mocetões de rosto crestado, largas espaduas e amplo thorax, súam e tressúam, n'uma espantosa desenvoltura de gestos e attitudes, ao langoroso som de tamboril e gaita.

Em Aldeia Nova de S. Bento, do concelho de Serpa, celebra-se annualmente, em 11 de Julho, uma ruidosa festa, a do Cirio, cujo principal attractivo consiste na exhibição de extraordinaria dança, em que ha complicados movimentos e passos e volteios; uma dança antiquissima, secular, executada por sete *anjos* (assim chamados) — sete robustos camponezes, vestidos de calção e meia, camisola branca, faixa de sêda a tiracollo, e na cabeça, monstruosos chapeus de pello, ornados de lãs e fitas e flores e reluzentes bugigangas de latão!

E fazem a inveja dos camaradas, e o encanto das camponezas suas patricias, estes maganões!

Ha poucos annos ainda, e por occasião da festa de S. Pedro, tambem os numerosos pastores que pertencem a Serpa, realisavam uma dança, devéras interessante, em deredor á ermida d'aquelle santo, e desde a ermida, atravessando as ruas da villa, até casa dos festeiros.

Aqui, os dançadores, todos irmãos do santo, vestiam o trajo caracteristico do seu mistér — calção e polainas, jaqueta, e larga cinta, negra ou escarlate. Dançavam sempre em cabello — ás vezes debaixo d'um sól ardentissimo — e com a opa branca da irmandade.

E mais e mais danças religiosas, nas festas d'arraial, por este Baixo-Alemtejo fóra: — na festa do Espirito Santo, em

Aldeia Nova de S. Bento; na festa das Pazes, em Ficalho; na festa da Tumina, em Santo Aleixo; na festa de Santa Luzia, em Pias; etc,, etc., etc.

E' de notar que este genero de dança, cuja origem remonta a muitos seculos, era outr'ora executada não só por homens, tal como hoje acontece,—mas tambem por mulheres, em algumas solemnidades de caracter religioso e official.

No codice de *Posturas da Notavel Villa de Serpa*, feito em 1686, e confirmado em *auto de correição,* no anno de 1687, pelo Ouvidor da cidade de Beja, Mathias Patto Cotta, vem um artigo, o 100.°, com bastas allusões ao assumpto em questão. Por isso e por nos parecer sobremodo curioso, o referido artigo, vamos transcrevel-o na integra, sublinhando as phrases que mais interessam ao nosso estudo.

E' assim concebido (textualmente):

«Por antiguissimo costume são os hortallois obrigados a mandarem á procissão do Corpo de Deos de cada anno um carro muito bem goarnecido de verdura, e os sapateiros com o drago e diabrete e os alfaiates com a serpe e os mercadores com dois cavallos fuscos e os marsseiros e tindeiros com hua toura, e os vendeiros de fruta com duas pellas, e *os taverneiros com hua dansa de seis pessoas bem vestidas com violla e tocador della e as padeiras com hua dansa de seis mossas bem vistidas com violla e tocador della* ao que não faltarão com estas obrigaçois sob penna de pagarem os juizes dos oficios de sapateiros alfaiates e hortallois dois mil reis não vindo á dita procissão como que nesta postura lhe he encarregado, e com suas bandeiras e de pagarem os mercadores que são obrigados a dar os cavalinhos fuscos cada hũ mil reis não vindo ambos os ditos cavalinhos fuscos á procissão, e os marceiros, e tindeiros que são obrigados a dar a toura pagarão cada hu quinhentos reis faltando a esta obrigassão, e *os taverneiros que forem nomeados para darem a sua dansa e faltarem com ella pagarão de penna dois mil reis cada hu e as padeiras que forem nomeadas para darem outro sim a sua dansa pagaram de penna mil reis cada hua faltando á sua obrigação* e as vendeiras de fruta pagaram outro sim mil reis faltando á sua obrigação o que todos assim pagaram de cadea pela primeira vez que ouver falta porque na segunda pagaram as pennas em dobro com trinta dias de cadea e os constrangerão pela camera a tudo terem muito bem preparado para acompanhamento da dita procissão e assim mandaram se comprisse.»

Como é sabido, a dança religiosa, nas suas várias fórmas, encontra-se intimamente ligada a certas festas populares e tradicionaes da egreja. Quando, pois, tratarmos de cada uma d'essas festas, que todas entram no programma dos nossos estudos, descreveremos, então, em seus pormenores, a dança respectiva.

Agora vamos occupar-nos mais detidamente de as — danças d'amor.

*
* *

Sem querermos fallar da antiga gavota, das varsovianas, e do *jacé* de contradança, que tinham por assim dizer uma feição aristocratica, mencionaremos desde já, como danças populares e amorosas, usadas no Baixo-Alemtejo, nomeadamente na margem esquerda do Guadiana, os *bailes de roda,* o *maquinéu*, os *pinhões,* o *seu pésinho*, o *fandango,* os *escalhavardos*, o *sarilho*, e o *fogo del fuzil.* Depois completaremos a lista.

Excepção feita para os bailes de roda, ainda em pleno vigor, as demais danças que citámos, quasi que deixaram de praticar-se e apenas subsistem na lembrança das pessoas edosas. D'algumas, conseguimos ainda, não sem grande difficuldade, recolher a musica propria, que todas possuiam, e reconstituir a fórma do bailado; d'outras, porem, tão sómente o nome lográmos conhecer.

*
* *

Os bailes de roda, como vulgarmente se designa este genero de dança, ou são *ao meio* ou *aos pares*.

Quando *ao meio*, homens e mulheres, indistinctamente, formam dando-se as mãos uma grande cadeia circular. Acto continuo á formação d'esta cadeia, vae para o centro um par, o primeiro que mais lesto andou; e logo irrompe uma cantiga entoada por uma voz, a que outras e outras e todas as vozes dos circumstantes, por fim, fazem côro.

Ao mesmo tempo — obedecendo todos ao rhythmo da cantiga — o par volteia no centro como a polkar, e a cadeia vae rodando, rodando sempre, em continuo movimento. Finda a cantiga Separa-se o par: o homem procura, d'entre as do circulo, outra mulher, e a mulher imita o seu primeiro par, substituindo-o por outro homem. Ficam assim dois pares no meio. Simultaneamente, sem que os dançadores hajam descançado, começaram a moda-estribilho, a cuja musica a cantiga obedecera. Terminada a moda retira-se o primeiro par, que vae encorporar-se na cadeia, e vem para o centro, em seu logar, um novo par, escolhido a contento do par que ficou, do mesmo modo por que este já fôra escolhido pelo que o antecedéra.

Depois volta-se ao principio: — nova cantiga rhythmada pela moda favorita, pares ao centro em movimento de polka, e a grande cadeia — mãos entre mãos — a rodar, a rodar continuamente.

A substituição do par mais antigo faz-se sempre que a cantiga termina e a moda-estribilho principia.

Do par que se encontra no meio ao findar o baile, diz-se — que ficou saramago.

Succede ás vezes, n'estes bailes, combinarem-se quatro pessôas, duas de cada sexo, para se preferirem mutuamente na procura de pares e sempre, d'ess'arte, estarem no meio.

A isto, que não raro é motivo de grandes discordias, chama-se aqui — fazer monte-pio; e em tal caso, os homens e as mulheres que andam na cadeia a *tirar agoa*, segundo a expressão consagrada, sóem cantar numerosas quadras allusivas ao facto, ora azedas ora chistosas, como as que seguem:

Minha mãe tem lá'ma renda,
Uma renda d'entremeio.
Eu não sirvo aqui d'amparo,
Tambem quero ir ao meio.

Minha mãe tem lá 'ma renda,
Uma renda d'entremeio.
'Stou-me rentando no balho
Se não me levam ao meio.

Minha mãe tem lá 'ma renda,
Uma renda de tresmalho.
Se me não levam ao meio,
'Stou-me rentando no balho.

Já não quero tirar agoa,
Que já tenho o tanque cheio.
Se meu bem aqui estivesse,
Já eu andava no meio!

Deem as mãos uns aos outros,
Que me quero ir embora;
Quem quizer agoa tirada,
Compre uma besta p'rá nora.

Eu não sirvo de parede,
Tambem quero ir balhar;
Se me não levam ao meio,
Salto p'rá rua a chorar.

Minha mãe tem lá 'ma renda
Toda feita á franceza.
Se me não levam ao meio,
Vou-me embora com certeza.

Quem tem cabras vende leite,
Quem tem porcos tem presuntos.
Oh moças! levem-me ao meio,
Por alma dos seus defunctos!

O' moças, levem-me ao meio
Com toda a delicadeza;
Se me não levam agora,
Então fallo com aspereza.

Ind'agora tinha calma,
Agora já tenho frio.
O' meninas lá do meio,
Cautela co'o montepio!

Ind'agora tinha calma,
Agora já tenho frio.
Se me não levam ao meio,
Vão p'rás mães que as pariu.

Eu tambem quero balhar,
Já vou estando zangado!
Se me não levam ao meio,
Já me vou embor' p'ró gado.

Vou a dar a despedida,
Nas costas d'uma vidraça.
Se me não levam ao meio,
Vou a dar coices á praça!

Minha mãe tem lá 'ma renda,
Uma renda que eu lhe fiz.
Se me não levam ao meio,
Vou fazer queixa ao juiz.

Eu tambem quero balhar!
Oh! Que desgraça é a minha!
Se me não levam ao meio,
Vou fazer queixa á rainha.

O' moças, levem-me ao meio,
Em que seja uma vez só!
Oh! Que desgraça é a minha!
Nenhuma de mim tem dó!

Semeei no meu quintal
A semente do repôlho.
Oh moças, levem-me ao meio,
Que me está luzindo o olho!

O' moças, levem-me ao meio,
Quer' balhar um poucochinho;
Quando não, vou-me p'ra casa
A comer pão com toucinho.

O' moças, levem-me ao meio,
Já vou estando zangado!
Se acaso me não levam,
Parto a canastra ao diabo!

(Continúa)

M. DIAS NUNES.

CRENÇAS & SUPERSTIÇÕES

Bichos uterinos

Creem as parturientes da classe popular, que, dentro da cavidade uterina, e juntamente ao feto, se geram bichos de varias fórmas e feitios, capazes de lhes roerem as entranhas.

Affirmam, ainda, as mulheres do povo, com toda a sua primitiva ingenuidade, que estes bichos se assimelham, exactamente, a ratos toupeiros, sapos, etc., e saem ás vezes do corpo ainda vivos, começando a andar no meio da casa.

Até succede — é crença popular que já tenho ouvido referir a algumas pessoas — sairem os mencionados bichos, a correr como coriscos, indo esconder-se por detraz de qualquer movel!

As parteiras d'aqui, que não possuem curso algum official, são as proprias a alimentar esta crença extravagante; e recommendam por isso ás suas clientes que bebam quanta aguardente puderem, para, mercê da ingestão do espirituoso liquido, matarem os bichos que já existam no utero ou por ventura ali venham a desenvolver-se.

A aguardente, na opinião d'estas pobres creaturas, tem a singular virtude de anniquilar o bicho, preservando o feto!

Não podemos deixar de lastimar uma crença tão absurda, e de condemnar, da maneira mais peremptoria, a pratica altamente nociva de ministrar alcool ás parturientes; porque d'ahi resulta uma dupla intoxicação, para a mãe e para o filho.

Como consequencia fatal de similhante pratica, não raro se produzem casos de aborto, cuja gravidade representa um severo correctivo para quem, desgraçadamente, não possue outro guia, que não seja a mais profunda ignorancia.

Aquillo que ás pessoas do povo se afigura ser um bicho, não passa, evidentemente, d'uma simples mola, quando não é, apenas, um feto pouco desenvolvido.

Serpa.

FILOMATICO.

Modas-estribilhos alemtejanas

A primeira e longa série de modas-estribilhos que vamos publicar, ao mesmo tempo n'esta secção e no *Cancioneiro*

musical, foi inteiramente recolhida na villa de Serpa.

Aproveitaremos, por isso, todo o ensejo que se nos offereça para continuarmos o estudo da linguagem local.

Cumpre explicar desde já, que, em Serpa, — como de resto, creio, em todo o Baixo-Alemtejo, — o povo denomina «estylo» a musica ao rhythmo da qual entôa as suas cantigas; e chama «resquebre» (corrupção de requebro) á lettra de qualquer «moda». [1] A lettra, ou resquebre, conjugada ao estylo constitue a «moda».

Ha, porém, varias modas que não possuem resquebre.

A cantiga differe principalmente do resquebre em não ter, como este tem, musica especial.

A série de modas cuja publicação hoje iniciâmos, — umas, simples descantes, choreographicas outras, — possuem todas o competente resquebre, que se diz, invariavelmente, depois das cantigas e logo após cada uma d'estas. Eis porque adoptámos o titulo de — *Modas-estribilhos.*

Manuelsinho, você chora

Manuelsinho, você chora,
Você chora, quem lhe deu?
Qual seri' ó atrevido
Que o Manuelsinho offendeu!

Rufam-se as caixas no Porto,
E o meu coração no teu!
Manuelsinho, você chora,
Você chora, quem lhe deu?

Notas. — A musica d'este resquebre, inserta n'outro logar da nossa revista, convém precisamente aos bailes de roda e *ao meio*, já descriptos.

Como o resquebre é composto de duas quadras, ha que bisar, dois a dois, os versos das cantigas que quizermos subordinar á moda do Manuelsinho.

M. Dias NUNES.

[1] Na linguagem popular de Serpa, a palavra *resquebre* tambem se emprega no sentido de fama, reputação. Diz-se — deitar bom ou máo *resquebre* d'alguem.

D. N.

Habitação, mobiliario e utensilios domesticos

I

Habitação

Com este nosso ligeiro artigo vimos hoje inaugurar na *Tradição* os interessantes trabalhos de investigação ethnographica relativos á *habitação, mobiliario* e *utensilios domesticos* das classes populares.

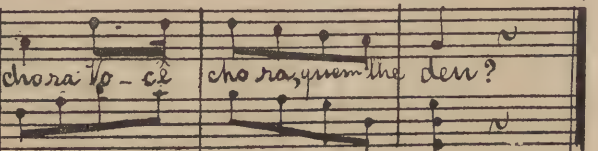
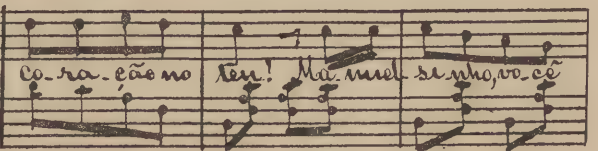
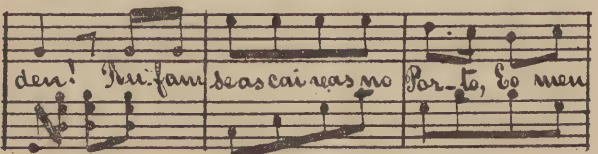
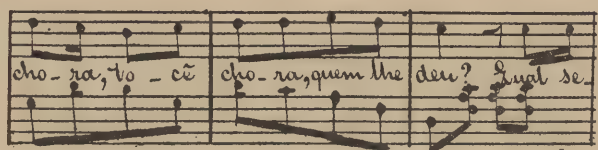
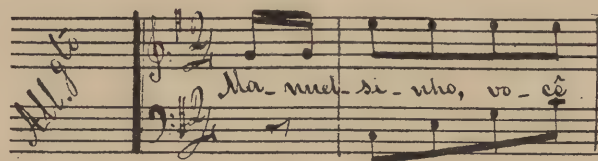
Começando por tratar da habitação, referir-nos-hemos á margem esquerda do Guadiana, e particularmente ao que se observa em *Brinches*, aldeia do concelho de Serpa, cuja população orça por 2.700 almas.

E' d'esta aldeia, situada entre Serpa e Moura, a tres kilometros do Guadiana, com um sólo riquissimo, e que exporta muitos cereaes, azeites e gados, que nos vamos occupar.

*

— As casas d'habitação, sem se recommendarem pelo luxo e pela elegancia, offerecem comtudo umas certas commodidades e uma tal ou qual originalidade, que merece bem as honras d'uma pequena descripção.

Pondo de parte a architectura, que é uma incognita n'estes sitios, a não ser n'um ou n'outro predio d'individuos um tanto abastados, onde se lobriga e adivinha a pretenção do pedreiro em apresentar capiteis toscanos, pouco mais se vê do que construcções ruraes, feitas quasi exclusivamente de taipa e alvenaria. Os materiaes empregados n'estas

CANCIONEIRO MUSICAL
II
MANUELSINHO, VOCÊ CHORA
(CHOREOGRAPHICA)
Ma_ nuel_ si_ nho, vo_ cê
cho_ ra, vo_ cê cho_ ra, quem lhe deu? Qual se_
ri' o a_ tre_ vido Que o Ma_ nuel si_ nho offen_
deu! Nu_ fam se as cai_ ças no Por_ to, Eo meu
co_ ra_ ção no teu! Ma_ nuel si_ nho, vo_ cê
chora vo_ cê cho_ ra, quem lhe deu?

construcções são: tijolo, lambás, baldosa, adôbo, telha e pedras muito variadas, taes como as calcareas, as argilosas, as siliciosas, e d'estas, particularmente o granito, muito abundante n'esta região. A espessura das paredes exteriores varia entre $0^m,50$ e um metro nas alvenarias, e a altura, entre $2^m,50$ e 6 metros — primeiros andares.

A disposição dos predios é tão irregular, que difficilmente se encontra uma rua bem alinhada. Se passasse por aqui a fita metrica d'um engenheiro, tinha de ordenar uma verdadeira derrocada. E' raro o predio que não tem um, dois ou mais poiaes á porta, ou dentro de casa, porque os pavimentos ficam uns mais altos e outros mais baixos do que a rua. Compõem-se os predios, em geral, de um a quatro corpos.

A disposição interior dos compartimentos é sempre um motivo de grandes discussões entre amigos e conhecidos, notavelmente, se entre elles ha alguns *entendidos* e que tenham *grande risco* — phrase sacramental no sitio.

Na maioria dos casos, a divisão é assim feita: porta d'entrada abrindo para um corredor que atravessa o predio a todo o comprimento; aos lados da porta, o escriptorio, saleta e sala com janellas para a rua, formando a frente; a seguir e lateralmente, ha os quartos interiores communicando uns com os outros e recebendo luz, ou por frestas abertas nas paredes, ou por especies de clara-boias feitas nos tectos, quando são cobertos com ripa ou canna. A sala de jantar, situada perto da cosinha, communica por meio de portas e janellas com o pateo, varanda ou terraço, quasi sempre com larguissimos horisontes.

A cosinha, umas das divisões mais importantes do predio, é, em regra, uma casa espaçosa, banhada de luz e ar. No inverno desempenha a cosinha um papel importantissimo: das *6* ás *10* ou *11* horas da noite, a vida passa-se exclusivamente n'esta casa, á roda da tradicional lareira, onde chegam a abrigar-se *12* e *15 serões*, jogando a *bisca lambida*, comendo o bello magusto, falando, projectando, e discutindo os assumptos mais extraordinarios, a que não é alheia uma pontinha de má lingua das sr.as comadres. Os contos e as historias da *princeza Magdalona* e do *João de Calais*, teem tambem grande rasgo n'estas noites.

As asnas não se empregam por aqui; sobre os ultimos fios de taipa assentam directamente os barrotes de pinho, ou de castanho de *18* a *24* palmos de comprimento, e a estes sobrepõe-se o canniço de ripa ou de canna, pregado aos barrotes e recebendo directamente as telhas. A juncção das ripas, ou das cannas, para formar o canniço é feita de dois modos: ripa ou canna muito unida — *canniços fechados;* canna ou ripa posta com intervalos de tres a quatro dedos — *canniço* de salto de rato.

Este genero de canniços destina-se ás casas que necessitam de maior ventilação, e veem-se frequentemente nas habitações dos proletarios, como medida economica.

Nos tectos de canna mais confortaveis emprega-se com frequencia a cal espalhada em camada, sobre o canniço, distribuindo-se de seguida a telha; obtem-se assim o que elles chamam uma *casa calafetada*.

Nos predios de gente mais graúda encontram-se, a cada passo, abobadas e abobadilhas, vendo-se então, n'algumas, o gêsso em grande abundancia, porque o mestre não poupa material. Quanto mais gesso, melhor e mais bonito — é a theoria; e a proposito cito, como exemplo, um tecto fasquiado — unico! — enfeitado com centenares d'estrellas e quadradinhos de gêsso, assentes sobre um fundo azul da Prussia!

Tudo isto se refere aos predios modernamente construidos, porque nos de construcção antiga, a divisão interior dos differentes compartimentos não obedece a principio algum.

Os compartimentos succedem-se uns

aos outros, para a direita, para a esquerda e para a frente, n'uma desordem e confusão tal, que necessario se torna um guia para que uma pessôa se não perca n'aquelle labyrintho.

Teem de notavel o *sotão da janella*, que é o compartimento mais resguardado, e só accessivel e franqueado, nos dias de festa, a pessôas de certa ordem; é o que corresponde á sala de visitas. Notam-se em quasi todas estas habitações vestigios de communicação com os predios visinhos, e dizem os velhos ser medida adoptada em *tempos máus* para mais facilmente fugirem á perseguição e á vingança dos partidos contrarios.

As portas e janellas, de dimensões geralmente acanhadas, nada teem de notavel; as antigas são todas inteiriças, girando sobre um só linha de gonzos e com o postigo aberto a $\frac{2}{3}$ da altura; são quasi que exclusivamente de pinho, e consta-me que se encontra ainda uma ou outra d'azinho, madeira muito abundante por aqui.

Nos pavimentos empregam-se as baldósas, tijólos e a cal; vendo-se, todavia, n'alguns predios de recente construcção, soalhos de pinho e de flandres, e alguns pavimentos de cimento nos escriptorios, salas e saletas.

Em muitos predios antigos, a casa que olha para o quintal é quasi sempre calçada, e entre outras pedras apparece em grande abundancia o silex, as diurites e alguns pórphyros.

São rarissimos os predios sem quintal, e nos d'alguns individuos abastados abrange uma grande area tendo como dependencias: os celleiros, adegas, palheiros e cavallariças.

O desideratum de todo o proprietario é ter todas as dependencias á mão, ou *debaixo d'uma só chave*, como elles dizem.

(Continúa).

LOPES PIÇARRA.

NOVELLAS POPULARES MINHOTAS

II

A formiga

Era uma vez uma formiga muito diligente, que ia para o moinho com um sacco de milho ás costas. No caminho prendeu-se-lhe um pé na neve. Voltou-se para o sol e disse-lhe:

— O' sol, tão forte és que não derretes a neve que o meu pé prende?

— Tão forte sou eu que a parede me encobre.

Volta-se a formiga para a parede:

— O' parede, tão forte és que encobres o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

— Tão forte sou eu que o rato me fura.

Volta-se a formiga para o rato:

— O' rato, tão forte és que furas a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

— Tão forte sou eu que o gato me mata.

Volta-se a formiga para o gato:

— O' gato, tão forte és que matas o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o pé prende?

— Tão forte sou eu que o cão me morde.

Volta-se a formiga para o cão:

—O' cão, tão forte és que mordes o gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

— Tão forte sou eu que o pau me bate.

Volta-se a formiga para o pau:

— O' pau, tão forte és que bates no cão que morde o gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

— Tão forte sou eu que o lume me queima.

Volta-se a formiga para o lume:

— O' lume, tão forte és que queimas o pau que bate no cão que morde no gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

— Tão forte sou eu que a agua me apaga.

Volta-se a formiga para a agua:

— O' agua, tão forte és que apagas o lume que queima o pau que bate no cão que morde no gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

— Tão forte sou eu que o boi me bebe.

Volta-se a formiga para o boi:

— O' boi, tão forte és que bebes a agua que apaga o lume que queima o pau que bate no cão que morde no gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

— Tão forte sou eu que o marchante me mata.

Volta-se a formiga para o marchante:

— O' marchante, tão forte és que matas o boi que bebe a agua que apaga o lume que queima o pau que bate no cão que morde no gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

— Tão forte sou eu que Deus me mata.

(Recolhida da tradição oral)

III

O macaco

Uma vez era um macaco, que tinha um rabo muito comprido. Disse-lhe um homem:

— O' macaco, és tão feio com esse rabo!... Vae a um barbeiro que t'o córte.

Foi o macaco ao barbeiro que lhe cortasse o rabo, e na volta encontrou-se com o mesmo homem, que lhe disse:

— O' macaco, agora ainda és mais feio sem o rabo. Porque não vaes ao barbeiro que t'o torne a pôr?

Foi o macaco ao barbeiro:

— O' barbeiro, torna-me a pôr o meu rabo, senão furto-te a melhor navalha que tiveres.

— O teu rabo deitei-o acima de um telhado e os gatos comeram-n'o.

Então, o macaco, furtou lhe a melhor navalha.

Foi por ali acima... acima... e encontrando uma mulher, junto a um rio, a escamar sardinhas com as mãos, disse-lhe:

— O' porca de mulher, pois tu estás a escamar sardinhas com as mãos?! Toma lá esta navalha para escamares as sardinhas.

Vem d'ahi a pouco o macaco em procura da mulher e encontrando a, disse-lhe:

— O' mulher, dá cá a minha navalha, senão furto-te a melhor sardinha que ahi tiveres.

— A tua navalha cahiu-me ao rio e a corrente levou-a.

Vae o macaco furtou-lhe a melhor sardinha.

Foi-se embora e encontrando uma moleira a comer pão, disse-lhe:

— O' moleira, tu estás a comer só pão?! Toma lá esta sardinha para comeres com elle.

Volta d'ahi a pouco tempo o macaco, e diz á moleira:

— O' moleira, dá-me a minha sardinha, senão furto-te o maior sacco de fa rinha que tiveres no teu moinho.

— A tua sardinha já a comi.

Então, o macaco, levou-lhe o maior sacco de farinha.

Foi a uma escola de meninas e disse á mestra:

— Aqui tem este sacco de farinha para fazer um bolo pequeno para cada menina e um maior para a mais bonita.

Veio o macaco ao depois á escola, e diz á mestra:

— O' mestra, dê-me o meu sacco de farinha, senão levo-lhe a menina mais linda que ahi estiver.

—Do seu sacco de farinha fiz os bolos ás meninas.

—Pois então levo-lhe a menina mais linda.

E o macaco furtou-lhe uma menina. Encontrou um homem a tocar viola, e disse-lhe:

—O' homem, dá-me essa viola que eu dou-te esta menina.

—Essa menina é minha.

—Pois dá-me a viola que eu dou-t'a.

Deu-lhe o homem a viola em troca da menina.

O macaco foi para cima das bordas de um poço, e começou a tocar na viola, e a cantar:

Do meu rabo fiz navalha, de navalha fiz sardinha, de sardinha fiz farinha, de farinha fiz menina, de menina fiz viola... adeus que me vou embora!

E atirou-se ao poço.

(Recolhida da tradição oral)

Espozende.

ALVARO PINHEIRO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

I

O compadre Bernardo

Havia n'uma aldeia um casal com tantos filhos, que apenas uma pessoa, n'aquella povoação, ainda não tinha sido padrinho de qualquer d'elles.

O chefe d'este casal chamava-se Bernardo, e de forma alguma queria ser compadre d'um individuo, por mais d'uma vez. Ora, tendo o referido Bernardo, ainda uma filha por baptisar, e querendo arranjar-lhe madrinha, metteu-se por um caminho fóra, resolvido a convidar para comadre a primeira mulher, embora desconhecida, que elle encontrasse. Ao terceiro dia de jornada encontrou, emfim, no meio d'uma charneca d'onde unicamente se avistava matto e ceu, uma velha que lhe disse: «Então p'rá onde vae perdido, irmão?» «Eu não vou perdido, respondeu elle; ando á procura d'uma mulher que queira servir de madrinha a uma filha que tenho ainda por baptisar.» Diz-lhe a velha: «pois olhe, se não quer ir mais longe, offereço-me eu para madrinha; mas primeiro que tudo vou dizer-lhe quem sou, afim de buscar outra pessoa, caso não goste de mim.» Eu sou a Morte, e, querendo você, lá vou d'hoje a oito dias para baptisarmos sua filha.» Bernardo respondeu á Morte que a elle qualquer pessoa lhe convinha, sómente o que não queria era ser compadre d'uma pessoa por mais d'uma vez. A Morte, então, despediu-se de Bernardo, entregando-lhe um taleigo de dinheiro para as primeiras despezas. Assim que o homem chegou a casa, perguntou-lhe sua mulher: «Então, Bernardo, já encontraste madrinha para a nossa filha?» «Já encontrei, e sabes quem é? a Morte!; ella é que m'entregou este taleigo de dinheiro para as primeiras despezas!» A mulher ouvindo falar na Morte não ficou muito contente, mas examinando o que o taleigo continha, disse para o marido: «Oh Bernardo, *com isto já a gente se governa uns tempos* sem trabalhar, não é verdade?»

Passados oito dias, realisou-se effectivamente o baptisado [1], e, na volta da egreja, quando chegaram a casa, a Morte, chamando o compadre, disse-lhe: «Compadre, faça-se medico, e não lhe dê isso cuidado, porque em Você sendo chamado para alguem e me veja aos pés do doente, pode receitar-lhe qualquer coisa, que não morre; só morrerá aquelle a cuja cabeceira eu me puzer.»

Quando a fama de Bernardo já andava muito espalhada, adoeceu a filha do rei, e depois de serem consultados os grandes medicos do reino e todos haverem declarado que era impossivel salvar a doente, disse um dos ministros ao rei: «Saiba Vossa Real Magestade que o

---

[1] Em vez de *baptisado*, o povo diz: baptiso.
L. P.

unico medico que pode salvar a princeza é um chamado Bernardo, o qual já curou uma filha minha, d'uma doença egual á da princeza.» O rei, que a todo o custo queria salvar a filha, assignou uma ordem, que mandou entregar por um proprio ao compadre Bernardo, conforme lhe chamavam na aldeia. O compadre Bernardo apressou-se a cumprir a ordem regia, e por isso apresentou-se logo no palacio, convencido que curava a princeza. Mas assim que elle entrou no quarto da doente e viu a Morte á sua cabeceira, caiu-lhe immediatamente a balsa em baixo [1]. Pensou um bocado e, olhando para quem estava ali, disse: «Emfim, voltem-lhe lá a cabeça para onde ella tem os pés...» Passadas duas horas, levantou-se a princeza completamente curada, ficando todos pasmados d'uma operação tão simples produzir um resultado por tal forma maravilhoso!

No outro dia, quando o compadre Bernardo regressava a sua casa, saiu-lhe a Morte ao encontro e disse-lhe que tanto como aquillo não lh'ensinara ella, e por conseguinte, que se preparasse para qualquer dia marchar, elle em logar da referida doente. O compadre Bernardo, perante uma ameaça d'esta ordem, pediu á Morte, de mãos postas, que lhe perdoasse, que elle nunca mais procederia assim. E, como a Morte não desistisse da ameaça, compadre Bernardo foi a casa, contou á mulher o occorrido e em seguida dirigiu-se á loja d'um barbeiro afim d'este lhe rapar a cabeça á navalha. Feita esta operação, voltou a casa a vestir um fato velho, e ordenou á mulher que dissesse á Morte, quando esta o viesse procurar, que não sabia d'elle havia oito dias. Em seguida retirou-se e foi á busca dos rapazes para se misturar com elles a fim d'escapar, por meio d'este disfarce, á perseguição da sua comadre Morte. Ao cabo de tres dias, andando o compadre Bernardo jogando á pata, no adro, com os rapazes, passou a Morte e perguntou: «Ó rapazes, vocês viram para aqui o meu compadre Bernardo?» Salta elle do meio dos seus companheiros e diz: «Sim senhor, esse moço passou agora ahi fugindo adiante d'uns poucos de rapazes, por essa rua adiante.» A Morte, ouvindo isto, lançou-lhe mão d'um braço e puxando-o, proferiu o seguinte: «E' o mesmo; uma vez que não está aqui o meu compadre Bernardo, quer dizer que levarei este velho pellado.»

[1] Caiu-lhe a *balsa em baixo* = ficou esmorecido, desanimado. L. P.

Da tradição oral
(*Brinches*)

ANTONIO ALEXANDRINO.

JOGOS POPULARES

II

A bóla [1]

O jogo da bóla constituia, entre a rapaziada do concelho de Serpa, um divertimento dos mais alegres e ruidosos.

Actualmente vemol-o abandonado, e comtudo não se nos depára outro que rasoavelmente o substitua.

O jogo da bóla era proprio da estação do inverno, e realisava-se em extensos terreiros ou rocios, situados ordinariamente nos arrabaldes das povoações. Ainda hoje os habitantes d'esta região indicam os sitios que serviam de theatro ao referido jogo.

Posto isto, passemos á sua descripção: Reunem-se varios rapazes em um determinado largo, préviamente munidos de uma bóla de madeira, e de maços ou mócas de madeira tambem. Cada jogador possue o seu maço ou móca. Em seguida, abrem uma cova no chão, e em torno d'ella, formando um circulo, fazem outras tantas covas quantos os jogadores menos um. A cova do centro é a

[1] Jogo da bola ou da pinada.

maior, e serve para n'ella ser encerrada a bóla, como adiante se verá.

A cada jogador pertence a sua cova, á excepção d'aquelle que tem d'andar com a bóla, ao qual se dá o nome de caçador.

Para se saber quem ha de ser o caçador, qualquer dos parceiros péga n'uma pedrinha, e, levando as mãos atraz das costas, fecha-as e apresenta-as immediatamente a outro companheiro.

Ambas as mãos teem o dorso voltado para cima, e o jogador a quem ellas são apresentadas, bate com a sua mão direita n'aquella que elle julga não conter a pedrinha. Se a pedrinha effectivamente lá não está, fica livre d'andar com a bóla; no caso contrario toma a citada pedrinha, e, usando da mesma manobra que acabâmos d'apontar, apresenta-a a um outro companheiro.

E assim vae a pedrinha passando de mão em mão, até chegar ao ultimo dos parceiros, o qual fica sendo o caçador.

Logo que se saiba quem é o caçador, os jogadores enfiam os maços nas respectivas covas e preparam-se para defender o circulo, do caçador que a todo o custo procura encerrar a bóla na cova central. A bóla gira á mercê das pancadas que o caçador lhe dá com o maço, e de cada vez que ella se approxima do circulo, é repellida violentamente pelas *pinadas* [1] vibradas pelos jogadores. E' precisamente no acto em que o caçador pretende romper o circulo, para encerrar a bola, e os jogadores se oppõem a esta pretensão, que o jogo adquire toda a sua importancia. Desenvolve-se, n'esse momento, uma lucta muito acesa entre os jogadores e o caçador: os paus cruzam-se no ar, as pinadas succedem-se vertiginosamente, e cada jogador tem o cuidado de não abandonar a sua cova para não a ver immediatamente occupada pelo caçador, que a seu turno tambem diligencía encerrar a bola ou apanhar qualquer cova, que veja vasia. Achâmo-nos, pois, n'esta altura em presença d'uma scena agitadissima, animada, como é facil d'imaginar, por enorme algazarra.

Acontece muitas vezes, no meio d'este vivo e engraçado turbilhão, enfiarem na mesma cova dois maços; claro que, n'este caso, um dos maços tem de sair. E para saber-se qual d'elles ha de ser, adopta-se o seguinte processo: um dos jogadores approxima-se da cova onde se deu o empate, fecha os olhos e, collocando a mão aberta entre os dois contendores, vae dizendo a bater ora n'um ora n'outro: — «Trócas baldrócas no cu-cu-ru-cu — quem s'enganou? — enganaste-te tu». O jogador em quem bateu a mão ao pronunciar-se a ultima palavra, é que perde, e é. por conseguinte, esse que tem d'andar com a bola. Ha ainda outro processo de resolver o empate: um dos jogadores mette o seu maço entre os dos contendores, e agarrando-lhe n'uma das extremidades com ambas as mãos, vae andando á roda até um dos outros dois maços sair. N'este caso, o dono do maço, que saiu, perdeu a cova.

O jogador precisa estar sempre álerta durante o exercicio, porque, ao menor descuido, o caçador, se é dextro e vigilante, apanha-lhe a cova.

Supponhâmos agora que o caçador, atravessando o circulo formado pelos jogadores, consegue encerrar a bola na cova central — o que tem as suas difficuldades: N'esta hypothese, segura a bola, o melhor que póde, com o seu maço, e convida um dos jogadores a vir desencerral-a. O jogador convidado bate então, servindo-se do maço e com toda a força, tres pancadas na bola encerrada, afim de a fazer saltar da cova. Se ao fim das tres pancadas a bola permanece encerrada, o mesmo jogador perde e tem de ceder a sua cova ao caçador, cujo logar elle vae occupar.

Os jogadores teem todos o direito de pedir *marróias*. Quando qualquer joga-

---

[1] Pinada: pancada dada na bola com o maço.

dor as pede, o caçador, dirigindo-se para junto d'elle, atira com a bola ao ar para que lhe dê, aquelle, com o maço. Mas se a bola é errada, o jogador que pedira a marróia perde e fica portanto sendo o caçador.

Os parceiros trocam ás vezes entre si as covas, e quando muitos o fazem ao mesmo tempo, estabelece-se uma tal confusão e alarido, que facil se torna ao caçador, se é agil, apanhar cova onde se installe. Aquelle que no meio d'esta divertida peripecia perde a cova, fica sendo o caçador, e é alvo de grande troça por parte dos companheiros.

O logar de caçador não tem nada de invejavel, porque o mesmo precisa andar constantemente com a bola junto dos jogadores, vendo-se frequentes vezes obrigado a ir buscal-a a longas distancias.

Não é raro vêr os jogadores estorcendo-se com dôres, agarrados ás canellas, por apanharem com a bola arremessada pelos maços; e tambem se observa, ás vezes, na refrega das pinadas, levarem os parceiros com os maços, embora involuntariamente.

Tal é, em suas minucias, o activo e apparatoso jogo da bola, que, como dissémos, já deixou de ser usado entre nós.

Serpa.

LADISLAU PIÇARRA.

PROVERBIOS E DICTOS

I

Mulher doente, mulher p'ra sempre.

II

Mais dá o rico crú, que o pobre nú.

III

Mulher feia, á luz da candeia.

IV

De conselhos e mulher feia tenho eu a barriga cheia.

V

Arco-iris á tarde, não vem cá em balde.

VI

Aberta em Castella,—agoa na terra.

VII

Mal vae ao cavalheiro quando não chove em Fevereiro.

(Da tradição oral)

(Continúa)

Serpa.

CASTOR.

ADIVINHAS

V

A AMÓRA

Sou verde, nasço do verde;
Corre-me o sangue sem dôr;
Tenho tres mudanças no anno,
Sem nenhuma ser d'amor.

VI

O OVO

O *pellicós* não tem *cós*,
Nem pés, cabeça, nem bico;
Já seu filho *perliquitico*
Tem pés e cabeça e bico

(Da tradição oral)

(Continúa).

Serpa.

CASTOR.

BIBLIOGRAPHIA

Por absoluta falta de espaço, somos obrigados a retirar hoje esta secção, que daremos impreterivelmente no proximo numero.

D. N.

Anno I — N.º 3 SERPA, Março de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

Collaborador artistico: — F. VILLAS-BOAS

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I — N.º 3 SERPA, Março de 1899 **Série I**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

A MORTE E O INVERNO

I

Com o titulo d'este artigo escrevi em 26 de novembro de 1877 o seguinte, que saíu a lume na revista *A Renascença*, dirigida por Joaquim d'Araujo, e da qual sem duvida pouquissimos dos meus leitores d'hoje terão conhecimento, graças á facilidade com que em Portugal desapparecem as publicações da natureza das d'aquella.

«Em 1867 o sr. Furtado, hoje pharmaceutico em Bragança descreveu-me em Coimbra o seguinte uso, que havia e ha ainda, segundo creio, na primeira dessas cidades: «A Misericordia de Bragança aluga em quarta feira de Cinza um fato que tem pintado um esqueleto com uma mascara figurando a caveira; ha sempre muitos alugadores, cada um dos quaes não póde trazel o mais que uma hora; durante ella entra em todas as casas que lhe agrada e percorre as ruas perseguindo os rapazes com a fouce e um tirapé; estes vão atraz delle, correndo-o á pedrada e gritando:

> Ó morte!
> Ó piela!
> Sete costellas e meia,
> Nariz de canella.

O sr. J. A. d'Almeida no seu *Diccionario abreviado de Chorografia* refere este costume, com uma variante nos versos:

> Ó morte
> Ó piella,
> Tira a chicha
> Da panella.

O sr. Theophilo Braga no seu livro *Epopêas da raça mosarabe* reproduz a noticia do chorographo e interpreta da seguinte maneira aquelle costume: «O resultado desta lucta do catholicismo e do despotismo contra a poesia e liberdade dos mosarabes, vê-se na mudez e falta de festas nacionaes do povo portuguez. Quando a burguezia da Europa trabalha e ri, sentindo-se forte, productora, com a consciencia dos seus direitos, em Portugal ainda se obedece ao pesadello da *Dança da morte* que aterrou na idade media (p. 325).» «Com isto divertem a alma popular (p. 326).»

A dança macabra ou dança da morte pertence ao dominio da literatura e da iconographia; com quanto se fizessem representações mimicas della (uma, por exemplo, em Paris, em 1424, no cemiterio dos Innocentes) nunca entrou no dominio dos costumes populares; demais a piella percorrendo as ruas e sendo perseguida e perseguidora dos rapazes não dá ideia da morte, dançando com os representantes dos tres estados ou das diversas classes sociaes. Esse assumpto parece ter tido muito pouca voga em Portugal. É a mythologia que nos dá a explicação daquelle costume de Bragança,

ultima transformação duma cerimonia alguns milhares d'annos mais antiga que a dança da morte.

Nos antigos cultos naturalisticos occupavam um grande lugar as cerimonias que symbolisavam o giro das estações, em que a imaginação mythoepica das nações indo-europeas via um drama, que reproduzia em ponto grande o drama quotidiano da lucta do dia e da noite, da luz e das trevas; a divindade solar um momento vencida saía por fim triumphante da lucta. O inverno era um parallelo da noite, como o verão (as estações primitivas eram essas duas) do dia. Como a noite era identificada á morte, assim o inverno foi considerado como a morte. Não é o inverno a morte da natureza, da qual esta ha de resuscitar sempre com novo vigor e belleza? Que immensa alegria quando vinha a primeira ave da primavera, quando no prado desabrochava a primeira flôr! O inverno, a morte, estava vencida e na sua alegria os nossos antepassados não se contentavam com metter ao campo o arado e pensar e curar das cousas positivas da vida: haviam de vingar-se do inverno pelas suas proprias mãos, vingança bem innocente, mas que por certo lhes dava immenso jubilo. Um homem, uma figura mesma, symbolisando o inverno, era perseguida pelas povoações, com cantos adequados, ou então um combate entre o inverno e o verão era representado por dous contendores escolhidos.

Quasi todos os costumes populares têem as suas raizes nos velhos cultos naturalisticos. O singular costume de Bragança explica-se com toda a clareza pela cerimonia de *expulsar o inverno.*

Jacob Grimm, que mostra com evidencia a identificação do inverno e da morte (*Deutsche Mythologie,* 3 Ausg. p. 726 ss.), depois de referir o costume da lucta do *Inverno* e do *Verão,* ainda hoje muito em voga na Allemanha, diz-nos que nos cantos franconios desappareceu inteiramente a menção do verão, subsistindo apenas com mais força a ideia da *morte expulsa.* Raparigas do campo de 7 a 18 annos percorrem as ruas das cidades, levando debaixo do braço esquerdo um pequeno feretro aberto, de que pende um panno de linho que cobre uma *boneca.* O seu canto unisono começa:

> Heut ist mitfasten.
> *Wir tragen den Tod ins wasser, wol ist das.*

«Hoje é o meio da quaresma; nós vamos deitar a morte ao rio; bom é isto.» Não desejando dar mais que uma succinta explicação do costume de Bragança, omitto a menção das variantes da cerimonia, como a acho descrita nos mythologos allemães; contentar-me-hei com mais uma noticia. Os Sorbos no Oberlausitz (refere Grimm, o. c. p. 731) fazem uma figura de palha e farrapos; a pessoa em cuja casa se deu o ultimo fallecimento deve dar a camisa; a ultima noiva deve dar o veu e os farrapos necessarios; o espantalho é espetado em cima dum barrote alto e levado a correr pelas mais fortes raparigas do campo, que cantam todas:

> lecz hore, lecz hore!
> jatabate woko,
> pan dele, pan dele!

«vôa alto, vôa alto, anda de roda, cáe para baixo, cáe para baixo.» A figura é corrida á pedrada; quem lhe acerta não morre nesse anno.

O dia da lucta do *Verão* e do *Inverno* ou da *expulsão da morte* varía segundo as localidades; mas a quarta dominga de quaresma (dominica lætare) ou meio da quaresma são os dias mais escolhidos; nos arredores de Boitzenburg no Ukermark a festa acha-se inteiramente deslocada, porque a lucta do verão e do inverno se representa pelo Natal (A. Kuhn und W. Schwartz, *Norddeutsche Sagen, Murchen und Gebräuche.* 1848, p. 403); não é pois de extranhar que em Bragança a *Morte* percorra as ruas em quarta feira de Cinza, e tanto menos

GALERIA DE TYPOS POPULARES

III

Velho camponez, de calção e polainas

quanto provavelmente se quis dar um sentido christão a um costume d'origem puramente pagã. A *serração da velha*, o *enterro do bacalhau*, os *Judas* de sabbado da Alleluia têem a mesma fonte que a expulsão da morte; mas o exame desses costumes ficará para outra occasião.»

II

Depois da publicação das observações que reproduzi, foi repetida a explicação dada da *morte piella*, da *serração da velha*, do *enterro do bacalhau*, da *queima dos Judas* (a das ultimas tres festas simplesmente indicada) em mais dum escripto de pessoas que entenderam não dever citar-me, o que prova que o meu artiguinho foi considerado bem commum, o que só podia ser motivo de satisfação para mim.

Lendo ha pouco na traducção franceza um dos ultimos livros do celebre orientalista Max Muller, *Nouvelles études de mythologie* (Paris, 1898), renovou-se no meu espirito a memoria de ambiciosos planos d'estudos nelle formados ha cerca de 35 annos quando uma outra obra do mesmo auctor, as *Lectures on the Science of Language*, me revelou o mundo desconhecido da glottologia e da mythologia. Muito foi, entretanto, por mim colhido para realisar o plano então traçado e apenas fragmentos dispersos tenho dado a lume de minhas investigações, cuja parte relativa ás tradições populares portuguezas, commentadas com o auxilio dos trabalhos de que teem sido objecto as dos outros povos, me tenho visto obrigado a pôr de lado nestes ultimos annos. Surgem agora mais duas publicações sobre aquelle assumpto, a presente e *Portugalia*, de que em breve sairá o primeiro numero, sob a direcção de Rocha Peixoto e Ricardo Severo. Como os novos, de quem muito se deve esperar, me exprimiram o amavel desejo de que eu fosse seu collaborador, ministrar-lhes-hei algumas das velhas notas, completadas, quando possivel, com elementos de mais recente acquisição. E para começar nesta revista, cedi ainda uma vez á inspiração de Max Muller, que no livro recente alludido se occupa a pp. 509-517 do inverno e da morte, a proposito de Mamurio.

Mamurius Veturius era na tradição romana o artifice que fabricara os *ancilia*, os escudos sagrados dos salios, feitos pelo modelo dum caído do ceu no tempo de Numa, no qual viveu, segundo a lenda, aquelle ferreiro. Na vespera dos idos de março, era costume que um homem vestido de pelles percorresse Roma e fosse repellido e expulso della com varas brancas: chamavam-lhe Mamurius Veturius. Já L. Preller (*Roemische Mythologie*, 2.ª ed. p. 317) approximara esse costume do da expulsão do inverno na Allemanha. M. Mueller renova essa connexão, sem referencia todavia a Preller, mas sim a Hanusch na sua obra sobre a *Sciencia dos mythos slavos*, a J. Grimm, que eu citara, e a Usener, cujo livro sobre os *Mythos italicos* ainda não vi.

O auctor de *Nouvelles études de mythologie* diz:

«Nós dizemos sem duvida: «Morreu o anno»; mas esta expressão, em nossa boca, significa apenas que o anno acabou. O nosso anno morre com o anno civil no ultimo dia de dezembro, no dia de S. Silvestre; e a prova que essa data era já festejada pelos pagãos está no costume, entre outros que não são puramente christãos, d'enterrar S. Silvestre nesse dia. Em muitos logares não é nem a noite de Natal, nem a de S. Silvestre, mas a Epiphania que se considera como o verdadeiro começo do anno christão. Na antiguidade, a guerra entre o sol e o anno velho ou o genio do inverno durava até aos primeiros dias da primavera, até á volta da luz e do calor. Os romanos punham o começo do anno no mês de março, os slavos no primeiro dia da primavera. Nessa epocha, nas proximidades do equinoxio, é ainda costume em

diversos países da Europa «levar para fóra, expulsar o anno,» isto é enterrá-lo. «Levar para fóra» era primitivamente a expressão usada para o transporte do cadaver para fóra da aldeia, para o inhumar ou queimar, em latim *effere* ou *condere.*»

Extrahindo varios exemplos da cerimonia da expulsão do *inverno*, da *morte*, do *velho* ou da *velha*, o que é na essencia a mesma coisa, exprime M. Mueller o receio de que «se ache fastidioso repetir sempre as mesmas historias». Mas em Portugal essas historias são muito pouco conhecidas, porque os nossos folkloristas são em regra fraquissimos na parte comparativa e explicativa, sendo até recommendavel aos que não possam conhecer bem e aproveitar os trabalhos capitaes que interessam ao assumpto, limitarem-se a colligir os factos de casa.

Depois do que eu lera em J. Grimm (*Deutsche Mythologie* 3.ª ed. p. 741 seg.) em 1871 não tivera mais nenhuma duvida do que era a *serração da velha:* a *velha* aqui era o anno velho (a morte, o inverno). Sobre essa cerimonia, degenerada em meio de lograr os papalvos, escrevi alguma coisa na *Revista d'ethnologia e de glottologia* p. 58-59. O grande philologo allemão cita o costume em Barcelona (de A. Laborde, *Itinéraire de l'Espagne* I, 57-58), na Italia *(segare la vecchia)*, entre os slavos, etc.

«Todos os slavos que vivem nos campos, diz M. Mueller, fallar-vos-hão duma velha que se leva para fóra da aldeia e se queima, enterra, afoga, ou serra em bocados nas proximidades do equinoxio de primavera, ora no domingo de *Laetare*, ora no domingo dos Ramos. Essa velha chama-se Marena na Moravia, Marrana na Polonia e na Silesia, Smrt na Bohemia, Smerc entre os wendes, noutras partes Muriena ou Mamurienda (cp. Mamurius). O sentido primitivo de todas essas palavras parece ter sido morte ou inverno.» Fundando-se sobre textos reunidos por Usener diz ainda o mesmo auctor: «Na mesma epocha do anno leva-se pelas ruas, na Italia, um boneco horrendo e serram-no ao meio, soltando grandes gritos. Esse costume chama-se *siegar la vecchia* no Veneto, *segar la veccia* perto de Roveredo e de Trieste, *segare la monaca* em Toscana.»

Nalgumas partes o inverno (a morte, o anno velho, etc.) é queimado, como já se vê das palavras acima citadas de M. Mueller a proposito dos slavos.

J. Grimm diz (p. 730):

Na Bohemia as creanças levam um *homem de palha,* que deve representar a morte, ao cabo do lugar e queimam-no e cantam:

> giz resem *Smrt* ze wsy,
> nowe *Leto* do wsy;
> witey *Leto* libezne,
> obiljcko zelene!

«já expulsamos a morte do logar e trazemos para elle o novo estio; bem vindo sejas querido estio, verde trigozinho!»

Em Portugal obscureceu-se muito cedo o sentido mythico dessas festas da natureza, já por influencia do catholicismo e d'interpretações erroneas, já pela pobreza de espirito poetico do povo. Comparem-se os versos cantados pelos slavos na expulsão da morte com as rimas ridiculas e chatas da *piella* de Bragança. Interpretou-se a velha que se serra como representando a quaresma, e talvez por isso se collocou a cerimonia exactamente no meio da quaresma numa quarta feira, fazendo a saír da quarta dominga, domingo *Laetare*. O odio christão por Judas fez ver este na imagem da morte que se queima; e depois figurou-se no Judas um individuo determinado da povoação em que se celebra a cremação. No Porto, no Largo dos Loios, ha annos vi queimar um Judas que se dizia representar certo caixeiro, pouco sympathico aos collegas, que acompanharam a cremação com gargalhadas alvarissimas.

A festa da morte do inverno attingiu o ponto infimo da mais indigna prosa ou

enterro do bacalhau, que nos mostra como se acabam por interpretar do modo mais arbitrario os costumes que já não se comprehendem, sem deixar de os praticar, em resultado do poder enorme do habito e da imitação (*).

Lisboa, 29 de janeiro de 1899.

F. ADOLPHO COELHO.

NA QUARESMA

(Notas avulsas)

Em Serpa, onde o povo trabalhador cultiva dia a dia os classicos descantes, como a favorita distracção agradavel e deleitosa, o que primeiro nos denuncia o advento do periodo quaresmal é a prompta substituição das canções religiosas ás canções d'amor.

Perderam-se na manhã de quarta-feira de Cinza os ultimos accentos das modas-estribilhos mais em voga durante o carnaval; e logo depois ouvem-se os canticos religiosos, na falla de creanças innocentes, que passam pela rua, e na voz fresca e sonora de rubicundas camponezas, dispersas pelo campo na laboriosa faina da agricultura. E' assim a lettra d'esses canticos, cuja toada merencorea e branda se vem perpetuando, immutavel, de geração em geração:

— Além vem Jesus
— Que lhe *queres* vós?
— Quero ir com elle
Porque leva a cruz.

Seus braços abertos,
Seus pés encravados,
Derramando o seu sangue
Por nossos peccados.

A terra tremia
Co'o pezo da cruz;
Dizendo nós tres vezes:
— Salvae-nos, Jesus!

Salvador do mundo,
Que a todos salvaes,
Salvae as nossas almas!
Bemdito sejaes!

Olhae para o ceu,
Verás uma cruz.
Capella de rosas,
Menino Jesus.

Olhae para o ceu,
Verás um craveiro.
Capella de rosas,
Menino cordeiro.

Olhae para o ceu,
Verás 'ma Maria:
Capella de rosas
Cheia d'alegria.

Perguntae aos anjos
Que vem de Belem;
Os anjos que digam
Para sempre, amen.

Virgem-Mãe do Carmo
Mandou-me um recado:
Que cantasse e rezasse
O bemdito-louvado.

O bemdito-louvado
Não me ha-de a mim esquecer,
Que a Virgem-Mãe do Carmo
Nos ha-de valer.

Nos ha-de valer
Com todo o seu valor,
Rainha-Mãe dos Anjos,
Do ceu resplandor!

Do ceu resplandor,
Dos anjos maravilha,
Oh! como é divina
A Virgem Maria!

Pois d'ella nasceu,
Nasceu o bom Jesus,
Que morreu p'ra nos salvar
Nos braços da cruz.

Nos braços da cruz
Morreu p'ra nos salvar,
E nós peccadores
Sempre a peccar.

(*) A queima do Judas e o enterro do bacalhau fazem-se em sabbado d'Alleluia.

Os periodicos deram noticia de se ter repetido este anno a saida da *morte piella* em Bragança.

Sempre a peccar,
Sem emenda ter.
Devêmos considerar
Que havemos morrer.

Havemos morrer,
E que conta havemos dar
A'quelle Senhor,
Que nos ha-de salvar ?

Virgem-Mãe santissima,
Estrella do norte !
Pedi ao Senhor
Nos dê bôa sorte.

Que eu sou peccador,
Não lhe sei pedir ;
Não sou merecedor
Do Senhor me ouvir.

Do Senhor me ouvir
Não sou merecedor,
Virgem-Mãe Santissima,
Mãe do Redemptor !

Mãe do Redemptor,
Mãe nossa tambem,
Levae-nos á gloria
Para sempre. Amen.

Além d'estas quadras, cantam ainda as camponezas, no tempo da quaresma, alguns romances e lendas, taes como o *Lavrador da Arada*, a *Dona Maria*, a *Sylvania*, a *Virgem da Lapa*, etc., etc. (*) E em toda a semana santa, entre os numerosos ranchos de guapas moçoilas, que arrancam da seara as ervas maninhas, são cantares escolhidos os

Martyrios do Senhor

Meu bom Jesus do Calvario,
Tendes a cruz d'oliveira,
Vós sendo o mais doce cravo
Que nasceu entre a roseira !

Vosso nome santo é,
Que é Jesus de Nazareth.
Aqui tendes a minh'alma
Que vem morrer pela fé.

Vosso divino cabello
Mais fino é que o fino oiro.
Aqui tendes a minh'alma,
Mettei pró vosso thezoiro.

A vossa santa Cabeça
C'roada com duro'espinhos !
Paramonde (*) os meus peccados
Passastes, Senhor, martyrios.

A vossa divina testa
Correndo sangue áos rigores !
Paramonde os meus peccados
Passastes, Senhor, as dores.

Os vossos divinos olhos
Inclinados para o chão.
Paramonde os meus peccados
Passastes, Senhor, paixão.

Vosso divino nariz
Já lhe tiraram o cheiro :
Foi no reino dos judeus,
Que o venderam por dinheiro.

As vossas divinas faces
Cheias d'escarros nojentos !
Paramonde os meus peccados
Passastes, Senhor, tormentos.

Os vossos divinos beiços,
Mais roxos que os roxos lirios !
Paramonde os meus peccados
Passastes, Senhor, martyrios.

A vossa divina bocca
Cheia de fél amargoso,
Paramonde os meus peccados,
Oh meu Deus todo-poderoso !

Vossa divina garganta
Lhe enlearam uma corda !
Meu bom Jesus do Calvario,
De nós tende misericordia !

O vosso divino peito
Foi aberto com uma lança :
Entrae minh'alma p'ra dentro,
Vós lhe daes a confiança.

(*) N'um dos proximos numeros d'esta revista iniciaremos a publicação de romances e lendas populares do Alemtejo.

D. N

(*) *Paramonde* = por amor de ; por causa de

D. N.

Os vossos divinos braços
Vos pregaram n'uma cruz,
Paramonde os meus peccados,
Oh meu amado Jesus!

Vossa divina cintura,
Com 'ma toalha cingida!
Paramonde os meus peccados
Pei destes, Senhor, a vida.

Vossos divinos assentos,
Sentados na pedra fria!
Paramonde os meus peccados
Passastes, Senhor, agonia.

Vossos divinos joelhos
Arrastados pelo chão!
Paramonde os meus peccados
Passastes, Senhor, paixão.

Os vossos divinos pés,
Mais brancos que a neve pura,
Correndo rios de sangue
Pela rua da amargura!

O vosso divino corpo,
Todo chagado e ferido!
Paramonde os meus peccados
Fostes vós, Senhor, vendido.

Aquella santa mulher
Que vos foi vêr no Calvario,
Foi quem a vós, Senhor, deu
O vosso santo-sudario.

Oh mães que tiverem filhos,
Ajudae-me a chorar!
Aquellas que os não teem
Não podem sentir meu mal.

Mulheres que tenham filhos,
Ajudae-me com valor,
Ajudae-me a chorar
A morte do Redemptor!

Estas doze (?) petições
Vos offereço a vós Senhor.
As portas do ceu se abram
Quando eu d'este mundo fôr;
E as do inferno, fechadas
Para todo o peccador.

*
* *

Parece-nos conveniente, debaixo do ponto de vista que nos guia, enumerar as procissões relativas á quaresma, ao lado d'outros factos, de indiscutivel valor ethnographico, que tambem se observam aqui e na mesma quadra.

Chronologicamente, a primeira procissão é a de Penitencia ou dos Terceiros, realisada no primeiro domingo da quaresma; sae do antigo convento de S. Francisco e promove-a a irmandade da Ordem Terceira do mesmo santo.

A segunda, a de Passos, verifica-se no quinto domingo da quaresma, saindo da egreja de S. Salvador.

A terceira procissão, do Triumpho, ou vulgarmente dos Ramos, tem logar no domingo da Paixão e sáe da egreja denominada o Santuario (séde da irmandade do Carmo), que foi pertença, ao que nos consta, da rica ordem de S. Paulo.

E' immensamente grande e pesado, de rebentar, o pendão da procissão de Ramos. Pois outr'ora — contam os velhos — era preciso mover altos empenhos para conseguir-se empunhar o afamado pendão! E a creatura feliz que tal honra lograva, tinha de pagar por isso, á irmandade do Carmo, entre cinco e quinze alqueires de trigo. Hoje succede exactamente ao invez: é a irmandade que paga ao *pendaneiro*, não facil de encontrar, mesmo com ser gratificado.

Reatando. Em quarta-feira de trevas, pela manhã, costuma sair processionalmente o sagrado viatico, que é ministrado aos enfermos e encarcerados. Porém, a quarta procissão propriamente dita, que aliás já se extinguiu, era a da Visitação ou das Bandeiras, assim chamada porque, ostentando no prestito sete bandeiras, visitava as egrejas de S. Salvador e Santa Maria. Effectuava-se esta procissão na quinta-feira d'Endoenças, á noite, — os templos rescendendo o dúlcido perfume do rosmaninho, symbolo da tristeza e da paixão, (*) — e saía da Santa Casa da Misericordia, de ha longos annos instal-

(*) Diz-se aqui: «quem passou pelo rosmaninho e não cheirou, da morte de Jesus Christo se não lembrou»; e a gente do povo, sempre que encontra a aromatica labiada, aspira-lhe o perfume com intima devoção. D. N.

CANCIONEIRO MUSICAL

III

VÂE COLHER A SILVA

(CHOREOGRAPHICA)

lada no vasto convento que pertenceu aos religiosos paulistas.

A quinta e ultima procissão da quaresma, tambem nocturna, é, na sexta-feira santa, a do enterro do Senhor, que sáe como a antecedente da egreja da Misericordia.

*
* *

Durante a semana santa dão-se as consoadas — presentes de bôlos e doces, ou, mais vulgarmente, de amendoas confeitas.

Consagrando este costume secular, a Misericordia, de Serpa, — um estabelecimento que disfructou avultados rendimentos e hoje vive em precarias circumstancias, mercê da conversão forçada dos seus bens nas quasi improductivas inscripções nacionaes — a Misericordia distribuia profusamente as consoadas por grande numero dos seus irmãos e servidores. Tinha o provedor seis arrateis de amendoas confeitas; o thezoureiro, dois arrateis; dois arrateis, o capellão e os prégadores de quinta e sexta feira maiores; e eram egualmente contemplados, cada um com seu arratel, os doze irmãos mesarios, os padres que assistiam ás festas de Endoenças, os enfermeiros, o andador e mais o servo que acarretava o trigo dos fóros. Isto sem fallar d'uma infinidade de bôlos—queijadas, raivinhas (*), biscoitos, etc., que na propria casa da Misericordia se franqueava a diversos irmãos.

*
* *

No sabbado santo, ao amanhecer, ha aqui uma especie de mercado, largamente concorrido, de borregos e cabritos.

Os pastores das cercanias trazem para a villa o gado em a noite anterior e o recolhem dentro de improvisados redis, n'um determinado largo ou rocio junto da povoação, onde depois o mercado se realisa.

Munidos de grozas de chocalhos pertencentes a esse gado, magotes de rapazes aguardam, impacientes, á porta das freguezias o primeiro toque dos sinos. E tanto que estes vibram, n'um repicar festivo, eis que o rapazio se precipita a correr por essas ruas fóra, em chocalhada estridula, a que se junta o estampido de não poucos tiros de espingarda, e o ruido atroador de guizadas, de buzios, e de toda a vária sorte de pancadaria. São as alleluias.

M. Dias NUNES.

(*) Bôlos feitos de farinha, ovos e mel.

D. N.

Modas-estribilhos alemtejanas

Vae colher a silva

Vae colhél-a silva,
Vae colhél-a, vae!
Se a fôres colhéra,
Não digas — ai! ai!

Não digas — ai! ai!
Não digas — ai! ui!
Vae colhél-a silva,
Vae, que eu tambem fui.

Notas. — Esta moda foi a predilecta do povo serpense durante o carnaval.

Em andamento de alegreto, dança-se *ao meio*, nos bailes de roda, conforme a descripção feita em o numero antecedente da nossa revista.

— Na linguagem popular, quando á forma verbal terminada em *r* segue immediatamente *o, a, os, as,* seja embora artigo, aquella lettra é geralmente substituida pela euphonica *l*, tal como acontece em Vae colhél-a silva.

M. Dias NUNES.

THERAPEUTICA MYSTICA

Os multiplos e variados meios que o povo costuma empregar para debellar as doenças que o affectam, dividem-se em dois grupos perfeitamente distinctos e independentes. Temos, dum lado, o tratamento dos doentes, baseado na simples observação e experiencia popular, e transmittindo-se de geração em geração; doutro lado, as diversas praticas inspiradas no poder divino, vindas egualmente até nós por via da tradição.

A estes dois sistemas de tratamento, correspondem, no primeiro caso a medicina empirica, no segundo, a medicina mystica.

A medicina mystica, segundo o testemunho d'historiadores conscienciosos, tem as suas raizes nos povos da mais remota antiguidade. Com effeito, no seio desses povos, os padres converteram em um verdadeiro monopolio a arte de curar, envolvendo-a nas nuvens da superstição e do mysterio. E para que ella saisse do santuario dos templos, onde estreitamente se achava encerrada, foi necessario que os filosofos corressem a illuminar os espiritos com o fulgor da sua critica vivificante. (*)

Mais tarde, á medida que as sciencias iam constituindo-se, a medicina abandonava o seu grosseiro empirismo e rasgava desassombradamente os veos mysteriosos que a encobriam, para se transformar numa arte cada vez mais racional. Em nossos dias, graças aos progressos dos estudos biologicos, vemos a arte medica adquirir um caracter verdadeiramente scientifico e triunfar vigorosamente de todos os erros e prejuizos que a cercavam.

Todavia, apesar do extraordinario desenvolvimento das sciencias medicas, e da sua manifesta propagação, ainda hoje gozá de grande voga, entre o publico, a pretenção de curar os doentes por meio de processos mysticos, taes como: benzeduras, encommendações, promessas, etc.

(*) Lepelletier de la Sarthe: Nouvelle Doctrine Medicale, p. 34-35.

De todos estes processos,—em secção especial e subordinada ao titulo de *Therapeutica mystica,*—iremos fazendo minuciosa descrição; pois que, deste modo, julgâmos fornecer elementos dalgum valor para a historia da medicina e, particularmente, da psicologia popular.

I

Benzedura contra a inflammação d'olhos

(Farpão, cravo e rècha) *

O doente senta-se numa cadeira, e na sua frente, sentada noutra, colloca-se a pessoa que benze. A benzedeira tem na mão direita uma navalha aberta e na esquerda um pedaço de loendro. Em seguida, agitando a navalha, com o gume voltado para os olhos, e traçando cruzes no ar, diz:

—«Jesus! que é santo nome de Jesus! —onde se nomeia o nome de Jesus, não ha perigo nenhum. — Onde o santo nome de Jesus se nomeou, este farpão secou e mirrou. — Onde o santo nome de Jesus se ha de nomear, este farpão ha de secar e mirrar».

—«Corto»—acrescenta a benzedeira.

—«Farpão, cravo e récha»—responde o doente.

—«Farpão e cravo corto»—continua a benzedeira—«récha atalho, em louvor de S. Pedro e S. Paulo. Vermelha o que fazes ahi? Como, bebo e estou aqui; de vermelho visto, de vermelho calço e de vermelho ando a cavallo. Eu te corto farpão, eu te corto pelo pescoço, eu te corto pelos braços, eu te corto pela cintura, eu te corto pela barriga, eu te corto pelas pernas e eu te corto pelos pés Aqui te hei de cortar, aqui te has de secar e aqui te has de mirrar, que d'aqui não has de passar. Em louvor de Deus

(*) O povo pronuncia récha em vez de: rácha.

e da Virgem Maria.—Padre Nosso, Ave-Maria.»

Depois de proferidas estas palavras, e emquanto reza, em voz baixa, o Padre Nosso e a Ave-Maria, a benzedeira corta na extremidade do pedaço de loendro.

Toda a reza que acabamos d'expôr, deve dizer-se cinco vezes e sempre pela mesma fórma; e no fim faz-se o offerecimento á Senhora Santa Luzia. Eis a offerta:

—«Offereço estas cinco orações á Senhora Santa Luzia, que livrou este olho de farpão, cravo e récha. Em nome de Deus Padre e da Virgem Maria. — Padre Nosso, Ave-Maria.»

*

O tratamento mystico, muito poucas vezes é empregado exclusivamente. D'ordinario, os doentes e suas familias, ao mesmo tempo que se apégam com os santos, vão recorrendo á intervenção positiva dos medicos. E, para prova, citâmos o dictado seguinte, que circula entre o povo e é attribuido a clinicos antigos:

—Quando os doentes morrem, é o medico que os mata; quando escapam, salvam-nos os santos.

No caso acima referido, por exemplo, a benzedeira, d'onde colhêmos a reza, que era uma mulher do povo e analfabeta, recommendava tambem aos seus clientes o uso d'um collyrio de sulfato de zinco.

Serpa.

Ladislau PIÇARRA.

ANTIGUIDADES PORTUGUEZAS

A Ordem de Christo

A Ordem de Christo foi instituida a 15 de Março de 1319, por uma bulla de João XXII, concedida a el-rei D. Diniz, que deu á nova ordem todos os rendimentos dos Templarios.

A promulgação do monarcha diz «que a Ordem de Christo se fazia em reformação da do Templo, que se desfez».

Publicou-se a bulla a 5 de Maio, e logo mandou el-rei que se desembaraçasse o castello de Castro Marim, onde ficou a séde de tão illustre ordem, da qual foi primeiro mestre, que já vinha nomeado na bulla, o valoroso cavalleiro d'Aviz, D. Fr. Gil Martins.

O patrimonio da Ordem de Christo chegou a ser um dos mais rendosos, pois accumulou o rendimento formidavel de quatrocentas e cincoenta e quatro commendas, e de vinte e uma villas.

Convento de Santa Cruz de Coimbra

Foi fundado em 28 de Julho de 1131.

Seguido dos fidalgos seus companheiros d'armas, que constituiam n'esse tempo a côrte, presidiu D. Affonso Henriques á cerimonia da fundação do convento.

Cavou, D. Affonso, com uma enxada no logar onde havia de erigir-se a capella-mór, e enchendo um cesto com a terra excavada, o foi despejar fóra do recinto da obra. Todos os que acompanhavam D. Affonso fizeram o mesmo; era este o costume da epocha.

Existe no convento em questão o claustro da Manga, mandado construir por D. João III. Este monarcha foi quem deu o risco do claustro, que desenhou na *manga* do seu roupão; e d'ahi o nome.

Dos privilegios qu'am as Igreias e seus cimiterios e das franquezas qu'am

Privilegios e grandes franquezas am as eygreias dos emperadores e dos rreis, e dos outros senhores das terras.

E esto foy muy com rrazom, que as coisas que son de Deos ouvessem moor onrra que as dos homes.

E per ende, poys que en o titolo ante d'este falamos en que maneira devem seer feytas, e outro ssy de como as con-

sagran, convem de dizer en este das franquezas e dos privilegios quem am tãbem ellas como seus cimeterios e mostrar primeiramente que é privilegio e que quer dizer. E emquantas couzas o am as eygreias. E quaes omes pode a eygreia quãdo fogirem a elas e quaes nom; e qué devem a aver os que quebrantam tal privilegio como este.

E sobre todo diremos quaes omes ho dereyto das leys antigas sacar da eygreia.

(Das leis que D. Sancho I mandou tomar por apontamento.)

No Convento de Mafra

O maior sino do convento de Mafra péza doze mil kilos.

No mesmo convento, ha quatro orgãos cujos pedestaes são columnas de marmore, sustentadas por columnas jonicas de cinco metros e dois decimetros d'altura.

Os tubos dos orgãos teem seis metros de comprido por vinte e oito centimetros de diametro.

Antas

Estes monolithos, muito vulgares entre nós, são padrões do tempo dos protoceltas, e serviam para commemorar factos religiosos e guerreiros.

CORRÉA CABRAL.

A SERRAÇÃO DA VELHA

O antigo e vulgar uso de *serrar a velha* tambem existia nesta villa. A festa da «Mi-Carême» revestia aqui uma forma bastante curiosa, que passâmos a descrever.

Apresentava-se um homem munido dum cortiço, dentro do qual se mettia um cão e um gato. O cortiço era hermeticamente fechado, e o homem que o trazia, andava acompanhado doutros, armados de cacetes, varas, etc.

Atraz, a nota alegre do rapazio atrevido, fazendo enorme algazarra.

Um garoto, todo radiante, conduzia a serra, que havia de servir para serrar o cortiço no local do suplicio, ordinariamente, um largo, praça ou rocio. A's vezes, o referido garoto vestia d'anjo, e então, era interessante ve-lo, adornado com dois *molins*, fingindo azas, e uma cabelleira de caracoes! Na mão, levava tambem o competente lenço de cambraia, onde recolhia figos, amendoas e outras guloseimas, com que o brindavam.

Como é facil de suppôr, o cão e o gato, engalfinhando-se no interior do cortiço, faziam um barulho infernal. O qual barulho, ao mesmo tempo que provocava as gargalhadas dos circumstantes, afigurava-se, á rapaziada ingenua, como provindo da pobre velha que, ali encerrada, ia lastimando a sua horrorosa sorte.

O cortejo, assim constituido, passeava pelas diversas ruas da povoação, até chegar ao sitio convencionado para a ceremonia final, que simplesmente consistia na serração do cortiço, por entre as manifestações ruidosas do publico enthusiasmado.

O innocente *anjo*, portador da serra, é que não escapava nada bem ao terminar a cerimonia que acabamos de referir. Depois de o despojarem de todos os seus adornos, era perseguido de rua em rua e levava pancadas que nem um tambor numa festa!

Cuba.

FAZENDA JUNIOR.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

II

O lobo e a zorra

Era uma vez uma zorra, que, passando por um monturo, achou umas botas e enfiou-lhe as mãos dentro, para não se enlamear. Estando a zorra já farta de buscar o que não encontrava, metteu-se num matto onde se lhe deparou

um lobo, que lhe perguntou: «O' comadre zorra, onde comprou você essas botas?» «Onde comprei eu estas botas?!», diz-lhe a zorra, «em parte nenhuma, eu mesma as fiz.» O lobo, muito admirado, perguntou á zorra se umas botas para elle ficariam muito caras. A zorra respondeu que, as que ella trazia, haviam-lhe custado tres carneiros, duas ovelhas e quatro borregos; mas para o compadre lobo talvez se podessem fazer com um boi, quatro carneiros, tres ovelhas e uns cinco ou seis borregos. O lobo, ao ouvir falar em tão grande numero de cabeças, exclamou: «Oh! com os diabos!, isso é muito caro!» A esta observação, retorquiu a ovelha dizendo que as mãos do lobo eram muito maiores, e portanto era preciso mais cabedal. O lobo, convencido com as palavras da zorra, mostrou-se conforme, e declarou que faria das tripas coração para arranjar o gado exigido pela zorra, porque andando descalço receava tanchar-se-lhe alguma pua nas mãos que o impedisse, um par de dias, d'apanhar preza para manducar. De facto, o lobo poz-se em procura das referidas cabeças, e assim que as arranjou foi entregal-as á zorra, a qual ficou muito contente por possuir já mantimento para alguns dias, sem ter d'arriscar a pelle.

O lobo, depois de entregar á zorra o gado, perguntou-lhe quando estariam as botas promptas; ao que ella respondeu que d'ali a uns quinze dias. Passados os quinze dias, o lobo foi procurar pelas botas, mas a zorra não lh'appareceu. No dia seguinte voltou a casa da zorra, e ainda mais duas ou tres vezes, sempre com o mesmo resultado. O lobo, então, desconfiou que tinha sido enganado, e porisso jurou vingar-se matando a zorra. Andando a pensar no engano em que tinha caido, encontrou-se um dia, por acáso, de cara a cara com a zorra, a qual logo ficou sobresaltada. Perguntou-lhe o lobo: «Então, zorra maldita, onde estão as minhas botas?» A esta pergunta respondeu a zorra, com muita doçura: «Não se zangue, compadre Lobo, porque o coiro do boi é muito duro, e por conseguinte precisa estar mais uns dias na cortimenta.» Ora, o lobo, reconhecendo que já estava enganado, disse-lhe que bem sabia qual era a cortimenta, e que se preparasse para lhe pagar tudo n'aquella occasião.

A zorra deitou immediatamente a correr, e vendo um buraco, introduziu-se n'elle tão rapidamente, que não teve tempo de recolher o *rabanzôilo* (cauda comprida). O lobo apanhando esta parte fóra do buraco arrancou-a, dizendo: «Agora já não m'escapas, grande velhaca! ficas assignalada.»

No outro dia, como a zorra se visse ameaçada de perder a vida, subiu a um oiteiro e deu dois regougos, ao som dos quaes se juntaram todas as zorras d'aquelles sitios. A zorra, que tinha regougado, participou depois ás companheiras que as chamara para lhes ensinar uma dança muito bonita, que ella aprendera num paiz d'onde acabava de regressar. Mas para ellas aprenderem esta dança era necessario atarem-se os rabos uns aos outros. As zorras consentiram nesta operação prévia, e a *matreira*, assim que apanhou as companheiras de rabos atados, grita-lhes:

«O' minhas amigas, nada lhes posso ensinar agora porque vem além uma *jolda* (quadrilha) de caçadores acompanhados d'uma matilha de podengos; salve-se quem poder!» Claro está, que as zorras, apenas ouviram falar em podengos, partiram numa carreira desordenada, arrancando-se-lhes os rabos, que era exactamente o que a outra queria, por causa da ameaça do lobo.

Decorridos tempos, o compadre lobo tornando a encontrar-se com a comadre zorra, disse-lhe: «Olá!, agora é que não m'escapas!... «Eu,... compadre lobo!; que lhe fiz para estar tão zangado commigo? Pois não sabe que estou neste paiz ha seis mezes, apenas?!» «E's tu, sim, já não te recordas d'eu t'arrancar o rabo?»

A zorra, negando ter sido ella, disse ao compadre lobo que era moda o não usarem as zorras rabo, e para prova convidou-o a ir com ella ao tal oiteiro. O lobo, já mais moderado, subiu effectivamente ao oiteiro, e a zorra, dando novamente dois regougos, fez juntar as companheiras que, como ella, se achavam sem cauda. Em visto d'isto, ficou o lobo convencido que não era aquella a zorra que o tinha enganado.

III

Dois gallegos encontrando-se (*)

Era uma vez dois gallegos que marchavam no mesmo caminho, em direcção opposta. Esbarrando um no outro, diz um delles:

—«O' xeu diabo! bóxê é txégo ou não entxêrga?»

—«Entxêrga é prima irmã da albarda!»—respondeu o outro zangado.

—«Albarda xerá boxê!»—diz o primeiro ainda mais zangado—«xe não fôxe porquê já lh'eu cascaba!...»

—«Xe não fôxe porquê, já eu cascaba em bóxê!... O' xeu diabo! quem é bóxê?»

—«Eu xou filho da Biubinha e neto do Carcabian, que nan conhexe o bem que lhe fájem nem o pan que lhe dan.»

—«Oh! diabo! xeremos nós irmãos?!»

—«Pois xeremos.»

—«Então que notixias me dás do nóxo pae?»

—«O nóxo pae morreu;»—diz seccamente o gallego—«caiu d'um coibal abaixo e fez trinta réis de despeja.»

—«E então a nóxa burra?»

—«A nóxa burra tambem morreu»—respondeu o gallego chorando.

—«Oh! diabo! então choras por nóxa burra, e nan choras por nóxo pae?!»

—«A nóxa burra lebaba a gente a caballo, e nóxo pae não; e a burra custou dinheiro, e o pae não.»

—«Bem, n'êxe cájo: adeus, adeus! e até á oitra bista.»

Da tradição oral
(*Brinches*)

ANTONIO ALEXANDRINO.

(*) Os laboriosos habitantes das nossas provincias da Beira, são conhecidos, injustamente, no Alemtejo pelo nome de gallegos.

L. P.

PROVERBIOS E DICTOS

(Continuação)

VIII

Em não chovendo em Fevereiro — nem bom prado, nem bom palheiro.

IX

Fevereiro quente, não o vejas tu nem o teu parente.

X

Março, mal quanto molhe o rabo ao gato, — se de Fevereiro ficou farto.

(Da tradição oral)

Serpa.

(*Continúa*)

CASTOR.

BIBLIOGRAPHIA

O SECULO do Natal. — Simplesmente encantadora, esta notabilissima publicação, devida á iniciativa arrojada do illustre director do *Seculo*, Senhor Silva Graça,—o espirito mais incançavelmente emprehendedor que conhecêmos em Portugal.

Executado com inexcedivel esmero nas officinas da Companhia Nacional Editora e Pires Marinho, o *Seculo do Natal* apresenta-nos trabalhos artisticos de primeira ordem, como são, nomeadamente, as inspiradas producções de Roque Gameiro, Leopoldo Battistini, Antonio Ramalho, J. Vaz e Jorge Collaço.

A parte litteraria é soberba. N'ella collaboram com primorosos escriptos: Delfim Guimarães,

um poeta distincto entre os mais distinctos da moderna geração; D. Claudia de Campos, a vigorosa estylista, impeccavel, correcta, superior, que nos deu os livros magistraes *Rindo...* e *Mulheres;* Antonio de Campos Junior, o extraordinario romancista do *Guerreiro e Monge*; Teixeira Bastos, o erudito publicista que todos admirâmos; e mais uma pleiade brilhantissima de poetas e prosadores: Conde de Monsaraz, Antonio Ennes, Lino d'Assumpção, Acacio de Paiva, Lopes de Mendonça, Eugenio de Castro e D. João da Camara.

O *Seculo do Natal* é, em summa, uma verdadeira preciosidade artistico-litteraria; e bem jusramente merece os rasgados elogios que a imprensa, unanime, tem sabido consagrar-lhe.

Ao nosso muito presado amigo Senhor Silva Graça, mil parabens, e mil agradecimentos pela offerta do exemplar com que nos distinguiu.

Parecer sobre o ensino technico em Portugal, por Adolpho Coelho. — O sabio ethnologo e eminente cathedratico do Curso Superior de Lettras, Senhor Doutor Adolpho Coelho, elaborou ha pouco — representando a Secção de Instrucção Nacional da Sociedade de Geographia de Lisboa—um largo parecer sobre o ensino technico em Portugal, parecer que seguidamente foi impresso e publicado em opusculo.

Superfluo será dizer que, a recente producção do notavel homem de sciencia, é um trabalho completo, substancioso e profundo, como todos os que se devem á sua penna auctorisada.

Em nome do nosso collega de redacção, o Doutor Ladislau Piçarra, agradecêmos, penhoradamente, o exemplar que o auctor lhe offereceu.

Eiradas (versos), por Antonio Corrêa d'Oliveira. — Lémos com indizivel prazer o formoso livro de versos, que o Senhor Corrêa d'Oliveira teve a amabilidade de offerecer-nos. Lémos? — aspirámos sofregamente as suavissimas *Eiradas*, um ramilhete gentil de peregrinas flores, delicadas, mimosas e inebriantes.

Ao dulcissimo poeta, um affectuoso aperto de mão.

A Garrett, por D. Anna de Castro Osorio e Paulino d'Oliveira. — Commemorando o primeiro centenario de Garrett, a Senhora D. Anna de Castro Osorio e o Senhor Paulino d'Oliveira, — dois lucidissimos espiritos d'*élite*—, publicaram uma elegante e deliciosa *plaquette* em homenagem ao grandioso Artista, «ao seu immortal talento e gloria immorredoira».

O nosso reconhecimento pela graciosidade do exemplar, com immerecida dedicatoria, que se dignaram enviar-nos.

Canções populares da Beira, por Pedro Fernandes Thomaz. —N'um dos proximos numeros da *Tradição,* diremos amplamente do magnifico livro *Canções da Beira,* o primeiro volume d'um archivo da poesia e da musica do povo portuguez, que o nosso talentoso collega da *Gazeta da Figueira*, e conceituado professor da Escola Industrial d'aquella cidade, Senhor Pedro Fernandes Thomaz, se propõe dar a lume.

Por hoje, limitamo'-nos a testemunhar ao nosso presado collega, o elevado apreço em que temos a sua obra.

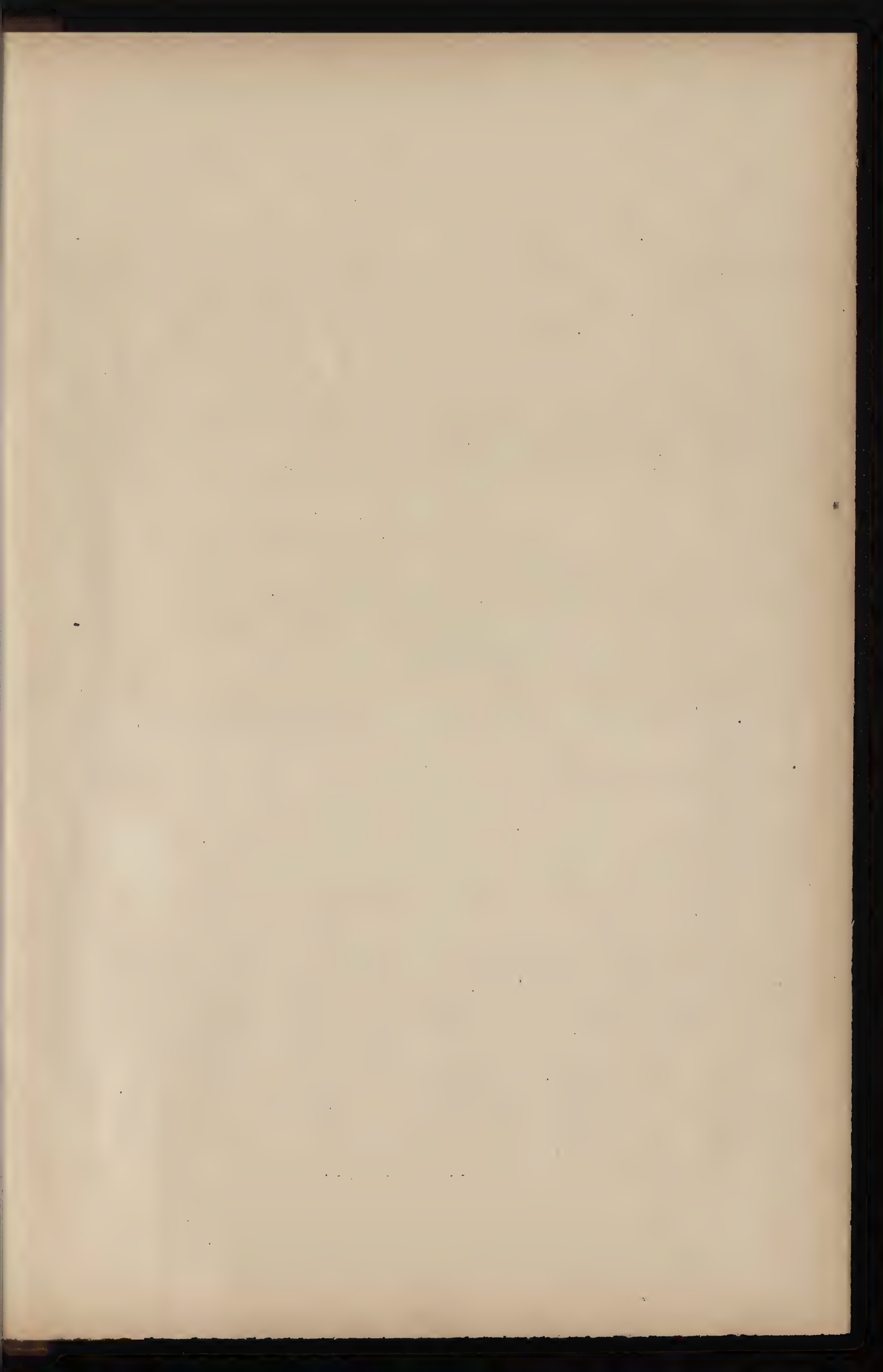
Um herdeiro contemplado pelo Tribunal do Commercio: Aggravo interposto, por José de Castro.—Recebêmos, e agradecêmos, um livrinho de 39 paginas, formato grande, que contêm o aggravo interposto pelo abalisado jurisconsulto Senhor Doutor José de Castro, do despacho do presidente do Tribunal do Commercio para a Relação de Lisboa, na fallencia da casa Vianna Bentes & C.ª. O referido aggravo constitue um documento juridico d'altissimo valor, e vem corroborar, d'um modo eloquente, os largos creditos de reputado causidico, de que legitimamente gosa o nosso querido amigo Senhor Doutor José de Castro.

A Gazeta das Aldeias. — Superiormente dirigida pelo nosso illustrado collega portuense Senhor Julio Gama, e collaborada por habilissimos escriptores da especialidade, a *Gazeta das Aldeias* é uma das mais importantes, senão a mais importante revista, no seu genero, que se publica entre nós. Por isso a recommendamos com o maior interesse áquelles dos nossos leitores que se dediquem á agricultura, certo de que lhes prestamos excellente serviço.

A *Gazeta das Aldeias* assigna-se no Porto, rua de Costa Cabral, n.º 1216; sendo o preço da assignatura por anno, ou série de 52 numeros, 2$000 réis.

— Egualmente dirigido pelo nosso distincto collega Senhor Julio Gama, publicou-se o *Almanach das Aldeia*, interessante livrinho, indispensavel a todos os agricultores, e que apenas custa 150 réis.

— Temos recebido, mais, a honrosa visita dos seguintes collegas, de que nos iremos occupando a pouco e pouco, á medida que o espaço destinado a esta secção nol-o permitta: *La Melusine, La Ultima Moda, Jornal das Creanças, Revista Branca, A Arte, Ave-Azul, Illustração Moderna, Gil Braz, Seculo Illustrado, Gabinete dos Reporters, La Musica Illustrada, Tribuna, Instituto, Sorvete, Medicina Contemporanea, Para as creanças, Dezenho sem mestre,* e *Portugal Agricola*.

D. N.

A TRADIÇÃO

TIRAGEM — 1:500 EXEMPLARES

Esta revista, d'um preço excepcionalmente barato,—pois custa apenas 600 réis por anno, — continúa a sair regularmente todos os mezes. Nos tres numeros publicados, a **Tradição** inaugurou já as seguintes curiosas secções:

Galeria de Typos Populares
Cancioneiro Musical
Novellas Populares Minhotas
Jogos Populares
Crenças & Superstições
Adivinhas
Danças Populares do Baixo-Alemtejo
Festas
Costumes Populares
Modas-estribilhos Alemtejanas
Habitação, Mobiliario e Utensilios Domesticos
Contos Populares Alemtejanos
Proverbios e Dictos
Therapeutica Mystica
Antiguidades Portuguezas
Bibliographia

Secções a inaugurar em numeros subsequentes:

Industrias Tradicionaes
A Caça e a Pesca
Lendas e Romances
Glossario Popular
Cancioneiro Alemtejano
Medicina e Hygiene Empiricas
Zoologia Popular
Botanica Popular
Mineralogia Popular
Metereologia Popular
Astronomia Popular
Chronologia Popular

O 1.º e o 2.º numeros da **Tradição,** quasi esgotados, vão brevemente reimprimir-se.

Anno I — N.º 4 SERPA, Abril de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

Collaborador artistico: — F. VILLAS-BOAS

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I — N.º 4 SERPA, Abril de 1899 **Série I**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

SERRAÇÃO DA VELHA

O povo pratíca por toda a parte em Portugal, e ainda em muitos paizes da Europa, a cerimonia da *Serração da Velha*, sem saber que essa salsada ou charivari de chocalhos, buzinas e campainhas com que percorre as ruas, era um acto do culto primitivo do Polytheismo indo-europeu.

Quando as concepções religiosas já não acham adhesão nas consciencias, persistem tenazmente no automatismo dos costumes, passando do extremo respeito da adoração para o desprezo do sarcasmo. Em um polytheismo sideral, como o das raças aryanas, os phenomenos da *entrada do Verão* e da *sahida do Inverno* eram allegorisados em fórmas dramaticas, cujos restos subsistem no culto do Natal e Paschoa, e entre o povo nas usanças do *Carro das ervas, Corrida do porco preto, Maio carambola* e *Serração da Velha*.

A *Velha* é a figuração mythica e allegorica do Inverno; ainda entre os arabes, os sete dias do solsticio do inverno são chamados *os dias da Velha*. Entre os povos germanicos a *Velha* teve a adoração cultual sob o nome da deusa Holla; hoje é uma entidade vaga, sem sentido, que o povo vae *serrar*, isto é, que vae fazer *passar a serra*, como quem repelle para longe as brumas e as neves do inverno. No tempo de Gil Vicente ainda se conservava este sentido do acto dramatico de *passar a serra;* na tragicomedia do *Triumpho do Inverno*, representada em 1530, entra uma velha, que quer casar com um moço, o qual lhe faz esta condição:

> Que si esta *sierra pasar*
> Asi lloviendo y nevando,
> Luego la quiere tomar...

E quando a Velha se submette á prova, diz aos que a interrogam:

> Eu não vou senão a tiro
> Por esta *serra* nevada.
> . . . .
> Eu desejo ser casada
> Com um mancebo solteiro,
> . . . .
> Dixe elle: — Brasia Caiada,
> Praz me, pois que vós querêr,
> Com condição que *passês*
> *Aquella serra* nevada
> Sem levar nada nos pés.
> E fosse isto logo agora,
> Que triumpha a invernada.

Desde que passou a concepção mythica primitiva, a imaginação popular trabalhou sobre a palavra *serra*, e do vestigio da ideia de partir ao meio o anno solar, inventou a pratica allegorica de partir ao meio com a serra a Velha, mettida dentro de um cortiço. Assim das proprias palavras surgem novas fórmas de mythificação, que nos ajudam a comprehender como as faculdades poeticas do espirito humano nos deram as primeiras representações do mundo. Os estu-

dos ethnologicos conduzindo-nos á reconstrucção de estados sociaes extinctos, conduzem nos ás manifestações mais remotas e inconscientes das concepções mentaes primitivas.

THEOPHILO BRAGA.

A FESTA DA GUADALUPE

Alleluia! Alleluia!

O Sól, descrevendo a gigantesca ecliptica, vem de transpôr gloriosamente o equinoxio da primavera (1).

Espiritos malignos, o frio, o gelo, a chuva, as trevas hibernaes,— espancou-os, a rajadas de luz, o Astro creador.

Apollo venceu Python.

Ormuzd triumphou de Ahriman.

Alleluia! Alleluia!

E, tal como Osiris, e Adonis, e Mithra, e tantos outros deuses das religiões solares, Christo resurgiu, Christo resuscitou, — alleluia! alleluia! — depois de redimir pela paixão os escuros peccados da humanidade inteira.

E por esse resurgimento luminoso as festas á Virgem-Mãe, invocada sob diversas denominações, na florescente quadra olympica da Paschoa. Da Paschoa, quer dizer — da *passagem* da morte á vida, de Jesus Christo. Da Paschoa, isto é — da *passagem* do Sól na linha equinoxial.

*
* *

A festa paschoal de Nossa Senhora da Guadalupe (d'Aguadelupes, como o povo diz) é uma das mais importantes festas religiosas que n'esta villa se verificam.

E nem podia deixar de o ser, desde que a alma popular, sempre ingenua e bôa, pôz todo o enthusiasmo da sua crença, todo o ardor da sua fé sincera e pura na venerada imagem, que habita, lá no cimo da pequena montanha, uma d'essas «alvas ermidinhas» que ao nosso grande Poeta se antolham

«Como ninhos virgens d'orações piedosas,
Miradoiros brancos de luar e rosas,
D'onde as almas simples entrevêem Deus!...»

Principiam no sabbado de alleluia os preparativos da festa. De tarde vão as irmãs eleitas cuidar do arranjo da Senhora, bem como de S. Luiz, e S. Gens, primitivo orago da vetusta ermida.

No domingo — domingo de Paschoa, quasi sempre alegre e ruidoso — veem para a villa as trés imagens alludidas, que ficam expostas á adoração do publico, na parochial egreja de S. Salvador.

O percurso do prestito religioso, desde a ermida até á povoação, merece ser olhado attentamente. Porque é d'uma perspectiva maravilhosa, d'um effeito encantador, direi mesmo d'uma poesia infinita, o lento caminhar da procissão — os devotos vestindo as opas brancas da irmandade — por entre o verde escuro dos trigaes ondeantes e sob as doces fulgurações do claro sól d'Abril.

Depostas as imagens na egreja do Salvador, conduz-se o jantar aos presos da cadeia.

Ainda não contei que a irmandade da Guadalupe é quasi exclusivamente composta de trabalhadores ruraes — pobres assalariados, que vivem em permanente *au jour le jour* desde o berço até á cova. Pois não obstante os seus minguados recursos sabem os irmãos da Guadalupe comprehender e praticar a mais nobre e sublime das virtudes — a caridade — distribuindo um abundante jantar aos miseros encarcerados. Esta dadiva gentil de pobres a pobres constitue um meritorio feito de abnegação e altruismo.

Após o jantar aos presos ha o sermão de vesperas, largamente concorrido; e já

---

(1) Segundo remotas lendas sacerdotaes.

GALERIA DE TYPOS POPULARES

IV

Pastor (do concelho de Serpa) [1]

[1] A estampa que démos no proximo passado numero é tambem representativa d'um typo de Serpa.

noite cerrada, queimam-se no largo do Salvador apreciaveis fogos d'artificio, intervallados de peças musicaes.

Segunda-feira de manhã — e emquanto no atrio da egreja se promove a venda dos ramos (²) — é a celebração da missa solemne, por musica vocal e instrumental.

Durante a festa, o interior do templo offerece um aspecto pittoresco, mercê da immensa variedade de typos e trajos do elemento camponez.

Á tarde a procissão magna, que de todas se distingue pelo avultado numero de fieis que n'ella se incorporam. O magestoso cortejo, depois de percorrer o costumado itenerario pelas ruas da povoação, previamente atapetadas de espadana e junça, recolhe á egreja do Salvador; e em seguida, já lusco-fusco, são as imagens reconduzidas á sua campestre morada.

*
* *

Os festejos em honra da Senhora da Guadalupe teem, entre nós, uma origem secular. Porem, outr'ora effectuavam-se as festas na propria ermida da Senhora, e alli mesmo as procissões, em torno da capella.

Disse *festas* porque duas eram as que se realisavam: uma, a «dos homens», por occasião da Paschoa, e outra passado o equinoxio do outomno e pela epocha das vindimas, chamada «das mulheres».

Á similhança do que succedia com as ordens monasticas, parece que sómente individuos do mesmo sexo podiam agrupar-se em confraria.

Foi em 1870, julgo, que as duas irmandades se fundiram; e desde então que se vem celebrando uma só festividade em cada anno, a da Paschoa. A qual festividade, de esplendor sempre crescente, passou desde logo a ter logar aqui na villa, em signal de reconhecimento á Senhora, que o povo de Serpa invocára n'um transe angustioso. D'esse transe se occupa o livro manuscripto da «Irmandade dos homes de Nossa Senhora de Guadelupe», n'uma «occorrencia» exarada na primeira pagina, de que transcrevêmos os seguintes periodos:

«No anno de 1808 concorrendo huma primavera, em que houve muita falta d'agua para as cearas e prados, não se esperando senão huma escassez de generos alimenticios e morrinha no gado por falta de pastos, pelo que todo este povo estava descoroçoado por vêr iminente o flagello da fome, que a todos ameassava, Deos Senhor Nosso, como Pai de infinita Mizericordia lhe aprouve tocar nos corações de alguns devotos de Nossa Senhora de Guadelupe e com especialidade nos dos Irmãos da mesma Senhora Manuel das Candeas Cataluna, Francisco Manoel Abraços, Jozé Francisco Chorão, Gregorio Queixinhas, e João Martins Picareta, inspirando-lhes que recorrendo a sua Mai Santissima a Senhora de Guadelupe, na mesma Senhora encontrarião remedio para seus males. Não exitarão, e unanimemente e de todos os seus corações assentarão que devião, depois de suas preces, mandar cantar huma missa na capella da referida Senhora em acção de graças, pois que já nos dias dois e trés de Maio havia chovido suficientemente; e no dia doze d'este mez procederão, com a concorrencia de muitos devotos, á cantoria de huma festa, dando graças a Deos, e a Nossa Senhora de Guadelupe, por se terem dignado ouvir as suplicas de seus devotos.

Houverão cearas de evidente milagre, porque derão muito trigo, muitos legumes, muitas fructas, e os prados tomarão pastos, com os quaes os gados se nutrirão e criarão. Á vista pois de hum tão evidente milagre, com que Deos nos favoresseo por intervenção de sua San-

---

(²) Presentes de bôlos, fructas, etc., cuja venda é feita em almoeda.

D. N.

tissima Mãi a Senhora de Guadelupe, não esfriemos na nossa devoção para com esta Senhora, continuando em nossas afflicções, a rogar-lhe e pedir-lhe nos soccorra em todas as nossas afflicções, devendo todos nós estar bem certos, que seu Bendito Filho nada lhe nega; e rogando-lhe nós de todos os nossos corações nos obterá de Deos, não só os bens temporaes, mas tãobem a salvação eterna de nossas almas.»

....

Refere-me um bom velhote octogenario, a quem eu devo valiosos informes sobre o assumpto em questão, que, por motivo da assustadora estiagem, centenas de creanças vindas de todos os pontos do concelho, caminhavam em romaria para a ermida da Guadalupe a implorar da Senhora, compaixão e misericordia. O povo ficou conhecendo a piedosa romagem, duzias de vezes repetida, pelo nome de «Procissão dos innocentes».

*
* *

Aproveitâmos o ensejo para registrar as quadras que as raparigas cantam

Á Senhora da Guadalupe

Virgem-Mãe da Guadalupe,
Minha mãe, minha madrinha:
Se meu bem vae ser soldado,
Oh! que desgraça é a minha!

Virgem-Mãe da Guadalupe,
Minha mãe, minha comadre!
'*Stá* sempre pedindo a Deus
P'ra que o mundo não se acabe!

Virgem-Mãe da Guadalupe
Que *está* na vossa ladeira!
Quem me dera ver meu bem
De resalva na algibeira!

Virgem-Mãe da Guadalupe
Tem uma fita amarella
Que lhe deram os soldados
Quando vieram da guerra.

Virgem-Mãe da Guadalupe,
Onde *tindel-a* ermida!
Entre Serpa e o Pechôto, [3]
N'esses olivaes mettida!

Virgem-Mãe da Guadalupe,
Quer'-lhe pedir uma cousa:
— O meu bem vae ao exame:
Que não traga a *rapôsa*!

M. Dias NUNES.

JOGOS POPULARES

III

A pélla

O jogo da pélla usa se principalmente d'inverno; e, para o realisar, reunem-se os rapazes em largo, rua ou travessa.

Arranjada a pélla, que é ordinariamente feita de trapos, cada jogador abre no chão a sua cova. As covas — é claro, tantas quantos os jogadores, — são dispostas em serie e segundo uma linha recta. A certa distancia das referidas covas, traça-se uma risca no chão, e em seguida verifica-se á sorte qual o rapaz, que hade começar o jogo. A sorte é tirada pelo processo da pedrinha, já descripto a proposito do jogo da bóla.

O jogador a quem coube iniciar o exercicio, collocando-se no sitio marcado pela risca, péga na pélla e atira com ella ás *rebolêtas* ao longo da série de covas, de modo a enfiar nalguma. O dono da cova, onde por acaso a pélla enfiou, corre immediatamente para ella, e, agarrando-a, joga-a ás costas dos parceiros, que neste momento já se puzeram em debandada.

O rapaz, em cujas costas bateu a pélla, apanha esta e repete o exercicio que aca-

---

[3] Denomina-se o Pechôto uma das vastas herdades que n'esta villa possue o nobre fidalgo e illustre homem de lettras, Senhor Conde de Ficalho.

D. N.

bamos de descrever. E assim successivamente.

Por cada vez que o parceiro leva com a pélla, põe-se uma pedrinha na respectiva cova. E, desde que em qualquer cova se juntam sete pedrinhas, o jogador, a quem ella pertence, tem de ser *encerrado*. Esta operação — a d'*encerrar* o jogador — consiste em cada parceiro lhe bater nas costas com a pélla, sete vezes.

E para que as pancadas sejam mais fortes, teem alguns rapazes a malevola idéa de metterem, occultamente, dentro da pélla uma pedra.

IV

O malhão

O jogo do malhão tem logar, pode-se dizer, em todas as epocas do anno. Para o pôr em pratica, escolhem-se bons terreiros, planos e enxutos.

Reunem-se, no sitio convencionado, dois ou mais rapazes, os quaes collocam no chão duas pedras empinadas, chamadas malhões, — uma em frente da outra, — guardando entre si a distancia dalguns metros. Cada jogador toma a sua falha (pedra achatada); e em seguida, um delles, começando o jogo, aproxima-se dum dos malhões e atira com a falha, que tem na mão direita, ao outro malhão, afim de o derrubar. A este jogador seguem-se os outros, que vão repetindo o exercicio.

O parceiro que derrube o malhão com a sua falha, ganha seis; mas se nenhum consegue derruba-lo, aquelle dos jogadores que deixou a falha mais perto do referido malhão, ganha tres. E assim vai continuando o jogo até que um dos parceiros attinja o numero doze.

Quando os rapazes são em numero par, emparceiram-se dois a dois, tres a tres, etc. O contrario succede quando são impares, pois que então cada um joga só para si.

Os parceiros, que, jogando as suas falhas, primeiro fazem doze, ganham o jogo, e em compensação andam ás *cavallaritas* (ás costas) dos outros jogadores.

Brinches

LADISLAU PIÇARRA.

Modas-estribilhos alemtejanas

Os olhos da Marianita

Os olhos da Marianita } bis
São verdes côr de limão. }
Ai! sim Marianita, ai! sim... } bis
Ai! não Marianita, ai! não... }

NOTA. — O resquebre que hoje inserimos é de genero egual ao dos ultimos dois publicados — *Vae colher a silva* e *Manuelsinho, você chora* — e dança-se do mesmo modo.

M. DIAS NUNES.

LENDAS

Duas lendas curiosas pela sua semelhança flagrante, correm na tradição oral do Fundão.

Pelo sentido que conteem e pelas crenças que as derivaram, podemos concluir que uma d'ellas é variante da outra.

Com a prova a mais, de que, aquella que eu chamarei original é extensiva a muitas terras da Beira, como tive occasião de observar.

A primeira das lendas é a explicação supersticiosa das manchas lunares.

Andava um homem roçando silvas pelas serras em domingo, dia dado ao descanço dos trabalhos semanaes. Por castigo foi arrebatado da terra para a lua, onde se vê eternamente condemnado a

andar com um grande mólho de silvas ás costas.

Esta parece ser a original, pela qual moldaram uma variante no Fundão.

Nos arredores d'esta villa existe uma ponte antiga, já sem guardas, sobre o Alverca, sitio poetico, a que o povo sempre contemplativo ligou a variante.

Conta aquella bôa gente, que, em quinta-feira d'Asgensão, uma lavadeira dobrada ao pezo da roupa, se dirigia para a ribeira afim de ali a lavar.

Muitas amigas suas e gente sensata a prevenio, que não fosse em dia como este ao trabalho; descançando este dia, nos outros lhe viria à fartura.

Não ouvio ella estes arrazoados e se foi á sua vida, teimando na idéa de mais ganho. Ninguem mais a vio, nem á roupa que levára.

Passado esse dia, todos os annos em quinta-feira d'Ascensão, pelo calor ardente do meio dia, se ouve a lavadeira esbatendo-se desesperadamente debaixo do arco simples da ponte. Castigo do ceo, segundo o povo diz.

ALVARO DE CASTRO.

Habitação, mobiliario e utensilios domesticos

I

Habitação

(Conclusão)

Foi por um simples lapso que, ao tratarmos da cosinha, não descrevémos a chaminé. Seja-nos portanto permittido voltar um pouco atraz para prehencher esta lacuna.

A chaminé, situada ordinariamente ao fundo da cosinha, consta de duas partes: caldeira e tubo ou cano de tiragem. A caldeira é abobadada em cima e de forma réctangular em baixo. E' em geral bastante ampla, podendo abrigar-se n'ella e á roda do lume, como já dissemos, dez e doze pessoas. Do bordo inferior do panno pende em regra uma larga faixa de grossaria ou de chita, com o fim d'obstar a que o fumo se espalhe pelas casas. Na face externa do mesmo panno e em cima, observa-se frequentemente uma pilheira corrida, onde se costuma collocar os utensilios d'arame

Tanto o panno da chaminé como o respectivo tubo de tiragem são feitos de cal e tijôlo. O cano da chaminé é largo e a sua altura varia entre um e seis metros.

Dentro da caldeira, entre o panno e a parede do fundo, ha dois barrotes, parallelos entre si, os quaes servem para supportar os paus de chouriços e linguiças que se põem ao fumeiro.

A parte superior do cano da chaminé communica lateralmente com o exterior por meio d'aberturrs verticaes e equidistantes, separadas uma das outras por um simples tijôlo. Ao conjuncto d'estas aberturas dá-se o nome de *rêde da chaminé.*

Não vai longe ainda o tempo em que as chaminés, denominadas *zabumbas*, se erguiam, toscas e rudes, por cima dos telhados, attestando a solidez da sua construcção de pedra e cal.

A configuração dos canos de tiragem varia muito, mas a que predomina é a de forma cylindrica ou a d'um prisma quadrangular recto. A' rêde circular acima descripta, sobrepõe-se a cupula da chaminé, no vertice da qual se vê, ora um vaso de barro com feitio de fantasia, ora uma haste de ferro, em torno da qual gira, á mercê dos ventos, uma figura do mesmo metal, como uma bandeira, um gallo, etc. Esta ultima peça metalica desempenha um papel importante na previsão do tempo. E' um *barometro* simples e commodo, que o dono da casa costuma consultar para fazer os seus prognosticos meteorologicos. Conforme a figura está voltada para o norte ou para o sul, assim o observador prevê chuvas ou tempo enxuto.

Em casas de gente pobre e humilde, a chaminé é muitas vezes substituida por um fogão, construido tambem de alve-

naria e aberto na propria parede da cosinha. A porção do cano que sai fóra do telhado é mais estreita e mais curta que a da chaminé, e communica com o ar atmospherico por sua extremidade superior, que é aberta.

Antigamente poucas chaminés se usavam aqui, e a tiragem do fumo era feita por um simples buraco praticado no tecto da cosinha. O buraco era tapado por um pedaço de cortiça atravessado no centro pela extremidade d'uma canna comprida, estando a outra extremidade no pavimento da casa. O primitivo processo de tiragem, que acabâmos de citar, ainda hoje se observa em algumas habitações, mas d'um modo bastante raro.

*
* *

Dando por terminada a descripção da casa propriamente dicta, — embora feita d'uma maneira rapida, — segue-se naturalmente tratar dos seus annexos.

Os annexos ou dependencias da habitação comprehendem, de ordinario, os quintaes, adegas, celleiros, cavallariças e palheiros. Occupemo-nos, pois, d'estas differentes partes, e pela mesma ordem que acabâmos de enumera-las.

Os quintaes são ordinariamente murados; e os muros, d'alvenaria e taipa uns, outros de taipa simplesmente, teem uma altura que varia entre 1,^{m}50 e 4.^{m} Muitos são cobertos com a classica sebe de carrasco, aro ou tojo; e n'esses realisa o rapazio divertidas caçadas aos pardaes. A sebe destinada a proteger os muros, das intemperies, tem ido desapparecendo a pouco e pouco; modernamente é substituida pelo espigão d'alvenaria, terminando umas vezes em gume, outras n'uma superficie convexa.

Ha ainda um ou outro quintal em que os muros são substituidos pela piteira do vallado, que serve d'excellente trincheira contra as escaladas dos ratoneiros de frangãos e gallinhas.

Quasi sempre, o quintal tem um poço que fornece agua para as lavagens, regas e consumo do gado.

E' frequente vêr-se, nas trazeiras da casa, uma ou mais parreiras formando latada em todo o comprimento do pateo ou varanda. A vegetação dos quintaes consta apenas de uma ou outra arvore de fructo, algum eucalypto, varios temperos, espalhados por alguns alegretes, e flôres mais ou menos vulgares, distribuidas por diversos canteiros e vasos collocados nas varandas.

Passando agora a occupar-nos das adegas e celleiros, dirémos que são casas, geralmente espaçosas, de construcção analoga á dos predios a que me referi no artigo anterior.

Os telhados teem uma ou duas correntes, e o interior da casa é muitas vezes dividido ao meio por arcos e columnas. Os pavimentos são de tijôlo e cal, vendo-se tambem alguns aspháltados e alcatroados, subindo este resguardo nas paredes, até á altura, proximamente, d'um metro. Nas adegas, tanto d'azeite como de vinho, ha em volta de toda a casa um poial, de 0,^{m}50 d'altura nas primeiras, e de 0,^{m}25 nas segundas, destinado a supportar os pótes ou tálhas.

Os pótes d'azeite são na maior parte de lata, variando a sua capacidade entre *20* e *100* decalitros. As talhas de vinho são exclusivamente de barro, revestidas interiormente d'uma gróssa camada de pez louro, e a sua capacidade oscila entre *15* e *60* almudes. Tonéis de madeira, não se usam aqui. O pavimento das adegas de vinho tem, em geral, uma ligeira inclinação e ao fundo um deposito subterraneo, a que o povo chama *adórna*, afim de receber não só o liquido produzido pela piza das uvas, mas tambem os môstos e o vinho, no caso de fracassar alguma talha. As outras dependencias — palheiros e cavallariças — são casas ordinarias e tôscas, pouco ou nada cuidadas, e em que o asseio deixa muito a desejar. Ha um ou outro proprietario que olha com mais attenção para estas dependencias; mas a maioria prima pelo desleixo

CANCIONEIRO MUSICAL
IV
OS OLHOS DA MARIANITA
(CHOREOGRAPHICA)
All.º
Os o-lhos da Ma-ria
ni-ta São ver-des côr de li-mão. Os
o-lhos da Maria-ni-ta São ver-des côr de li-
mão. Ai! Sim, Mariani-ta! ai! sim- Ai!
não, Mariani-ta! ai! não... Ai! Sim, Mariani-ta! ai!
sim,- Ai! não, Mariani-ta! ai! não.

e *faz ouvidos de mercador* quando se lhes fala em hygiene. O desprezo pela arte de conservar a saude é tal que, na maior parte dos predios pertencentes á classe popular, a cavallariça é uma casa dentro da propria habitação, onde vivem promiscuamente pessoas e animaes!

Nos predios sem quintal, e mesmo n'alguns que possuem quintal mas sem sahida, até se vê cavalgaduras entrarem e sairem pela porta da rua, atravessando ás vezes todos os compartimentos do interior da habitação.

O palheiro costuma ser contiguo á cavallariça. A maneira de o encher de palha, não deixa de ser curiosa. A palha não é enfardada nem prensada; introduz-se solta, em golpelhas ou lençoes, por uma abertura feita á beira do telhado. Logo que a referida forragem tem attingido um ou dois metros d'espessura, descem ao interior do palheiro homens e rapazes, e ali dançam, saltam e pulam para que a palha fique bem calcada.

*
* *

Falta-nos, para completar o nosso modesto artigo, falar da hygiene da habitação. E' o que vâmos fazer d'uma maneira summaria.

Devemos accentuar, em primeiro logar, que o povo manifesta ante as praticas hygienicas uma verdadeira aversão. Inutil é pretender demonstrar-lhe as consequencias desastrosas e os males terriveis, que podem resultar do seu desleixo em materia d'asseio. Aconselha-lo a seguir as boas regras da hygiene, o mesmo é que prégar no deserto. E se a auctoridade tenta intervir, ha ameaças, desordens, e por vezes conflictos muito sérios. O mulherio costuma até distinguir-se n'estas campanhas: é o primeiro a sair para a rua n'um berreiro d'ensurdecer; provoca e insulta as pessoas que não adherem ao movimento de protesto contra as medidas hygienicas; e, empunhando, não a pá, como a celebre padeira d'Aljubarrota, de saudosa memoria, mas as perigosas *armas de S. Pedro* (pedras), — que manejam com uma habilidade e uma dextreza admiraveis, — ameaça ceus e terra, pondo em evidencia a sua furia implacavel. E depois, com a nossa proverbial brandura de costumes, tambem não é de admirar que haja fôcos de infecção por toda a parte. As estrumeiras encontram-se espalhadas pelos quintaes, travessas e canadas que circumdam a povoação. As piaras de gado pertencentes ás classes menos abastadas estabelecem arraiaes nas referidas travessas e canadas, e invadem a cada instante a propriedade alheia, sem medo nem respeito á lei. São, em geral, possuidores d'este gado, individuos que não teem de seu um palmo de terra, mas julgando-se no direito de transformar em baldio, os ferregiaes, courellas, olivaes, etc., etc.

E' tão extraordinario o que se passa, que, sem contar outra especie de gado, ouso affirmar que dormem todas as noites, dentro da aldeia, para cima de mil porcos!

E se alguns individuos teem o seu chiqueiro, onde dorme e come o cevão, a maior parte nem d'isso dispõe, e os animalejos passam, como inquilinos, a dormir portas a dentro, como a coisa mais natural d'este mundo!

Cada travessa é uma sentina publica, onde se lança toda a especie de porcaria, a qual ali se deposita e conserva, até que as aguas pluviaes se encarreguem de a arrastar.

A remoção das immundicies não está a cargo d'entidade alguma official; o que não é para extranhar, porque a camara municipal e a junta de parochia ainda não se dignaram prestar a devida attenção ao pelouro da hygiene.

N'estas condições, é natural que sejam os proprios habitantes da povoação, que tomem sobre si o encargo da limpeza publica. As immundicies são removidas para fóra da localidade em golpêlhas ou carros munidos de taipaes. Refiro-me ás immundicies solidas, pois que as urinas

e aguas sujas são vasadas nos quintaes e travessas e até nas proprias ruas.

—Acabâmos d'indicar, ainda que muito resumidamente, as deploraveis condições hygienicas em que se encontra a aldeia de Brinches. Seria todavia uma grande injustiça, não mencionar, n'este logar, uns certos preceitos usados no lar domestico, tendentes á conservação da saude.

Devemos dizer, em abono da verdade, que as casas, mesmo entre as classes pobres, são em geral caiadas periodicamente, principalmente no estio ou por occasião d'alguma festa memoravel. Os pavimentos, bem como as portas e janellas, de madeira, são lavadas com agua e sabão. Ha tambem quem esfregue com areia as referidas portas e janellas, para ficarem mais bem *descasqueadas*. Isto, no caso de simples limpeza da casa, e sem o precedente d'alguma morte. Porque, dando-se o facto de morrer alguem, redobram os cuidados d'asseio. A' agua e sabão, é necessario accrescentar, então, o vinagre e as aguas de ervas cheirosas, taes como: o incenso, a murta, a alfazema, o alecrim, a mangerona, etc. Não é licito esquecer o rosmaninho, tão profusamente espalhado, sobretudo durante a semana santa.

As plantas aromaticas, que vimos de citar, empregam-se ainda em fumigações, para purificar o ar contido no interior da habitação.

Convém frisar, que o povo considéra o vinagre como o primeiro dos seus desinfectantes. A elle recorre sempre que se trata d'uma limpeza a valer, como succede, por exemplo, quando se pretende desinfectar o quarto onde falleceu um tisico, um difterico, etc. E, já que falâmos da tuberculose, diremos que o vulgo tem por esta doença uma profunda repulsão. Julga até que basta pisar o escarro d'um tisico, para que a terrivel molestia se pégue!

Digâmos, para rematar, duas palavras ácerca da illuminação. Quanto a illuminação publica, contam os brinchenses apenas com a dos astros, porque a respeito de candieiros nas ruas, não passa, por emquanto, d'uma vaga aspiração.

Penetrando, porém, no interior das moradas, ahi vemos a classica luz d'azeite, de petroleo e d'estearina. Esta ultima — mercê do seu elevado preço — é muito menos adoptada.

Não deixaremos de mencionar, a titulo de curiosidade, que existe aqui uma habitação, onde tambem se observa a moderna luz de gazolina, a offuscar com o seu brilho os olhares dos transeuntes, estupefactos! A qual habitação pertence ao nosso presado amigo e distincto collaborador artistico d'esta revista, o Sr. F. Villas Boas.

Lopes PIÇARRA.

CRENÇAS & SUPERSTIÇÕES

Bruxas e feiticeiras

Grande parte da massa popular ainda hoje acredita piamente em bruxas e feiticeiras. Por mais extraordinaria que nos pareça esta crença, o facto é que ella existe, e disso temos a prova a cada passo.

Segundo a concepção ingenua do povo, as bruxas e feiticeiras são mulheres que, por meio de certas rezas e artes diabolicas, pódem causar verdadeiros maleficios ás outras pessoas. As bruxas distinguem-se das feiticeiras em possuirem a faculdade de se transformar em animaes, como: formigas, cães, gatos, etc.

Suppõe o povo, que as bruxas costumam reunir-se a altas horas da noite nos valles e encruzilhadas, e alli, ao som de pandeiros, cantam e bailam, e soltam estridentes gargalhadas. De tempos a tempos, estas reuniões revestem um aspecto mais solemne: Juntam-se as bruxas das diversas localidades, em determinado sitio, tendo cada uma de passar «por baixo da silva e por cima da oliva». As bruxas que primeiro se reunem, e emquanto es-

peram pelas mais retardatarias, entretêm-se em cantar e bailar ao som dos pandeiros. O povo attribue-lhes, precisamente nesse momento, a seguinte quadra:

«Maria do valle,
Que faz, que não vem?
Já estão as de Borba
E as de Santarem.»

Depois de se acharem todas reunidas, apresenta-se o *diabo* sob a forma dum cão preto, muito arrogante, de rabo alçado e encaracolado. Cada bruxa é então obrigada a depôr um osculo por debaixo da cauda do satanico animal.

Finda esta extravagante cerimonia, as bruxas dispersam-se, ficando habilitadas a proseguir no exercicio da sua arte.

E' assombroso o poder que o povo attribue ás bruxas: ellas podem fazer passar pelas maiores torturas, as pessoas que incorram na sua ira!

Muitas das graves doenças que affligem o genero humano, representam frequentes vezes a manifestação desse poder maléfico. Das pessoas doentes que se julgam sob a influencia das bruxas, diz-se que estão *embruxadas*.

As miseras creaturas que o publico baptisa com o nome de *bruxas*, são ao mesmo tempo temidas e odiadas.

Não é raro até, haver quem as persiga e maltrate afim de se evitarem novos bruxedos.

Quando as bruxas frequentam alguma casa, e se pretende expulsa-las d'ahi, põe-se em pratica o seguinte processo: A pessoa encarregada de tão benemerita missão, vai á egreja buscar uma porção d'agua benta, e embebendo nessa agua um pincel, sacode-o em cruz a cada canto da casa, dizendo:

«Desórga, desórga!
Tres vezes desórga!
Bruxas e feiticeiras,
D'esta casa para fóra!»

Realisada esta singela operação, as bruxas têm d'abandodar a casa. E querendo levar a expulsão mais longe, diz-se: — desta comarca para fóra, ou ainda, deste reino para fóra.

Resa a tradição que ha pessoas não susceptiveis de bruxarias. Essas pessoas revelam uns certos signaes, pelos quaes as proprias bruxas reconhecem «que não pódem entrar com ellas».

E' ordinariamente ás creanças que as bruxas perseguem de preferencia; parece até que, pela noite fóra, ellas se divertem em separar as creanças das mães, indo collocal-as na pilheira da casa, ou levando-as para qualquer sitio distante do leito onde estavam deitadas Ainda hoje é vulgar esta expressão: — E' um menino nas mãos das bruxas!

Quando uma creança se apresenta magra, com as pernas cruzadas, e tendo disseminadas pelo corpo, especialmente nos membros inferiores, varias echimoses, crê o vulgo que se trata duma creança embruxada. As echimoses constituem — na opinião fantastica do povo — o vestigio de mordeduras feitas pelas bruxas, para sugarem o sangue da creança.

No proximo numero da *Tradição*, começaremos a descrever as diversas praticas usadas com o fim de desembruxar as creanças.

(Brinches).

FILOMATICO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

IV

O Pedro Malas-Artes

Era uma vez um lavrador e uma lavradora, que viviam num monte e precisavam dum rapaz para o seu serviço. Um dia, a lavradora, olhando para o marido, diz-lhe:

—«Tu devias ir á aldeia concertar um rapaz para nos aviar os mandados, ir ao matto e ao poço e guardar os porcos.»

— «Pois bem» — respondeu o lavrador — «irei ámanhã á aldeia tratar disso.»

— «Vai, mas não me tragas algum que se chame Pedro. De modo nenhum quero Pedros cá em casa...»

No dia seguinte, o lavrador foi á aldeia, e assim que lá chegou encontrou-se com um rapaz a quem perguntou:

— «O' rapaz, queres concertar-te?»

— «Quero, sim senhor.»

— «Como te chamas?»

— «Pedro.»

— «Oh! diabo! não me serves.»

Dizendo isto, o lavrador dirigiu-se para outra rua. E o Pedro Malas-Artes foi immediatamente collocar-se a uma esquina, por onde elle sabia que o lavrador havia de passar. O lavrador, ao passar por esse sitio, vendo com effeito ali um rapaz, e não conhecendo que era o mesmo d'ha bocado, diz-lhe:

— «O' rapaz, queres concertar-te?»

— «Quero, sim senhor.»

— «Então, como te chamas?»

— «Pedro.»

— «Oh! diabo! não me serves.»

O lavrador, passando para outra rua, encontrou-se novamente com o Pedro, que já o esperava disfarçadamente. E, cuidando que era outro rapaz, diz lhe:

— «O' rapaz! queres concertar-te?»

— «Quero, sim senhor.»

— «Como te chamas?»

— «Pedro.»

— Oh diabo! então nesta terra ha só Pedros?»

— «Ha só Pedros, sim senhor» — respondeu o rapaz.

— «Oh! mau! disso já eu desconfiava... porque encontrei uns poucos de rapazes, todos chamados Pedros!»

— «E quantos rapazes o senhor procurar, tantos Pedros ha-de achar» — disse Pedro Malas-Artes.

— «Bem, nesse casso, já não busco mais. Queres vir comigo?»

— «Quero, sim senhor» — respondeu Pedro; — «mas com uma condição: aquelle que se zangar, perde a soldada.»

— «Pois sim, anda d'ahi» — disse-lhe o lavrador.

Marcharam ambos caminho do monte, e quando lá chegaram, diz o lavrador para a mulher:

— «Aqui tens um rapaz que nos póde ajudar no serviço da casa.»

— «Como se chama elle?» — perguntou a lavradora.

— «Chama-se Pedro.»

— «Pois então eu não te disse que não queria Pedros?...»

— «Pois sim, mas o qne havia d'eu fa zer, mulher! se naquella aldeia não ha senão Pedros?! Mas elle sempre ha-de fazer o que lhe mandarem. Não é assim, Pedro?» — perguntou o lavrador olhando para o rapaz.

— «E' sim, senhor meu amo» — respondeu Pedro.

A lavradora, ouvindo isto, mostrou-se conforme. No outro dia, pela manhã cedo, o lavrador levantou-se e mandou o rapaz buscar lenha ao matto. Pedro, ouvindo as ordens do amo, tratou d'arranjar quantas cordas poude e marchou para o matto. Chegando ao matto, começou a estender á roda delle as cordas que levava. O amo farto d'esperar pela lenha, diz para a mulher:

— «Pois senhor! o rapaz parece que não vem de lá hoje!...»

— «Não te disse eu» — observa a mulher — «que não concertasses Pedros?»

— «Não tenho mais remedio» — diz o lavrador, já zangado — «senão ir á busca delle.»

E partiu immediatamente para o matto, encontrando ali o rapaz entretido n'aquelle serviço. Não podendo conter-se, gritalhe logo:

— «O que andas tu a fazer, Pedro! que não te despachas com a lenha?»

— «Eu, senhor meu amo, ando enrolando o matto com estas cordas, para depois puxar por elle, a ver se o levo logo todo duma vez, para não ter de vir á lenha todos os dias.»

O lavrador, vendo este grande disparate, ia começar a zangar-se, quando Pedro atalha:

— «O' senhor meu amo! está zangado?»

O amo, lembrando-se de repente da combinação feita no acto de concertar Pedro, responde:

— «Eu não. E tu éstás?»

— «Eu tambem não» — respondeu Pedro.

— «Bem,» — diz o lavrador para o rapaz — «vamos lá arranjar alguma lenha para nos irmos embora.»

Assim fizeram; e chegados ao monte, o lavrador mandou Pedro ao poço. O rapaz, o que havia de fazer?... tornou a pegar nas cordas, e elle ahi vai caminho do poço. Assim que lá chegou, toca a enrolar o bocal com as cordas.

E o amo á espera... até que por fim, aborrecendo-se, diz á mulher:

— «O diabo do rapaz não vem hoje do poço!»

— «Eu não te disse que não concertasses Pedros?...» — respondeu a mulher.

O lavrador, então, pegando numa quarta, resolveu-se a ir ver o que fazia Pedro. E, encontrando-o em volta do bocal do poço, pergunta-lhe, em voz alta:

— «O que estás ahi fazendo, Pedro, que não despachas?!»

— «Eu, meu amo, ando ligando aqui o bocal com estas cordas, a ver se, puxando por ellas, levo logo o poço duma vez, para não ter de vir buscar agua todos os dias.»

O amo, contrariado com a lembrança de Pedro, ia para zangar-se quando elle acode:

— «Ó senhor meu amo! está zangado?»

— «Eu não. E tu estás?»

— «Eu tambem não» — respondeu Pedro.

— «Bem,» diz o amo — enche lá esta quarta d'agua e vamos embora.»

Regressando ambos ao monte, o lavrador mandou Pedro guardar os porcos, recommendando-lhe que os não mettesse nalgum atasqueiro. Pedro soltou os porcos e, marchando com elles, encontrou um grande lamaçal. Do que havia elle lembrar-se? Foi esconder o gado por detraz duma altura, cortou o rabo e as orelhas a cada porco e veiu enterra-las no lamaçal, da seguinte forma: duas orelhas adiante e um rabo atraz. Isto para fingir que os porcos se tinham atascado até ás orelhas. Acabado este serviço, Pedro foi participar ao amo que os porcos estavam enterrados em um lamaçal. O lavrador, afflicto com esta noticia, partiu immediatamente para o sitio indicado por Pedro. Chegando áquelle enorme atasqueiro, e não divisando senão as orelhas e os rabos, convenceu-se de que os porcos estavam effectivamente enterrados, como dizia Pedro. Ia para zangar-se, mas, como Pedro lhe fizesse a advertencia do costume, tranquilisou-se. Foi depois puxar por uma orelha das que estavam enterradas, ficou-lhe na mão; foi puxar por outra, aconteceu-lhe o mesmo. Em vista d'isto, pensou o lavrador que os porcos só poderiam ser desenterrados com enxadas, e por isso mandou Pedro ao monte buscar as tres enxadas maiores que lá estivessem. O Pedro Malas-Artes foi ter com a ama e diz-lhe:

— «Ó senhora minha ama! o amo, que me dê as tres maiores taleigas de dinheiro que cá tiver.»

— «Isso não póde ser!...» — respondeu a ama, «então para que hade o teu amo querer lá as taleigas de dinheiro?!»

— «É verdade, sim, minha ama. Faça favor de chegar aqui á rua do monte, e verá que é verdade.»

A ama acompanhou o rapaz á rua do monte, d'onde se avistava o lamaçal, e á sua vista, perguntou Pedro, em voz alta, ao amo:

— «Ó senhor meu amo! as tres maiores?»

— «Sim» respondeu o amo — «as tres, com tresentos diabos!»

A lavradora, julgando que se tratava das taleigas de dinheiro, entregou-as a Pedro. Este, assim que as apanhou, rasgou a fugir em direcção opposta áquella em que se achava o amo.

No caminho, Pedro encontrou uma ovelha, tirou-lhe as tripas e metteu-as no seio. Mais adiante, vendo umas mu-

lheres a lavar num barranco, perguntou-lhes:

— «O mulheres! têem ahi uma navalha que m'emprestem?»

— «Tenho eu aqui uma» — diz uma d'ellas — «toma-a lá.»

— «Então para que queres tu a navalha?» — perguntou uma outra.

— «Para tirar as tripas que me pesam muito; e eu quero ficar leve para fugir mais, que levo muita pressa» — respondeu Pedro.

Pegando da navalha, Pedro rasgou a camisa d'alto a baixo, e as tripas da ovelha cairam immediatamente no chão. Restituiu a navalha á mulher e partiu ainda com mais velocidade que até ali.

O lavrador, cançado d'esperar por elle no lamaçal, foi ao monte saber que demora era aquella. A mulher do lavrador muito admirada, pergunta ao marido:

— «Então ainda elle lá não chegou? E para que querias tu tanto dinheiro?!»

— «Qual dinheiro? Eu mandei buscar algum dinheiro?!»

— «Então não mandaste buscar as tres maiores taleigas de dinheiro que cá tinhamos?»

— «Eu não!, o que eu mandei buscar foram tres enxadas para desenterrar os porcos que elle metteu no lamaçal!»

— «Pois já sabes que elle enganou-me. Lá nos carregou com as nossas tres maiores taleigas de dinheiro! Eu não te disse que não concertasses Pedros?...»

O lavrador, muito atrapalhado, e comprehendendo que estava roubado, perguntou á mulher o caminho que levara Pedro. A mulher indicou-lh'o, e elle partiu a toda a pressa.

Chegando ao barranco, onde estavam lavando as taes mulheres, perguntou-lhes se tinham visto passar ali algum rapaz. Ellas responderam que sim, e que até esse rapaz lhes pedira uma navalha para arrancar as proprias tripas, a fim de fugir mais.

— «Assim que lhe cairam as tripas» — disseram as mulheres — «o rapaz parecia um raio!»

— «Então» — diz o lavrador — «façam favor de m'emprestar tambem uma navalha para eu fazer o mesmo.»

As mulheres emprestaram-lhe a navalha, e o pobre diabo, caindo na asneira de rasgar a barriga, escusado será dizer que ficou logo ali estendido, emquanto que Pedro Malas-Artes, vendo-se livre do amo, tratou de gosar o dinheiro o melhor que poude.

(Da tradição oral)

(Brinches).

Antonio ALEXANDRINO.

NOVELLAS POPULARES MINHOTAS

Senhora do Rosandario...

IV

Houve uma vez um homem, e tinha uma mulher que lhe desejava cegueira. Para isso ia todos os dias á egreja pedir á Senhora do Rosandario (1) que désse cegueira ao marido, de maneira que elle não visse.

O homem tantas vezes viu ir a mulher para a egreja que, um dia, resolveu ir espreital-a. Foi para a egreja mais cedo, e escondeu-se dentro de um confessionario. Veio a mulher, benzeu-se, ajoelhou e começou a fazer os costumados pedidos á Virgem do Rosandario, dizendo:

— Minha Senhora do Rosandario, dae cegueira ao meu homem, de modo que elle não veja!...

O marido que gostava muito de ovos fritos com toucinho e que era amante da pinga, bradava-lhe de dentro do confessionario:

— Dá-lhe ovos fritos com toucinho e uma canada de vinho!

Ia a mulher para casa e cumpria o

(1) Senhora do Rosario.

mandado, que julgava ser da Virgem do Rosandario.

O marido ia comendo bem e bebendo melhor, e muito de proposito dizia para a mulher:

—Mulher, estou vendo tão pouco!... (tão poucos ovos, toucinho e vinho).

Ella então voltava para a egreja, e novamente pedia:

—Senhora do Rosandario, dae cegueira ao meu homem, de modo que elle não veja!...

Bradava-lhe o marido, outra vez, de dentro do confessionario:

—Dá-lhe ovos fritos com toucinho e uma canada de vinho!

Voltava a mulher para casa, dando sempre ovos com toucinho e vinho em abundancia ao marido.

E o marido dizendo sempre:

—Mulher, de cada vez estou vendo menos...

Por fim, tantas vezes foi a mulher á egreja e tantos ovos com toucinho e vinho deu ao marido, que este, enraivecido por ver proceder tão mal sua mulher, que lhe desejava cegueira, resolveu ir para o esconderijo munido de um grosso varapau, e na occasião em que a mulher fazia os costumados rogos á Virgem do Rosandario, sahiu-lhe ao encontro e deu-lhe tamanha *coça* que a pôz ás portas da morte.

(Recolhida da tradição oral)

(Espozende).

ALVARO PINHEIRO.

PROVERBIOS E DICTOS

(Continuação)

XI

Natal ao *soalhar*, Paschoa á roda do lar.

XII

Mulher que dá no marido, é porque Deus é servido.

XIII

Para ir bem á sacca, vae mal á vacca.

XIV

Filho és, pae serás; conforme vires, assim farás.

XV

Mulher que canta, não se espanta.

XVI

Não diz a pilheira co'a cantareira.

XVII

O frio e a fome fazem o gado gallego.

XVIII

Por onde Maio passou nado, tudo deixou espigado.

XIX

O sól de Março pega que nem pega-masso.

XX

Baba de cão come-se com pão.

XXI

Baba de gato, nem chegue ao fato.

XXII

Quem se ri sem vêr de quê, seus máos feitos alembra, ou os d'alguem.

(Da tradição oral)

(Continúa)

Serpa.

CASTOR.

BIBLIOGRAPHIA

A agglomeração de original obriga-nos a retirar a secção bibliographica, que será inserta no proximo numero.

D. N.

CONCURSO

A Camara municipal do concelho de Serpa, faz publico que se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias, a contar da publicação no Diario do Governo de 18 d'abril corrente sob o numero 86, para o provimento do logar de amanuense da camara com o ordenado de 120$000 réis. Os concorrentes deverão apresentar, na referida secretaria da camara, os seus requerimentos, acompanhados dos documentos exigidos por decreto de 24 de Dezembro de 1892, dentro do prazo acima indicado.

Serpa, 13 de Março de 1899.

O Presidente da Camara,

João Ignacio José Bentes

Anno I — N.º 5 SERPA, Maio de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

Collaborador artistico: — F. VILLAS-BOAS

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I — N.º 5 SERPA, Maio de 1899 **Série I**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA* e *M. DIAS NUNES*

BOTANICA POPULAR

Notas ácerca de algumas plantas da flora portugueza

Quando eu estudava na Escola Polytechnica, intentámos — o illustrado botanico, já fallecido, Antonio Ricardo da Cunha, e eu — fazer uma resenha das plantas da flora portugueza, empregadas pelo povo em varios usos, principalmente com fins therapeuticos.

Aproveitavamos para isso os trabalhos já existentes, e o que se podesse colher da tradição oral.

Esse trabalho não se concluiu.

As difficuldades eram grandes, sendo das maiores a variabilidade das designações e dos usos, e a necessidade de excursões longiquas e dispendiosas. De resto, Antonio Ricardo já sentia a saude quebrantada, e eu desviei a minha attenção para outros estudos.

Agora que o meu illustre collega Ladislau Piçarra desejou que eu colligisse alguns subsidios para o estudo das usanças populares, extractei de apontamentos colhidos então, e de outros que obtive posteriormente, estas modestas notas.

*
* *

Em Lisboa, crê o povo ser de uso salutar nas affecções das vias respiratorias, em que predomine a tosse: a hera terrestre, mais vulgarmente chamada herva terrestre (Glechoma heredacea), a herva agrimonia (Agrimonia eupatoria), os ouregãos (Origanum vulgare), a raiz de alcaçus (Glycyrrhiza glabra), o aipo (Apium graveolens), a pimpinella (Poterium sanguisorba), as perpetuas roxas (Gomphrena globosa ou Xeranthemum annum?), o cardo santo (Centaurea benedicta), os agriões (Sisymbrium nasturtium), o hyssopo (Hyssopus officinalis), a cevada (Hordeum hexastichon, H. vulgare), a cevada santa (Hordeum distichon).

Das perpetuas, das violetas e dos agriões, fazem xaropes, que denominam *lambedores*. Para loções, o rosmaninho (Lavandula Stœchas).

O rosmaninho é conhecido desde remoto tempo, e parece que já tinha applicação medicinal. Gil Vicente, que descreve muitos dos costumes populares do seu tempo, menciona o rosmaninho na *Farça dos Tisicos*. Diz assim:

BRAS. — E dar-lhe eu puro vinho?

M. F. — Guarde-vos Deus de mal!
Não, senão agua tal...
Entendeis — cosida com rosmaninho.

Ainda para loções, usam o alecrim manso (Rosmarinus officinalis), a alfazema (Lavandula spica), a losna (Artemisia absyntium, Lavandula absyntium officinale, B.), a táveda ou as táguedas (Conyza squarrosa), a esteva (Cystus ladaniferus), a alfavaca de cobra (Parietaria officinalis), a casca de carvalho (Quercus

robur), as folhas de nogueira (Juglans regia), a congossa (Viuca major), a herva molarinha ou moleirinha (Fumaria officinalis). Esta é destinada ás doenças cutaneas.

Para fumigações, vulgarmente chamadas defumadouros: a arruda (Ruta graveolens), a mostarda (Sinapis, alba ou nigra?), o arrudão (Ruta tennifolia), os olhos de canna (Arundo donax), a aroeira (Pistacea lentiscus). Neste defumadouro juntam cinco raminhos de alecrim manso, cinco raminhos de renovo de oliveira (Olea sativa) e cinco pedras de sal. O qual defumadouro é applicado ás creanças que teem lua. *Ter lua* é uma phrase de significação muito vaga, e representa ás vezes symptomas e até doenças muito differentes. Diz-se que a creança tem lua, quando n'ella se manifestam movimentos intestinaes, movimentos convulsivos, etc.

Ha ainda para defumadouros, o alecrim bravo (sp?), o alecrim de S. Silvestre — o povo diz Selivestre — (sp?).

Em vaporisações, usa-se o cosimento da maçã de cypreste (Cupressus sempervirens). A maçã de cypreste dá o titulo a uma moda choreographica de Tremez e Cortiçada, proximo de Santarem. E, a proposito, transcrevo uma das quadras:

> «A maçã do acypreste
> É redonda, rebola bem.
> Graças a Deus para sempre.
> Já hoje vi o meu bem.»

Para combater o nervoso, emprega o povo a herva cidreira (Melissa officinalis), a flor de laranjeira (Citrus aurantium), a tilia (Tilia europea), as malvas (Malva sylvestris, M. rotundefolia), a casca de laranja azeda (Citrus vulgaris, v. hispanica).

Na inflammação dos olhos, usa-se o funcho (Anethum foeniculum), os botões de rosa (Rosa plena e R. proenestina), e a flor da malva.

Como refrigerante: a grama (Panicum dactylon), a avenca (Adiantum Capillus Veneris), a althéa (Althæa officinalis), a legação (Smilax aspera), a raiz de salsa (Apium petroselinum).

Contra a ictericia: a ruiva dos tintureiros (Rubia tinctorum).

Para as doenças das vias urinarias: o bruco de Salvaterra, que supponho ser o bruco do Alemtejo (Laserpitium pencedanoides). D'esta planta fala J. de Figueiredo, na Flora pharmaceutica, citando Brotero, de quem a mesma planta, parece, já era conhecida, como remedio popular. Além do bruco, empregam-se ainda contra as referidas doenças: a herva serra (Lepidium latifolium), as barbas de milho (Zea mays), a bolsa de pastor (Thlaspi bursa pastoris), o fel da terra (Genciana centaureum), a cavallinha dos campos (Equisctum arvensis), sempre noiva (Polygonum aviculare), a herva prata ou herva dos unheiros (Illecebrum Paronychia), a unha gata (Ononis spinosa) as saudades bravas (Scabiosa, sp. arvensis?) o morangueiro (Fragaria vesca).

Nas doenças do estomago: a salva brava (Salvia verbenacoides ou S. sclareoides?), o fel da terra, a macella ou marcella (Anacyclus aureus), a raiz de almeirão (Cichorium intybus), as bagas de zimbro (Juniperus communis).

Como sudorificas e expectorantes: a herva das sete sangrias (Lithospernum fructicosum), o mastruço (Lepidium sativum), a folha do sabugueiro (Sambucus nigra), a flor do alecrim (Rosmarinus officinalis) e a flor de borragem (Borrago officinalis).

Contra a inflammação de garganta: a guiabelha ou diabelha (Plantago coronopifolia).

Gil Vicente menciona-a d'uma outra forma:

> «Tomada da Guiabelha
> Pisada co'o fel d'ovelha.»
>
> *(Farça dos Tisicos).*

Algumas plantas ainda hoje conservam a designação porque eram conhecidas n'essa epocha.

GALERIA DE TYPOS POPULARES

V

Campaniça (mulher do termo de Mertola)

Antonio Ribeiro, o *chiado*, no Auto das Regateiras, faz referencia, entre outras, á lingua cervina, norsa branca, alfavaca, piorno e aveia (Asplenium scolopendrium, Bryonia alba, Parietaria officinalis, Lavandula spica, Spartium monospernum e avena agraria).

O povo emprega ainda, contra a tosse convulsa: as ortigas mansas, as ortigas mortas ou mercurial (Mercurialis annua) e o espinheiro alvar (Lycium europoeum).

Contra as hemoptyses: as ortigas bravas (Urtica urens).

Contra a inchação: a lingua de vacca (Anclusa officinalis), a flor de sabugueiro.

Contra as empigens: a abrotea (Asphodelus ramosus).

Contra a inflammação da bocca: a cochlearia (Cochlearia officinalis), o meimendro (Hyoscyamus niger ou albus?)

Contra as verrugas ou tecidos callosos, uma alga — a bodelha (Fucus vesiculosus).

(Conclue)

Sophia da SILVA.

A Procissão do Corpo de Deus

São volvidos vinte e um annos depois que se verificou em Serpa, pela ultima vez, a procissão do Corpo de Deus. Era esta, como ao diante se verá, uma das cinco antiquissimas procissões que a Camara Municipal acompanhava e promovia.

Procuremos descrevel-a.

Saía do templo do Salvador a imagem de S. Jorge em direcção á egreja matriz de Santa Maria, cêrca da qual se organisava em definitiva o religioso cortejo.

De bota e espora, vistoso chapeu de bicos, calção e manto de velludo carmezim: no braço esquerdo um pequeno escudo, e a lança reluzente na mão direita, — eil-o, o lendario Santo batalhador, montando arrogante cavallo branco ajaezado a capricho.

Ás redeas e aos estribos, quatro officiaes mechanicos, para me servir agora da velha designação: dois barbeiros e dois ferreiros, ou então dois barbeiros e dois ferradores.

Após o Santo o *alferes* e o *pagem* porta-bandeira, ambos a cavallo. Em seguida as eguas e cavallos *d'estado*, que as casas ricas forneciam, levados á mão e lindamente ataviados com fitas de seda multicores, na cauda, na crina e na testeira. Atraz a confraria do Santissimo de S. Salvador.

A este cortejo se juntava, no atrio da egreja matriz, a confraria do Santissimo de Santa Maria, que formava com a do Salvador as duas alas da procissão.

Em meio das irmandades eram conduzidas as imagens de Jesus, Maria e José (1), cada uma em seu andor, e ao fim o Sacramento sob o pallio.

Depois a Camara Municipal ostentando o vermelho estandarte onde a emblematica *Serpe* auribrilha. Depois a philarmonica e um numeroso acompanhamento popular.

A procissão, assim constituida, percorria o seguinte itinerario, ao cabo do qual se dissolvia: rua da Porta de Beja, rua da Misericordia, rua dos Cavallos, Praça, rua da Cadeia Velha, e rua de Pedro Annes.

*
* *

Tão simples e modesta nos ultimos tempos, a procissão de *Corpus* devia realmente apresentar-se imponente e luzida, outr'ora, quando os officios ou classes se incorporavam no prestito com as respectivas bandeiras e insignias.

O teor dos artigos 97.°, 98.° e 99.° (2) do codigo de *Posturas da Notavel Villa de*

(1) Estas imagens pertenciam, e ainda pertencem, á egreja de S. Paulo, mas saíam com o Sacramento da egreja matriz.

(2) Tambem o art.° 100.°, que já publicámos, respeita á procissão de *Corpus*. Vid. o meu artigo «Danças populares do Baixo-Alemtejo» inserto em o n.° 2 da *Tradição*, pag. 21.

Serpa, a que já me referi [1], permitte bem avaliar o que seria n'outras eras a procissão de que nos occupâmos. Vamos trasladar para aqui os interessantes artigos.

97.º — «*Dos que são obrigados a acompanhar as procissõis da camara com suas bandeiras* [2], *castellos e ensinias.*»

«Todo o ortellão das ortas que são do couto da legoa para dentro e viver em as ortas das freguezias cujos curas são obrigados a vir á procissão do Corpo de Deos, serão obrigados como digo a acompanhar sua bandeira e as procissõis da camara com suas ensinias de castellos de ramos de frutas no tempo em que as ouver, e no outro com suas ortalissas em pao ou astia de nove palmos, direito e liso e outro sim todos os officiais de officio mechanico d'esta villa serão obrigados conforme o antiguissimo costume, a acompanharem as tais procissõis e suas bandeiras, por si com suas proprias pessoas não estando precizamente empedidas e virão com seus castellos e ensinias em astia ou pao liso e direito de nove palmos; e os mercadores, marseiros, sumbreireiros, tozadores, e tintureiros, serigueiros e sirieiros virão conforme o seu costume ás ditas procissõis por suas proprias pessoas ou de seus filhos maiores de quinze annos, ou parentes em grao conhecido, cada um com sua tocha aseza de dois arates ao menos cada hua e de sorte que não seja ardida em mais da tersa parte, porque serão obrigados a reformarem-na, sob pena de qualquer das sobreditas faltas nas ditas procissõis, o não cumprir com as ensinias e tochas na forma que dito he, pagar quinhentos reis pela primeira vez e pela segunda em dobro de cadea; e os mercadores, marseiros, serieiros pagarão as penas em dobro, assim da primeira, como da segunda, como da terceira vez; as quais procissõis se lhes declara serem as seguintes: a de S. Sebastião, a de S. Braz, a solene do Corpo de Deos, a de Santa Isabel, e a do Anjo [1]; e assim mandaram se comprissem.»

98.º—«*Acompanhamento do bem aventurado São Jorge.*» Os ferradores, serralheiros, ferreiros, cutilleiros, barbeiros e sangradores são obrigados por antiguissimo costume a acompanharem o bem aventurado S. Jorge na procissão solene do Corpo de Deos a que o dito Santo asiste, os quais acompanharão por suas proprias pessoas em corpo, sem capas, com suas rodellas e espadas nuas limpas conforme o antiguissimo costume, levando o dito Santo montado em bom cavallo de sella com dois pages ao menos bem vistidos e montados em bons cavallos de sella, e o que no dito acompanhamento faltar não indo na forma sobredita pagará de pena quinhentos réis e os juizes de seus officios que não levarem o dito Santo na forma que dito he pagará de pena dois mil réis de cadea que serão repartidos pelos que tocar delles a pagar cada hu e assim mandaram se comprisse.»

99.º — «*Das maúnsas* [2] *dos lavradores.*» «Os lavradores das freguezias cujos curas são obrigados a vir á procissão do Corpo de Deos, virão por si ou por outrem com suas maúnças, na forma do antiguissimo costume, sob pena de pagar o que faltar quinhentos réis, e assim mandaram se comprisse.»

M. Dias NUNES

(1) Ibid.

(2) As bandeiras, de variadas côres, tinham a fórma de estandarte—segundo a tradição oral.

(1) A procissão do Santo Martyr é, das cinco a unica que se effectua ainda, aliás pobremente e sem caracter official. As de S. Braz, Santa Isabel, e do Anjo, extinguiram-se ha longa data.

(2) *Maúnça, ou mainça.* Pequenino feixe d'espigas.

MEDICINA EMPIRICA

Os nossos trabalhos d'investigação sobre a *medicina popular*, ficariam incompletos se, ao lado dos processos misticos, que principiámos a descrever em o n.º 3

da nossa revista, não nos occupassemos tambem da therapeutica empirica.

O *empirismo*, o mais antigo de todos os methodos, appareceu naturalmente entre os primeiros homens que, ao sentirem-se doentes, procuravam por instincto o meio d'aliviar seus soffrimentos.

Durante muitos seculos reinou exclusivamente este methodo, — o que não é para admirar, dada o ignorancia em que se estava ácerca das causas e natureza das doenças.

Só tarde, muito tarde, mercê do estudo anatomico e fisiologico do corpo humano, a medicina começou a ser uma arte exercida por forma consciente e reflectida.

E' unicamente a partir dessa data, que a arte de curar merece o nome de medicina, porque até ahi consistia ella, apenas, num montão de formulas empiricas, empregadas perfeitamente ao acaso, e sem outro guia que não fosse o desejo d'acertar.

É mister, todavia, confessar que tem grande importancia o estudo do methodo empirico. No meio da serie infinita de remedios que o decorrer dos seculos tem vindo accumulando, «acham-se ás vezes» — como dizem Nothnagel e Rossbach — «alguns dados preciosos que nos obrigam a ser reconhecidos para com este methodo.» [1]

Porisso, e porque os proprios erros e absurdos de que se acha eivada a therapeutica empirica devem ser registados, como documentos para a historia da medicina, aqui vimos inaugurar hoje a presente secção, intimamente convencidos de que ella despertará verdadeiro interesse entre os leitores da *Tradição*.

*
* *

Escrofulôso

A escrofulose, conhecida vulgarmente pelo nome de *escrofulôso* ou alpórcas, é — e com razão — uma das doenças mais temidas pelo povo. Quanto á sua natureza, está o publico muito longe de suppôr que ella é identica á tuberculose, como muito bem se demonstra em face das modernas doutrinas medicas.

O escrofuloso, segundo a estreita concepção popular, representa apenas uma fraqueza do sangue, hereditaria e transmissivel pela amamentação. Para que uma creança adquira a terrivel molestia, diz a tradição, basta que uma só vez chupe o leite de mulher escrofulosa. — Existe na villa de Serpa, e em muitas outras terras alemtejanas, o habito inveterado de curar as escrofulas pela seguinte forma:

Nos mezes de Maio, Junho e Julho de cada anno, e durante os tres primeiros dias da lua cheia, vão os individuos, que se julgam affectados do escrofuloso, a casa da pessoa — geralmente mulher — dedicada ao caritativo mister de tratar as alpórcas. Ali, a curandeira, depois d'examinar o doente e de certificar-se que elle padece d'escrofulas, lança lhe no conducto auditivo externo d'ambos os lados, uma pequena porção d'um pó branco, sobre o qual expreme em seguida erva moira, fresca e pisada, até o succo encher os conductos. Os ouvidos são depois tapados com um pouco d'algodão em rama.

Passados quatro ou cinco dias, tira-se o algodão e lavam-se os ouvidos com agua morna; e se o doente accusa dôr nalgum delles, introduz-se-lhe uma bola d'algodão embebida em oleo d'amendoas dôces.

Esta cura deve ser praticada, como dissemos, no cheio das luas de Maio, Junho e Julho, e em tres annos successivos. A cada doente é imposto o preceito de tomar um purgante, tres dias antes de começarem os curativos; e emquanto dura o tratamento, precisa de guardar á risca o *regimen*. Consiste o regimen em o doente não comer batatas, carne de porco, bacalhau, queijo d'ovelha, alméce, peixe de pelle azul, figos, melão e pepino.

---

[1] Nothnagel e Rossbach: *Nouveaux Elements de Matière Medicale et de Thérapeutique.*

Tem ainda o povo por costume, untar as adenites escrofulosas com manteiga de vacca rançosa, crendo que esta substancia goza da propriedade de as fazer mirrar, evitando assim que ellas suppurem e abram para o exterior.

Em tôrno do pó branco atraz referido, faz-se d'ordinario grande mysterio.

Ninguem sabe a sua composição!

Alcançando eu, porém, em certa occasião e por especial favor, uma pequena quantidade d'esse pó, pude verificar, pelo aspecto e sabor, que se tratava do trivial sal de cosinha bem pulverisado.

— As classes populares, e mesmo alguns individuos de posição mais elevada, depositam ainda hoje extraordinaria fé no tratamento que, em breves termos, acabâmos d'expôr. E a prova, temo-la bem patente na larga clientela, que em geral rodeia qualquer *especialista* na arte de curar o escrofuloso.

Ha poucos annos, em 1885, falleceu em Moura uma mulher, chamada Maria Angelica Torres de Mattos, cuja fama na cura das alpórcas era tal, que ali concorria gente de toda a parte, tanto de Portugal como de Hespanha. Formavam-se, nas diversas povoações, verdadeiras caravanas de doentes, que se dirigiam a Moura afim de receberem a miraculosa cura.

Consta-me até, que alguns medicos de Lisboa chegaram a vir expressamente a esta importante villa do Alemtejo, com o proposito d'assistir ao maravilhoso tratamento!

A decepção destes curiosos clinicos — se é que o facto se deu — devia realmente ser enorme, ao deparar-se-lhes uma therapeutica tão futil e fantastica.

A maneira de tratar o escrofulismo conforme a descrição acima, apesar de largamente consagrada pelo uso, nada ha que scientificamente a justifique.

Depois que a anatomia pathologica nos veiu dar a verdadeira noção da escrofula, querer combater esta pertinaz enfermidade depositando nos ouvidos chloreto de sodio em pó e succo d'erva moira, é simplesmente irrisorio!

Ainda mesmo encarada a questão pelo lado da fraqueza do sangue, a que o povo attribue a doença, por que mystico mecanismo poderiam as duas citadas substancias eliminar do organismo as desagradaveis manifestações do escrofuloso? A insistencia em tal processo de cura significa tão sómente um dos innumeros prejuizos radicados no espirito publico, que difficilmente veremos desapparecer.

LADISLAU PIÇARRA.

LENDAS & ROMANCES

(Recolhidos da tradição oral na provincia do Alemtejo)

I

D. Marcos

— Lá se apregoam as guerras
Entre França e Aragão;
Ai de mim! que já sou velho,
E as guerras me matarão;
De sete filhas que tenho
Nenhuma sahiu varão!
— Pae, dae-me armas e cavallos,
Que quero ir ser capitão.
—Tendes um lindo cabello,
Filha, conhecer-vos-hão.
— Mandal o-hei a cortar,
E atarei-me um listrão.
— Filha, tendes lindos olhos,
Logo conhecer-vos-hão.
— Ao sahir d'esta côrte
Eu os pregarei no chão.
— Filha, tendes lindos peitos,
Logo conhecer-vos-hão.
— Inda ha-de haver um alfayate
Que me faça um gibão,
P'ra desapertar meus peitos,
Mettel-os no coração.
— Filha, tendes lindo andar,
Logo conhecer-vos hão.
— Ha de haver um sapateiro
Que faça botas de joelhão,
Para quando fôr a andar
Me faça andar de moitão;
E quando d'aqui me fôr
D. Marcos me chamarão.
— Madre mya, madre mya,
Que me morro já de amores,
Que os olhos de D. Marcos
São de mulher, que não de hombre.

— Pois se tu o quer's saber,
Tral-o comtigo a jantar,
Bota-lhe cadeiras baixas,
Para n'ellas se assentar —.
D. Marcos, como discreto,
Não deixou de suspeitar,
Foi passando pelas baixas
Nas altas se foi sentar.
— Madre mya, madre mya,
Que me morro já de amores,
Que os olhos de D. Marcos
São de muiher, que não de hombre.
— Convidae-o vós, meu filho,
P'r'a ir á feira passear,
Que se elle fôr mulher,
Ás fitas se ha de pegar,
E se elle homem fôr,
Ás espadas se ha de lançar.
— Oh! que tão lindas fitas
P'r' ás senhoras se adornarem.
— Oh! que bellas espadas
Para na guerra lidarem.
— Madre mya, madre mya,
Que me morro já de amores,
Que os olhos de D. Marcos
São de mulher, que não de hombre.
— Pois se tu o queres saber,
Leva o comtigo a banhar,
Pois se elle homem fôr,
Ás aguas se ha de lançar,
E se elle mulher fôr,
Muito bem se ha de escusar —.
Tinha uma bota descalça,
E outra por descalçar,
Quando lhe veio por noticia
Que sua mãe era morta,
E seu pae a acabar;
Que tinha seis irmãs orphãs,
E as q'ria ir a amparar.
— Montae vós, ó D. Marcos,
Que vos quero acompanhar.
— Sete annos andei na guerra
Sem ninguem me conhecer;
Dêem cá uma almofada
A ver se inda sei coser.

(Elvas).

II

D. Martinho

(Variante do romance anterior)

— Oh! que guerras são armadas
Nas costas do Maranhão!
— Oh, filha! estou muito velho,
Não as posso vencer, não.
— Dae-me armas e cavallos,
Que eu irei por capitão.
—Tendes as mãos muito finas,
Filha, conhecer-vos-hão.
— As minhas mãos, ó meu pae,
Todo o remedio terão,
Mandarei fazer 'mas luvas,
D'ellas nunca sahirão;
Dae-me armas e cavallos,
Que eu irei por capitão.
—Tendes os peitos mui grandes,
Filha, conhecer-vos-hão.
— Os meus peitos, ó meu pae,
Todo o remedio terão,
Mandarei fazer 'ma farda
D'ella nunca sahirão;
Dae-me armas e cavallos,
Eu irei por capitão.
—Tendes cabellos mui grandes,
Filha, conhecer-vos-hão.
— Os meus cabellos, meu pae,
Todo o remedio terão,
Dae-me cá uma tesoira,
Vel os-hão cahir no chão;
Dae-me armas e cavallos
Que eu irei por capitão.
— Dou-te armas e cavallos,
E dou-te a minha benção.
— Ó minha mãe, minha mãe,
Os olhos de D. Martinho
A mim me matarão,
Todos os feitos são de homem,
Os olhos de mulher são.
— Pois se o quer's exp'rimentar,
Convida-o para jantar,
Que se elle mulher fôr,
Nas baixas se ha de assentar.
— Que bellos assentos baixos
Para ás damas offertar!
— Que bellos assentos altos
P'ra D. Martinho se assentar!
— Ó minha mãe, minha mãe,
Os olhos de D. Martinho
A mim me matarão,
Todos os feitos são de homem,
Os olhos de mulher são.
— Pois se o quer's exp'rimentar,
Leva-o a enfeirar,
Que se elle mulher fôr,
A's fitas se ha de agarrar.
— Ó que bellas fitas verdes
Para as damas adornar!
— Ó que bellas espadinhas
P'ra D. Martinho brigar!
— Ó minha mãe, minha mãe,
Os olhos de D. Martinho
A mim me matarão,
Todos os feitos são de homem,
Os olhos de mulher são.
— Pois se o quer's exp'rimentar,
Convida-o para nadar,
Que se elle mulher fôr,
Elle se ha de acobardar.
— Nade o capitão primeiro,
Pr'a me poder ensinar;
Quem quizer casar comigo

CANCIONEIRO MUSICAL

V

VERDE CARACOL

(DESCANTE)

Andtino

Ver-de ca-ra-cól-a, Mi-nha ri-_ca pom-ba! Eu an-_do com-ti-_go Dó sól pa-rà som-bra, Dó sól pa-_rá som-bra Da som-_bra prò sól-_a. Mi-_nha ri-_ca pom-ba, Ver-de cá-_ra-_cól-_a!

Vá ao palacio real,
Sou filha de D. Martinho,
Neta de D. Guiomar.

(Elvas).
(Continúa).

A. Thomaz PIRES.

Modas-estribilhos alemtejanas

Verde caracol

Verde caracóla,
Minha rica pomba!
Eu ando comtigo
Do sól pará sombra.

Do sól pará sombra,
Da sombra pró sóla.
Minha rica pomba,
Verde caracóla!

Notas.—Verde caracol é propriamente um descante, mas tambem se adapta aos bailes de roda e *aos pares*, cuja descripção faremos dentro em breve, na sequencia do nosso artigo inserto em o n.º 2 da *Tradição* sob a epigraphe *Danças populares do Baixo Alemtejo.*

—Quanto a linguagem, devemos notar a addição do *a* breve ás palavras caracol e sól, no final dos versos 1.º, da primeira quadra, e 2.º e 4.º da quadra segunda.

M. Dias NUNES.

ANTIGUIDADES PORTUGUEZAS

O que é privilegio e o que é eygreia privilegiada

Privilegio: tanto quer dizer como ley apartada, que he feita assi naadamente por prol e por honra d'alguns homês, ou logares, e nom per todos cumunalmente.

E porque a eygreia he cousa de Deus segundo diz en a ley ante d'esta, por onde ha privilegios mais que as outras cousas des homês.

E assi naadamente en estas cousas; que non de seer apremada de nenhum preito, nem d'outro embargo, nem devem en ela nem em seus cimeterios julgar os preitos segraes, maiormente os que forem de justiça criminal.

Ca será contra rrazom e que cousa de juzgar os omês de morte ou de lesion en o lugar que he estabelecudo pera servir hya Deos, e pera faserlhy hy obras de piedade.

E outro ssy nom devem hy a faseer merchandia, nem devem assoterrar mortos dentro en ella, segundo já dectermínamos en o titolo dos sacramêtos.

E nom devem hy a estar com os clerygos omês leigos en o coro quado dizem as oras mormente e a missa. E esto he porque as possam dizer mais sem embargos e com maior devoçom: nem devem os leigos, nem as molheres, a estar derrodor do altar quãdo diserem a missa; mais podem estar pelos outros logares da eygreya, os barões a hua parte, e as molheres a outra.

Outro ssy nem hua molher nom se deve achegar a o altar, nem servir o clerigo mentre disser a missa; nem devem a estar a as oras delas gridizelas do altar adeente: pero quãdo quizerê comugar e fazer oraçom, ou oferecer algua cousa, bem se pode chegar atá acerca do altar.

Otro sy nom debe pasar en las casas de la eygreia que se teem com ella e com suas quites, em que teem esas cosas en guarda. E ainda som estas outras franquezas; que as casas e os erdamentos que lhes forem dados ou mandados ou vendudos en testamentos dereytamente, pero nom fossê apoderados delles, gaanharon o senhorio e o dereyto que en elas avia aquel que as mandou ou vendeu, ou deu, de maneira que as pode a eygreia demandar por suas a quem quer que as tanha. E esto privilegio nom am eygreias tam solamente mays ainda os moesteyros e os speritaes, e os outros

logares religiosos que sem feytos a serviço de Deos.

(Das Leys que D. Sancho I mandou tomar por apontamento)

Galés, galeões e naus

As primeiras galés que houve em Portugal tinham vinte metros de comprido. No século XVI construiram-se os primeiros galeões, que mediam sessenta metros de comprido.

Os tripulantes das galés eram então escolhidos entre os pescadores e barqueiros; mas depois quando principiou a codificação das leis, foram obrigados os criminosos a prestar tal serviço. Esta pena era por toda a vida, ou temporaria, conforme o crime praticado.

A primeira nau que houve em Portugal, foi mandada construir por D. Affonso III quando pretendeu conquistar o Algarve.

CORRÊA CABRAL

CRENÇAS & SUPERSTIÇÕES

Bruxas e bruxedos

Não é raro ouvir dizer, entre o povo, que tal creança está embruxada. E não admira que o facto se repita com frequencia, pois que é crença vulgar e muito espalhada, gostarem as bruxas, como já referimos, d'exercer a sua arte maléfica sobre a innocente infancia.

Quando apparece uma creança rachitica e enfézada, e que aos circumstantes se afigura como sendo mais um triste caso de bruxaria, para libertar a infeliz victima do terrivel maleficio, adoptam-se algumas praticas extravagantes, que passâmos a descrever.

1 — Chamam-se á casa onde se encontra a creança embruxada, um Manuel e uma Maria. Colloca-se no meio da dita casa uma tripéça, e, em torno d'esta, sentam-se no chão o Manuel e a Maria, ficando Manuel d'um lado da tripéça e Maria do lado opposto.

Em seguida, Manuel, pegando na creança, benze-a e diz:

—«Fulano! (o nome da creança) quem t'encalhou?»

Maria responde:

—«Uma alma perdida que por aqui passou.»

Torna Manuel:

—«Quem t'encalhou, t'ha-de desencalhar. Em nome de Deus e da Virgem Maria. Toma lá, Maria.»

Manuel, ao proferir as ultimas palavras, passa a creança por debaixo da tripéça para as mãos de Maria, que diz:

—«Deita cá, Manuel.»

A seu turno, Maria, com a creança nos braços, excalama:

—«Fulano! (o nome da creança) quem t'encalhou?»

Responde Manuel:

—«Uma alma perdida que por aqui passou.»

Accrescenta Maria:

—«Quem t'encalhou, t'ha-de desencalhar.

Toma lá, Manuel.»

—«Deita cá, Maria»— diz Manuel, recebendo a creança das mãos de Maria, egualmente por debaixo da tripéça.

A creança tem de passar assim nove vezes por debaixo da tripéça; e a cada passagem é necessario que sejam pronunciadas as mesmas palavras acima mencionadas.

No fim das nove passagens, rezam-se cinco Padre-nossos, cinco Ave-Marias e cinco Glorias-patri; e estas orações offerecem-se a S. Cypriano, para que livre aquella creança do mal que a afflige.

Tudo isto tem d'executar-se durante nove dias successivos. E só assim a creança conseguirá restaurar a saude.

2 — Uma outra pratica, que o povo usa para desembruxar as creanças, consiste no seguinte:

Duas pessoas, cujos nomes sejam tambem Manuel e Maria, fazem uma pepia

(corôa) de trovisco [1]. Essa pepia é levada a uma encruzilhada, pela uma hora da noite; e ali os paes da creança embruxada pegam na pepia e manteem-na em posição vertical.

Em seguida, Manuel e Maria, postando-se frente a frente e deixando de permeio a referida pepia, passam a creança atravez d'este misterioso circulo, nove vezes.

A creança passa, é claro, dos braços de Manuel para os de Maria, e vice-versa; proferindo as duas caridosas creaturas, no momento de cada passagem, as mesmas palavras que mencionámos na pratica antecedente.

Findas as nove passagens, o Manuel e a Maria desmancham a pepia e espalham os destróços pela encruzilhada.

E, a seguir, rasgam com a mão esquerda uma camisa da creança e lançam os farrapos no mesmo sitio.

Depois d'esta operação, regressam todos para suas casas, convencidos que salvaram aquella pobre victima, do horrivel bruxedo. E' necessario, porém, que ao regressarem, nenhuma das pessoas olhe para traz, porque se alguem tem a ousadia de voltar a vista para o caminho percorrido, já sabe que mão occulta lhe vibra estrondosa bofetada.

E' a propria bruxa, auctora do maleficio em questão, que parece estar á espreita, para exercer a sua vingança.

(Brinches).

FILOMATICO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

V

O lobo e as tres fortunas

Era duma vez um lobo que, ao levantar-se um dia, pela manhã, espreguiçou-se e deu tres espirros, dizendo: «Oh! que tres fortunas que eu hoje vou ter!...» Poz-se a caminho, e passado um oiteiro, viu dois carneiros guerreando. Quando elle diz lá comsigo: «Cá está a primeira fortuna. E esta não é má.» Chegou ao pé dos carneiros, sem elles sentirem, e disse-lhes:

— «Que diabo de desordem é essa? então aqui já não ha rei nem roque?! pois esperem que eu já os castigo...»

Os carneiros, vendo que já não podiam fugir-lhe, responderam:

— «O' senhor lobo, nós bem sabemos que você nos mata e nos come; mas primeiro, tire-nos lá aqui duma duvida, para ver qual de nós tem razão.»

— «Então que duvida é essa?» — perguntou o lobo.

— «Ora,» — diz um dos carneiros — «é que eu digo que a pastagem aqui para este lado, é do meu dono, e para aquelle lado, é que pertence ao dono do meu camarada; e elle diz que não. E, para ficarmos sabendo quem tem razão, pedimos-lhe que veja se este marco está certo com aquelle que está além adiante.»

O lobo, não desconfiando da malicia do carneiro, aproximou se do marco para decidir a questão. Poz-se a olhar muito attento para os marcos, a ver se estavam no *endireito* (direcção) um do outro, quando uma forte pancada o fez cair por terra, sem sentidos. Tinham sido os carneiros, que, apanhando o lobo distraido, correram ao mesmo tempo para elle e deram-lhe uma valente marrocada (marrada).

O desgraçado do lobo, quando tornou a si, lá se levantou com muito custo e marchou, dizendo: «Se as outras fortunas forem como esta, acabam de matar-me. E de mais a mais, havendo já dois dias sem comer nada senão matto!

Ia assim o lobo a lamentar a sua sorte, quando, erguendo a cabeça, avistou, no meio dum valle, uma egua, já muito velha e magra, e uma filha que andavam pastando. Mal as avistou, disse logo: «Estas é que não m'escapam: porque a mãe é velha e está magra, e a filha é

---

[1] A virtude do trovisco proveiu, segundo a tradição, de ser a este arbusto que Nossa Senhora se abrigou por occasião d'uma grande trovoada.

ainda muito nova para me poder fazer mal. Mas, em todo o caso, não perco nada, matando a mãe, ainda assim, apesar de velha, ella não me dê alguma *ventosa* (parelha de coices).» O lobo foi-se chegando com toda a cautella para ao pé da egua, e disse-lhe:

— «Ó, amiga! eu tenho fome... e então, tem paciencia, mas vaes morrer.»

Respondeu-lhe a egua:

— «Olha lá! eu sou velha, tenho a carne dura, e alem d'isso estou magra. Mas se tu quizesses, fazias-me um favor, e eu, em paga delle, dava-te minha filha.»

— «Então que favor é esse?» — perguntou o lobo.

— «Ora, é tirares-me um cravinho passado, que tenho numa pata e que não me deixa andar.»

— «Vá lá... isso pouco custa.»

A egua assim que o apanhou a geito, deu-lhe uma parelha de coices tão grande que lhe escangalhou os queixos, e marchou com a filha para casa do dono.

O lobo, ainda com as dôres, metteu-se pelo valle abaixo, e encontrando uma porca com bacorinhos, disse-lhe:

— «Ó porca! tem paciencia, mas eu ando com muita fome, e vou comer os teus filhos.»

— «Ó senhor lobo!» — respondeu a porca — «eu não me importo que me coma os filhos, mas primeiro vamos baptisa-los.»

— «Então como é que isso se faz?» — perguntou o lobo.

— «Olhe!» — diz-lhe a porca — «você sóbe para cima do bocal d'aquelle poço e eu fico em baixo para lh'os ir dando dum em um; e você depois vai mergulhando-os e comendo-os.»

— «Bem, pois então vá lá.»

O lobo subiu para cima do bocal, e a porca assim que lá o agarrou, deu-lhe uma trombada que o fez cair para dentro do poço, e fugiu com os filhos.

Elle, como poude, lá conseguiu sair do poço e continuou a sua jornada.

Mais adiante, encontrando uma vacca com uma corda atada a uma perna, disse comsigo: «Esta agora é que não m'escapa de maneira nenhuma, porque eu agarro-me á corda, enleio-a, a vacca cai e eu como-a.» Effectivamente o lobo agarrou-se á corda, mas a vacca assim que o sentiu, desatou a correr, arrastando-o pelo chão. Quando a corda se partiu, o lobo levantou-se em misero estado, e disse lastimosamente: «Ora, quem te manda, lobo, ser marcador d'extrêmas, alveitar de bestas e baptisador de porcos? E por fim, se a corda se não parte ou o nó se não desata — ir morrer a casa do dono da vacca!»

VI

A morte de tres gallegos

Numa occasião vieram ao Alemtejo fazer azeite, tres gallegos, que combinaram voltar juntos, á sua terra [1].

Assim que cá chegaram, foi cada um para o seu lagar; mas como os lagares não acabassem a moenda ao mesmo tempo, succedeu que o mestre do lagar que fechou primeiro, foi a um dos outros dois lagares, e disse para o lagareiro:

— «O' camarada! einton queres alguma cousja lá para a terra! Sce quisjéres, eu martxo para lá ámanhan.»

Respondeu o outro:

— «Oh diabo! einton nós non combinámos boltar juntos?!»

---

[1] Os mestres de lagar d'azeite ou lagareiros, eram antigamente, nesta região, individuos vindos das nossas provincias do Norte. Ainda hoje se vêem desses homens em varios lagares da margem esquerda do Guadiana.

O mister de lagareiro, entre os habitantes da Beira, era — segundo a tradição — tão estimado, que os paes, ao lançarem a benção aos filhos, diziam: «Deus te faça arcebispo ou lagareiro no Alemtejo.»

Na bôca do povo — e ainda a proposito de gallegos — corre a seguinte quadra:

«O gallego lá da Beira,
Baptisado na caldeira,
Com vergonha d'ir á missa,
Com sapatos de cortiça.»

— «Pois é berdade, mas como sçabes, ficando eu cá, fásço mais despêsja, e eu bim para ganhar — e non para gastar.»

— «Pois scim, mas olha: sce queres, ficas aqui comigo, e eu dou-te de comer e dormir.»

— «Pois bem, nêsce cásjo fico.»

Passados dois dias, fechou tambem aquelle lagar, e em seguida marcharam ambos os gallegos caminho do lagar, onde se achava o terceiro gallego. Dirigindo-se a este, participaram-lhe que estavam de marcha para a terra. Mas elle, que não queria ficar só, disse aos dois camaradas:

— «Fiquem mais tres ou quatro dias, até eu acabar; eu lhes dou de comer, e dormimos aqui todos.»

Os outros dois camaradas acceitaram a proposta. e ali se conservaram até fechar o lagar.

Depois, puzeram-se os tres gallegos a caminho, quando o mais velho diz para os outros:

— «O' rapazes! nós bâmos fâsjer uma cousja:»

Perguntam os outros:

— «Einton o que é, camarada?»

— «E' non entrarmos em poboasções, ainda ascim, nalguma estalagem, os ladrões non sçaiban que nós lebâmos dinheiro. E einton, o melhor é dormirmos scempre no campo.»

— «E' berdade, tem rasjão» — responderam os dois camaradas.

Como a jornada era grande e o pão se acabou ao fim de oito dias, os gallegos passando por umas amoreiras carregadas de fructo já maduro, subiu cada um para a sua arvore, afim de saciarem a fome, comendo amoras. Nesse mesmo dia, escureceu-se-lhes num *escampado* (descampado), onde havia tres azinheiras muito grandes. Diz o mais velho:

— «O' rapásjes! o melhor é sçubirmos cada um para scima da sçua asjinheira por causja dos bitxos.

Effectivamente, cada um subiu para cima da sua azinheira; mas dahi a pedaço chegou uma quadrilha de ladrões, que se foi pôr debaixo da azinheira do meio. E estenderam uma manta no chão para contarem o dinheiro que tinham roubado esse dia.

Quando se ia principiar a contar o dinheiro, diz o capitão para um dos ladrões:

— «O' fulano! acende lá uma fogueira para se ver melhor.»

Acendeu-se a fogueira, e como era de palha de centeio, desenrolou-se uma grande chama e uma enorme fumaceira, a ponto que o pobre gallego, que estava em cima da azinheira, teve de começar a mecher-se. Os ladrões, ouvindo barulho em cima da arvore, olharam e viram o gallego todo afflicto. Mas não lhe perdoaram! Obrigaram-no a descer, apanharam-lhe o dinheiro e depois mataram-no.

Nesta occasião, diz um dos ladrões:

— «Caramba! Já havia muito tempo que não via um diabo com o sangue tão negro!»

Ouvindo isto, respondeu um dos outros gallegos:

— «Pudéra! não ha de ter o sçangue negro, sce elle comeu amóras!...»

Os ladrões olhando para a azinheira donde vinham estas palavras, viram outro gallego, que obrigaram da mesma forma a descer, para o roubarem e matarem.

Quando o estavam matando, diz um outro ladrão:

— «Este diabo morreu por falar.»

— «Por isço eu» — diz o terceiro gallego — «estou aqui muito caladinho.»

— «Olá!» — disseram os ladrões — «você tambem ahi está?... Pois então venha cá para baixo, que lhe queremos tambem fazer as contas.»

O pobre do gallego não teve mais remedio senão descer da azinheira, e os ladrões fizeram-lhe o mesmo que tinham feito aos outros dois.

(Da tradição oral)

(Brinches).

ANTONIO ALEXANDRINO.

PROVERBIOS E DICTOS

(Continuação)

XXIII

Sogra, nem de páo á porta.

XXIV

O pae imprudente faz o filho desobediente.

XXV

Quem bem faz, p'ra si faz.

XXVI

Ruim é a gallinha que não esgatanha p'ra si.

XXVII

Quem se veste de ruim panno, veste-se duas vezes ao anno.

XXVIII

Boccado comido não grangeia amigo.

XXIX

Quem não é p'ra *cavandellas,* não se mette n'ellas.

XXX

Nem todo o matto é *oregos.*

XXXI

Pela linha vem a tinha e a sarna ás cabras.

XXXII

Se queres ver o teu corpo, mata um porco.

XXXIII

Agoa fervida alimenta a vida.

XXXIV

Vacca *chiquita*, sempre parece novita.

XXXV

Quando não ha lombo, linguiça como.

XXXVI

Arvore ruim não a queima a geada.

XXXVII

Co'a vontade de ter *saimancos,* metto os meus pés em boccas de cantaros.

XXXVIII

Trovões em Janeiro, searas de quarteiro.

XXXIX

Paschoa em Março, ou fome ou *mortaço.*

XL

Anno de gamão, anno de pão.

XLI

Quem bate co'a mão fica com quinhão.

XLII

Anno bissexto, palha e trigo dentro d'um cesto.

LXIII

Natal ao domingo, vende os bois e compra trigo.

XLIV

Natal á segunda feira, alarga a eira; e depois, vende o trigo e compra bois.

XLV

Quando te vires morto, acolhe-te ao porco (ou ao horto).

(Da tradição oral)

(Continúa)

Serpa.

CASTOR.

BIBLIOGRAPHIA

Degeneração e degenerados na sociedade, pelo Doutor F. Ferraz de Macedo. — O nosso mui respeitavel amigo e sabio anthropologo, Senhor Doutor F. Ferraz de Macedo, uma das mais fulgentes glorias da sciencia portugueza, deu ultimamente á estampa — creio que a proposito do já celebre crime do Bigode — um precioso opusculo intitulado *Degeneração e degenerados na sociedade* (ensaios de investigações anthropologicas, segundo os modernos processos scientificos).

A superior competencia do auctor em assumptos d'esta indole, aos quaes o illustre homem de sciencia vem consagrando desde longos annos toda a prodigiosa actividade do seu cerebro, dispensa-nos bem de encarecer o merito do trabalho recentemente publicado. Basta tão só recordar, que *Degeneração e degenerados na sociedade* é uma producção do mesmo espirito luminoso e profundo que dotou a sciencia anthropologica com essa obra magistral que se chama *Crime et Criminel.*

D'aqui endereçâmos ao nosso presadissimo amigo Senhor Doutor Ferraz de Macedo, intimo e cordial agradecimento pela offerta do exemplar com que nos honrou.

As mouras encantadas e os encantamentos no Algarve, por Francisco Xavier d'Athayde Oliveira. — O erudito auctor dos *Contos infantis*, Senhor Doutor Athayde d'Oliveira, teve a amabilidade de offertar-nos o seu excellente livro *As mouras encantadas e os encantamentos no Algarve.* — E' um bello trabalho de investigação, reflectido e consciencioso, largamente subsidiario dos estudos mythographicos, infelizmente tão descurados entre nós.

Muitos agradecimentos.

Les livres d'or de la science. — A importante livraria-editora Schleicher Frères, de Paris, iniciou ha proximo de um anno a publicação de uma bibliotheca litteraria de vulgarisação scientifica, cujos volumes obedecem ao titulo geral de *Les livres d'or de la science.*

Em França, como em muitos outros paizes, tem a nova bibliotheca alcançado um brilhante successo, graças aos escolhidos assumptos dos *livros d'ouro*, todos interessantissimos, e graças ao primor da edição alliado á modicidade do preço.

Eis os nomes dos livros vindos a lume: *Le Panorama des Siècles*, por J. Weber; *Les Races Jaunes: Les Celestes*, por Edmond Plauchut; *La Photographie de l'Invisible, les Rayons X,* por L. Aubert; *Histoire et rôle du Boeuf dans la Civilisation*, por E. Chester; *La Prehistoire de la France*, por Stéphane Servant; *La Vie Mysterieuse des Mers*, por Emile Deschamps; *La Vie d'un Théâtre*, por Paul Ginisty; *Tableau de l'Histoire littéraire du Monde*, por Frédéric Lolié; *Pour devenir Médecin*, pelo Dr Michaut; *Les Microbes et la Mort*, pelo Dr. J. de Fontenelle; *Les Feux et les Eaux*, por M. Griveau.

Cada volume in-18.º, de cerca de 200 paginas, impresso em optimo papel é adornado de explendidas gravuras, vende-se por *um franco* na referida livraria-editora, rue des Saints Pères, 15, Paris.

Portvgalia. — Assim se denomina uma luxuosa publicação trimestral, que acaba de ver a luz no Porto sob a directoría dos Senhores Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso.

A *Portvgalia*, «será um **Archivo Nacional** *de materiaes para o estudo do povo portuguez*, monographias, de inquerito a toda uma collectividade desde as suas origens, considerando o individuo, as raças, os povos, na sua natureza intima e modos de ser, usanças, civilisações, historia ..»

O primeiro numero, que temos presente, inserindo numerosas gravuras intercaladas no texto, é collaborado pelos distinctos publicistas Senhores Doutor Adolpho Coelho, Alberto Sampaio, Duarte Silva, Fonseca Cardoso, Ferreira Loureiro, Goltz de Carvalho, Martins Sarmento, Pedro Fernandes Thomaz, Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Santos Rocha.

A *Portvgalia* encontra-se á venda na «Livraria Chardron», do Porto.

Revista Branca. — Continúa a sair com a maior regularidade a *Revista Branca,* primoroso quinzenario redigido por Caiel, a insigne escriptora a quem a litteratura portugueza deve, entre outros livros de subido valor, *Madame Rénan* e *A Filha do João do Outeiro*

A *Revista Branca*, que muito particularmente recommendâmos aos nossos leitores, assigna-se na rua dos Prazeres, n.º 87, Lisboa. O preço da assignatura por anno é 1$680 réis.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes. — Recebemos os n.os 3 e 4 (3.ª série) d'esta notabilissima publicação, que devéras agradecêmos.

D. N.

BIBLIOTHECA D'«A TRADIÇÃO»

Publicação bi-annual, em volumes de 150 a 200 pag.

VOLUME I (a entrar no prélo):

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO-ALEMTEJO

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME II:

JOGOS POPULARES

POR

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME III:

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

POR

ANTONIO ALEXANDRINO

Prefaciados por

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME IV:

O AUTO DO PRESEPIO E A DEGOLLAÇÃO DO BAPTISTA

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME V:

SYLVA DE XÁCARAS

POR

A. THOMAZ PIRES

Anno I — N.º 6 SERPA, Junho de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

— TEXTO —

— ILLUSTRAÇÕES —

Collaborador artistico: — F. VILLAS-BOAS

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I — N.º 6 SERPA, Junho de 1899 Série I

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

O elemento arabe na linguagem dos pastores alemtejanos

E' bem sabido, como da conquista dos arabes e da sua longa permanencia na Peninsula, particularmente na parte meridional, ficaram muitos vestigios no aspecto, nos habitos, nas industrias locaes e na lingua do nosso povo. Quanto á lingua, porém, aquella influencia limitou-se em geral a enriquecer o vocabulario. A grammatica ficou latina ou antes latino-rustica, sem modificação sensivel. A indole das duas linguas, aquella de que já usavam os conquistados e a que traziam comsigo os conquistadores, era demasiado diversa para que se podessem penetrar profundamente.

A linguagem dos povos da Peninsula ficou, pois, intacta ou quasi intacta na sua estructura intima, e apenas superficialmente se enriqueceu de novas palavras. E mesmo na adopção d'estas novas palavras se deu uma circumstancia notavel. São raras, como já indicaram Engelmann e Diez, as palavras abstractas, hespanholas ou portuguezas, de origem arabe. Os termos, que designam paixões, sentimentos, modos de ser internos do espirito ou da alma, são, com rarissimas excepções, de origem latina, quer dizer, que já se usavam antes da conquista. Parece que dominados e dominadores ficaram durante seculos moralmente separados e affastados. Conservando uma religião distincta, affeições e aspirações diversas, os povos dominados pensavam no seu velho e rude idioma, e apenas aprenderam as palavras necessarias para se entenderem com os seus novos senhores e amos.

Pelo contrario são frequentes as palavras concretas de origem arabe. Nomes de impostos, de cargos civis ou militares, introduzidos pelos que exerciam a auctoridade; designações de peças de vestuario e de objectos de uso commum; termos de sciencia, ou das artes e officios em que os arabes eram peritos, abundam nas linguas da Peninsula. Com os novos objectos e as novas profissões vieram naturalmente os seus nomes. E estes termos são particularmente frequentes n'aquellas profissões ou industrias a que os arabes mais se dedicavam. Assim, os arabes eram peritos constructores; e nos officios de pedreiros e carpinteiros ha muitos termos da sua lingua, a começar pelo de *alvenel* ou *alveneu*, com que na nossa provincia ainda se designa o proprio pedreiro. Os arabes eram cuidadosos horticultores; e na linguagem dos hortelões ha muitas palavras que d'elles nos ficaram, como é, para dar apenas um exemplo, o nome da conhecida e typica *nora* da horta alemtejana. Poderia multiplicar estas indicações, se nos não affastassem do assumpto especial.

Mais que nenhuma outra, talvez, a profissão de pastor foi seguida e respeitada entre os arabes. Como os outros povos semitas, os arabes eram tradicionalmente pastores; pastores de tempos

immemoriaes na sua remota peninsula natal; pastores no norte de Africa, donde, misturados com os berberes, passaram ás nossas terras. Nada mais natural, pois, do que encontrarmos um grande numero de termos de origem arabe na linguagem profissional do pastor alemtejano; por isso que os proprios arabes se dedicavam nos velhos tempos da dominação á guarda dos seus gados; e os ricos senhores arabes ensinavam e impunham aos seus servos *mosarabes* os nomes e termos da sua lingua. Esta abundancia resalta das seguintes notas acerca das palavras empregadas pelos pastores, notas tomadas principalmente no termo de Serpa, e, receio bem, muito incompletas. Pode haver, porém, um certo interesse em as publicar, porque, de um lado parte d'estas palavras ou faltam ou vêem mal definidas nos nossos Diccionarios; e de outro, tendo resistido intactas muitos seculos, se vão obliterando n'este nosso tempo, em que tudo se transforma e gasta.

Comecemos pela designação dos proprios pastores.

Rabadão é o pastor chefe, a cargo de quem está a fiscalisação e inspecção de todos os rebanhos de gado lanigero do mesmo dono. Um grande lavrador, podendo possuir alguns milhares de cabeças, divididas em numerosos rebanhos, tem ao seu serviço um unico *rabadão*. A palavra *rabadan* é de origem arabe, e derivada, segundo admitte Dozy, de *rabb ad-dhan* (o dono ou chefe das ovelhas ou carneiros). Bluteau, que a não inclue no seu Vocabulario, cita-a no emtanto como sendo hespanhola: «a que os castelhanos chamam *rabadan*.» E' porém, perfeitamente portugueza, corrente em todo o Alemtejo, pelo menos no districto de Beja. E' de notar que a palavra vem mal definida nos nossos Diccionarios modernos, por exemplo, no de Moraes. Pelo contrario, o velho Diccionario hespanhol de Covarrubias dá-lhe exactamente o sentido que ainda hoje tem no Alemtejo.

Maioral é o primeiro pastor de cada rebanho — tantos *maioraes* quantos rebanhos. A palavra nada tem de arabe, como é facil de ver; e a sua origem é perfeitamente clara.

Ajuda é o segundo pastor do rebanho. Tambem a sua origem é clarissima; e unicamente notarei, que se toma francamente como designação propria, e se diz por exemplo — *O Ajuda* de tal ou tal rebanho.

Zagal significa hoje propriamente no Alemtejo um rapasito de treze ou quatorze annos, que ás vezes nem ganha soldada, serve só pelo comer, e auxilia na guarda do gado o maioral e o ajuda. E' palavra arabe, e, na mesma forma *zagal*, significava n'aquella lingua um rapaz forte e animoso. Por uma simples e natural derivação de sentido veio a designar os pastores moços, habitualmente robustos e desembaraçados. N'esta accepção, no masculino e no feminino, *zagal* e *zagala*, a empregaram os escriptores hespanhoes, Cervantes e outros; e tambem os nossos portuguezes de mais auctoridade, como Rodrigues Lobo e Sá de Miranda. E', pois, uma palavra classica da nossa lingua. No emtanto, inclino-me a crer, que em tempos foi mais hespanhola que portugueza. Gil Vicente, quando escreve em hespanhol, serve-se com frequencia das expressões *zagal* e *zagala*. No «Auto pastoril castelhano» chama mesmo *zagala* á Esposa dos cantares, que identifica com Nossa Senhora:

> Pues sabes quien es aquella?
> Es la zagala hermosa,
> Que Salomon dice esposa
> Quando canticava d'ella.

Quando, porém, escreve na sua lingua, no «Auto pastoril portuguez», no «Auto de Mofina Mendes» e em outros, escreve sempre—que me lembre—pastor e pastora, por onde parece não admittir a primeira como genuinamente portugueza. Voltando aos nossos pastores de Serpa, temos que entre elles *zagal* não é synonymo de pastor ou de pastor moço, mas é o nome proprio e especial do rapasito que anda no rebanho.

GALERIA DE TYPOS POPULARES

VI

Camponez, de fato domingueiro (Serpa)

Passemos aos nomes, que os pastores dão ao gado, nas diversas idades e circumstancias.

Borrego e *borrega* lhe começam a chamar desde o nascimento. A palavra cordeiro não é empregada por elles, e nem sei mesmo se a conhecem.

Borro e *borra* lhe passam a chamar ao anno, ou mais propriamente lhe começam a chamar ahi pelos fins das feiras do verão, quando tem quasi um anno. Esta e a precedente palavra procedem da mesma origem, evidentemente latina. Se se derivaram da lan ainda curta, e formando uma especie de *borra,* como dizem alguns Diccionarios; se de *burrus,* de côr ruiva ou castanha escura, como dizem outros, é o que não procuraremos averiguar. De resto, não me occuparei em examinar as etymologias das palavras correntes e que se encontram nos Diccionarios.

Malato e *malata* é hoje synonymo de *borro* e *borra.* Ha muito poucos annos os pastores de Serpa nem a conheciam; mas ultimamente começaram a empregal-a com frequencia, tendo-a aprendido nas feiras. Deve, pois, ser antiga em outras regiões do Alemtejo ou do paiz. Confesso, que a palavra é para mim perfeitamente mysteriosa. De origem arabe não parece ser; e nem Sousa, nem Engelmann e Dozy, nem Yanguas a mencionam. A palavra *malato* significou em hespanhol e em portuguez, doente, adoentado, mal disposto; mas tal não pode ser a origem, porque o gado não tem doenças ou crises especiaes no periodo em que se lhe dá este nome. Lembraria a palavra *mulato*, se se provasse—o que eu não sei—que a expressão só se emprega nas regiões onde ha gado de lan preta; mas ainda assim, a derivação seria muito forçada. O mais prudente, é deixar apenas registada a palavra e a sua significação actual, para que outros lhe procurem as origens.

Carneiro é o borro ou malato, chegado ao seu completo desenvolvimento, ahi pelos dois annos. A palavra pertence á linguagem dos pastores, como pertence á de todos, pois é correntissima. Tem-se-lhe dado varias origens mais ou menos de phantasia; e se vem de carne, como quer o «Diccionario de la Real Academia Española», ou de corno, como mais geralmente se admitte, é questão de que me não occuparei. Unicamente notarei que existe na infima latinidade a palavra *carnerius* ou *carnerus;* mas é simplesmente uma latinisação barbara do hespanhol *carnero*, como acontece em varios outros casos nos documentos da idade-média. Voltando ao Alemtejo, os pastores distinguem pelo nome de *carneiros paes* os que são destinados á padreação; mas habitualmente dizem os *carneiros*, pela simples rasão de que nas mãos do lavrador ficam em geral só os que teem este destino. O resto do *gado macho* (expressão dos mesmos pastores) é vendido nas feiras, ou como borregos, ou, um anno depois, como malatos.

Ovelha é palavra correntissima de origem latina bem conhecida. A's que foram lançadas aos carneiros chamam *ovelhas de ventre;* e ás que, pela sua idade, ou qualquer outra circumstancia, ficaram forras chamam *altas.* Creio que esta palavra *alta* deve vir de ligeira, solta, altanada, podendo sem inconveniente ser mandada para pastagens e terrenos mais asperos. Tendo fallado em *ovelhas forras*, é de notar, que o adjectivo vem da palavra arabe *horr,* feminino *horra*, que significa livre, liberto. Deu, com a mesma significação, o hespanhol *horro* e *horra*, e o portuguez *forro* e *forra*, pela troca habitual do *h* em *f.* Applicada ao gado e no sentido indicado não a encontro nos nossos Diccionarios, comquanto seja de uso corrente; mas vem mencionada no hespanhol da Academia: *Ovejas horras. Llaman los pastores a las que no quedan preñadas.*

Marouco chamam os pastores ao carneiro pae, depois de uma certa idade, quando já está bem formado e encorpado. Falta este termo nos nossos Diccionarios; mas vem nos hespanhoes, com a fórma

morueco. Covarrubias define a palavra *morueco: carnero viejo, padre de la manada*, exactamente o *marouco* dos nossos alemtejanos. Dá-lhe como origem a palavra *muro*, porque aquelles carneiros têm a cabeça tão forte, que são capazes de derrubar um muro, como os famosos arietes da velha arte da guerra. E' necessario notar, que o excellente licenceado D. Sebastião Covarrubias tem ás vezes uma viva imaginação para etymologias.

Farota é a ovelha velha, que se vende nas feiras, ou se dá em pagamento de pastagens e outras serventias, ou como renda por certas terras, ou se mata para alimentação das quadrilhas de trabalhadores, principalmente dos algarvios que vêm ás aceifas. O caso é um tanto intrincado, e começo por dizer que nunca vi a palavra escripta, e a transcrevo de ouvido como a pronunciam os pastores. A palavra falta nos nossos Diccionarios, e nos hespanhoes tem o sentido de: «mulher descarada e sem juizo». E' necessario pôr de parte esta origem, porque não ha derivação de sentido admissivel, que nos leve a applicar o nome de uma mulher de má nota a uma ovelha, depois de velha. A palavra *farota* deve ter outra origem, provavelmente arabe; como parece resultar do seu cunho e da disposição das lettras que a compõem. Vejamos se é possivel chegar a uma conjectura plausivel. Fr. Joaquim de S.ta Rosa, no seu excellente Elucidario (Suppl.), dá a palavra *farropo* como tendo designado um carneiro grande. Applica-se hoje este nome mais aos porcos, mas parece que antigamente designou um carneiro. Em um testamento do anno de 1463, citado por S.ta Rosa, se diz: «Levem por offerenda á missa cantada dous alqueires de pam amassado, e hum farropo, e huma quarta de vinho...... Sinco crelegos cantem por mim sinco missas, e levem por offerenda outros dous alqueires de pão amassado, e hum farropo, e huma quarta de vinho á missa cantada.» No anno de 1468 cumpriu João Alves este testamento fielmente, e no Instrumento, donde consta que o cumpriu, não se mencionam os dois *farropos*, e sim dois *carneiros*. Conclue S.ta Rosa, ao que parece com rasão, que as duas palavras significavam a mesma coisa; e tanto mais, quanto não era uso levar porcos ás igrejas, e pelo contrario se levavam com frequencia os carneiros aos adros das igrejas, como offertas. Yanguas, no seu Glosario, cita esta palavra *farropo*, na fé de S.ta Rosa, e deriva-a de *jarof*, palavra arabe, que, segundo o Vocabulista de Pedro de Alcalá, significou um borrego.

Deixando esta derivação sob a responsabilidade e auctoridade de D. Leopoldo Yanguas, temos que *farropo* significou um carneiro no antigo portuguez. Podemos imaginar uma forma feminina, que seria *farrópa* e significaria ovelha. De *farrópa* teriamos *faróta* por uma leve alteração de pronuncia. E' claro que isto não passa de uma conjectura quasi sem base. Mas esta conjectura tornar-se-hia plausivel e mesmo segura, se em algum documento antigo, contracto de renda, aforamento, ou de qualquer outra natureza, se encontrasse a palavra escripta na fórma *farropa* ou *faropa*; e é bem possivel que se venha a encontrar. Por emquanto deixaremos apenas indicado, que a palavra se prende talvez ao arabe *jarof (kharof)*, o que não repugna, porque o *Khà* inicial se troca ás vezes em *f* (Veja-se Dozy, Glossaire).

Passemos agora a examinar qual é a constituição dos rebanhos, e quaes os nomes que lhes dão.

(Continúa)

CONDE DE FICALHO.

ANDAR ÁS VOZES

Assumpto novo, em materia de superstições, não é facil encontral-o.

Aquella de que vou fallar-lhes é conhecida e está generalisada tanto no continente como nos Açores. A ella se referem D. Francisco Manuel, Theophilo

Braga, Julio Cesar Machado e varios outros.

Mas o que pretendo contar é o modo como eu proprio recebi na infancia essa superstição popular, de que conservo ainda uma viva impressão pessoal.

A locução — *Andar ás vozes* — exprime o facto de qualquer pessoa vaguear pela rua á escuta do que os outros dizem, para tirar agoiro do que elles disserem. E, segundo o que ouvir, esperará boa ou má fortuna no negocio que traz no pensamento.

Castilho, no *Amor e melancolia*, alludiu a esta tradição relacionando-a apenas com a noite festiva do Santo Precursor:

> Qual com bochecho na bôcca
> applicando attento ouvido,
> espera que á meia noite
> seja um nome proferido.

Não é outra coisa senão o costume de *andar ás vozes*, mas unicamente sob uma intenção amorosa, por isso que a noite de S. João reveste para os namorados, um caracter fatidico.

Comtudo a superstição não se restringe áquella noite; é extensiva, na crença do povo, a qualquer dia do anno.

Com o seu bochecho na bôcca é costume *andar ás vozes,* e tomar como se fosse para nós o que os outros vão conversando em voz audivel.

O bochecho, difficultando a respiração, torna-se incompativel com as grandes distancias.

Mas já não acontece o mesmo na vespera de S. João, em que os namorados, tendo ido beber a *agua da meia noite*, ficam por algum tempo junto ás fontes á espera que venham pessoas conversando, para ouvirem o que ellas dizem.

No Porto, porém, accresce á tradição o costume de, quando alguem *anda ás vozes,* se dirigir, como em silenciosa romagem, á capellinha da Senhora das Verdades. Tal é o pittoresco especial da *versão* portuense.

Crê-se que a Virgem d'aquella invocação fará com que as pessoas que encontrámos pela rua nos revelem involuntaria e inconscientemente o porvir dizendo *verdades* que o tempo confirmará.

Eu fui muitas vezes, quando era pequeno, á referida capellinha, para acompanhar uma pessoa da minha familia, que acreditava na tradição de que pelas *vozes* se ficava sabendo a verdade futura.

Sahiamos de casa depois das nove horas da noite e iamos atravessando a cidade, sem dizer palavra, em direcção á Sé.

A capella da Senhora das Verdades fica por traz do Paço Episcopal, junto ás escadas d'aquella mesma denominação, as quaes dão sahida para outras escadas que descem ao Codeçal e Barrêdo.

Houve na antiga cêrca da cidade, uma pequena porta ou postigo encimado, como era costume, por um oratorio, dentro do qual estava a imagem da Nossa *Senhora das Verdades* ou *Postigo*.

Demolida esta porta, o conego Nicolau de Parada fez á sua custa, ahi perto, uma capella para onde transferiu a imagem, que tinha sido apeada com a porta.

A imagem é de pedra, e de boa esculptura, se se attender a que será porventura tão antiga como a primeira e acanhada circumvallação do burgo portuense.

Tanto a capella como o predio contiguo pertenceram a uma senhora da familia Calheiros, de Ponte de Lima, por compra que fez aos herdeiros do conego Parada.

Na parede do côro lê-se ainda hoje uma inscripção que diz: «Foi mandada reedificar esta capella por D. Angela Jacome do Lago e Moscoso, no anno de mil oitocentos e quarenta e tres.

O actual proprietario do predio e da capella é o sr. general Calheiros, par do reino.

Ambos os edificios foram muito damnificados pela metralha no tempo do cêrco. Ha algumas balas cravadas na parede da casa, e estragos causados pela arti-

lheria nas varandas de ferro. E' uma memoria historica, que tem sido respeitada. Ainda bem.

Toda a propriedade ficava exposta á pontaria das baterias miguelistas de Villa Nova de Gaya, por estar situada no monte da Sé.

O actual jardim da casa entesta com a ponte de *D. Luiz I*, em frente da Serra do Pilar.

A Senhora das Verdades conserva-se, no altar-mór, dentro da uma maquineta, tendo de cada lado outras imagens, como a fazerem-lhe cortejo.

No tempo da reedificadora havia missa todos os dias, e festa annual, não só em honra do orago, como de Nossa Senhora da Conceição, á qual é dedicado um altar que fica do lado esquerdo.

Ha muitos annos, porém, que não se diz ali missa, nem se celebra a festa solemne.

(Conclue.)

(Lisboa)

Alberto PIMENTEL.

SUPERSTIÇÕES DOS CRIMINOSOS

Em 28 d'abril de 1899 foi attrahido João Lopes Nogueira da Silva, o *Modinhas*, lavrador rico de Salvaterra de Magos, a um pinhal, pouco distante d'aquella villa, e alli caiu assassinado por Joaquim dos Santos, o *Pêgas*, de 2, annos, natural de Ferreira do Zezere, residente na Varzea Fresca e casado com Margarida Amaro, natural de Muge, de costumes faceis e cumplice no crime. Morto o lavrador por motivos obscuros, mas que parecem fluctuar entre roubo e vingança da dignidade marital offendida, recommendou o criminoso a sua mulher que voltasse o cadaver, no modo que respectivamente descrevem os jornaes de Lisboa «A Patria» e a «Vanguarda», de 30 de abril. Aquelle dizia: «O marido aconselhou-a a collocal-o de barriga para o ar. Ella teve repugnancia. O marido disse-lhe ou ia ella ou elle. N'esta conjunctura, ella resolveu-se a ir, dando um pequeno empurrão no cadaver.» A «Vanguarda» descrevia o acto da forma seguinte: «Desviaram-se para um sitio distante uns 100 metros, mais ou menos, do logar onde estava o cadaver, e sentaram-se, visto o marido não ter forças para andar. Ella disse que, como o cadaver estava de bruços, o marido não podia fugir; este então pediu-lhe para pô-lo de barriga para o ar, afim de verem se podiam fugir. Ella ao começo recusou-se, como elle teimasse para que fosse, que então ia elle de gatas.» Apesar da precaução tomada foram os dois criminosos presos, pouco tempo depois, no mesmo local do crime.

Encontramos, portanto, aqui uma acção supersticiosa, que tem por fim livrar o criminoso da acção da justiça, e que se pode collocar a par de outros costumes já notados no estrangeiro.

O sr. Löwenstimm [1] *cita alguns exemplos como Aberglaube und Strafrecht*, traducção do russo, com o caso d'uma mulher que abandonou de inverno na estrada um filho seu de dez mezes, deixando ao lado os seus proprios sapatos, na persuasão, que fazendo isto, ficaria desconhecida; o resultado, porém, foi completamente contrario, pois o sapateiro d'aldeia logo reconheceu a proprietaria d'elles. Noutro caso um criminoso cortou de proposito a mão para deixar no local um vestigio sanguinolento da sua pessoa. Finalmente conta que os ciganos da Hungria costumão deixar escondidas nas casas que roubam bagas de belladona.

As superstições usadas pelos criminosos não são faceis de conhecer porque a maior parte das vezes são consideradas como indicios de maximo cynismo e requintada malvadez.

(Lisboa).

Pedro A. d'AZEVEDO.

---

[1] Um prefacio pelo Dr. Kohler da Universidade de Berlim, 1897, pag. 129.

OS VIRTUOSOS

Eu começo por annunciar a todo o orbe que na minha terra não conheci ainda, nem me consta que em tempo algum houvesse, um espécimen, um só typo d'esta raça maldita de exploradores. Tanto não poderei dizer ácerca dos crendeiros da sua falsa virtude — que por aqui abundam, infelizmente.

Em todo o caso algum elogio nos cabe, porque, se o crer em nigromancias de *virtuoso* é sómente uma prova de ignorancia, querer passar por homem ou por mulher de *virtude* é muito mais abjecto, porque é a prova provada da velhacaria.

E esta provem quasi sempre do mau caracter, ao passo que aquella é tanto mais digna de dó quanto é certo que bem poucas vezes somos nós os culpados da propria ignorancia.

Que culpa terá agora o povo de não saber ler? — E quem não souber ler difficilmente saberá raciocinar. E' — lendo — que se abrem horisontes novos e vastos ao nosso espirito.

Começâmos a conhecer o mundo no dia em que começamos a lêr. — Ha quem duvide? Ha. Pois que o não duvide ninguem: O que sabe a nossa familia e o nosso visinho será muito util e bello, mas fica muito áquem do que nos é preciso para *vêr bem,* e ao *longe.* Com a vista desarmada não se analysam os astros; no largo mar, ou sobre a superficie da terra immensa, o marinheiro ou o viandante precisam de augmentar a vista para *vêr;* e até para as coisas pequenas precisâmos d'um microscópio. E este ultimo exemplo é o mais applicavel porque o *instrumento* é *saber ler*, e as *pequenas coisas* serão talvez aquellas que nos rodeiam — a sabedoria dos nossos parentes e dos nossos visinhos, o acanhado horisonte da nossa vista e do nosso *meio.*

«A educação e a moral» — dirão — «bebe-se na egreja, e entre a gente simples e bôa, que a ha.» — Discordo: O padre ensina a moral do cathecismo, mas não appella para a razão; a gente bôa e rude acceita muitas vezes o *elixir* do *virtuoso,* contra o *quinino* da medicina, contra o *bisturi* da cirurgia. Só com os argumentos da razão é que se prova que, se é muitas vezes insufficiente o saber dos clinicos, mais insufficiente tem de ser a receita dos *virtuosos...*

Ah, o sobrenatural! Esquecia-me d'isto. Se o maravilhoso, pregado nas egrejas, é coisa tão vulgar como nos dizem do alto dos pulpitos, que admira que, por uma graça divina, o virtuoso adivinhe e cure, e não seja nada, comparado com elle, o homem de sciencia! Se a simplicidade é a mãe da virtude, e o saber nos perverte: que admira então que a ignorancia seja laureada como um predicado valioso; e saber ler e saber pensar seja tido por muita gente bôa como a coisa mais nefasta e mais perigosa; e que o *reino dos ceus* seja para os pobres d'espirito?!

Ah, o maravilhoso! A eterna sphinge! — Oh, Deus, que immensa noite! e como abusam do vosso nome! Perguntam-vos na treva, e sai a luz da sciencia e da razão! Querem achar-vos longe da consciencia, sendo vós a crystallisação, a divinisação da consciencia universal!

........Mas voltêmos aos *virtuosos,* isto é, aos homens sem virtude. E, já agora, fallêmos de coisas vergonhosas da minha terra — scenas de superstição e d'obscurantismo, mais crassas e mais repugnantes que a propria essencia da asneira e da mentira.

E não haver quem bata isto, quem impeça isto; e não haver propaganda salvadora, que arranque tantos infelizes das garras da ignorancia a mais feroz!

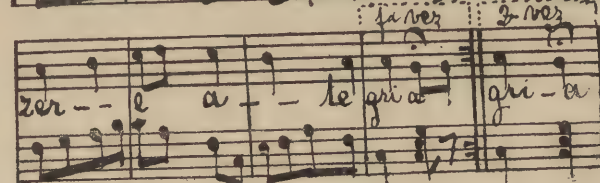
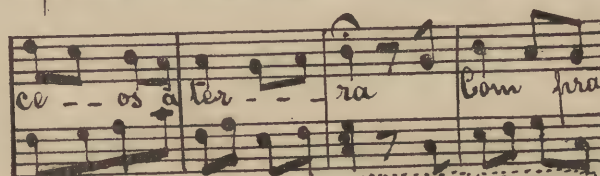
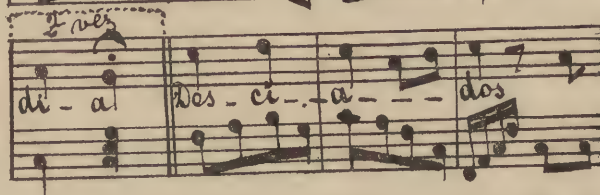
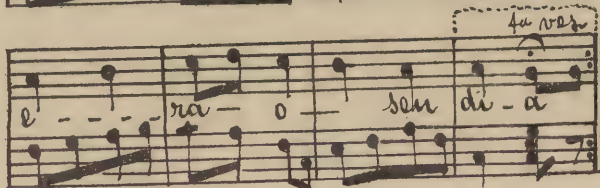
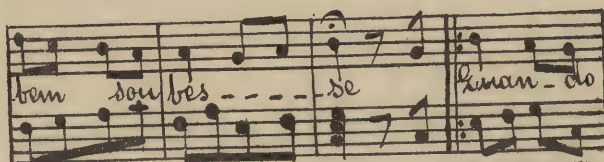
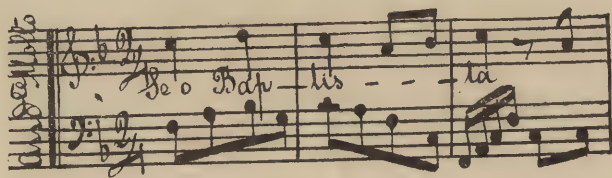
Leiam e pasmem:

— Um pobre homem d'aqui appareceu em casa, um dia, vindo não sei de que feira, aonde parece que fez um mau negocio. Não vem alegre; julga-se doente; perde o amor ao trabalho; tem sonhos maus, tem visões ruins: está imbe-

CANCIONEIRO MUSICAL

VI

AO BAPTISTA

(HYMNO)

cil, ou doido, afinal. A mulher e a familia da mulher — todos supersticiosos: creem que ha pessoas de *virtude*, e bruxas e feiticeiras; creem que os loucos o não são por qualquer desequilibrio de faculdades, — que ha bebidas malditas, miolos de jumento fornecidos em grandes ou pequenas dózes, *pragas* d'effeito maligno, *maus olhados*, invejas que contaminam e matam...

(Conclue)

(Vidigueira)

PEDRO COVAS.

O S. JOÃO EM SERPA

Depois de Santo Antonio, o famoso casamenteiro, pertence a S. João Baptista o maior culto popular. A juventude, mórmente, é toda cantares e jubilos e folguedos na tradicional commemoração do santo pegureiro [1]. Pois se elle é invocado, não menos que o nosso thaumaturgo, em eternas questões do eterno amor!

*

14 de Junho: vespera das novenas ao Precursor, que ordinariamente se rezam nas egrejas de Santa Maria, S. Salvador e S. Paulo [2]. Durante a tarde, grupos de raparigas—esbeltas camponezas de seio túmido, respirando saude e alacridade—se entregam á divertida tarefa de «compôr o Santo» com seu diadema de prata bem polido, largas fitas de seda mui garridas, e copiosos ramos d'ouripel [3].

Das mencionadas egrejas, é claro, cada uma possue o seu Baptista, e a cada imagem corresponde um grupo ou irmandade de raparigas solteiras [4].

A' noite, numerosa mocidade de ambos os sexos costuma reunir junto á porta dos templos a que alludi, afim de «dar a alvorada ao Santo».

Nunca assistiu, leitor, a uma alvorada? Pois vale a pena, só para ouvir cantar estas formosissimas quadras [5] em louvor de

S. João Baptista

I

Se o Baptista bem soubesse
Quando era o seu dia,
Descia dos ceus á terra
Com prazer e alegria.

II

O Baptista não vem hoje,
Ha-de vir segunda-feira;
Ha-de achar a cama feita,
Coberta de erva cidreira.

III

—D'onde vindes meu Baptista,
Pela calma, sem chapeu?
—Venho de vêr as fogueiras
Que se acenderam no céu.

IV

Oh! que lindo annel d'oiro
Que o Baptista traz no dedo!
Que lhe deu sua madrinha
Santa Clara do Loredo.

V

Do altar de San João
Até ao de San Francisco,
Tudo são cravos e rosas
Postas pela mão de Christo.

---

[1] A proposito de *pegureiro*.
Recusando mostrar qualquer objecto, costuma dizer se aqui (em linguagem familiar): «não tem vista nem crista, nem a *pellica* (samarra) de S. João Baptista.

[2] Tambem se venera o Baptista, alguns annos, na capella do Mosteirinho, no velho convento de S. Francisco, e nas ermidas de S. Roque e N. S.ª dos Remedios.

[3] Ao S. João da egreja de Santa Maria enfiam um annel d'oiro nos dedos medio e indicador da mão direita. O lendario annel de S. João Baptista é decantado na quadra n.º 4.

[4] Quatro raparigas, d'entre as de cada grupo, são escolhidas para os cargos annuaes de *juiza*, *escrivôa*, *thesoureira* e *mordoma da cera*. A's quatro *eleitas*, assim chamadas, incumbe, em especial, o trabalho de angariar dinheiro, esmolando, para as despezas da festividade.

[5] Inserimos, na secção competente, a musica respectiva.

VI

Do altar de Santo Antonio
Até ao de San João,
Tudo são cravos e rosas
Postas pela sua mão.

VII

O' Baptista, ó Baptista,
O' Baptista meu compadre!
Casastes as moças todas,
Deixastes vossa comadre!...

VIII

Do altar de Santo Antonio
Até ao de San João,
Tudo é verdura e flores
'Spalhadas no meio do chão.

IX

Lá vem San João abaixo,
Vestido d'azul-ferrete:
N'uma mão traz a bandeira,
E na outra um ramalhete.

X

Lá vem o Baptista abaixo,
Dando volta ao rocio,
Dizendo aos inquilinos:
—Vão pagar ao senhorio [6].

XI

Lá vem o Baptista abaixo
Perguntando uma cadeira.
Se vem p'ra salvar as almas,
A minha seja a primeira.

XII

San João se adormeceu
No collo de sua tia:
Eram tres dias passados,—
San João inda dormia!

XIII

—Onde estará o Baptista,
Que não 'stá no seu altar?
—Foi ao ceu vêr as fogueiras,
Para tornar a voltar.

XIV

San João e mais San Pedro
Ambos vestem um vestido:
San João, prata lavrada,
San Pedro, oiro batido.

XV

Baptista dae-me capella,
E em meu peito fortaleza,
Para poder festejar
Vosso dia com grandeza.

XVI

San João á minha porta?
Eu não sei que lhe hei-de dar!
Darei-lhe uma canna verde
Para pôr no seu altar.

XVII

San João á minha porta?
Hei-de lhe dar a capella;
Hei-de pedir ao Baptista
Me faça bôa donzella.

XVIII

Santo Antonio apanha flôres,
San Francisco leva a cesta,
San João faz a capella,
E Christo a põe na cabeça.

XIX

San João apanha flôres
E vae deitando prá cesta;
A Virgem faz a capella
E diz: — ponham na cabeça.

XX

Quinta-feira d'Ascensão
Do ceu caiu uma flôr.
Dizem que a mãe do Baptista
E' prima-irmã do Senhor.

XXI

Lá no rio do Jordão
Passeia Santa Isabel;
Dizem que é mãe do Baptista:
Oh! que dita de mulher!

XXII

O Baptísta chora, chora,
Chora sem consolação,
Que perdeu o cordeirinho
Lá no rio do Jordão.

---

[6] E' de antiquissimo costume pagar a renda de casas pelo S. João e pelo Natal.

XXIII

Ajuntem-se as moças todas!
Vamos ao rio do Jordão
A buscar o cordeirinho
Para o dar a San João.

XXIV

Vamos moças, vamos todas!
Vamos ao rio do Jordão,
Para vêr baptisar Christo
E Christo baptisar João.

XXV

San Zacharias é mudo;
Por graça de Deus, então:
—Como se chama o menino?
—Ha de chamar-se João.

XXVI

San João comprou um burro
Para pular as fogueiras;
E depois de as pular todas,
Deu-o de presente ás freiras.

XXVII

A treze do mez de Junho
Santo Antonio se *demove*,
San João a vinte e quatro,
E San Pedro a vinte nove.

XXVIII

San João e mais San Pedro
São dois santos mudadores:
San João muda os casaes,
San Pedro muda os pastores. (7)

XXIX

San João e mais San Pedro
Foram jogar uma lucta:
San João ficou por baixo;
San Pedro não teve a culpa.

XXX

Foram deitar uma lucta
San Pedro mais San João;
San Pedro, por ser mais velho,
Caiu-lhe o c. do calção!

XXXI

Meu engraçado Baptista,
Minha joia, meu amor!
Tendes por gloria ser primo
Padrinho do redemptor!

XXXII

O merito do Baptista,
A que grão Deus o levou,
Que, depois de degollado,
Ainda o Baptista fallou!

XXXIII

Baptista, não permittaes
Que eu vosso deixe de ser!
Baptista cada vez mais,
Baptista até morrer!

XXXIV

O livro do Sacramento
Só o Baptista o abriu;
Aos braços da Virgem pura
Só o Baptista subiu.

XXXV

No altar de San João
'Stá um ramo d'açucenas
Onde os namorados vão
Dar allivio ás suas penas. (8)

XXXVI

No altar de San João
'Stá um lindo damasqueiro:
Dá damascos de milagre,
Não se vendem por dinheiro.

XXXVII

No altar de San João
'Stá'ma linda cerejeira:
Pode-se dar por ditoso
Quem lhe colher a primeira.

XXXVIII

Alem vem o San João
Alegre como um pombinho:
N'uma mão traz uma cruz,
E na outra o cordeirinho.

---

(7) A mudança de casaes, a que se allude, quer dizer mudança de domicilio, o que tem logar pelo S. João ou pelo Natal.—Os pastores ajustam com seus amos o preço do serviço annual em dia de S. Pedro.

(8) Na collecção de cantigas que hoje publicâmos, ha muitas, que são communs a Santo Antonio, com a substituição, apenas, d'este nome pelo de *Baptista* ou *San João*. Está n'este caso a quadra XXXV, que tambem se canta:—No altar de Santo Antonio—'stá um ramo de açucenas, etc.

XXXIX

Senhoras evangelistas,
Não tenham falta de fé,
Que entre todos os santinhos
O Baptista maior é.

XL

San João me prometteu
De me dar uma capella.
Tambem eu lhe prometti
Toda a vida ser donzella.

XLI

Lá n'aquellas ervas verdes,
Foi a minha perdição;
Perdi o meu annel d'oiro
Na noite de San João.

XLII

No adro do Salvador
'Stá um mastro levantado.
Em *companha* do Baptista
'Stá Jesus sacramentado.

XLIII

Entre carroças de oiro
E vidraças de crystal,
Vem a sagrada Custodia
A San João adorar.

XLIV

Grandes festas ha no ceu
Em dia de San João:
San João baptisa Christo,
Christo baptisa João.

XLV

O Baptista é divino,
Por divino se aclamou;
No ventre de sua mãe,
A Jesus se ajoelhou.

XLVI

San Zacharias é mudo;
Esta noite ha de fallar,
Para dizer que o Baptista,
João se ha-de chamar.

XLVII

O' apostolo San Pedro
Que do céu *tindel-as* chaves,
Dae-me novas do Baptista,
Que lhe tenho saudades.

XLVIII

Festa que fazem os moiros
Em noite de San João!
Quando os moiros o festejam,
Que fará quem é christão!

XLIX

O' Baptista, ó Baptista,
O' Baptista no Jordão!
Parente de Jesus Christo,
Sois um cravo em botão!

L

Quando a Virgem-Maria
Santa Isabel visitou,
O Baptista, de contente,
No seu ventre ajoelhou.

LI

Santa Isabel se prepara
P'ra uma grande visita,
Que ahi vem o Santo Verbo
Santificar o Baptista.

LII

O Baptista, no deserto,
Cobriu o rosto de veu.
Quinta feira d'Ascensão
Subiu Jesus Christo ao ceu.

LIII

Não sei que tem o Baptista
No dia em que quer nascer,
Que, sejam velhos ou moços,
Tudo faz endoidecer.

LIV

Que é das moças d'esta terra
Que não as posso encontrar?
Certo é que ellas não querem
O Baptista festejar!

(Conclue) M. DIAS NUNES.

LENDAS & ROMANCES

(Recolhidos da tradição oral na provincia do Alemtejo)

III

Gerinaldo (*Eginhard*)

—Gerinaldo, Gerinaldo,
Pagem d'el-rei tão querido!
Quem me dera, Gerinaldo,
Vir's aqui dormir comigo.

—Quando quereis vós, Senhora,
Que eu vá em vosso serviço?
—Entre á uma e as duas,
Que já meu pae está dormido—.
A uma não era dada
Gerinaldo era sahido;
Foi ao quarto da princeza,
Deu um ai mui dolorido.
—Qual será o confiado,
Qual será o atrevido,
Que entre as portas do meu quarto
Dá um ai tão dolorido?
—E' Gerinaldo, Senhora,
Que vem em vosso serviço.
—Anda cá, ó Gerinaldo,
Deita-te aqui comigo—.
Era pela manhãsinha,
El-rei q'ria o seu vestido:
—Ou Gerinaldo é morto,
Ou Gerinaldo é sahido—.
Responderam os vassallos
Todos muito atrevidos:
—Vá-se ao quarto da princeza,
Achará-os bem dormidos,
Voltados um para o outro,
Que nem mulher com marido—.
Foi-se el-rei até ao quarto,
Achou-os mui bem dormidos.
—Eu se mato Gerinaldo,
Criei-o de pequenino,
E se mato a minha filha
Tenho o meu reino perdido—.
E lançou as mãos atraz
A um punhal que trazia,
Voltou os copos p'r'á filha
E o bico p'ra Gerinaldo.
Acordando Gerinaldo
Achou se mui bem ferido:
—Acorda, acorda, princeza,
Acorda que estou perdido.
—Cal'-te, cal'-te, Gerinaldo,
Não te faças presentido,
Que meu pae é dos bons homens,
Hade-me casar comtigo,
—Deus vos salve, ó bom Rei,
'Qui tendes vosso vestido,
E aqui estou a vossos pés,
Mandae-me dar o castigo;
Eu è que fui o confiado
No seu quarto penetrar,
Aqui estou a vossos pés
Mandae-me a gorja cortar.
—O castigo que te hei dar
Já o tenho promettido,
Trata-a a ella por mulher
E ella a ti por marido—.
—Oh! quem tivera a dita
Que Gerinaldo ha tido,
'Té 'gora fiel vassallo,
Agora filho querido!

(Continúa)

(Elvas).

A. Thomaz PIRES.

JOGOS POPULARES

V

A espada-nua

Pertence este jogo ao numero daquelles que passaram á historia, pois que desde alguns annos deixou elle de vigorar entre os nossos conterraneos. Era um exercicio muito animado, e que demandava consideravel esforço fisico.

O jogo da *espada-nua* usava-se de noite, principalmente na estação calmosa.

Para o realisar, juntavam-se muitos rapazes num largo chamado *coito*. Em Brinches, era no proprio adro da egreja matriz. Os jogadores, em numero par, dividiam-se em dois grupos eguaes, e cada grupo escolhia, d'entre os seus membros, um chefe a quem chamavam *mãe*.

Um dos grupos era obrigado a defender o coito, e o outro propunha-se a conquista-lo. Tirava-se á sorte, o grupo que havia de guardar o coito, em opposição áquelle que tinha de o atacar.

Note-se que o zelo do primeiro grupo era não só defender o coito, mas ainda perseguir e prender os adversarios. O maior empenho d'estes consistia, pelo contrario, em penetrarem no coito sem se deixarem agarrar.

Vejâmos como a turbulenta rapaziada punha em pratica o apparatoso espectaculo.

Occupado o coito pelo grupo da defeza, iam os parceiros do outro grupo esconder-se sob a direcção da respectiva mãe; e quando esta via que os seus subordinados estavam embuscados, vinha participar á outra mãe, que já podia mandar em caça d'elles. Succedia então, que, dos jogadores de guarda ao coito, parte continuava ali no seu posto de defeza, e a outra parte, acompanhada de seu chefe, seguia immediatamente á busca dos adversarios. Estes mal se apercebiam descobertos, rasgavam a fugir, quanto podiam, para não serem aprisionados.

Toda a povoação era n'este momento cortada pelos *guerreiros*, correndo atraz uns dos outros, e transpondo ás vezes grandes distancias. Nem sempre os perseguidos fugiam para os pontos afastados; tambem se dirigiam a miude para o coito, afim de se introduzirem nelle.

A' entrada do mencionado recinto travava-se ordinariamente rija lucta entre os contendores. Claro está, que, quando os aspirantes ao coito dispunham de maior robustez, facil se lhes tornava a victoria, porque entravam á viva força, deixando muita vez de pernas ao ar aquelles que pretendiam oppor-se á sua passagem. O contrario succedia — está bem de ver — quando os defensores eram mais valentes, pois n'este caso nenhum adversario podia entrar no coito sem ser preso.

Tambem acontecia ver-se o coito solitario, completamente abandonado: era quando os que deviam guarda-lo, influidos com as correrias dos seus companheiros, saltavam a correr da mesma fórma em cata dos perseguidos. Logo que o facto se dava, a mãe que commandava o grupo da opposição, gritava: «o' *meus! corram ao coito, que está o coito* sem gente.» A seu turno, a mãe do grupo defensor bradava egualmente aos *seus*, que corressem a defender o coito.

Quando algum jogador era apanhado na carreira, se a mão que o pilhava não tinha a firmeza sufficiente para o segurar, elle safava-se-lhe, e a prisão ficava de nenhum effeito.

Na partida seguinte, os que defendiam o coito passavam a ataca-lo e vice-versa.

*

* *

O jogo, cuja descripção acabâmos de fazer, constituia um bello exercicio, de molde a desenvolver amplamente as forças fisicas. Tinha, porém, o grave inconveniente d'expôr os parceiros a trambulhões bastante desagradaveis e de produzir immensa fadiga pelas carreiras.

Quanto á origem deste jogo, não póde deixar de ser muito remota, como claramente se deprehende da sua propria descrição. A palavra *coito* recordando-nos os antigos coutos pertencentes aos *senhores;* as batalhas entre os rapazes, simulacros das historicas escaramuças entre coutos visinhos; as correrias atravez da povoacão e suas immediações,— tudo nos leva a crer que o jogo da *espada-nua* data, pelo menos, dos primeiros seculos da monarchia.

Convém advertir, que ainda ha poucos annos se jogava á *espada-nua*, — o que prova a enorme persistencia da tradição, até mesmo nas diversões infantis, nas quaes bastas vezes se reflectem os usos e costumes de longiquas eras.

(Brinches).

LADISLAU PIÇARRA.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

VII

O Grão de Milho

Havia uma mulher, que era casada e vivia com muito desgosto; não porque se désse mal com o marido, mas por não ter filhos. Um dia disse ella: «So queria, neste mundo, que Deus me désse um filho, ainda que elle fosse do tamanho dum grão de milho!»

Deus ouviu-a e satisfez-lhe o pedido.

A mulher, não podendo, um dia, ir levar o jantar ao marido, que andava lavrando, disse:

— «Ora, quem ha de ir hoje levar o jantar ao meu homem?... o meu filho com certeza não é capaz.»

Responde o filho:

— «Ora essa! Então não sou?!... ponha lá a albarda em cima da burra e verá emquanto eu vou.»

A mulher, em vista disto, albardou a burra, montou o filho e poz-lhe a panella do jantar adiante, e disse-lhe:

— «Vai depressa, e, em o pae jantando, dize-lhe que venha n'um instante cá a casa, que faz falta.»

No caminho, as mondadeiras que viam a panella em cima da burra, sem ninguem a segural-a, diziam, muito admiradas:

— «Olhem uma panella em cima daquella burra, sem ninguem lhe segurar!...»

O Grão de Milho, muito zangado, respondia:

— «O' mulheres do diabo! então vocês não me vêem?! Pois eu não sou tão pequeno como tudo isso, sou um homem regular.»

Quando chegou aonde o pae andava lavrando, brádou-lhe; mas como o pae só via a burra e a panella, perguntou:

— «Quem diabo está a bradar-me?»

— «Sou eu,» — respondeu o filho — «não me vê?!»

O homem, então, lembrando-se que era o filho, chegou-se ao pé da burra tirou a panella e desceu-o.»

Ao meio dia foram comer o jantar, e quando acabaram, diz o filho ao pae:

— «O' pae! a mãe que chegasse vocemessê lá a casa num instante, que faz lá falta.»

O homem marchou, dizendo ao filho:

— «Olha, emquanto eu venho e não venho, vai ahi guardando os bois; mas acautela-te, não os deixes ir além para aquelle coival.»

Ainda bem o homem não tinha partido, principiou a chover, e o meu Grão de Milho foi metter-se dentro duma couve, para não se molhar.

Os bois, é claro, vendo-se sem guarda, trataram d'ir para o coival; e um delles papou a couve onde estava o Grão de Milho e enguliu-o.

D'ahi a pedaço voltou o pae, e, vendo os bois comendo as couves, começou a bradar ao filho, que lhe respondeu da barriga do boi: «O' pai, mate o nosso boi lobato, que eu lhe darei dinheiro para tres ou quatro.»

Tantas vezes o filho disse isto ao pae, que este resolveu matar o boi. Morto o boi, deitaram as tripas fóra, e dentro dellas estava o Grão de Milho.

Um lobo que passou por ali, vendo as tripas, comeu-as e enguliu tambem o Grão de Milho. Quando o lobo ia para assaltar algum rebanho, o Grão de Milho dava noticia e começava logo a gritar: «O' pastor! lá vai lobo...» E assim fazia com que o pobre lobo não provasse nada.

Como a fome já fosse muita, viu-se o lobo obrigado a comer areia; dando-lhe em resultado uma forte diarrhéa. Com a diarrhéa saiu para fóra o Grão de Milho, que foi lavar-se a um barranco. Mais tarde, o Grão de Milho encontrou um sub-terraneo, que era onde os ladrões costumavam dormir, e onde tambem guardavam os roubos que faziam. O Grão de Milho, não querendo dormir ao relento, entrou para o subterraneo. D'ahi a pedaço, chegou uma grande quadrilha de ladrões, que se puzeram a contar o dinheiro. Depois do dinheiro estar contado, o capitão dos ladrões começou a dividi-lo, dizendo:

— «Tanto para mim, tanto para ti, tanto para fulano, tanto para beltrano...»

— «E então para mim, nada?!» — dizia o Grão de Milho.

Os ladrões, ouvindo aquella voz, agarraram um grande susto; pegaram no dinheiro que puderam e fugiram, deixando muito mais dinheiro que aquelle que levaram. O Grão de Milho no outro dia marchou para casa e disse ao pae: «O' pae! arranje lá tres bestas boas e venha commigo.»

O pae arranjou as bestas e marcharam ambos caminho do subterraneo. Assim que lá chegaram, encheram tres saccos de libras. E o Grão de Milho a dizer de vez em quando: «Então, pae! não lhe dizia eu que matasse o nosso boi lobato, que eu lhe daria dinheiro para tres ou quatro?!»

(Da tradição oral)

(Brinches).

ANTONIO ALEXANDRINO.

BIBLIOTHECA D' «A TRADIÇÃO»

Anno I — N.º 7 SERPA, Julho de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

Collaboradores artisticos: — F. VILLAS-BOAS e J. V. PESSOA

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I — N.º 7 SERPA, Julho de 1899 Série I

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

O elemento arabe na linguagem dos pastores alemtejanos

(continuado de pag. 85)

A distribuição do gado de lan do mesmo amo em rebanhos varia naturalmente nas diversas epocas do anno. No fim do verão, suppondo já vendido todo o *gado macho*, com excepção dos *carneiros paes*, ficam unicamente as *ovelhas de ventre*, divididas em dois, tres ou mais rebanhos, segundo a importancia da lavoira de que se trata; e ficam as *borregas* do anno anterior, que já então se chamam *borras*, e vão constituir, durante o inverno e primavera seguintes, o chamado alfeire.

Alfeire é, pois, o rebanho das ovelhas novas, ás quaes occasionalmente se juntam algumas das mais velhas que ficassem forras. Em todo o caso, é um rebanho de ovelhas, que nem tiveram, nem estão para ter borregos. Quando se trata do gado de lan, é esta a unica accepção da palavra; e diz-se *o alfeire*, sem mais explicações. Mas dá-se tambem este nome aos rebanhos de porcos, que passam, segundo as idades, de serem *bacoradas* a chamarem-se *alfeires*, até depois constituirem *varas*; e ahi, nos alfeires de porcos, fazem-se algumas distincções que não vem ao nosso caso. Tambem se emprega a palavra como adjectivo, e se diz, por exemplo, uma *égua alfeira*, em opposição a uma *égua parida* ou *apoldrada*. Devo, no entanto, advertir, que esta ultima expressão é talvez mais ribatejana que alemtejana, e se applica mais ao gado grosso que ao miudo. Não me lembro de ouvir dizer a um pastor *uma ovelha alfeira*, dirá antes uma *ovelha do alfeire* ou das *altas*.

A palavra é arabe de origem, e vem de *al-heir* quasi sem alteração, pela simples e habitual mudança do *h.* duro em *f*. *Al-heir* significa em arabe o curral ou recinto fechado onde se guarda o gado. No antigo portuguez conservou este sentido. Fr. Joaquim de Santa Rosa, no seu Elucidario, cita umas posturas de Evora do anno de 1264, nas quaes a palavra *alfeire* significa um curral, e a palavra *alfeireiro* o homem que ali estava de guarda. Depois, por uma facil derivação de sentido, passou a designar o gado que se encerrava, particularmente as femeas novas e que se queriam mais bem guardadas. Tratando-se do gado de lan, tem hoje na linguagem dos pastores alemtejanos a accepção já mencionada, e nenhuma outra.

Pelo correr do outono começam a nascer os borregos, e formam-se as chicadas.

Chicadas são pequenos atalhos de ovelhas, tendo borregos muito novos, apenas de dias; e chama-se *chicadeiro* o homem que guarda cada uma d'ellas. É palavra originalmente hespanhola, e julgo-a derivada de *chico*, pequeno. A existencia da *chicada* é provisoria e muito curta; e, á medida que os borregos tomam força, vão-se juntando e fundindo

aquelles atalhos até ao numero sufficiente para formarem uma paridade.

Paridade é o rebanho das ovelhas paridas. Não encontro a palavra n'este sentido nos Diccionarios portuguezes de que me sirvo; e, no entanto, bem merecia ser ali admittida pois é de uso corrente e acepção bem definida. A *paridade* orça por quatrocentas ovelhas proximamente, o que, com os borregos, dá um rebanho de oitocentas cabeças, pouco mais ou menos. Formam-se tantas, quantas o numero total exige. Um lavrador, que tenha, por exemplo, mil e seiscentas ou mil e setecentas ovelhas de ventre. formará successivamente quatro, que os pastores distinguem pelos nomes de *paridade temporan, segunda paridade, terceira paridade* e *paridade serodia* (pronunciam *saroida*). Cada um d'estes rebanhos tem naturalmente o seu maioral, ajuda e zagal, e é perfeitamente independente de todos os outros.

Andam assim todo o inverno, até que, ahi pelo mez de fevereiro, mais tarde ou mais cedo, segundo a força dos borregos e o estado das pastagens, se faz a *apartação*, isto é, se separam os borregos das mães. Os borregos vão formar dois rebanhos, do *gado macho*, e do *gado femeo*; e as ovelhas passam a ser regularmente ordenhadas para o fabrico dos queijos, e constituem o *alavão*, ou *os alavões* se o seu numero é muito grande.

Alavão é, pois, o nome do rebanho que dá leite. Alguns escrevem *alabão*; mas adoptei a fórma indicada pela pronuncia constante dos pastores. A palavra está diversamente definida nos nossos diccionarios. Sousa diz: «significa as ovelhas que dão muito leite.» Moraes diz: «gado de creação e de leite.» O Diccionario contemporaneo: «gado de creação que ainda mamma». Tudo isto é mais ou menos inexacto — *alavão* no Alemtejo significa unicamente o rebanho que dá leite pela ordenha, nunca aquelle em que os borregos ainda mammão. Tambem é indifferente para o caso que dê muito ou pouco leite. O nome do rebanho anda ligado sempre ao facto de dar leite para os queijos: começa a chamar-se *alavão* no dia em que os borregos se apartam: deixa de se chamar *alavão* no dia em que a ordenha cessa. Esta é a significação da palavra no Alemtejo; seria interessante saber o sentido que lhe dão na Serra da Estrella, onde as coisas se passam de modo um pouco diverso.

Sousa, nos seus Vestigios, deriva esta palavra de *al-labban*, que em arabe significa leite. Engelmann hesita em acceitar a sua etymologia: primeiro, porque nunca encontrou aquella palavra, *al-labban*, nos escriptores arabicos, com o sentido de dar muito leite — já vimos, que esta definição de Sousa é pouco exacta: segundo porque julga que a palavra em portuguez significa em geral rebanho. Dozy reforça as duvidas de Engelmann, fundando-se sobretudo em que a palavra em portuguez tem o sentido lato de rebanho, rancho, agrupamento de animaes. Com todo o respeito devido a estas grandes auctoridades, afasto-me completamente da sua opinião, e tenho a etymologia proposta por fr. João de Sousa como sendo extremamente plausivel. Os sabios auctores do Glossaire foram illudidos pelos nossos Diccionarios. É verdade que Bluteau, depois de definir correctamente alavão «a manada das ovelhas que dão leite», acrescenta, que se pode tambem dizer «alavão de gallinhas, etc. por grande numero d'ellas». E Vieyra fala do mesmo modo n'um «alavão de gallinhas», no que me parece que não fez mais do que copiar o seu predecessor. Isto, no entanto, deve ser uma phantasia do erudito padre D. Raphael Bluteau, o qual deu como corrente um significado occasional. No Alemtejo. onde a palavra *alavão* é typica, perfeitamente popular e evidentemente antiquissima, nunca a ouvi applicar a um rancho de gallinhas ou de patos, nunca a um rebanho de outro gado qualquer, nunca mesmo a um rebanho de ovelhas, a não ser no periodo em que são ordenhadas. A palavra *alavão* anda indissoluvelmente ligada á ideia de leite. Dado

GALERIA DE TYPOS POPULARES

VII

Lavadeira (Serpa)

isto, nada mais natural do que derival-a de *al-labban*, que em arabe significa leite.

Ainda devemos citar o nome de *fazenda*, dado exclusivamente aos rebanhos de gado macho. Habitualmente os borregos são vendidos, mas quando o lavrador os conserva um ou mais annos, formam-se o que os pastores chamam *fazendas*, uma *fazenda de malatos*, ou uma *fazenda de carneiros*, segundo as idades. Tambem os cabreiros empregam esta palavra para o rebanho de gado macho—dizendo uma *fazenda de chibatos*.

Voltando ás ovelhas; pelo correr do mez de junho, a ordenha cessa, a queijaria *(rouparia)* feixa-se, e o gado, na linguagem dos pastores, *é deitado a vasio*. Deixa desde esse momento de haver alavão ou rebanho que tenha esse nome. Depois, durante o verão, vende-se o gado macho, vendem-se as farotas e as ovelhas que o lavrador não quer ou não póde conservar, o alfeire funde-se nas ovelhas de ventre, as borregas passam a formar novo alfeire, e as coisas recomeçam como nos annos anteriores. Tal é a distribuição dos rebanhos nas diversas estações, tomando o nosso exemplo, é claro, em uma lavoira já de certa importancia, porque, sendo o gado em menor numero, as coisas simplificam-se um pouco.

Examinemos agora alguns traços da vida do pastor.—E em primeiro logar será necessario advertir, para os leitores estranhos á provincia, que não ha pastoras no Alemtejo. As pastoras dos Autos de Gil Vicente, a *linda pastorinha* do Romance popular, as rapariguitas mais ou menos pittorescas, que no Minho, na Beira ou na Estremadura, em geral nas regiões de pequena cultura, nós encontramos guardando o seu punhado de ovelhas, com algumas cabras á mistura, tudo isto é desconhecido na nossa provincia, pelo menos na parte de que nos occupamos. O Alemtejo é a terra das grandes culturas e das grandes extensões; as cabeças de gado de lan contam-se por centenas e milhares; á noite não recolhem aos curraes do pôvoado, mas dormem, verão e inverno, pelos descampados e alqueives; os rebanhos transitam de herdade para herdade, a dezenas de kilometros de distancia. Não podem, portanto, ser guardados por mulheres, e unicamente por homens e homens robustos.

Estes homens chamam-se propriamente pastores. Sob o nome de ganadeiros, incluem-se em geral todos os guardadores de gado, pastores, porqueiros, vaqueiros, eguariços e outros; mas quando se diz simplesmente um *pastor*, entende-se um guardador de gado de lan.

Ser pastor constitue uma profissão á parte, que em geral se segue toda a vida. E há mais; como o rabadão e os maioraes tomam muitas vezes um filho para zagal, a profissão tende a fixar-se na familia. Eu conheço em Serpa familias, de que todos os homens, com raras excepções, são pastores; e isto ha gerações successivas. D'aqui resulta, que elles formam uma classe por assim dizer distincta, com alguns habitos e privilegios especiaes.

Em Serpa serve-lhes tambem de ligação o pertencerem quasi todos á irmandade de S. Pedro. S. Pedro é o santo dos pastores, sem duvida por ter sido elle proprio um grande pastor de almas. Logo ao sair da villa, á direita e nas baixas da Sr.ª de Guadalupe, fica a ermida do santo, onde, no dia proprio e quasi sempre por um terrivel calor, se juntam os festeiros, no seu trajo de pastores, com a opa branca por cima. Que esta devoção especial é antiquissima, prova-o um habito immemorial. Em Serpa, os creados de anno das lavoiras são *concertados* (ajustados e tomados) em um dia especial, e despedem-se ou são despedidos no mesmo dia; ora, emquanto os outros ganadeiros, os ganhões e mais creados são todos concertados em dia de Santa Maria, os pastores, unica excepção, entram para casa do amo no dia de S. Pedro, como para o solemnisar. A este habito allude a

quadra publicada no ultimo numero d'este jornal:

San João e mais San Pedro
São dois santos mudadores:
San João muda os casaes,
San Pedro muda os pastores.

Vejamos agora alguns nomes das peças do vestuario e dos objectos de que se serve o pastor.

(Continúa)

CONDE DE FICALHO.

ANDAR ÁS VOZES (*)

(Conclusão)

A porta principal (porque a capella tem mais duas portas) é de madeira, com dois ralos, por onde os devotos podem vêr a imagem da Senhora das Verdades.

Muitas vezes a vi, á noite, á luz da lampada que pendia deante do altar-mór. Eu e a pessoa que eu acompanhava ali, ajoelhavamos no degrau da porta, quando chegavamos ao termo da nossa silenciosa romagem. Sabe Deus com que amargura essa querida pessoa, que a morte levou ha sete annos, pediria á Nossa Senhora das Verdades que não viessem a realisar-se as funestas prophecias, que teria ouvido. Com que amargura e com que fé!

Eu era então uma creança e não dava, por isso, valor aos negocios de familia, aos assumptos domesticos, por mais momentosos que fossem. Chegava a aborrecer-me aquella maçada de atravessar em silencio a cidade, do bairro occidental para o bairro oriental, desde a rua *16 de maio* até á Sé. Se eu estava na edade em que se falla sempre! Custava-me fazer tão longa jornada silenciosamente, como se levasse na bocca uma forte mordaça.

Apenas me distraía com os olhos e pelos olhos, sem me importar com as *vozes*. Gostava de passar pelas lojas de commercio, porque offereciam alguma variedade devida ás pessoas, de differente cathegoria social, que as frequentavam.

Nas lojas dos Clerigos, por cuja calçada desciamos, havia sempre mais ou menos senhoras, que faziam as suas compras, porque n'aquelle tempo as damas portuenses sahiam pouco durante o dia.

Nas lojas da rua do Loureiro, por onde, em caminho da Sé, subiamos a rua Chã, era certo haver algum padre de capote, que conversava, bocejando, com o dono do estabelecimento.

E' de notar que n'estas lojas ainda hoje se fabricam e vendem vestimentas sacerdotaes, especialmente casulas e estolas: fica assim explicada a presença de algum padre n'aquellas lojas.

Logo que entravamos na rua Chã, todo o ruido da cidade cessava. O antigo burgo episcopal era morto, solitario. Ali começava eu a entristecer, e a compenetrar-me algum tanto do sentimento religioso, que tinha inspirado a nossa romagem.

Quando já perto de mim negrejavam as paredes da Sé, na solidão e no silencio, a minha tristeza, mixto de enfado e terror, augmentava, a ponto de me fazer tremer ás vezes.

Era convulso, agitado, que eu ajoelhava, ao chegar á capella da Senhora das Verdades, no degrau da porta, com as mãos postas e o boné debaixo do braço.

Não sei se rezava nem o que rezava, emquanto essa querida pessoa orava fervorosamente com os labios collados a um dos ralos, como se estivesse fallando com Nossa Senhora para dentro da ermida.

(*) No começo d'este artigo, pag. 86, linha 29, sahiu por lapso de revisão — *com o seu bochecho* em vez de — *com ou sem bochecho*.

Todo o meu desejo era vêr-me d'ali para fóra o mais depressa possivel, poder quebrar o silencio, desforrar-me, com usura, de tão longa e forçada mudez.

Mas a pessoa que eu acompanhava, ao voltarmos para casa, vinha quasi sempre preoccupada, a revolver na mente as *vozes*, agradaveis ou desagradaveis, que tinha ouvido.

Pobre e crédula creatura, ante-gostava a felicidade que lhe tinha sido annunciada, ou vergava ao peso de alguma prophecia de desgraça, de algum aviso aziago, acreditando, por egual, uma ou outra cousa.

Aqui está, pois, como segundo a *versão* do Porto, a capella de Nossa Senhora das Verdades é o termo tradicional do *andar ás vozes*, o limite obrigado d'essa silenciosa romagem que os supersticiosos fazem cheios de fé, com ou sem bochecho na bôcca.

Como é do estylo não fallar quando se *anda ás vozes*, algumas pessoas, por evitar o descuido de não guardar silencio (o que estragaria a romagem) sujeitam-se ao incommodo do bochecho. Mas por isso mesmo que é incommodo, a maior parte da gente dispensa-o, cerrando os dentes uns contra os outros e pondo toda a sua attenção em não dizer palavra.

Só os namorados, na noite de S. João, se resignam a esse sacrificio, mas durante pouco tempo.

Vinha aqui a proposito um latinorio: *Omnia vincit amor*. O amor, para vencer, soffre tudo: até o ter agua na bôcca quando ha fogo no coração.

E no amor, como em tudo o mais, melhor é ter agua na bôcca do que ficar a fazer cruzes na bôcca.

(Lisboa)

ALBERTO PIMENTEL.

BOTANICA POPULAR

Notas àcerca de algumas plantas da flora portugueza (*)

(Conclusão)

Tratámos em o nosso anterior artigo das plantas usadas na medicina popular. Vamos falar hoje de outras plantas com diversas applicações.

Para banhar os animaes, usa o povo a folha e a casca do salgueiro (Salix alba) e a tasneira (Senecio jacobaea); para lavar fato, a hera (Hedera helix); para perfumar a roupa, o trevo de cheiro (Trifolium melilotus officinalis); para apanhar moscas, as salgadeiras (Atriplex halimus); para coalhar o leite, o cardo do coalho (Cinara cardunculus sylvestris); para lavar o cabello, o avencão (Asplenium, sp?); para aromatisar a conserva de azeitonas, a neveda maior (Nepeta cataria, Thymus calamintha, Melissa calamintha) e os ouregãos; para accender o lume, a carquêja (Genista tridentata); para a culinaria, as folhas do loureiro (Laurus nobilis).

Por occasião da festa da Paschoa, tambem costumam utilisar os ramos de loureiro e de alecrim para enfeitar as cosinhas.

Em certas tintas, que se empregam nas madeiras, o fungão (Lycoperdon tinctorium); e para obter mucilagem, as sementes de marmeleiro (Pyrus Cydonia).

*

* *

Uma das romarias mais interessantes e mais concorridas nos arredores de Lisboa, é a de Nossa Senhora da Atalaya. Muito se tem escripto ácerca d'essa romaria; por isso, apenas mencionarei agora o seguinte pormenor:

(*) Na 1.ª parte d'este artigo e quasi no fim da pag. 66, 2.ª columna, onde se lê *Farça dos Tisicos*, leia-se *Farça dos Fisicos*.

Na madrugada da *festa grande,* que costuma ser a madrugada do ultimo domingo de agosto, quando a alvura das casas começa a sahir da sombra, o sol nascente córa de laivos roseos as nebulosidades humidas da manhã e doura ao de leve o cimo dos pinhaes, vão os romeiros, guiados pelo retumtum das phylarmonicas, lavar o rosto a uma fontinha proxima.

Depois, alguns intrepidos pesquizadores vão pelos campos á volta, ás vezes bem longe, porque a planta não é muito vulgar, colher as camarinhas (Empetrum album). Parece que só teem *virtude*, colhidas assim.

No regresso da romaria é pittoresco o desfile d'aquella gente. Vozes quebram a serenidade do ar entoando uma decima de fado ou alguma cantiga da *moda nova.*

As cintas, deslaçadas, escorregam em voltas frouxas; lenços brancos adejam ao pescoço sobre as bandas da jaquêta, e, entalado na fita do chapeu, lá vem o raminho verde, junto ao registo de Nossa Senhora.

Pelas festas de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, mas principalmente das duas primeiras, apparece no mercado de Lisboa grande numero de vasos de barro vermelho contendo uma planta odorifera, o mangericão ordinario (Ocimum minimum). O povo elimina á palavra a terminação aspera e pronuncia carinhosamente — mangerico.

E' de boa praxe amatoria offerecer vasinhos de mangericão; e isto mesmo nas classes medianamente abastadas.

Para maior gala leva então um cravo de papel vermelho com um pedacinho de papel branco preso na haste á maneira de bandeirinha, onde se leem, impressos, versos de pé quebrado.

Lá vai, pois, a planta aromatica, triumphante e desfraldando o guião, exhalar perfumes e cantar lôas, em homenagem a um coração amigo.

Vemol-a em muitas casas e, até, ás vezes, a embalsamar o ar impuro e a florescer á escassa luz das janellas das prisões.

Copío algumas quadras, para amostra do lyrismo a que se guindam os vates da especialidade.

«Com quatro flores bonitas,
Ao meu bem faço um raminho:
Açucena, amor perfeito,
Cravo dobrado, junquilho.»

«Este cravo bem bonito
E' p'ra dar ao meu amor;
Cravo roxo é rei dos cravos,
Do jardim mimosa flor.»

«Cravo roxo á cintura,
E' signal de sentimento.
Vae, cravinho, vae depressa
Adonde está meu pensamento.»

«O cravo é côr de fogo,
A relva é mangericão.
Não me despeço, menina,
Da tua conversação.»

«Este mimoso cravo,
Entre as flores reverdece.
Tambem o meu lindo amor
Entre os amor's se conhece.»

«Esta vae por despedida,
Despedida verdadeira;
Vae na folhinha de um cravo,
Na folhinha verdadeira.»

«*Samiei* um cravo branco
N'um canteiro do jardim,
Para ficar de memoria
O dia em que te conheci.»

Tambem é d'uso corrente adquirir, na vespera das ditas festas, a pedido ou por compra, alfazema, cardo de S. João (Civara humilis, L.) e herva pinheira (Sedum fructiculosum). A alfazema serve para perfumar a roupa e para defumadouros, principalmente ás creancinhas.

Aos cardos de S. João, mais conhecidos por alcachofas ou alcachofras, attribuem o merito de revelar o bom ou mau exito que de futuro terão os amores. Se a alcachofa reflorir, depois de queimada á meia noite, na fogueira — bom prenuncio

amoroso; de contrario — grandes tristezas no animo das meninas consultantes. A sciencia explica, é verdade, e satisfatoriamente, o extranho phenomeno; mas em prosa chan, com detrimento e menosprezo da poesia e do enlevo dos ternos corações...

A herva pinheira, chamuscada á meia noite da vespera de S. João, e depois reverdecida, é signal de muita felicidade para o consultante. A felicidade, n'este caso, é ter muito dinheiro.

Muitas das plantas que citei, não merecem confiança no que respeita ás suas virtudes therapeuticas; mas algumas ha, que são devéras aproveitaveis, e veem incluidas na Pharmacopéa Portugueza. A sua classificação, porém, é extremamente difficil, por não obtermos, aqui em Lisboa, os respectivos exemplares. É justamente o que nos acontece com a salva e o alecrim, por exemplo.

— As minhas notas pouco valor teem; outras pessoas mais competentes teriam pesquizado com melhor exito. Os medicos, dispersos pelas colonias portuguezas, por exemplo, quanto não poderiam investigar n'este sentido, e que proveito não resultaria para a therapeutica, das suas investigações?

Terminando, cumpre-me agradecer ás Ex.mas Sr.as D. Alzira e D. Miquelina Costa, e ao Sr. João José da Costa, que tão valioso auxilio me dispensaram n'este trabalho.

Sophia da SILVA.

Modas-estribilhos alemtejanas

Dizes qu'eu sou lavadeira

Dizes qu'eu sou lavadeira,
Que ando no mar a lavára. } bis.
Eu passo uma vida alegre
Na ribeira a namorára. } bis.
Na ribeira a namorára
E' qu'eu passo o meu bom tempo... } bis
Desejava amor sabéra
Qual era o teu pensamento! } bis

M. Dias NUNES.

OS VIRTUOSOS

(Conclusão)

E dão começo ao maior dos martyrologios:

— «E' preciso que digas quem te deu alguma coisa a beber. Vamos, falla. Podes ainda salvar-te, se fallares. Ha mulheres ruins, que nos querem muito mal e nos invejam. Foste victima de maus olhados e de maus tratos. Falla, homem, falla!»

E o pobre diabo, desequilibrado por desgosto, ou por qualquer resfriamento, responde, a muito custo, e quasi sem comprehender:

— «Eu bebi, bebi, mas não me lembro aonde; foi numa taverna... ao fim da villa... café, café, numa chavena... Havia gente commigo: dois homens, amigos meus. Mulheres é que me deram o café...».

Grande alarido! As mulheres gesticulam, praguejam, uivam...

— «Ao virtuoso, ao virtuoso! elle dirá tudo, saberá tudo, dará remedio para tudo... Ao virtuoso, ao virtuoso!»

— E o bando... pessoas de familia e visinhos — a pobre gente ignorante e fanatica, e, por isso, tanto ou mais parvos do que o proprio idiota em questão — continúa gritando, feroz, endiabrado: «A caminho, a caminho de Beja! E' lá que está o virtuoso... Ah, que elle ha de dizer-nos como tudo se passou!...»

— «O' Beja das tradições liberaes: e consentes tu isto?»

Mas vamos, não ha tempo a perder, a cavalgada chega, chega tudo emfim: — o doente, a mulher, a familia da mu-

CANCIONEIRO MUSICAL
VII
DIZES QU'EU SOU LAVADEIRA
(DESCANTE)
All.gto
Di - zes q'eu sou la - va - dei - - ra, Quan - do
ma - ra la - và - ra.
Eu pass' - u - ma vi - - dà
te - gre Nà ri - - bei -
rà na - mo - rà - rà.

lher, muita gente desvairada, em summa, que pergunta a astucia e a velhacaria... E aonde, santo Deus? (ainda bem, ao menos isso!) é na cadeia que vão encontrar a pessoa que anciosamente perguntam — a cadeia de Beja, em que um virtuoso, não sei d'onde, exercia a sua *honrada* profissão d'*adivinho* e curandeiro *milagroso!* E fallam provavelmente com o carcereiro, ou pessôa de familia do homem de *virtude*, porque, apresentados a este (o' maravilha!) este sabe tudo: Explica ao doente que uma chavena de café o poz naquelle estado miserando; que foi bebida em uma taverna na companhia de mais dois amigos, que ficaram indêmnes; que tres mulheres é que prepararam o mistiforio, a bebida infernal; que as tres vestem de preto, são altas e delgadas, não têm relações de qualidade alguma com a sua familia, e que tudo fizeram por inveja. E, antes de receitar, falla do passado do doente: explica minudencias de namoros, as rasões que o levaram ao casamento, as suas felicidades e os seus desastres, etc. Em tudo acertando á justa com o passado do infeliz.

A receita dictou-a assim:

— «Vão para casa. Comprem um gallo preto, matem-o e tirem-lhe as enxundias. Depois escolham uma quarta de trigo, a *dedo*. Em uma sexta feira, á meia noite, ponham as enxundias e mais tres ovos no *lar* do *lume*. Passem a despir o doente, *nú* em *pêllo;* o fato defumem-o com alfazema, tambem no *lar* do *lume*. Esperem até á uma hora da noite: ahi se apresentarão tres mulheres de preto, que nunca ainda lhe perguntaram a casa; estacarão á porta..

N'este momento a mulher do doente as mandará entrar e immediatamente lhes entregará a quarta de trigo, dizendo: — Aqui teem. — As tres perguntarão: — Para que é isto? — Ao que, replicará a mulher: — Levem lá... E, rapido, todos os homens e mulheres presentes, munidos de páus, vaçouras, etc., se atirarão ás tres a desancal-as furiosamente.

E a cura é immediata, a ponto de, até o proprio doente, ainda *nú* em *pêllo*, poder *molhar* as *agulhas!*»

E o *virtuoso* concluiu prudentemente: «Adverte-se que, não se dando a comparencia das tres malvadas na primeira sexta feira da experiencia, esta se deverá repetir sete sextas feiras a fio, comprando de cada vez novo gallo preto, e fazendo as demais coisas atraz mencionadas.»

Agora o melhor da *festa:*

Estas experiencias não se poderam realisar porque o *doido* teve o *bom senso* de pôr em duvida a sua efficacia e, implicitamente, a seriedade de quem lh'as receitou; por maiores esforços que se empregassem, não houve quem o fizesse despir...

Grande alarido! o mulherio bramava! A visinhança intervinha, contrariada ou interessada, conforme o grau de criterio de cada um. Balburdia infernal, indescriptivel! Gente sensata: — que deixassem o homem, que tivessem dó do homem! E os crendeiros, que eram em maior numero, *ás unhas* com o pobre diabo, tentando arrancar-lhe o fato a pedaços, já que o singular pudôr do idiota o não deixava vir d'outra maneira! Não o mataram, mas deixaram-o bem moido! Berravam: — Bruto que não se quer curar... Ha-de morrer para ahi como um cão! E a fazerem-se despezas; e a perderem-se noites; e tanta gente a incommodar-se... Para quê? para quê? E havia lagrimas na vóz, e havia lagrimas nos olhos...

No conceito d'aquella gente (e ainda era preciso que tal gente tivesse conceito) até o poéta dizia, se resuscitasse: «*E a nada o bruto se moveu!*»

Ha dias, disse eu a alguem que passava: «Teu tio está melhor?» A que o interrogado respondeu: «Isso sim!... '*tá qáes* na mesma: *Antão*, elle não *q'riz* fazer a *mézinha*...»

(Vidigueira)

PEDRO COVAS.

THERAPEUTICA MYSTICA

II

Benzedura contra a erysipéla (*)

A benzedeira, tendo na mão direita um rosario, colloca-se em frente do doente, e, benzendo com a propria cruz do rosario a região erysipelada, vai proferindo a seguinte oração:

— «Em louvor de Deus e da Virgem Maria. A mão de Deus vá adiante, que a minha não tem valia. S. Sezinando pelo mundo andou — com a Virgem Nossa Senhora se encontrou — e a Senhora lhe perguntou:»

— «Donde vens Sezinando?»

— «Eu, Senhora, venho de Roma.»

— «Que viste lá?»

— «Erysipéla.»

— «Volta para traz e corta-a: erysipéla branca, erysipéla branquinha — erysipéla vermelha, erysipéla vermelhinha — erysipéla empolar — erysipéla negral. Todo o mal de erysipéla, eu te corto e te deito para o mar — para onde não oiças gallo nem gallinha cantar—nem mãe por seu filho bradar.»

Esta oração deve proferir-se durante cinco sessões, e em cada sessão cinco vezes. No fim da quinta vez, e em cada sessão, diz-se: «Alleluia, alleluia, alleluia. Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto. Sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in saecula saeculorum. Amen. E em seguida reza-se o Padre Nosso e a Ave Maria.

Toda a réza precedente é offerecida ás cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. Eis o offerecimento:

«Em louvor das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo e sua Mãe Maria Santissima. Todos os males que nestes logares estão — seja servido de lhe dar saude e o pôr são.»

(*) O povo pronuncia: *êresípela.*

III

Variante da benzedura anterior

«Em louvor de Deus e da Virgem Maria. A mão de Deus vá adiante, que a minha não tem valia.»

«Nossa Senhora pelo mundo andou— com a *vermelha* se encontrou — e a Senhora lhe perguntou:»

— «Que *vermelha* é esta?»

— «Eu não sou *vermelha,* sou *rosa côrça.* Como a carne e mino o osso.»

— «E's *rosa côrcenosa.* Comes a carne, minas o osso. Eu te corto: cabeça, rabo e pescoço, corpo todo. Para as bandas do mar te deitarei.»

«Em louvor da Virgem Maria. Padre Nosso, Ave Maria.

Esta oração, depois de proferida as cinco vezes do estilo, faz-se seguir das mesmas palavras que citámos no caso antecedente, e é offerecida da mesma fórma ás cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. E, para que as benzeduras surtam effeito, devem egualmente ser executadas durante cinco dias.

(Brinches).

Ladislau PIÇARRA.

AS TABOAS DE MOYSÉS

A interessante reza tradicional subordinada a este titulo, é a de maior e mais profunda devoção para a gente do povo, que a diz, com a fé cega dos crentes, em todos os transes dolorosos da sua vida, em todos os momentos de anciedade, afflicção e angustia. Rezam se as Taboas de Moysés quando a tempestade se desencadeia e o trovão ribomba nos espaços ameaçador; quando as chuvas torrenciaes arrasam os campos, nas invernias, ou quando as largas estiagens, resequindo o arvoredo e as searas ainda tenras, abysmam toda a população agricola na lugubre perspectiva da fome e da mise-

ria proximas. Se algum ente querido emprehende larga viagem arriscada, reza-se devotamente as Taboas de Moysés: e reza-se ainda a mesma oração quando o mancebo recenseado para o serviço militar *vae tirar a sorte,* a qual, sendo-lhe adversa, obrigal-o-ha a pagar o tão odiado tributo de sangue.

Na sua grande fé ingenua e rude, o povo crê que, se as Taboas são ditas correntemente, sem nenhum erro ou titubeação, o mal que se teme é de certo conjurado; o contrario, porém, é de funestissimo presagio.

O manuscripto das Taboas, introduzido a occultas no fôrro do casaco de qualquer pessôa, torna essa pessôa — segundo a crença — inattingivel a toda a especie de infelicidade ou revez.

Eis a oração, que fielmente recolhêmos da tradição oral:

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me a primeira.

— A primeira é a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as duas.

— As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as tres.

— As tres são as Tres Marias. As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as quatro.

— As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as tres Marias. As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as cinco.

— As cinco são as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as Tres Marias. As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as seis.

— As seis são os Seis Cirios Bentos com que se alumia o Santissimo Sacramento. As cinco são as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as Tres Marias. As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as sete.

— As sete são os Sete Passos. As seis são os Seis Cirios Bentos com que se alumia o Santissimo Sacramento. As cinco são as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as Tres Marias. As duas são as Taboas de Moy-

sés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as oito.

— As oito são os Oito Córos de Anjos. As sete são os Sete Passos. As seis são os Seis Cirios Bentos com que se alumia o Santissimo Sacramento. As cinco são as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as Tres Marias. As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as nove.

— As nove são os Nove Mezes em que Nossa Senhora trouxe o seu bemdito filho no seu divino ventre. As oito são os Oito Córos de Anjos. As sete são os Sete Passos. As seis são os Seis Cirios Bentos com que se alumia o Santissimo Sacramento. As cinco são as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as Tres Marias. As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as dez.

— As dez são os Dez Mandamentos. As nove são os Nove Mezes em que Nossa Senhora trouxe o seu bemdito filho no seu divino ventre. As oito são os Oito Córos de Anjos. As sete são os Sete Passos. As seis são os Seis Cirios Bentos com que se alumia o Santissimo Sacramento. As cinco são as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as Tres Marias. As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as onze.

— As onze são as Onze Mil Virgens. As dez são os Dez Mandamentos. As nove são os Nove Mezes em que Nossa Senhora trouxe o seu bemdito filho no seu divino ventre. As oito são os Oito Córos de Anjos. As sete são os Sete Passos. As seis são os Seis Cirios Bentos com que se alumia o Santissimo Sacramento. As cinco são as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as Tres Marias. As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as doze.

— As doze são os Doze Apostolos. As onze são as Onze Mil Virgens. As dez são os Dez Mandamentos. As nove são os Nove Mezes em que Nossa Senhora trouxe o seu bemdito filho no seu divino ventre. As oito são os Oito Córos de Anjos. As sete são os Sete Passos. As seis são os Seis Cirios Bentos com que se alumia o Santissimo Sacramento. As cinco são as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as Tres Marias. As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de

Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as treze.

— As treze são os Treze Raios do Sól com que arrebenta o Diabo maior. As doze são os Doze Apostolos. As onze são as Onze Mil Virgens. As dez são os Dez Mandamentos. As nove são os Nove Mezes em que Nossa Senhora trouxe o seu bemdito filho no seu divino ventre. As oito são os Oito Córos de Anjos. As sete são os Sete Passos. As seis são os Seis Cirios Bentos com que se alumia o Santissimo Sacramento. As cinco são as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as Tres Marias As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

— Christovão, queres ser salvo?

— Pela graça de Deus, Senhor, sim, quero.

— Das treze palavras que sabes, dize-me as treze.

— As treze são os Treze Raios da Lua. Arrebenta, Diabo! que a minh'alma não é tua. As doze são os Doze Apostolos. As onze são as Onze mil Virgens. As dez são os Dez Mandamentos. As nove são os Nove Mezes em que Nossa Senhora trouxe o seu bemdito filho no seu divino ventre. As oito são os Oito Córos de Anjos. As sete são os Sete Passos. As seis são os Seis Cirios Bentos com que se alumia o Santissimo Sacramento. As cinco são as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. As quatro são os Quatro Evangelistas. As tres são as Tres Marias. As duas são as Taboas de Moysés, onde Jesus Christo pôz os seus divinos pés. E a primeira, a Casa Santa de Jerusalem, onde Jesus Christo morreu por nós. Amen.

M. Dias NUNES.

O TOURO DE S. MARCOS

Na egreja do Carmo ou da Senhora das Reliquias, situada nos suburbios da encantadora villa da Vidigueira, existe uma imagem de S. Marcos, representando este santo no acto de receber a missão d'evangelisar os povos.

A egreja acaba agora mesmo de ser reconstruida; mas no seu antigo altar-mór, incrustada n'um dos pilares dourados, lá estava a referida imagem tendo aos pés um touro. A figura que representa este animal, é uma obra d'arte, magnificamente cinzelada, sobresaindo, em bello relevo, das inscrustações do dito pilar.

A crença popular em volta de S. Marcos, desenvolveu-se extraordinariamente, a ponto de considerarem o mencionado touro como sendo capaz d'amansar as creanças!

Vejamos como procediam as mães ingenuas destes sitios, para que os seus filhos fossem mansinhos.

Dirigiam-se as mulherzinhas, geralmente camponias, á egreja das Reliquias, de preferencia aos domingos e dias santificados. Chegadas á egreja, offereciam algumas orações á imagem da Senhora das Reliquias, e em seguida iam apresentar a creança a S. Marcos, repetindo n'essa occasião as mesmas rezas.

Feita a apresentação e proferida a reza, batiam com a testa da creança na fronte do touro. Tal é a curiosa pratica, de que muitas vezes fui testemunha ocular.

O piedoso exercicio, acima descripto, parece que nem sempre era feito com a devida moderação, pois corre até a versão de que uma pobre camponeza de Sant'Anna — pittoresca aldeia de Portel — vibrou uma pancada com tanta violencia, que a infeliz creança lhe falleceu nos braços.

*

Os lavradores mantinham outr'ora uma grande devoção pelo Senhor S.

Marcos; e a prova temo-la nas esplendidas festas que elles realisavam em honra do mesmo Santo, as quaes ficaram assignaladas na tradição popular. A extincção d'estas festas data, segundo uns, dos principios do seculo XVIII, ou dos fins d'este seculo, segundo outros.

Teixeira d'Aragão corrobora este facto n'um bello estudo sobre a Vidigueira, saido a lume em 1880, por occasião do tri-centenario de Camões.

*

Não devemos esquecer, que é da egreja da Senhora das Reliquias que foram trasladados os ossos de Vasco da Gama — o immortal descobridor da India — para o sumptuoso convento de Santa Maria de Belem.

Na antiga capella-mór da egreja do Carmo, do lado da epistola, via-se uma lapide commemorativa da trasladação.

FAZENDA JUNIOR.

CRENÇAS & SUPERSTIÇÕES

Bruxas e bruxedos

3 — A pratica que vamos descrever, destinada tambem a desembruxar as creanças, constitue, como o leitor verá, uma curiosa variante das duas anteriores, publicadas em o n.º 5 desta revista. Passemos, pois, á sua descrição.

Um Manuel e tres Marias peneiram uma porção de farinha de centeio, tendo as quatro pessoas o cuidado de pegarem na peneira com a mão esquerda. Peneirada a farinha, as tres Marias amassam-na com agua, tirada tambem com a mão esquerda de tres fontes ou poços.

A agua é ministrada por Manuel, que a vai deitando na massa á medida que é precisa. Depois d'amassada a farinha, tende-se e faz-se com ella uma pepia.

Tanto o amassar como o tender, deve egualmente ser feito com a mão esquerda.

Preparada assim a pepia, esperam o cantar do gallo á meia noite, e a essa hora dirigem-se a uma encruzilhada para alli passarem a creança atravez da citada corôa de massa, e usando o mesmo processo que expuzémos a proposito da pratica 2.ª. Logo que esta cerimonia finda, esmigalham a pepia e espalham-na pelo chão, no proprio sitio da encruzilhada. E em seguida voltam todos os circumstantes para casa, na intima convicção de que libertaram a creança da acção maléfica das bruxas.

O preceito aqui estabelecido de ser a mão esquerda que deve realisar todo o trabalho, liga-se naturalmente ao pensamento popular de que a mão direita é de Deus, ao passo que a esquerda pertence ao Diabo.

(Brinches)

FILOMATICO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

VIII

A zorra e a cegonha

D'uma occasião, uma zorra, ouvindo dizer que as cegonhas eram muito espertas, resolveu enganar a primeira que encontrasse. A zorra marchou, e, ao passar por um valle, viu que estava ali uma cegonha; dirigiu-se para ella e disse-lhe:

— «Salve-a Deus, comadre cegonha! mesmo á sua busca é que eu andava...»

— «Então para quê?» — perguntou a cegonha.

— «Porque tal dia faço annos, e quero que vocemecê assista ao jantar.»

— «Sim senhora, comadre zorra, póde ficar descançada que não falto.»

— «Pois bem,» — disse a zorra — «nesse caso, desde já lhe agradeço, e não se esqueça.»

No dia combinado, a cegonha foi a casa da zorra, e quando lá chegou, tinha a zorra acabado de tirar umas papas do lume, e estava á espera que arrefécessem,

para se não escaldar. Logo que as papas arrefeceram, deitou-as a zorra numa lage, e disse á cegonha: «Comadre, venha já para a mesa, que isto está que nem *ginja-marmello*. (*)

Puzeram-se ambas a comer as papas, mas como a cegonha só depennicava, pouco comia; ao passo que a zorra, com a lingua, raspava tudo.

A cegonha, vendo que tinha sido enganada pela zorra, jurou vingar-se, e para isso, disse-lhe:

— «O' comadre! d'hoje a tantos dias, tambem eu faço annos, e não a dispenso de modo algum, porque já comprei um borrêgo para o jantar desse dia».

A zorra, que não sabia já o tempo em que tinha comido borreguinho, ficou doida de contente, e respondeu logo que não faltaria.

Effectivamente, a zorra não faltou no dia marcado, mas a cegonha é que, em vez de deitar a carne num prato, fe-la em salada e metteu-a dentro duma *amentolia* (almotolia). Succedeu então, que a cegonha com o bico comeu a carne toda, e a zorra, não podendo metter a lingua dentro da *amentolia*, ficou em jejum.

Quando acabou o jantar, armou-se uma trovoada, e a zorra perguntou á cegonha:

— «O' comadre cegonha! então que musica é esta?»

Respondeu-lhe a cegonha:

— «Isto são as vôdas *del cielo*. Agora vou eu para lá, e se você quer vir commigo, eu a levo ás minhas costas. Se você visse, comadre, aquillo ali ha de tudo, e com fartura!»

A zorra, como tinha ficado mal de jantar, ouvindo dizer que havia de tudo com fartura, acceitou o convite da cegonha. Esta levantou vôo, e quando a zorra se viu lá por essas alturas, começou a temer uma grande queda, e dizia de vez em quando: «Se desta escapo como espéro, não torno ás vôdas *del cielo*.»

A cegonha, assim que viu que ia em par dum rochedo, disse á zorra:

— «O' comadre! chegue-se lá mais aqui para este lado, que já vou estando cançada desse.» A pobre da zorra, não desconfiando, foi mudar de posição; ao mesmo tempo, a cegonha escapou-se-lhe debaixo e deixou-a cair. A zorra, já na queda, reparando no rochedo, diz-lhe:

— «Foge rocha, que te parto!»

(Da tradição oral)
(Brinches).

ANTONIO ALEXANDRINO.

(*) Ginja-marmello — coisa excellente.

PROVERBIOS E DICTOS

(Continuação)

XLVI

Se queres vêr mal a Portugal, dá-lhe trés cheias antes do Natal.

XLVII

Janeiro, geadeiro, afogou a mãe no ribeiro.

XLVIII

Em Fevereiro, febras de frio e não de linho.

XLIX

Março, marçagão, pela manhã focinho de cão e á tarde um bom borregão.

L

Em Março começando a dar ao rabo, — não fica ovelha em oiteiro, nem borrego em descampado, nem pastor empellicado.

LI

Não ha lenha como o azinho, nem carne como o toucinho.

(Da tradição oral)
(Serpa)

(Continúa)

CASTOR.

BIBLIOTHECA D'«A TRADIÇÃO»

Publicação bi-annual, em volumes de 150 a 200 pag.

VOLUME I (a entrar no prélo):

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO-ALEMTEJO

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME II:

JOGOS POPULARES

POR

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME III:

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

POR

ANTONIO ALEXANDRINO

Prefaciados por

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME IV:

O AUTO DO PRESEPIO E A DEGOLLAÇÃO DO BAPTISTA

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME V:

SYLVA DE XÁCARAS

POR

A. THOMAZ PIRES

Anno I — N.º 8 SERPA, Agosto de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

Collaboradores artisticos: — F. VILLAS-BOAS e J. V. PESSOA

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I — N.º 8 SERPA, Agosto de 1899 **Série I**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

O elemento arabe na linguagem dos pastores alemtejanos

(continuado de pag. 101)

O vestuario dos pastores (*) é egual ao dos outros alemtejanos do campo; mas tendo algumas peças especiaes, que indicaremos brevemente com os seus nomes.

Pellico é uma grande jaqueta de pelles, que os pastores trazem vestida nos dias mais frios; ao hombro logo que o tempo aquece. Do mesmo modo que muitos outros objectos do seu uso, o *pellico* é todo feito por elles. O pastor dá o preparo ás pelles de modo que fiquem com a lan intacta, *sovando-as* com repetidas fricções da mão e das unhas, e esticando-as em todos os sentidos, até ficarem macias e com o *casco* bem branco. Corta-as depois com a habilidade d'um verdadeiro alfayate; e cose as diversas peças com *corriol*, um fio resistente, formado de finissimas tiras do mesmo coiro de ovelha ou borrego, cortadas e torcidas em fresco. É certo, que algumas d'estas jaquetas, feitas de pelles pretas por fóra e forradas de pelles brancas, chegam a ser elegantes. O *pellico* é sem duvida alguma a peça mais typica do vestuario, por isso que só os pastores o usam. A palavra é tambem hespanhola e de origem evidentissima.

Çamarro é diverso do pellico, formado de duas pelles, uma maior nas costas, outra no peito, e sem mangas. Não é de modo algum especial aos pastores, e outros ganadeiros e homens de trabalho se veem frequentemente no inverno com *çamarros*. Objecto e nome são antigos; e já o nosso Gil Vicente menciona:

> Os çamarros dos vaqueiros.

Em hespanhol ha a mesma palavra, tendo hoje a fórma *zamarro*; e Covarrubias dá-lhe diversas etymologias, algumas do hebraico, e todas mais ou menos duvidosas. É notavel, que as *samarras* ecclesiasticas, as que se vestiam aos condemnados da Inquisição, tenham alem da similhança de nome, uma certa similhança de fórma com os *çamarros* dos ganadeiros. Deixando estas questões, que nos levavam longe, o que parece seguro é que a palavra nos não veiu por intermedio dos arabes.

Çeifões, ou melhor *çafões* (*) são constantemente usados pelos pastores, como, de resto, por quasi todos os trabalhadores do campo. Os dos pastores são em geral de pelles de ovelha com a lan, e tambem feitos por elles; mas ás vezes de verão são de pelle de cabra ou chibato. A palavra *çafão* (usa-se sempre no plural) em hespanhol *çahon* e *zahon*, é de

---

(*) Veja-se a estampa publicada na *Tradição*, pag. 51.

(*) A orthographia *çafões* é mais chegada á origem provavel, e tambem á pronuncia alemtejana.

origem arabe, como parece tambem ser da mesma origem o objecto que designa. Covarrubias diz, que é nome arabico, significando *calça ancha esparcida*. Yanguas explica melhor, que eram calções abertos de ambos os lados, não passando da barriga da perna, e feitos de pelle de carneiro ou de outras pelles. E accrescenta, que a palavra *çahon*, com o seu correspondente arabico, vem já no Vocabulista de Pedro d'Alcalá (1505); e aquelle nome arabico se encontra tambem em um documento arabe de Almeria do XV seculo, onde se lê: *pieles para los zahones y zapatos* (tr. de Yanguas).

Botinos são polainas grosseiras de coiro, que poucos pastores, dos mais velhos, ainda usam; o maior numero traz hoje botas. A palavra é de origem bem evidente e não carece de explicação.

Referindo-nos ainda á estampa, antes citada, notamos ali mais dois objectos typicos: a *funda* a tiracollo, com a qual o pastor lança pedras a grande distancia para voltar o gado: o *cajado* de fórma muito especial, que lhe serve para em feiras, apartações, tosquias, segurar pelo pescoço ovelhas e carneiros.

O pastor alemtejano é um nomada. E' claro que em distancias relativamente muito curtas, quando o comparamos com os verdadeiros nomadas da Africa ou da Asia; mas emfim é um nomada. Como tal necessita lèvar comsigo as provisões de alguns dias, e os poucos mas indispensaveis objectos de que diariamente se serve. Tudo isto é transportado pelos burros, mais habitualmente burras, do rebanho. São pittorescas as duas ou tres burras de cada rebanho, com a sua carga complicada, sem cabeçada, chocalho ao pescoço, pastando tranquillamente atraz das ovelhas. Tão pouco têem mudado no correr d'estes ultimos trez ou quatro seculos, que nunca as vejo sem me lembrar d'aquelle extraordinario poeta que foi o Gil Vicente. A burra que elle descreveu pertencia a outra provincia e a uma manada de gado mesclado como se encontram mais para o norte; mas a sua descripção é tão puramente portugueza, tão intensamente rustica, que não resisto á tentação de a transcrever.

Entra o pastor André em scena, e diz:

> Eu perdi, se s'anoutece,
> A asna ruça de meu pae,
> O rasto por aqui vae,
> Mas a burra não parece,
> Nem sei em que valle cai,
> Leva os tarros e apeiros,
> O çurrão co'os chocalhos,
> Os çamarros dos vaqueiros,
> Dois sacos de pães inteiros,
> Porros, cebolas e alhos.
> Leva as peas da boiada,
> As carrancas dos rafeiros,
> E foi-se a pascer folhada,
> Porque besta despeada
> Não pasce nos sovereiros.

Ahi fica a burra do rebanho evocada pela viva imaginação do poeta que mais e melhor sentiu o povo do campo portuguez. Mas necessitamos descrevel-a prosaicamente sob o nosso ponto de vista muito especial. O aparelho da burra é simples, e consiste apenas n'uma *almatrixa*, feita pelo proprio pastor com as pelles das ovelhas mortas. Estas pelles seguram-se por uma silha grosseira de corda, (*) a qual de um e outro lado se vem prender a uma especie de arrocho muito curvo, que mantem as pelles no seu logar.

Almatrixa é palavra arabe, como a sua fórma o está dizendo bem claramente; mas ha duvidas sobre o vocabulo d'onde procede. Sousa derivou-a de *almatraxa* e do verbo *taraxa*; mas o sentido levanta algumas difficuldades. Dozy julga-a uma contracção de *almadraquexa*, que no antigo portuguez teve a accepção de travesseiro largo (cf. St.ª Rosa). Em todo o caso, *almatrixa* passou a significar a

---

(*) Ou antes de *baraço*. No Alemtejo chamam cordas, as *cordas* grandes de linho de carregar carros e carretas; todas as outras cordas, principalmente sendo de esparto, são *baraços* (do arabe *maras*). Dentro da designação geral *baraço* ha depôis *alfirme* e outras variedades.

GALERIA DE TYPOS POPULARES

VIII

Acarretador de farinha (Brinches)

cobertura ou coxim, que se lançava sobre o lombo das bestas; e é exactamente o sentido que lhe dão os nossos pastores.

Sobre as almatrixas das burras se carrega o *avio* da semana, que geralmente ao sabbado um dos pastores vem buscar a casa do amo: o pão de trigo para os homens em saccos—«dois saccos de pães inteiros», como dizia o nosso Gil Vicente: o pão de cevada para os cães: o azeite nas *chaves*, cornos de boi de grandes dimensões, como geralmente são os da raça alemtejana: o sal no *saleiro*, feito da parte inferior de um corno de boi: vinagre e outros condimentos «cebolas e alhos», como tambem dizia Gil Vicente.

Ali andam egualmente os poucos mas indispensaveis utensilios do pastor. Os mais miudos, colheres de pau e de chifre de carneiro, canivetes e mais ferramenta, andam dentro do *çurrão* ou *surrão*, em hespanhol *çurron*, a classica bolsa de pelles, que todos os diccionarios e todos os escriptores bucolicos mencionam. Na sua bainha de pelle anda o *cutello*, com que nos chaparraes o pastor corta a lenha para cozinhar e para os grandes lumes da noite. Nem póde esquecer a *caldeira* de arame, onde fazem as *migas* de azeite, e ás vezes na primavera as *migas canhas* (brancas) com leite para o almoço; e á noite a sôpa de azeite e cebola, chamada *calatroia*, ou de verão a sôpa fria, a que dão o nome de *vinagrada*—o *caspacho* dos hespanhoes.

Sobre a burra anda tambem de dia o *barquino*, um dos objectos mais caracteristicos da bagagem. O *barquino* é uma especie de grande borracha, ou antes de odre para agua, feito tambem pelo pastor. A cabra ou chibato, cuja pelle é destinada a fazer um barquino, é esfolada de um modo especial, sem incisão ao longo do ventre e peito, a *coiro cerrado*, (*) como dizem os pastores e cabreiros. O coiro é depois salgado pela parte interna; e quando tem tomado bem o sal, atam fortemente as aberturas das pernas e do pescoço, e deitam-lhe dentro agua com *entrecasco* de sobro ou azinho. Anda d'este modo muitos dias curtindo. É então vasado, enxuto, e cosido com *corriol* a costuras dobradas. Ao logar do pescoço adaptam um bocal largo de madeira, que pode servir de copo, tendo no centro um orificio, tapado com um *espicho*. Fica assim prompto, e, depois de servir alguns dias ou semanas, faz boa agua e bastante fresca, porque o coiro é um tanto permeavel e está sempre molhado pela parte de fóra. Para beber, exerce-se uma leve pressão sobre o coiro, e a agua afflue ao bocal; mas é precisa uma certa aprendisagem para o saber fazer, e já me tem succedido molhar-me todo ao querer beber por um *barquino* de pastor.

Porque lhe chamam *barquino?* A palavra falta em todos os nossos diccionarios, com excepção do «Novo Diccionario da Lingua Portugueza», onde em duvida se deriva de *barco*. E' possivel que assim seja, comquanto a similhança com um barco seja muito remota. Em todo o caso, e apesar de me não parecer esta origem provavel, eu não saberei propor melhor derivação. O nome, quanto posso julgar, é local e puramente portuguez. Em Hespanha parece que incluem uma coisa similhante sob a designação mais geral de *pellejo*. Pelo menos na California, onde se conservam muitos habitos e nomes hespanhoes, *pellejo* tem este sentido. Em um dos seus contos, o bem conhecido escriptor americano, Bret Harte, tem a seguinte phrase: ...*a half drained* pellejo, *or goatskin water-bag*. E' exactamente o nosso *barquino*.

Uma coisa a notar, é que todos estes objectos, com excepção do cutello, da caldeira e de poucos mais, são fabricados pelo proprio pastor, e fabricados com as materias primas mais simples e mais directamente á sua disposição. Com as pelles do seu gado o pastor faz *almatrixas*, *çafões*, *pellicos*, *çamarros*, e *corriol* ou o

(*) Deve escrever-se *cerrado* e não *serrado*, porque evidentemente significa *não aberto*. O fim d'esta operação é diminuir a extensão das costuras, que depois tem de se fazer.

fio com que cose. E com algumas pelles de cabras ou chibos, que facilmente obtem por troca dos cabreiros da serra, faz *surrões* e *barquinos*. Os cornos de alguma rez, que se mata nas boiadas do amo, fornecem-lhe *chaves* e *saleiros*, emquanto nos cornos dos carneiros, préviamente amollecidos a fogo brando, elle talha parte das suas *colheres*. Elle proprio colhe nos sovereiraes a cortiça, em que recórta as tampas das *chaves* e *saleiros*. E elle proprio vae buscar aos barrancos ou á serra a madeira de freixo, de zimbro, ou de raiz de urze, em que talha os *bocaes* dos barquinos, as colheres, os espichos dos barquinos e das chaves, os seus cachimbos, e os cabos da ferramenta com que trabalha. Esta ferramenta é tambem muito primitiva, e consiste em *canivetes* de folha direita, e outros de folha curva, chamados *legras*. São feitos das navalhas de barba, velhas e gastas, dos barbeiros da aldeia ou villa mais proxima, obtidas a troco de algum borreguito, dado pela Alleluia. Os ferreiros da localidade dão volta ás *legras*, e o proprio pastor as fixa em cabos de pau com ponteiras de corno de cabra.

O pastor exerce assim uma serie de pequenas industrias extremamente interessantes, nas quaes ha mesmo uma certa manifestação de Arte, porque as pegas das colheres, os espichos dos barquinos, os cabos da ferramenta, são ornados, lavrados, arrendados em complicadas esculpturas com desenhos muito originaes. Industria e arte um tanto selvagens, nascidas do isolamento, transmittidas por tradição de pastor a pastor, não é facil saber ha quantos annos, ou ha quantos seculos.

(Continúa)

CONDE DE FICALHO.

A FESTA DE S. MARCOS PROXIMO DE SERPA

(25 DE ABRIL)

Em 1758 disseram os priores das freguezias de Serpa, respondendo aos interrogatorios do P. Luiz Cardoso (*), o seguinte:

«No termo d'esta villa socede, e se pratica um acto pio de devoção, que tem algumas circunstancias de notavel: Festeja-se S. Marcos na hermida, que dicemos, sinco leguas da villa na Serra grande, os irmãos do santo, todos os que tem malhadas na dita serra, e outras pessoas na festa: sae o prior de S. Bento (freguezia da Aldea Nova) da Igreja de S. Marcos ao campo paramentado com capa de Asperges, e chama em nome de S. Marcos hum touro bravo, que a gente da festa traz entre si a pouca distancia do dito Prior, lançando-lhe agua benta, e o touro caminha para o sacerdote, ou obbedecendo ao preceito, como crê a bondade do povo, ou por opprimido da gente que só lhe deixa aquella coxia livre; vay seguindo-o, *entra na Igreja, assiste a toda a* missa socegado e canta-se-lhe o Evangelho entre as pontas: no fim da missa sahe o touro entre a gente para o campo: e sim he repparavel o socego de animal tão bravo n'aquella acção.»

Esta festividade popular não é ou não era privativa do termo de Serpa; existe espalhada n'outros pontos do paiz, como se póde vêr pelas menções que della fazem os srs. Th. Braga, *O Povo Portuguez*, II, 278 e Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares*, 178, e que resumo aqui.

Assim em Alter-do-Chão, para livrar os gados dos lobos e de molestias, introduz-se um novilho na egreja e terminada a

(*) As respostas dos parochos conservam-se actualmente no Archivo Nacional. Pelo officio de 16 de setembro de 1898 foi prohibida a copia de documentos no mesmo Archivo; essa medida manifestamente illegal, que apreciarei um dia noutro logar, ainda não foi revogada.

festividade entram numerosos bezerros, que são offerecidos a S. Marcos. Em Sandomil (concelho de Cêa) é bento um boi bravo. Finalmente em Arcozêllo-da-Serra (concelho de Gouveia) segundo Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, I, 238 A, havia o seguinte uso: «Na capella de S. Marcos faziam antigamente uma festa no seu dia, indo na procissão um touro *bravo*, que entrava na capella e ia até ao altar mór assistir á festa, muito quieto. Havia então feira.»

Se o santo tinha força ou virtude para domar os touros; muito maior teria, para amansar os rapazes travessos. D'esta logica especial resultou a crença de que obrigando-os a dar umas *marradas* (termo consagrado) na imagem do santo evangelista, ou melhor no touro que o acompanha sempre, elles melhorariam de temperamento.

A S. Lucas, collega de S. Marcos na confecção dos evangelhos, é que de direito pertence o uso do touro que o povo lhe roubou. Como é sabido, o leão de S. Marcos symbolisava o poderio de Veneza, e é sempre n'esta companhia que o representam as imagens orthodoxas. Em Penha-d'Aguiar, (concelho de Figueira-de Castello-Rodrigo) deitam as creanças por espaço de uma hora na supposta sepultura do santo para as amansar, limitando-se em S. Marcos da Serra (Algarve) e numa freguezia do concelho de Tondella ao simples contacto do touro e da creança.

Parte d'estes costumes existem tambem na provincia hespanhola de Caceres, e entre nós não os tenho encontrado ao norte do Doiro.

O evangelista S. Marcos é festejado em 25 de abril, e o Papa S. Marcos em 7 de outubro; este ultimo, porem, ao que parece, passa indifferente ao povo.

Entre os milagres de S. Marcos evangelista conta-se o seguinte, que vem nas *Acta Sanctorum* (Tom. III do mez de abril, pag. 357) o qual aqui resumo. Causava admiração aos habitantes da Apulia, na Italia meridional, não chover havia cinco annos no paiz, até que lhes foi revellado por certos religiosos, que isso era motivado por não observarem a festa de S. Marcos. Reuniram-se então todos na igreja por occasião da mais proxima festa do santo onde «impetraram» com orações os beneficios de S. Marcos: e logo choveu com mais abundancia do que havia esperança, cessando a esterilidade da terra.

E' portanto crivel que d'aqui os lavradores passassem tambem a implorar a protecção do santo para os seus gados, especialmente touros, juntando á petição a scena espectaculosa da domação d'um animal pouco brando; no que foram auxiliados pelo clero indulgente com as superstições por motivos especiaes.

Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano*, Tom. II, pgg. 706 e 714, publicado em 1657, conta S. Marcos ter apparecido montado n'um ginete, «trocando a penna em lança, e o libro em adarga» n'um combate que se travou em 1385 perto de Trancoso, entre portuguezes e castelhanos.

Em memoria d'este facto deixou este amigo dos portuguezes «esculpidas numa viva lage, as ferraduras do brioso ginete em que vinha».

Pelo que se vê, o facto historico está tão bem authenticado, como a aventura succedida a D. Fuas Roupinho no sitio da Pederneira, junto da Praia-da-Nazareth... (*)

Cardoso diz ainda: «D'õde parece naceo a devoção grande, que ha neste reino com o sagrado evangelista, cujas imagens (pela maior parte) são milagrosas.

E o Touro (chamado *de S. Marcos*) tam celebrado dos nossos rusticos, & camponezes, cujo abuso (como superstições) está cõdenado por breve do Papa Clemente VIII, a 10 de março de 1598. conforme o Doctor Valle *de Ensalmis* opusc. I sect. 2. c. 2 n- 13. & 14.»

(*) Cfr. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania* I. 381, nota 4.

Evidentemente ha no culto popular de S. Marcos elementos anteriores ao reconhecimento official do christianismo, provindos doutros systemas religiosos, talvez do de Mithra.

(Lisboa)

PEDRO A. D'AZEVEDO.

LENDAS & ROMANCES

(Recolhidos da tradição oral na provincia do Alemtejo)

IV

Gerinaldo

(Variante do romance cavalleiresco anterior)

—Gerinaldo, Gerinaldo,
Pagem d'el-rei mais querido,
Bem podias, Gerinaldo,
Passar a noite comigo.
—Se eu por ser vosso vassallo,
Senhora zombaes comigo...
—Eu não estou zombando, não,
Devéras é que t'o digo.
Vem entre as dez e as onze,
Acharás meu pae dormido—.
As dez horas eram dadas
Gerinaldo era *venido*.
—Quem bate á minha porta,
Quem bate, o que é isso?
—E' Gerinaldo, senhora,
Que vem no vosso serviço—.
Tanto conversaram ambos
Que pela manhã eram dormidos.
O rei, que já lhe tardava,
Foi ao quarto da infanta,
E acha-os ambos dormidos:
—Eu se mato Gerinaldo,
Criei-o de pequenino,
E se mato a infanta
Fica o meu reino perdido;
Aqui fica este punhal
P'ra signal que sou sabido—.
Acordando Gerinaldo
Deu um ai mui dolorido:
—Acordae, bella infanta,
Acordae que estou perdido:
Entre nós *ambos de dois*
Um punhal está mettido.
—Levanta-te, Gerinaldo,
Vae-te entregar ao castigo,
Que meu pae é muito bom
Ha-de-te casar comigo—.
—Deus te salve, rei senhor.
—Deus te salve, Gerinaldo,
Que ainda agora és *venido*.
—Fui fazer uma caçada
E p'ra lá amanhecido.
—A caça que tu caçaste
Come á meza comigo.
—Aqui me tem vossa magestade,
Mande-me dar o castigo.
—O castigo que te dou
E' que a recebas por mulher
E ella a ti por marido—.
Diziam os mais vassallos:
—Oh quem tivera a dita
Que Gerinaldo tem tido! —
Muitas vezes a ventura
Patrocina os atrevidos,
Quando os não vae derrubando,
Que a muitos tem succedido.

(Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

A corrida da vacca das cordas em Ponte de Lima

Por uso antiquissimo e nunca interrompido até 1884 inclusivè, fez-se sempre, annualmente, em Ponte de Lima, a *corrida da vacca das cordas*, na vespera de *Corpus Christi*.

Sendo, em verdade, um espectaculo burlesco e brutal, era todavia muito apreciado pelos limarenses, que o respeitavam e mantinham como usança veneranda e divertimento publico de que não queriam privar-se.

De tal funcção foram constantemente *ministros* os moleiros do concelho, que tinham obrigação de *pegarem ás cordas* e *executarem* a *corrida*, sob a condemnação de duzentos réis pagos da cadeia por aquelle que não comparecesse ou se furtasse a tal mister, segundo o Codigo das Posturas Municipaes de 1646, cap. 56;—e de quatrocentos e oitenta réis, segundo o de 1720, cap. 55. Ha poucos annos a esta parte, aquellas funcções *obrigadas* passaram a ser desempenhadas por homens pagos a dinheiro pelo senado da camara.

O programma era invariavel; não admittia suppressões nem additamentos. Tinha o seguinte desempenho, como o presenceámos durante perto de trinta e oito annos.

Pelas tres para as quatro horas da tarde, prendia-se ao gradeamento de ferro

da janella da torre dos sinos da Egreja Matriz, uma vacca mansa, destinada ao talho: e o pacifico animal ficava alli, até ás seis horas aproximadamente, exposto ao arbitrio dos transeuntes e do rapazio inquieto e malfazejo, que, por prazer, procuravam mortifical-o e embravecel-o com aguilhoadas e bastonadas, no meio de vozearias e assobios, no meio de apupos e dicterios, não raro immoraes.

Deleite para os espectadores e estimulo para as alegrias e risadas unisonas.

Ordinariamente ás seis horas, praso determinado pelo senado ou só pelo presidente, appareciam dois moleiros dos *obrigados* e ultimamente os remunerados executores das *sortes* do estylo,—que munidos de cordas, de uns nove a dez metros pelo menos, as enlaçavam nas pontas do animal *actor* e d'ellas se serviam como de guias ou tirantes *ou leme* da corda corrida.

A vacca desprendida, seguidamente, do gradeamento de ferro, era guiada em roda da Egreja, que volteava tres vezes a trote e pesado galope, sempre aguilhoada e sempre apupada.

E o povo, a correr, a correr —uns, atraz d'ella para a estourarem e simultaneamente não perderem um momento de goso do espectaculo; — outros na frente, procurando furtar-se ao atropellamento: as portas das casas a fecharem-se, umas, e a abrirem-se, outras, para se isolarem momentaneamente da investida da vacca e evitar o impulso das ondas populares que se formavam e desfaziam pelas ruas e pelo adro: e as familias apinhadas pelos peitoris e sacadas, a casarem as suas alegrias ruidosas com as gargalhadas estrepitosas dos espectadores da praça endoudecidos.

Findas as tres voltas, os *ministros* da corrida arrastavam ou allavam corda e cabo ao pobre animal, encaminhando-o para a alameda do passeio de D. Fernando, para o vasto areal e para a ponte, em demanda dos grupos de povo expectante contra quem podessem promover as investidas, ou pelo menos enredal-o com as cordas. E faziam-n'o com mestria atrevida.

Se o animal embravecido, arremettia com alguem ou fazia algum atropellamento, ou se as cordas *ensarilhavam* as pernas de qualquer temerario ou descuidado transeunte, proclamava se geralmente o espectaculo de *agradavel* e *divertido;* mas não se dando nenhum d'estes factos, todos unanimemente o apodavam de semsaborico, concluindo pelas phrases sacramentaes: «a vacca d'este anno não fez figura, não prestou para nada».

Ao toque da Trindade, estando tudo terminado, a vacca seguia o caminho do seu destino; a gente... cada mocho para o seu buraco.

(Cap. XXV, posthumo, do livro «Ponte de Lima».)

(Conclue)

MIGUEL DE LEMOS.

Modas-estribilhos alemtejanas

Marianita foi á fonte

Marianita foi á fonte
E a cantarinha quebrou.
Ah! ah! ah! oh meu lindo bem!
Ah! ah! ah! oh meu lindo amor!

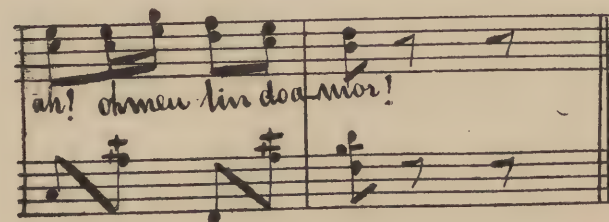
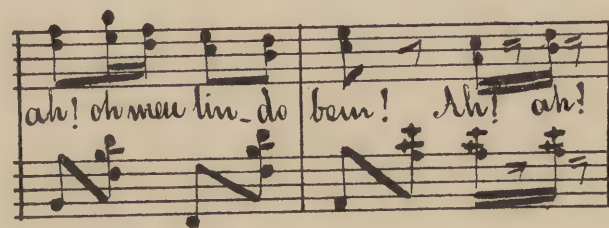
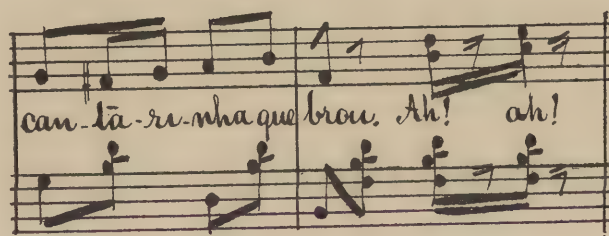
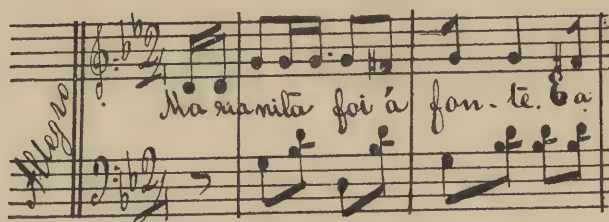
Marianita não tem culpa,
Culpa tem quem n'a mandou.
Ah! ah! ah! oh meu lindo bem!
Ah! ah! ah! oh meu lindo amor!

M. DIAS NUNES.

CANCIONEIRO MUSICAL

VIII

MARIANITA FOI Á FONTE

(CHOREOGRAPHICA)

JOGOS POPULARES

VI

Ao sol e á lua

Representa este jogo um divertimento cheio de simplicidade e alegria, que ordinariamente os rapazes põem em scena ao formoso luar das tépidas noites de estio.

A expressão «ao sol e á lua» é impropria para designar o folguedo que vamos descrever, pois que de noite não brilham os raios do astro-rei. Em rigor, deveriamos dizer «á lua e á sombra».

Mas como a primeira designação é a que está consagrada pelo uso, adoptâmo-la por isso de preferencia.

Para jogar *ao sol e á lua*, escolhem os rapazes um local onde exista boa sombra. Em Brinches costumam reunir-se no adro da egreja. Os parceiros que entram neste jogo devem ser em numero par, ficando metade á sombra e metade á lua. Os jogadores que se acham á lua teem por tarefa agarrar os da sombra, mas fóra d'esta. E, para determinarem tanto os rapazes a quem cabe a sombra como aquelles que hão de andar á lua, tiram a sorte pelo processo da pedrinha, já exposto a proposito do jogo da bóla (*Tradição*, n.º 2, p. 31).

Occupados os respectivos postos, começam os jogadores que estão á sombra a fazer fósquinhas diante dos adversarios: saltam da sombra para a lua e da lua para a sombra, e andam ás carreirinhas d'instante a instante, de modo a desafiar os parceiros seus rivaes. Estes, impellidos naturalmente pelo desejo de apanhar os da sombra, correm atraz d'elles com toda a ligeireza de que são capazes. O largo onde se realisa o jogo e suas immediações transformam-se, então, em verdadeiro campo de corridas pedestres, animadas pela vozearia da rapaziada inquieta.

Quando algum parceiro se deixa agarrar na carreira, tem d'ir juntar se aos que giram á lua, passando o seu perseguidor para a sombra. E assim vai continuando o buliçoso brinquedo até que os jogadores estejam fatigados.

De certo, ninguem contestará que «ao sol e á lua» é um exercicio antiquissimo, e que, sob o ponto de vista hygienico, merece a nossa calorosa approvação.

(Brinches).

LADISLAU PIÇARRA.

Em quarta-feira de cinzas

Ha talvez perto de tres annos realisava-se ainda no Fundão, em quarta-feira de Cinzas, uma procissão na qual o povo em creações e symbolos, os mais extravagantes, expandia a sua imaginação fertilissima.

Abria este original cortejo, pelo pendão escarlate com as iniciaes romanas S. P. Q. R. Seguia-se o paraiso, symbolisado por um andor onde murchava um loureiro, roubado pelos membros da irmandade n'uma propriedade da villa, tendo espetadas laranjas — á laia de maçãs. Uma serpente enroscada á supposta arvore do Bem e do Mal, trepava por ella, contra a vontade de um anjo de pau, muito rechonchudo, de espada em punho e posição melodramatica. Completando este paraiso raro, seguia-se atraz um homem de calças brancas cobertas com folhas de laranjeira, e uma mulher vestida de verde, laranja na mão, fazendo gatimanhos, offerecendo-a e retirando-a ao farçola do Adão compromettido, que não atinava em agarral-a

Os martyres de Marrocos seguiam-se cabisbaixos, de habitos de frade, levando um d'elles um jugo sobre o qual um ratão enfarruscado de negro, intitulado rei mouro, com um alfange descarregava golpes furiosos. Um homem vestido de branco e pautado nas costas e peito com fitas pretas a imitarem costellas, fingia a

morte, que de foice na mão, ameaçava o rei mouro.

Vinha depois o menino Isaac, de tunica branca, carregando um mólho de vides ou fitas de carpinteiro, perseguido por seu pae Abrahão, que vestia decentemente opa branca, capa d'asperges e cobria a cabeça com uma mitra de bispo. Nunca se chegava a realisar o nefando attentado, devido á intervenção d'um anjo que com uma fita segurava a espada do feroz papá. Depois, em confusão e ao acaso, vinham todos os santos, coxos, manetas, desazados, de que se podia dispôr para a festa.

Seguia-se finalmente o pallio e a musica e o rapazio.

ALVARO DE CASTRO.

O S. JOÃO EM SERPA(*)

(Continuado de pag 93)

LV

Nascei, nascei meu Baptista,
Nascei luz do Evangelho!
Inda que sois pequenino,
Por grande vos considero.

LVI

O Baptista está no ceu,
Na gloria do mesmo Deus;
Mesmo de lá 'stá rogando
Pelos que são servos seus.

LVII

Té os moiros na Moirama
Festejam o San João:
Correm toiros e cavallos,
Com cannas verdes na mão!

No final de cada quadra, e sempre na mesma toada, é da praxe dizer um d'estes dois estribilhos:

Ora viva,
E ora viva!
Viva o Baptista, e viva!
Viva o Baptista, e viva!

Ora viva,
E ora viva!
Viva a gloria mais subida!
Viva a gloria mais subida!

Além da preciosa collecção de cantigas que reproduzimos, existe ainda, referente ao S. João, uma expressiva moda-estribilho, choreographica e de bonita musica, com a seguinte lettra:

San João! San João! San João!
Outro anno não deixeis passar!
Dae-me noivo, San João, dae-me noivo,
Dae-me noivo, que me quero casar!...

*

No decurso das novenas, effectuadas de modo singello e conforme o ritual, nada se nos offerece digno de menção. E' em 23 de Junho, vespera do Baptista, que principalmente se observa o grande numero de costumes populares —alguns bem singulares e curiosos— estreitamente ligados á vetusta festividade do solsticio estivo. N'este dia á tarde se verifica a centenaria usança do passeio ás hortas para «fazer as capellas». Fazer as capellas significa propriamente comer fructa; tão só para as creanças entretecem viridentes corôas de mentrasto e buxo, matisadas de flores várias, e com engraçados pingentes de cerejas, e ginjas, ameixas, soromenhos, etc.

O costume secular de que fallâmos — ao que reza a tradição oral e tambem a tradição escripta— foi outr'ora praticado até pela propria municipalidade serpense, a qual, em meio de ruidosos folguedos, ia fazer suas capellas á horta denominada dos Banhos. D'esta velha solemnisação por parte da camara, era ainda, talvez, um resto persistente, a cerimonia, não ha muito cahida em desuso, de nos paços municipaes ser arvorado o respectivo estandarte em dia de S. João.

***

Em logar das tres badaladas monotonas do estylo, os sinos repicam alegremente

(*) A falta de espaço com que luctâmos não nos permitte concluir a publicação d'este artigo no presente numero de *A Tradição*.

Ave-Marias. Prestes é noite e noite de festa. Dentro em poucas horas, quando os sinos de novo repicarem, ao toque d'Almas, bastas fogueiras d'alecrim crepitarão luminosas por essas ruas, e as portas dos templos serão abertas de par em par. Então começa o movimento, o bulicio, a jubilosa animação d'um povo inteiro, que se diverte rendendo culto ao bemaventurado S. João. Grupos de camponezes cantando em côro ao som da viola ou do harmonium, percorrem a villa em todas as direcções. Centenas de pessoas —o elemento feminino predominando —se cruzam nas ruas e largos em visita ás egrejas que expõem o Santo, egrejas lindamente adornadas com vasos de flores e arcos de verdura d'onde pende um sem numero de balões venezianos. Aqui e alli bailes de roda, em que as raparigas se apresentam com os seus melhores trajos domingueiros. Estes bailes populares, que hoje em dia se realisam dentro de casa, eram feitos ao ar livre e em redor dos mastros; mas isto — relatam os velhos—ha bons 40 annos, ainda no tempo em que o adufe se impunha como instrumento da moda.

Por volta da meia-noite encerram-se as egrejas; as fogueiras despedem o ultimo clarão; rareiam os descantes; o bulicio das ruas é quasi extincto.

Meia-noite é a hora solemne das *experiencias* feitas sob a religiosa invocação do Santo Precursor.

(Conclue)

M. DIAS NUNES.

POVOS DA IBERIA

A arte de um povo é só de um immenso valor, é mesmo um esteio da independencia d'esse povo se trouxer bem impresso o cunho de nacionalidade. Sem isso não.

A *arte universal* de que Goethe foi o precursor não é mais do que o limite do decadencia. E' para lá que caminham hoje quasi todas as litteraturas, como consequencia logica da decadencia das sociedades que tendem egualmente para um limite extremo d'onde ha-de surgir luminosamente remoçada com um nimbo brilhante que se irá, no futuro, tornando nitido no desenvolver d'um progresso pacifico e utilisavel. As litteraturas caminharão tambem, porque a sua trajectoria é uma d'essas que só os grandes abalos sociaes podem modificar. No entanto, os alicerces em que deve assentar uma arte proficua e sã estão entre nós firmes bem como em toda a parte. Porque esse caracter distinctivo das nacionalidades é sempre o ultimo a desapparecer; guarda-o nas horas do perigo o povo e é bem mais difficil subjugar a alma d'elle — o relicario precioso das suas crenças, dos seus contos, das suas lendas — que anular-lhe a força dos seus braços com tiros de canhão. São os sentimentos do povo, os que as litteraturas têm explorado nos seus periodos de oiro; e porque a alma portugueza é uma das mais docemente poeticas de toda a parte, é que da nossa patria têem sido em tempos idos, os maiores poetas do mundo inteiro. E se digo das mais docemente poeticas é porque ella conserva o meio termo entre a idealisação gélida dos do norte e a vehemencia sensual dos povos do sul. E' assim que a põe a sua situação geographica, que é a causa principal d'essas variações dos caracteres dos povos. E' a principal mas não a unica, essa causa, porque ella não bastaria a justificar a differenciação innegavel que existe entre o povo portuguez e o de Hespanha. E' vêl-os nas suas canções, nas musicas originaes que as completam, para bem nos certificarmos d'esse facto cuja explicação vem por certo da origem das respectivas populações indirectamente e, d'um modo directo, do seu papel historico. Limito-me ao segundo ponto porque o primeiro exigiria um desenvolvimento incompativel com o tempo que tenho e com o pouco espaço de que disponho. As trovas e as musicas populares portuguezas são im-

pregnadas d'uma tristeza fatalista que leva a vêr tudo sempre pelo lado mau e põe uma nota escura em todas as sãs alegrias do nosso povo. Em Hespanha não; e a elles fôra mais propriamente applicado aquelle verso da cançoneta d'alem dos Alpes:

les portugais
sont toujours gais.

Lá ha um fundamento de jovialidade que permanece inalteravel atravez de todas as desventuras, uma maneira de não reparar no futuro, um ar folião e sem cuidados. Porque ?

A differenciação da nossa nacionalidade começa propriamente a mostrar-se com nitidez nos fins do seculo quinze. E' então que o espirito da aventura se manifesta em vêr e nos leva pelo mar desconhecido a caminho de gloriosos descobrimentos. E ao povo portuguez então atraía a immensidade das aguas, mas amedrontava-o ao mesmo tempo, com o terror das coisas desconhecidas, pela sorte dos que tinham ido, quem sabe se no cumprimento d'um fado que não era bom. Essa predilecção pelas descobertas, essa ancia de conhecer os segredos do mar, isso e o temperamento intensamente amoroso que nos concedia o clima fizeram de nós um povo romantico e fatalista, com coração e pessimismo. Os hespanhoes têm mais a ancia da conquista, partem para ella, valentões, cantando, e é ainda assim que de lá voltam mesmo que adversa lhes tenha sido a sorte. Nós, sendo um povo de descobridores nunca o fomos de conquistadores, e a prova está em que, conquistadas as terras logo decahiam e após as descobertas, com tão largo caminho para applicação da nossa actividade, não conquistavamos mais. A' conquista faltou muito aquella espectativa anciante *do que virá*, que leva á aprehensão os mais fortes espiritos. Basta a descoberta ser apparentemente muito mais serena que uma conquista, onde é mais facil reinar um enthusiasmo vivo. Mas porque é isso assim? A resposta implicaria o facto citado da influencia das raças constituintes dos povos das duas nações. Mais livremente, um dia, d'ella poderei amplamente tratar.

Paulo OSORIO.

As festas do Sacramento em Beja

A festa do *Pae do Céo*, como lhe chama o povo, celebra-se annualmente, nos tres dias immediatos á quinta-feira de *Corpus Christi*.

A sua origem vem já de tempos immemoriaes, e foi determinada, segundo a tradição oral que corre entre o povo de Beja, pela extincção d'uma epidemia de cholera morbus, que ceifára milhares de vidas, enchendo de terrôr a população da cidade, que, doida de pavôr, corria aos templos a implorar, em prece fervorosa, a intervenção divina, para pôr termo a tão medonha hecatombe.

Os mais abastados deliberaram entre si celebrar uma festa ao Santissimo Sacramento, se a epidemia desapparecesse em breve. Como a epidemia levantasse, ahi pelos fins de maio, decidiram celebrar a festa promettida, logo a seguir á festa official do Corpo de Deus.

Logo que o povo soube da promessa feita, com uma unanimidade de crenças admiravel, suggerida pelo terrôr, pois que o terrôr faz mais crentes, n'uma hora, do que todo um apostolado em dez annos de catechese, correu, á porfia, a casa dos iniciadores da festa, a offerecer o seu obulo para as despezas da mesma, que deveria ser a mais grandiosa possivel, para que a epidemia não voltasse; pois poucos havia que não pranteassem ainda a morte d'um filho, d'um irmão, da esposa ou de qualquer ente querido, emfim, e receassem pelos sobreviventes, que o gladio inexoravel da peste podia arrebatar tambem.

Celebrou-se a primeira vez, ainda segundo a tradição oral, na freguezia de

S. João, combinando-se logo que, d'ahi em diante, cada freguezia celebraria a festa um anno, de modo que ella servisse para perpetuar a memoria do milagre obtido e tambem para afastar nova vizita do horrivel flagello.

A festa, que no primeiro anno já foi grandiosa, foi augmentando de proporções, devido á rivalidade das freguezias, cada uma das quaes se esforçava por supplantar a festa do anno anterior, acrescentando mais um numero ao programma.

D'ahi veio que a festa, de character puramente religioso, como devia ser uma simples acção de graças pela extincção d'um flagello ainda vivamente impresso na imaginação de todos, foi, nos annos posteriores, mesclando o profano ao sacro, com a organisação de touradas na Praça de D. Manoel, *cavallinhos fuscos*, cavalhadas, arraial de fogos d'artificio, etc., manifestações estas que teem desapparecido quasi de todo.

E é pena que estas festas profanas, que são complemento natural de qualquer festa com pretenções a grandiosa, como *urbi et orbi* se tem annunciado a festa do Sacramento em Beja, para a qual os comboios dão bilhetes reduzidos, etc., etc., em logar de desapparecerem, não tenham augmentado, embora se supprimissem alguns numeros da festa d'egreja; pois que o forasteiro, que vier atrahido pela fama das festas de Beja, se quizer saber em que ellas consistem, deve vestir o habito de penitente, pôr o escapulario ao pescoço e, de rozario na mão, metter-se na egreja, d'onde não sahirá senão no fim de tres dias, profundamente edificado em philosophia theologica e com os tympanos saturados de hymnos sacros, vocalisados pelos cantores da Sé de Lisboa. Na rua, durante os dois primeiros dias de festa, não ha manifestação festiva de qualidade alguma, a não ser o *fun-gá-gá*... das philarmonicas que acompanham as delegações das irmandades á egreja da festa.

Entremos, porém, na descripção da festa como ella é actualmente.

Na sexta-feira, primeiro dia de festa, ha missa cantada a grande instrumental, executada por uma orchestra, composta, na sua quasi totalidade, de instrumentistas de Lisboa, no numero dos quaes vêm sempre alguns de primeira ordem, como Cagiani e outros, e pelos cantores da Sé de Lisboa, cujo conjuncto custa pelos tres dias de festa 400$000 a 500$000 réis. Dos cantores, diz tambem a tradição oral que, nos primeiros annos da celebração da festa eram tratados com taes attenções e esmero, que até tomavam *banhos de leite* (sic).

Alem da missa ha sermão, prégado (tanto este, como mais dois de que se compõe a festa) por algum dos oradôres mais notaveis do paiz, como Alves Mendes, Patricio e outros. De tarde, ha vesperas a grande instrumental e sermão.

A egreja é ricamente ornamentada de brocados de sêda e oiro, distribuidos, com profusão e fino gosto, em todo o templo, pelos armadôres de Lisboa, que costumam chegar a Beja oito dias antes da festa, sendo a chegada annunciada por alguns foguetes. Quando terminam a ornamentação, celebra-se o acontecimento com novo foguetorio, que é o acompanhamento obrigado de todos os actos da festa, desde a primeira reunião de irmãos para deliberar sobre as despezas que se costuma effectuar, um mez antes, até ao ultimo acto, que é a procissão que leva a esmola aos prezos.

Neste primeiro dia, a igreja é pouco concorrida, e tam pouco, que a festa respectiva podia perfeitamente ser suprimida sem protesto do povo, que de bom grado a trocaria por qualquer festival profano. No sabbado repete-se exactamente o mesmo programma, augmentado com arraial de fogo d'artificio, á noite, mas de baixo preço e por consequencia insignificante em quantidade e inferior em qualidade.

(Continúa)

(Beja). ALVES TAVARES.

CONTOS ALGARVIOS

I

A macaca e a oliveira

Era uma vez certa macaca que recebeu de uma sua visinha uma bolsa de grãos em pagamento de um recado. Subiu a uma oliveira e pôz-se a comer os grãos. Caiu-lhe um e a oliveira apanhou-o.

— Da-me o meu grão—disse a macaca.

— Não quero — respondeu a oliveira.

— Ah! sim? pois vou dizer ao teu dono que te corte.

Dirigiu-se ao dono da oliveira e disse-lhe:

— Corta a tua oliveira, que me não quer dar o meu grão.

O dono da oliveira respondeu:

— Não corto, porque não quero.

— Ah! sim? pois vou dizer á justiça que te prenda por não quereres cortar a oliveira, que me não quer dar o meu grão.

Dirigiu-se á justiça e apresentou a sua partipação. A justiça respondeu:

— Não prendo o dono da oliveira.

— Ah! sim? pois vou queixar-me ao rei para que te tire a vara, visto não quereres prender o dono da oliveira, que a não quer cortar, por ella me não restituir o meu grão.

Dirigiu-se ao rei a queixar-se da justiça.

— Não tiro a vara á justiça — respondeu o rei.

— Ah! sim? pois vou dizer á rainha que se ponha mal com o rei, por tu não quereres tirar a vara á justiça, que não quer prender o dono da oliveira, que a não manda cortar, por ella me não restituir o meu grão.

A rainha ouviu os queixumes da macacaca e respondeu:

— Por cousa tão pequena não me ponho mal com o rei.

— Ah! sim? pois vou queixar-me á rata para que esta rate a roupa da rainha, que se não quer pôr mal com o rei, por este não querer tirar a vara á justiça, que não quer prender o dono da oliveira, o qual a não quer cortar, por ella me não dar o meu grão.

A rata respondeu:

— Não quero ratar a roupa da rainha.

— Ah! sim? pois vou queixar-me á gata para que te mate, visto não quereres ratar a roupa da rainha, por esta não querer pôr-se mal com o rei, que não quer tirar a vara á justiça, que não prende o dono da oliveira, por este a não mandar cortar, por esta me não entregar o meu grão.

A gata respondeu:

— Não mato a rata por tão pouco.

— Ah! sim? pois vou dizer á ribeira que afogue a gata, por esta não querer matar a rata, que não quer ratar a roupa da rainha, por esta se não pôr mal com o rei, por este não querer tirar a vara á justiça, e esta não querer prender o dono da oliveira, por este a não cortar, visto que ella me não restitue o meu grão.

A ribeira respondeu:

— Não quero afogar a gata.

— Ah! sim? pois vou dizer ao passaro que beba a agua da ribeira, que não quer afogar a gata, por esta não matar a rata, que não quer ratar a roupa da rainha, que se não quer pôr mal com o rei, por este não tirar a vara á justiça, que não quer prender o dono da oliveira, que a não quer cortar, por esta não me restituir o meu grão.

O passaro respondeu:

— Não quero beber a agua da ribeira.

— Ah! sim? pois vou dizer á espingarda que mate o passaro, que não quer beber a agua da ribeira, por esta não afogar a gata, que não quer matar a rata, que não quer ratar a roupa da rainha, que se não quer pôr mal com o rei, por este não tirar a vara á justiça, que não quer prender o dono da oliveira, por este a não cortar, por ella me não restituir o meu grão.

A espingarda respondeu:

— Vou matar o passaro.

O passaro ouviu a resposta e disse á espingarda:

—Não me mates, que vou beber a agua da ribeira.
A ribeira disse ao passaro:
—Não me bebas, porque vou afogar a gata.
A gata respondeu:
—Não me afogues, porque eu mato a rata.
A rata respondeu:
—Não me mates, porque eu vou ratar a roupa á rainha.
A rainha respondeu:
—Não me rates a roupa, porque eu ponho-me mal com o rei.
O rei respondeu:
—Não te ponhas mal comigo, porque eu vou tirar a vara á justiça.
A justiça respondeu:
—Não me tires a vara, porque eu mando prender o dono da oliveira.
O dono da oliveira disse:
—Não me prendas, porque vou cortar a oliveira.
A oliveira respondeu:
— Não me cortes, porque eu vou entregar o grão á macaca.
E finalmente a macaca recebeu o seu grão, estabelecendo-se por esta fórma a paz geral.
(Da tradição oral, em Loulé).

ATHAYDE D'OLIVEIRA

PROVERBIOS E DICTOS

(Continuação)

LII

Em não chovendo por S. Matheus, faze conta co'as ovelhas, que os borregos não são teus.

LIII

Guarda que comer, não guardes que fazer.

LIV

Quinta-feira d'Ascensão, coalha a amendoa e o pinhão, mósca o burro e o boi não.

LV

Anno d'amendoas, anno de prendas.

LVI

Pão molle, depressa se engole.

LVII

Se queres bons cães de caça, busca-lhe a raça.

LVIII

Fezes com pão, passageiras são.

LIX

Ha sól que rega e agua que sécca.

LX

Em cima do leite, nada lhe deite.

LXI

O mez d'Agosto arremeda os outros.

LXII

Osga que pica, mortalha aviada.

LXIII

Das festas, as vesperas.

LXIV

Dia de S. Thomé—se não tiveres porco, apanha a mulher pelo pé.

LXV

Dia de S. Thiago—vae á vinha, acharás bago.

(Da tradição oral) (Continúa)

(Serpa)

CASTOR.

BIBLIOTHECA D' «A TRADIÇÃO»

Publicação bi-annual, em volumes de 150 a 200 pag.

VOLUME I (a entrar no prélo):

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO-ALEMTEJO

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME II:

JOGOS POPULARES

POR

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME III:

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

POR

ANTONIO ALEXANDRINO

Prefaciados por

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME IV:

O AUTO DO PRESEPIO E A DEGOLLAÇÃO DO BAPTISTA

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME V:

SYLVA DE XÁCARAS

POR

A. THOMAZ PIRES

Anno I — N.º 9 SERPA, Setembro de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

Collaboradores artisticos: — F. VILLAS-BOAS e J. V. PESSOA

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I — N.º 9 SERPA, Setembro de 1899 Série I

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

O elemento arabe na linguagem dos pastores alemtejanos

(continuado de pag. 117)

Quando os rebanhos mudam de herdade para herdade. ás vezes a muitos kilometros de distancia, as burras levam tambem a *rede*, onde o gado dorme a céu aberto Os pastores dizem sempre a *rede*. Nunca empregam a palavra mais classica *redil*. Quanto á palavra tambem classica *aprisco*, essa tem entre elles um sentido diverso e muito especial, como logo veremos.

A *rede* é armada em fórma quadrada, marcada pelos *tanchões* (tanchar do lat. *plantare* pela der. bem conhecida), que são estacas de azinho, aguçadas na parte inferior; quando o solo está muito duro, abrem-se os buracos com um *tanchão* de ponta de ferro. Aos *tanchões* se prende a *rede* propriamente dita, feita de uma corda fina de esparto, chamada *alfirme*. O nome d'esta corda ou baraço é claramente de origem arabe; mas, faltando nos Vocabularios, não saberei dizer em que expressão arabe se filia. As *redes de alfirme* vêm feitas do Algarve ás feiras do Alemtejo, e ali se compram por uma certa medida, chamada *perna*. Quatro *pernas* de rede são sufficientes para um rebanho ordinario. O pastor adapta-as ás dimensões precisas, reforçando-as em geral pela passagem de novos *alfirmes*. É necessario que sejam resistentes. Em regra, o gado apenas se encosta á rede; mas ás vezes em noites escuras, n'um espanto subito, n'um attaque de lobos, exerce pressões fortissimas. E, se a rede cede, extramalha-se tudo, com grande trabalho para os pastores, e perdas sensiveis para o amo. Todos os dias, para estrumar a terra, se muda a rede. Ao espaço que occupou se chama *uma redada*, ou *uma noite* — no pagamento de pastagens ou serventias, estipula-se algumas vezes que se darão tantas ou tantas *noites*.

Os pastores dormem ao lado da rede, a céu aberto como o seu gado. Apenas têm um abrigo perpendicular, que collocam do lado donde vem o vento; e ali ficam nas noites mais chuvosas de dezembro, nas noites mais frias de janeiro, protegidos pelos pellicos e çafões, e sobretudo pela *manta*, que os cobre dos pés á cabeça. A *manta* de lan alemtejana, bem conhecida e conhecida há seculos, merece um estudo especial; mas deslocado n'este lugar e que melhor cabe no exame das industrias caseiras.

Mais do que as pelles, mais ainda do que a manta, o lume torna toleraveis as grandes noites frias, passadas ao relento. O pastor usa largamente d'este recurso; os montados abundam, e elle corta á vontade a lenha para a sua fogueira. É curioso, em noites de inverno, ver de um sitio elevado os campos de Serpa, salpicados de pontos brilhantes pelos

lumes dos pastores. A fóra o frio e a chuva, as noites são tranquillas; o pastor dorme socegado, confiado na vigilancia dos cães.

Os *rafeiros* alemtejanos são — segundo julgo—uma sub-raça dos cães da Serra da Estrella; mas tendo caracteres particulares. São hoje muito menos bellos do que eram aqui ha vinte ou trinta annos, e a rasão é simples. N'estes annos tem-se arrancado muito matto, arroteado muito terreno, e os lobos têem-se tornado bastante raros. Os cães grandes e fortes são, portanto, muito menos necessarios do que eram; e o pastor apura menos a raça n'esse sentido, pois é estranho ao desejo esthetico de ter cães bellos, simplesmente por serem bellos. No emtanto, os *rafeiros* conservam os caracteres de uma raça bem definida; e todos os instinctos de guarda, accumulados durante muitas gerações. Succedeu-me um dia, passando a cavallo no ribeiro de Enxoé, ver ao lado de uma moita um grupo de quatro ou cinco borreguitos perdidos do rebanho, que ia já longe e nem se avistava. A alguns passos dos borregos estava deitado um *rafeiro*, que — permitta-se a expressão — tinha evidentemente a noção clara de que o seu dever era ficar ali, até o pastor dar pela falta dos borregos e voltar a traz buscal-os.

Resta-me apenas, para terminar estas notas, falar de dois periodos importantes na exploração do gado de lan — o periodo da *ordenha* e o da *tosquia*.

Já vimos, que a *ordenha* começa em geral pelos meados de fevereiro, ou pouco antes. Os pastores procedem previamente á *rabeja*, que consiste na tosquia local de alguma lan suja, que possa estorvar no acto da ordenha. *Rabejadas* as ovelhas, e *apartados* os borregos para uma pastagem distante, onde as mães os não vejam e os não ouçam, está constituido o *alavão*.

Ordenha-se então regularmente duas vezes ao dia, uma de madrugada, a outra ao começar da tarde. A ordenha faz-se no *aprisco*, uma rede de fórma especial, comprida e estreita, e exclusivamente destinada a este fim. O *aprisco* tem apenas a largura sufficiente para trabalharem quatro homens a par, e o comprimento necessario para n'elle caber todo o alavão. Apertado o alavão para o alto do *aprisco* — este arma-se geralmente em um terreno inclinado — os quatro homens começam a ordenhar, tendo cada um d'elles deante de si um *ferrado*, que é um vaso de barro, feito pelos oleiros da terra, e de forma muito especial e muito engenhosa. Os quatro homens são o *maioral* do alavão, o *ajuda* do alavão, o *roupeiro* e o *ajuda* do roupeiro. Cada um d'elles ordenha uma ovelha no seu *ferrado*, e, passando-a depois para traz das costas, segue com outra e assim successivamente. A posição dos homens é forçada, e algumas das ovelhas, principalmente das novas, deffendem-se esperneando, de modo que o trabalho é violento. Quando quatro homens chegam ao cabo de um alavão de oitocentas cabeças ou mais, chegam derreados. Note-se, que este trabalho se repete duas vezes ao dia; e se faz sem interrupção durante tres a quatro mezes.

O leite passa dos *ferrados* para os *cantaros*, e n'estes é trazido para a *rouparia*, uma das casas do monte, [1] especialmente destinada ao fabrico dos queijos. Ahi é deitado em um pote pequeno, chamado *azado*, sendo coado por pannos sobrepostos, especialmente tecidos para este fim, e aos quaes se dá o nome de *coádeiros*. Estes *coádeiros* são fabricados na provincia; mas não nas terras de Serpa. Alguns campanissos ambulantes os trazem a vender por casa dos lavradores. Na linguagem da margem esquerda do Guadiana, *campanisso* significa um habitante de Campo de Ourique, mais em geral da região que na

---

[1] Todos sabem, que esta palavra *monte* significa no Alemtejo o conjuncto das edificações ruraes de uma herdade.

GALERIA DE TYPOS POPULARES

IX

Camponeza á volta da ceifa (Serpa)

margem direita se extende para o sul de Beja até quasi aos confins do Algarve. Ás *rouparias* empregam um numero consideravel de *coádeiros*, que todos os dias se lavam e se penduram a seccar. D'aqui resulta um grande estendal de *roupa*, o que seguramente deverá ser a origem das palavras *rouparia* e *roupeiro*. E' de notar, que o *roupeiro* não é um dos pastores, como dizem alguns dos nossos Diccionarios; é um homem, cuja profissão especial consiste na fabricação dos queijos. Naturalmente ha-os mais e menos peritos; e é difficillimo obter um *bom* roupeiro.

Quando o leite está no *azado*, deitam-lhe o *cardo*, sob cuja influencia coalha. O *coalho* é tirado para cima da meza de pinho, chamada *queijeira*, onde o roupeiro e o seu ajuda o trabalham, migando-o, remigando-o, e apertando-o nos *cinchos* até estar feito o queijo de dimensões ordinarias, chamado simplesmente *queijo*, ou ás vezes de menores dimensões, tendo então o nome de *cunca*. Depois de um pouco enxutos, os queijos são passados para um *caniçado*, onde durante quinze ou mais dias soffrem uma fermentação especial, scientificamente bem conhecida, e conhecida tambem practicamente pelos roupeiros, que lhe chamam *o azedo*. Passei rapidamente e muito ao de leve sobre estas operações, porque são mais ou menos familiares a todos, e porque os nomes usados são tambem communs e empregados em outras regiões. Quanto á installação primitiva e barbara das rouparias, quanto á incerteza dos resultados, haveria muito a dizer; mas isso são questões economicas, completamente estranhas á indole d'estes artigos, e á indole d'esta Revista.

Emquanto o roupeiro e o ajuda trabalham os coalhos, e os apertam nos cinchos, o sôro do leite escoa pela queijeira inclinada, e cae por uma calha em um grande tacho de arame. É depois levado ao lume n'este mesmo tacho, e dá-se-lhe uma fervura para o engrossar, deitando-se-lhe tambem uma pequena porção de leite puro para o tornar mais rico. Fica assim feito o *almece*. O *almece* representa, durante a primavera, um papel importante na alimentação das classes pobres de Serpa e outras villas do Alemtejo. É muito barato e é bastante nutritivo. Todas as madrugadas, os *moços do monte* das diversas lavoiras vêm nos carrinhos ou nas bestas do monte trazer o *almece* ás *vendas* da villa. É de uso, que venham pelo caminho tocando ou assoprando em grandes buzios. Ao accordar em Serpa, nos mezes de abril e maio, ouve-se ainda de noite ou ao alvorecer o som rouco dos buzios, annunciando ás mulheres da villa que o seu almoço vem chegando.

Não se pode bem dizer, que esta palavra *almece* seja derivada do arabe — é mais do que isso, é uma pura palavra arabe, que chegou até nós sem a mais leve alteração de sentido, e quasi sem a mais leve alteração de pronuncia. Os arabes do Oriente e do deserto chamavam ao sôro do leite *al-meçl*, mas os do occidente da Africa na sua pronuncia especial e menos correcta diziam *al-meiç*. Por estes nos veiu a palavra; e comprehende-se que forçadamente devia tomar a fórma *almece*.

Nada mais interessante do que estes vocabulos, que são como documentos vivos de historia; e nos deixam entrever as transformações porque passou a exploração do nosso solo, e os longos periodos estacionarios, succedendo a essas transformações. Uma simples palavra e bem vulgar, *almece*, pode contar-nos factos capitaes da nossa historia, e justamente d'aquelles que as chronicas não mencionam.

Os arabes — melhor diremos os mussulmanos ou moiros, porque estes eram de variadissimas raças — os moiros, ao invadirem a Peninsula, encontraram o solo occupado por uma população decerto escassa, mas, ainda que desigualmente, espalhada por toda a região. A base d'estes habitantes era formada pelos antigos hispano-romanos, sobre os

quaes por uma precedente invasão se viera derramar uma raça germanica ou goda, que já ao tempo de que falamos estava mais ou menos fundida com elles. A maior parte d'esta população submetteu-se. Os nobres guerreiros de pura raça goda foram varridos pela conquista mussulmana e refugiaram-se nos desvios das Asturias, onde formaram o nucleo do que devia depois ser o poderoso reino de Leão, do qual brotaram todos os reinos christãos das Hespanhas. Mas os homens de inferior condição, os villões, os colonos, os servos ligados á terra, a massa do povo emfim, essa ficou sob o dominio dos moiros — e a final não era muito mais duro que o dos antigos senhores godos. Formou-se assim a população christan *mosarabe*, de que os livros pouco falam; mas que em ultima analyse reprezentava a classe trabalhadora, na qual residia a rudimentar vida economica. Os *mosarabes* — como o seu nome indica — arabisaram-se um pouco, e aprenderam em parte a lingua dos invasores. Comtudo, no intimo da familia conservaram o uso do seu velho idioma, e no intimo dos corações o culto da religião christan.

Afóra Toledo e outros rarissimos centros, a população *mosarabe* foi essencialmente rural, ligada á terra e vivendo da terra. Os terrenos sem dono, maninhos e desaproveitados, deviam ser extensissimos; mas havia já tractos cultivados. E n'esta agricultura muito primitiva a fórma pastoril dominava como sempre succede. Documentos muito posteriores nos mostram ainda como os *bustos*, os *prata*, os *pascoa*, todas as formas da pastagem natural nos montes e nas planicies, predominavam sobre a terra realmente cultivada. Estas creações de gados e as industrias com ellas ligadas deviam, porém, ser absolutamente barbaras, como barbara e rudimentar era a cultura propriamente dita.

Os moiros traziam comsigo uma civilisação de certo inferior pelo caracter moral, mas pelo lado material incomparavelmente superior. [1] Sob a sua influencia tudo se transformou. Nem de outro modo se poderia explicar o grande numero de palavras arabes que então se introduziram. Foram necessarios nomes *novos* para coisas *novas*, porque os processos melhoraram, porque a agricultura e as industrias derivadas se alteraram, aperfeiçoando-se. E' o que sempre succede.

Embora esta transformação fosse gradual e lenta, deve-se ter iniciado logo nos primeiros tempos da conquista; deve-se ter firmado logo nos primeiros seculos, quando os reinos christãos do norte estavam ainda fracos, quando o dominio dos moiros nas nossas terras meridionaes era seguro e quasi pacifico. Pode-se, pois, acceitar como um facto provado, que as modificações, introduzidas pelos moiros nos habitos e na lingua do povo rural, devem pela maior parte datar do IX ou do X seculo, ou talvez de antes. Para tornarmos o facto mais frizante por um exemplo, é certo que o uso do *almece* e da palavra *almece* n'estes nossos campos de Serpa é muito anterior á fundação da Monarchia Portugueza. Quando Affonso Henriques se encontrou com os moiros em Ourique, já no mesmo Campo de Ourique se fazia *almece* e se dizia *almece*, exactamente como hoje.

Vem agora o longo, laborioso e glorioso periodo da reconquista da Peninsula pelos christãos. Os reis de Leão e de Castella, os primeiros reis de Portugal correram as terras do centro e do sul em expedições triumphantes, em invasões que pareciam definitivas, para logo em seguida retrocederem perante o poder mais forte dos moiros. Pouco a pouco, porém, as conquistas a principio ephemeras foram-se firmando, até á libertação completa do territorio portuguez, e

---

[1] Sobre este e outros pontos ao deante mencionados existem opiniões variadas. É claro, que as não podemos debater n'este logar; e unicamente damos em poucas palavras as que nos parecem mais seguras.

muito mais tarde de todo o territorio da Hespanha. Mas esta volta do dominio christão não annulou a transformação operada antes pelos moiros na lingua e habitos do homem do povo; e a razão é clara.

Com os christãos voltavam importantissimos elementos de futura civilisação, desconhecidos dos arabes; mas esses elementos eram sobretudo moraes. Voltavam ideias mais definidas, posto que ainda indecisas, de justiça, de liberdade e mesmo de igualdade. Voltava um certo respeito pela vida humana, ao menos pela vida do homem livre. Eram derivados estes e outros elementos principalmente das inspirações da religião e do evangelho, até certo ponto tambem de tradições romanas e de tradições germanicas, já anteriormente fundidas nos codigos e nas leis da Monarchia Wisigothica. O estado moral das populações ruraes modificou-se, pois, sensivelmente; mas as condições materiaes da sua vida ficaram as mesmas. Os rudes leoneses, os bravos e incultos companheiros de armas de D. Affonso Henriques ou de D. Sancho I, mesmo os membros do clero mais illustrados, pouco se occuparam d'essas condições materiaes, e ainda quando as quizessem alterar e melhorar não o saberiam fazer. Os humildes *mosarabes* do campo passaram, pois, com grande jubilo dos seus corações, a serem governados pelos seus irmãos em sangue, em lingua e em religião; mas na economia interna da casa pobre, na cultura imperfeita do bocado de terra, no tratamento do gado, continuaram a seguir todos os processos, e a empregar todos os termos, que lhes tinham ensinado os moiros. Continuaram a moer o seu grão em moinhos, movidos pela agua ou pelos animaes, e a dizer *azenha* e *atafona*. Continuaram a regar as suas hortas por meio de engenhos, e a dizer a *nora*, e a *almanjarra* da nora. Continuaram a ordenhar as suas ovelhas e a dizer *alavão*, e *almece*. E' claro, que podia multiplicar estes exemplos.

Estas vulgarissimas palavras plebéas attestam-nos, pois, dois factos capitaes: primeiro, que uma revolução radical transformou a vida caseira e agricola do nosso povo, e teve lugar sob a influencia de uma gente que fallava a lingua arabica: segundo, que nenhuma alteração, egualmente radical, veiu depois destruir o que ficava feito.

Se hoje, todos os documentos escriptos da nossa historia desapparecessem subitamente, aquelles dois factos ainda ficavam provados pela simples existencia de taes palavras.

(Continúa)

CONDE DE FICALHO.

A TRADIÇÃO

Com muito praser vi o novo periodico alemtejano, que tiveram a bondade de me fazer conhecer.

A «**Tradição**», de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.

A patria não é um organismo exclusivamente politico, como cuido que imaginam as nossas secretarias de estado. A patria é tambem a terra e a tradição.

A terra ama-se por simples instincto, em virtude de leis naturaes que prendem o affecto do homem aos logares em que nasceu, assim como a raiz prende a arvore ao solo de que bebe a seiva.

O amôr da tradição, esse, é um resultado educativo. Para amar a tradição é preciso conhecel-a, e é no fundo d'esse conhecimento que verdadeiramente reside a consciencia da nacionalidade.

A nação portugueza — todos o sabem — carece de delimitação geographica e de fundamentos de raca. Pôvo de formação politica, feito a fio de espada pelo valôr indomavel dos nossos antepassados, é no precedente historico que elle

tem a sua razão de ser, e é portanto no espirito glorioso dos nossos mortos que nós temos de retemperar dia a dia, o espirito que nos une em collectividade social, independente e autonoma. Tendo tido por celula ancestral a enunciação bellicosa de uma ideia, entraremos em decomposição desde que em nós esmoreça ou se abastarde o ideal que nos gerou.

A religião, que é ainda uma inexhaurivel fonte de consolações individuaes, deixou de ser o laço dogmatico, que outr'ora prendia e identificava todos os espiritos n'um sentimento commum.

Ao regimen theologico succederam-se systemas philosophicos e consequentes systemas politicos, que uns depois d'outros se teem aluido na vacuidade, produzindo a geral indifferença entristecida, que é o mal do nosso tempo.

Se portanto pretendermos reconstituir a homogeneidade moral, a conciliação de ideias e de sentimentos, a convicção collectiva emfim, de que se deduz o que poderemos chamar o estado d'alma de um povo, é, evidentemente, na historia do nosso passado que teremos de reconsolidar o combalido portuguezismo do nosso ser.

Ora o que é a tradição senão a historia viva, permanente, por hereditariedade, no lar domestico, nos usos e costumes dos logares, nos processos do trabalho, no engenho atavico, na arte e na poesia do pôvo e na sua mesma lingoa? Inspirar-se na tradição, qualquer que seja a fórma de actividade em que cada um opere, — na industria, na pedagogia, na politica, na arte, na litteratura, — é fortalecer a nacionalidade. Renegar a tradição é abjurar a familia e a patria.

Facilmente se comprehende que no jornalismo da capital, onde a intriga politica, a controversia dos partidos, o movimento cosmopolita da sociedade, a hostilidade dos egoismos em concorrencia e o conflicto das vaidades em lucta, absorvem quasi completamente a laboriosidade dos escriptores, occupe um logar subalterno, ou não tenha logar nenhum, a ethnologia do paiz.

De uma vez, em Beja, por occasião de uma festa publica em que se tinham reunido alguns dos principaes elementos de uma exposição ethnographica, um illustre estadista, então chefe do governo executivo, dizia, n'um desabafo de sympathica ingenuidade, a um grupo de lavradores meus amigos:

— «Pois senhores, francamente lhes confesso que nunca imaginei que o Alemtejo fosse isto!».

Este insigne governante não tinha com effeito a minima suspeita de que o Alemtejo, que elle então via pela primeira vez em sua vida, fosse aquillo que o Alemtejo effectivamente é. Tão profunda, tão encyclopedica, tão maravilhosa ignorancia das coisas nacionaes n'uma das zonas mais centraes de um paiz, todo elle tão comprehensivel e tão diminuto, não é attributo pessoal do personagem a que alludo, e a que poderiamos chamar syntheticamente o Governo. Os homens predominantes do partido politico d'esse Cavalheiro, os seus leaders, os seus presidentes de commissões, os seus oradores, os seus apagadores, os seus jornalistas, não estarão muito mais adeantados do que elle no ponto de que se tratava em Beja, ou de que se pudesse tratar em Braga, em Vizeu, em Bragança, em Leiria ou em Villa Real de Santo Antonio. Esta grande massa de desconhecimentos acumulada na cabeça das pessôas é muito commum na capital do reino.

O que me admira, o que me penalisa, o que verdadeiramente me dóe, é que nas provincias, onde na roda do anno se dizem e se fazem menos tolices do que as que se declaram em Lisbôa no espaço de cada dia appareçam periodicos novos e robustos destinados a não fazerem mais do que repetir com mais emphatica tumidez (porque a grandeosidade do estylo está sempre na razão inversa da estreiteza do meio) o que se diz na prosa senil das folhas lisboetas. São, em peor papel, e em typo mais safado, as mes-

mas allusões de calão, incomprehensiveis para quem não tiver a chave dos cifrantes; são os mesmos dichotes, as mesmas piadas, as mesmas *biscas*, a mesma preocupação vesanica de dandysmo avariado, a mesma *infanteria a cavallo*, como tão expressivamente dizia o pobre Daudet.

Todo o meu agradecimento — e pena tenho de que elle seja tão obscuro! — aos que me proporcionam o refrigerio espiritual de receber do extremo Alemtejo, da pequena villa de Serpa, um periodico humilde e precioso, que sabe ser genuina e largamente portuguez pelo simples processo de se conservar restrictamente provincial.

Dedicando-se a registrar a vida nacional da sua região, coordenando pacientemente todos os seus phenomenos peculiares — os costumes domesticos e ruraes, o typo physionomico, o amanho das culturas, os utensilios da lavoura e da casa, a indumentaria, a alimentação, os anexins e os apologos locaes, as historias da borralheira, os contos de fadas e de bruxas, o romanceiro regional, as lôas e os vilhancicos dos santos predilectos, as cantigas das romagens entoadas em côro ao compasso dos adufes, o vocabulario popular, e o senso esthetico deduzido do modo de construir o lar, de enastrar o cesto, de moldar a bilha, de esculpir o tarro de cortiça e a colher de buxo, de tecer o alforge, de vestir e enfeitar a mulher, de engatar a carreta e de arrear o cavallo, — a pequena revista de Serpa, que eu acabo de ler n'este valle do Jamor, entre as aldeias amoiriscadas da freguezia de Carnaxide, enche-me de enternecido reconhecimento, e faz-me pensar na bella obra que se faria se cada uma das differentes regiões do paiz contribuisse com subsidios d'este valor para a formação do grande livro inedito da Patria Portugueza.

Quinta de S. José a Linda-a-Pastora,

13 d'agosto 99.

RAMALHO ORTIGÃO.

Modas-estribilhos alemtejanas

Hei-de m'ir para o Algarve

Hei-de m'ir paró Algarve,
— Sim, sim! —
Hei-de lá 'star oito dias,
— Não, não! —
Quero cantar e balhára
— Sim, sim! —
Com as moças algarvias.
— Não, não! —

M. DIAS NUNES.

MEDICINA EMPIRICA

Côbro

A erupção vesiculosa designada em medicina por *zona* ou *herpes zoster*, conhece-a o povo pelo nome de *côbro*. Esta doença apparece, segundo a crença popular, em qualquer pessoa, que vista uma camisa por onde tenha passado um bicho. É no estendedoiro do lavado que a gente do povo affirma dar-se a perigosa inquinação produzida pelos bichos.

Depois de lavada a roupa, costumam as lavadeiras estendê-la no chão, expondo-a assim ao sol para enxugar mais depressa. Não admira, pois, que, nesta occasião, qualquer bicho atrevido (um lagarto, uma lagartixa, etc.), transitando por ali, passe por cima da referida roupa. Ora, como succede ser a camisa uma das peças do vestuario que mais anda em contacto directo com o corpo, julga o publico que é por intermedio della que se transmitte o germen da incommmoda erupção. E tão arreigada se acha a crença de que vimos falando, que as lavadeiras usam o invariavel preceito d'enxugar a roupa, voltando-lhe o avêsso para o chão. Adoptando este pequeno artificio, julgam as ingenuas lavadeiras evitar que ás pessoas

CANCIONEIRO MUSICAL

IX

HEI-DE M'IR PARA O ALGARVE

(CHOREOGRAPHICA)

se communique, por aquella via, qualquer secreção peçonhenta; mas o que, pela certa, ellas ignoram é que estendendo a roupa pelo chão, a expõem mui facilmente á invasão d'innumeros microbios existentes á superficie do sólo.

A etiologia da *zona*, enunciada, como acima fica dito, por fórma tão simples e pittoresca, não passa evidentemente duma perfeita fantasia; pois sabe-se hoje muito bem, graças ás modernas investigações anatomo-pathologicas, que o *herpes zoster* está ligado a uma alteração nervosa, produzida por diversas causas, taes como: um traumatismo, o frio, uma compressão de nervos, uma intoxicação, etc.

A'cerca da *zona* existe ainda uma superstição, que merece ser registada. Consiste ella em suppor-se que, quando o *côbro* une a *cabeça* ao *rabo*, é um signal fatidico, porque annuncia a morte do doente.

A *zona* seguindo, como é sabido, o trajecto dos filetes nervosos cutaneos, apresenta varias fórmas, entre as quaes o vulgo crê ver a figura dum bicho com rabo e cabeça. São estas duas ultimas partes que, juntando se, constituem, como dissemos, um terrivel presagio para a pessoa atacada.

Passemos agora a occupar-nos do tratamento popular do côbro.

Para combater esta banal enfermidade, tem o povo por habito friccionar a região affectada com uma mistura de polvora e vinagre, ou com o oleo do trigo torrado. Este ultimo é usado de preferencia, porque parece actuar d'uma maneira mais efficaz. Eu proprio testemunho o bom exito que varios doentes têm colhido da applicação do oleo de trigo.

Eis como se costuma preparar o citado oleo: Leva-se á loja dum ferreiro uma pequena porção de trigo em grão; deposita-se esse trigo em cima da bigorna, e sobre elle colloca-se um ferro em brasa. O trigo em contacto com o metal incandescente arde rapido, desenvolvendo uma chama muito viva, e deixa á superficie da bigorna uma camada d'oleo escuro, semelhante á tintura d'iodo. Precisamente neste momento, o ferreiro, fazendo de medico, corre a untar os seus proprios dedos no oleo assim preparado e fricciona em seguida a região onde assenta o *côbro*.

O doente volta á loja do ferreiro duas, tres ou mais vezes, até que o *côbro* dê indicios d'estar *morto*, e não sejam porisso necessarias mais fricções.

O processo de cura, que acabâmos d'expôr, póde afigurar-se um tanto extranho; mas a verdade é que elle dá em geral bom resultado, sobretudo quando se trata do côbro puro, isto é, do côbro livre de complicações, revelando-se-nos como simples manifestação idiopathica.

*
* *

Não terminaremos este despretencioso artigo, sem um ligeiro commentario relativo á etimologia da palavra *côbro*.

Parece que, por analogia, côbro deriva de cóbra. E, a justificar esta derivação, temos a crença vulgar de ser a *doença do côbro* produzida pela passagem dum bicho sobre a roupa de vestir. Moraes no seu «Diccionario da Lingua Portugueza», definindo *cobrêlo*, — que os nossos diccionaristas tomam como sinónimo de côbro — diz: «doença que o vulgo crê proceder de passar cobra por cima das camisas ou roupa de vestir».

Devemos, porém, notar, baseando-nos em o testemunho das lavadeiras e da gente do campo, que a cóbra, sendo um reptil essencialmente arisco e fugitivo, nunca se vê passar por cima da roupa. Os animaes, que se apontam como podendo causar a *zona*, na passagem atravez do nosso vestuario, são: lagartos, lagartixas, ósgas, aranhões, etc.

O côbro, parece no entanto, ser uma palavra genuinamente portugueza. O que por emquanto não pude averiguar, é, se tambem são de origem portugueza a crença e a superstição ligadas ao *herpes zoster*, ou se por ventura derivam de povos mais remotos.

(Serpa) LADISLAU PIÇARRA.

O S. JOÃO EM SERPA

(Continuado de pag. 124)

Conhecer o desconhecido, devassar os segredos do futuro, descerrar a bruma enigmatica e mysteriosa do porvir,—tal é o objecto capital das experiencias (ou experimentações), cujo resultado se antolha infallivel á crença popular.

Multiplas e variadas na fórma, podem classificar-se as experiencias, quanto á sua essencia, em amorosas, economicas, de vida ou morte proxima, e de meteorologia. As do primeiro genero são peculiares das raparigas solteiras; vejamos como estas sóem levantar os horoscopos. Como e, minuciosamente, para quê.

Em regra, as experimentações teem logar á meia-noite, pouco mais ou menos; agora o resultado do maior numero d'ellas, senão da quasi totalidade, sómente é *visivel* na manhã de S. João.

Por sua vetustade immemorial, cumpre referir em primeiro logar a classica experiencia da *alcachofra* (*).

Despontada á thezoura a flôr do cardo, a cabeça ou alcachofra é passada pela chama da fogueira e depois posta ao relento em toda a noite.

Refloresceu a alcachofra? Se refloresceu é certo o casamento; no caso negativo, o celibato é fatal. E dada a hypothese da reflorescencia, conforme esta foi grande ou pequena, assim o marido ha-de ser homem solteiro ou viuvo.

Outra experiencia, muito similhante á da alcachofra, se pratica com uma planta denominada em vulgar *rabo-de-gato*. Sacode-se a inflorescencia d'um pedunculo, o qual, depois da sacramental passagem pelo fogo santo, vae depositar-se, a noite inteira, junto a uma infusa cheia d'agoa. A reflorescencia produziu-se? não se produziu? No primeiro caso, vulgarissimo sempre que ficou algum botão prestes a desabrochar, a rapariga póde crer que é amada pelo rapaz que namora; que ella é a preferida, se porventura tem alguma rival; que ha-de casar, indubitavelmente, com o escolhido do seu coração, etc., etc. No segundo caso... adeus ricas esperanças! adeus sonhos d'amor!

A experiencia em questão usa-se tambem, e largamente, fóra da noite do Baptista. Ahi pelos mezes de Março e Abril, em especial, tem ella grande voga entre os ranchos de camponezas que mondam as searas, onde o *rabo* vegeta abarrisco, como que para tentar, dir-se-hia, a curiosidade feminina. Ha porém a notar uma variante na execução da engraçada experiencia. O pedunculo, previamente despojado de suas flores, é humedecido no labio e em seguida introduzido no seio das raparigas, cujo calor substitue (e vantajosamente...) a chamma das fogueiras. E' *mais rapido* e *mais*... pittoresco, vamos! este modo de fazer a experiencia.

Eis umas rimas populares allusivas, que ha tempo ouvi dizer a uma mulher do campo:

> Duas flores (de) perfeição,
> A's tenças d'um bem-querer,
> Foram ambas a fazer
> No seio experimentação.
>
> D'estas duas que aqui estão,
> Uma era a que experimentava.
> Em se ver tão recolhido,
> Saíu das moças florido...
> Entre as duas rabeava!

Não menos usada e não menos antiga que as duas anteriores, é a experiencia dos *credos*. Effeitua-se d'est'arte: Com um bochecho d'agoa, reza-se o credo *in mente* trés vezes successivas, percorrendo o espaço comprehendido entre trés portados que estejam na mesma direcção

---

(*) A alcachofra usada nas experiencias é a do cardo de coalho *(cinara cardunculus sylvestris)*, a que chamam aqui «cardo de pencas» ou simplesmente «penqueira», em razão das abundantes folhas, compridas e carnudas, que acompanham o caule. E' comestivel o talo d'esta variedade do cardo.

e dos quaes o ultimo deite para a rua. A' rua se deita o bochecho d'agoa logo que a experiente chegou ao portado *terminus*, perto do qual se quêda «a escutar as vozes do mundo». O primeiro nome masculino que a rapariga ouvir, é o nome do homem que virá a esposal-a. Succede ás vezes — coisa engraçada! — ser d'algum animalejo, que o dono chama, o nome pronunciado...

Experiencia divertida, a da *peneira*, cujo escôpo consiste, principalmente, em aquilatar das intenções amorosas d'alguem.

Dos biccos d'uma thezoura, que duas raparigas seguram ao de leve com dois unicos dedos, está suspensa pelo aro, verticalmente, a mysteriosa peneira contendo um rosario, uma fatia de pão e uma mãochinha de sal. Acabada de soar a ultima badalada da meia-noite, falla assim uma das raparigas, a mais interessada na *operação:*

— Em louvor de S. Pedro e S. Paulo, e Jesus Sacramentado, e as Ondas do Mar Salgado, dize-me Peneira, sim ou não: (e aqui se formula expressamente a pergunta do que se deseja). Uma volta arrebatada da peneira, que por si só se move (sic), é resposta affirmativa; a im mobilidade importa negação.

Ha quem interrogue o prestimoso utensilio caseirinho, elevado á categoria de oraculo, para informar-se da bôa ou má sorte, que espera determinada creatura; para averiguar se sim ou não ap parecerá certa cousa perdida, etc., etc. A differença está meramente na pergunta; quanto ao mais, nenhuma alteração.

Trés experiencias — seculares, vulgares, e similares entre si: a do *ovo*, a da *cera* e a da *cinza*.

Um ovo, partido e deitado em meio copo d'agoa, fica durante a noite ao relento. Ao outro dia de manhã, ha rapariga que vê nitidamente (sic) desenhar-se na albumina, um ou mais objectos—symbolos da profissão do seu noivo ideal. A cinza, peneirada n'uma taboa e posta ao sereno da noite, bem como a cera derretida, que é da praxe lançar n'uma bacia d'agoa, possuem uma virtude reveladora identica á do ovo. Cera e cinza manifestam, aos olhos das meninas solteiras, quantos symbolos appetece á phantasia juvenil!

Mais trés experiencias populares, que não devêmos esquecer, são as da *bacia d'agoa*, *5 réis* e *maçans*.

A bacia d'agoa — como de resto todos os objectos empregados nas experimentações — é exposta ao relento e, antes, passada pela fogueira quando bate meia-noite. No dia seguinte, entre meio-dia e uma hora, agoa para a rua! O nome da pessoa do sexo forte que primeiro atravessar o local molhado, será, por sem duvida, o nome do esposo... futuro.

A moeda de 5 réis é arremessada á pyra, de cujas cinzas vae desenterrar-se assim que rompe o dia, para com ella esmolar o primeiro pobre que surge. O noivo chamar-se-ha como o pedinte.

Entre meio-dia e uma hora, jogam-se á rua as maçans, em numero de trés. Se ninguem cubiçar o legendario fructo, a menina irá á cova de palmito e capella, na bem conhecida expressão popular. Pelo contrario, se qualquer individuo passando pela rua colher espontaneamente alguma das maçans, o casamento é seguro. E a graça do maridinho? Egual á do transeunte que o acaso deparou.

Que o leitor nos desculpe se começâmos a aborrecel-o; mas já agora mais duas experiencias, para completar a série das amorosas.

Uma é a dos *papelinhos* — metade em branco, metade inscrevendo diversos nomes — que as raparigas tiram á sorte. Ficará solteira toda aquella a quem couber um papelinho em branco. Papelinho escripto, traduz consorcio e até designa o par da feliz donzella!

A outra experiencia, que falta descrever, é feita com o auxilio de: um *livro*, um *pão*, uma *canna verde* e um *mólho de chaves*. Estes quatro objectos, ou se collocam em cima d'uma mesa, ou se põem junto aos quatro cantos d'uma

casa. Uma, duas, trés ou quatro raparigas entram na casa ás escuras, e cada uma procura encontrar seu objecto cuja posição particular ellas desconhecem. Ao livro corresponde o prognostico de morrer donzella; ao pão, o casamento com um viuvo; á canna verde, o casamento com um rapaz solteiro. O mólho de chaves significa que a rapariga é bôa dona de casa, mas que morrerá solteira.

(Conclue)

M. Dias NUNES.

As festas do Sacramento em Beja

(Continuado de pag 126)

Neste dia e no domingo de manhã, em que tambem ha missa e sermão, é a festa extremamente concorrida por todas as classes, desde o *hig-life* da terra, que lá vai ostentar as *toilettes* ricas, estreadas no baile que a *Sociedade Bejense* dá aos socios, na quinta-feira do Corpo de Deus, até á costureira mais humilde, que não se poupa ao sacrificio do vestido novo.

Comparecem as auctoridades civis e militares, e mais pessoas gradas, que são convidadas para todos os actos da festa, aos quaes assistem em logares reservados.

Assiste tambem o Bispo, uma força de sargento que faz a guarda d'honra ao *Senhor exposto,* e uma delegação de cada irmandade das differentes freguezias.

As varias delegações, com o respectivo reitor á frente e acompanhadas pela philarmonica, sahem processionalmente da egreja a que pertencem, até ao templo onde a festa é celebrada.

No domingo, pelas doze horas da manhã, pouco mais ou menos, chegam ao adro da egreja da festa as originalissimas carradas de espadana, conduzidas, á custa do reitor e thesoureiro, em carros alemtejanos puxados por juntas de bois, com as cabeças e cangas enfeitadas de flores e fitas.

A originalidade das carradas, de forma prismatica, consiste principalmente na sua ornamentação, feita com flores vermelhas (em geral *malva-sardinha*) nas faces anterior e posterior do macisso de espadana. Ao centro dos caprichosos arabescos, que as flores desenham, vêem-se as iniciaes SS (Santissimo Sacramento) ou alguns emblemas eucharisticos.

Conservam-se as carradas em exposição em frente da egreja, pelo espaço de duas horas, findas as quaes, seguem pelas ruas por onde deve passar a procissão, espalhando pelo solo a espadana, correspondente á junça usada n'outras terras.

Logo que termina a festa da manhã, é distribuido um bôdo a 200 ou 300 pobres, bôdo préviamente disposto no adro da egreja em mesas cobertas d'alvissimas toalhas.

Cada pobre é esmolado com um pão, meio kilo de vacca, quatrocentos grammas d'arroz, cento e vinte cinco grammas de toucinho, duas laranjas e cincoenta réis em dinheiro — tudo isto adornado com flores artificiaes.

Finda a distribuição, que é acompanhada de musica e foguetes, segue-se a procissão do jantar aos presos.

(Continúa)

(Beja). Alves TAVARES.

THERAPEUTICA MYSTICA

BENZEDURAS

Loulé fornece um bom capitulo de curiosidades neste genero. Não admira, porque, não ha muito tempo, um medico, da escola antiga, resolveu-se a tomar o expediente de curar uma dôr por intermedio do processo das benzeduras. Parece que as orações eram antigamente recitadas em verso; hoje, porém, restam-nos exactamente como vão escriptas:

I

Benzedura do farpão

«Jesus, diz a benzedeira, santo nome de Jesus, onde está o santo nome de Jesus não está mal nenhum.»

Continúa a benzedeira:—«Eu te corto.»

Responde o doente: — «Farpão.»

Continúa a benzedeira:

«Isso mesmo é que eu te corto. Eu t'o corto da cabeça, eu t'o corto dos braços, eu t'o corto das pernas, para que tu não possas reinar. Aqui te has-de de seccar, aqui te has-de mirrar, d'aqui não has-de passar. Hei-de-te mandar deitar para alem das aguas do mar, onde não ouças galinhas nem galos cantar, nem filhos bradar.»

«Em louvor de Deus e de Maria,
Padre Nosso e Ave Maria.»

N. B. — Emquanto se dizem aquellas palavras, passa-se por cima do farpão uma argola de ouro ou um dente de alho. Esta benzedura faz-se nove vezes, e no fim de cada uma, reza a benzedeira um Padre Nosso e uma Ave Maria, que se offerece á Santa Luzia e á Sagrada Morte e Paixão de Christo.

O paciente reza tambem o P. N. e Ave Maria.

II

Benzedura do mau olhado

«Jesus, santo nome de Jesus, etc., etc.»

Diz depois a benzedeira:

«Eu te benzo, criatura, do mau olhado. Se fôr na cabeça, em nome da Senhora da Cabeça, se fôr nos olhos, em nome de Santa Luzia, se fôr na cara, em nome de Santa Clara, se fôr nos braços, em louvôr de S. Marcos, se fôr nas costas, em louvôr da Senhora das Veronicas, e se fôr no corpo, em louvôr do meu Senhor Jesus Christo, que tem o poder todo. Santa Anna pariu a Virgem e a Virgem pariu o meu Senhor Jesus Christo, assim como isto é verdade, assim seja este olhado d'aqui tirado e para as ondas do mar deitado, onde não ouça galo nem galinha cantar».

«Em louvor de Deus etc., etc., etc.»

N. B. — Esta benzedura faz-se com um rosario na mão. Reza-se uma Salve Rainha, offerecendo-se a Nossa Senhora. Faz-se esta benzedura nove vezes.

O paciente reza tambem a Salve Rainha.

III

Benzedura da constipação

«Jesus, santo nome de Jesus, etc., etc.»

Diz depois a benzedeira:

«Benzo esta constipação do sol em honra de Deus Omnipotente, benzo esta constipação do calôr e da febre, em honra e louvôr de N. Senhora das Neves, benzo esta constipação repentina, em louvor de Deus e de Santa Catharina, benzo esta constipação da frieza em louvor de Deus e de Santa Thereza. Tira-te para fóra das costellas, assim como Jesus Christo foi crucificado; tira-te para fóra da barriga em louvôr de Deus e de Santa Margarida; tira-te para fóra do corpo, assim como Jesus Christo foi morto; tira-te para fóra dos pés, em louvôr da Virgem Santissima, mãi dos peccadores.»

«Em louvor de Deus etc., etc., etc.»

N. B. — Benze-se o paciente tres dias e em cada dia tres vezes. Volta-se a creatura com as costas para quem a benze e diz-se o credo nove vezes, sempre com a mão a fazer cruzes sobre as costas do paciente. No fim de uma serie de tres credos reza-se uma Salve Rainha á Senhora das Dôres e um Padre Nosso e uma Ave Maria ás cinco Chagas de Christo. O paciente reza tambem.

IV

Benzedura da dôr de barriga

«Jesus, santo nome de Jesus, etc., etc.»

Diz a benzedeira:

«Quando N. Senhor pelo mundo anda-

va, chegou a casa de um homem bom e d'uma mulher brava. Pediu pousada e o homem dava e a mulher não dava. A Senhora foi deitar-se e logo começou a chover agua por cima e por baixo, e com estas mesmas palavras a dôr da barriga será curada.»

«Em louvor de Deus etc., etc., etc.»

N. B.—Esta oração reza-se nove vezes.

V

Benzedura de um nervo torcido

«Jesus, santo nome de Jesus, etc., etc.»

Diz a benzedeira. — «Eu coso.»

Responde o doente.—«Osso quebrado, nervo torto.»

Continúa a benzedeira:

«Cose a Virgem melhor do que eu coso. A Virgem cose pelo são e eu coso pelo vão.»

«Em louvor de Deus etc., etc., etc.»

N. B. — Depois de se fazer aquella benzedura, molha a benzedeira os dedos em azeite e esfrega com elles a parte dorida. Reza um P. N. e uma Ave Maria a Santo Amaro, advogado das pernas e dos braços. No fim, offerece-se tudo á Sagrada Morte e Paixão de Christo. Esta benzedura faz-se nove vezes.

N. B. — A propria benzedeira emquanto reza a oração e diz «eu coso» finge coser um novello de linhas com uma agulha.

VI

Benzedura da erysipéla

«Jesus, santo nome de Jesus, etc., etc.»

Diz a benzedeira:

«Indo Nossa Senhora por seu caminho, com a *vermelhinha* se encontrou. Nossa Senhora lhe perguntou: «para onde vais, *vermelhinha?*» A *vermelhinha* respondeu: «vou comer a tua carne, roer os teus ossos, e beber o teu sangue.»

Nossa Senhora lhe disse: «não has-de comer a minha carne, nem roer os meus ossos, nem beber o meu sangüe, porque eu aqui te hei de cortar e hei de te retalhar. — Jesus! o que corto? Erysipéla corto, a erysipéla sanguinea, erysipéla negral, o erysipelar e o ar, e todas as qualidades de erysipéla, que haja, aqui te secco e te corto; morrerás e d'aqui não passarás.»

«Em louvor de Deus etc., etc., etc.»

N. B. — Em quanto se dizem aquellas palavras, faz a benzedeira a imitação de cortar com uma faca a enfermidade, cortando um pedaço de pau de figueira, nove vezes, e rezando um P. N. e uma A. M.

(Loulé)

(Conclue) ATHAYDE D'OLIVEIRA.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

IX

O Era e não Era

Havia numa aldeia dois compadres; um era muito rico e outro muito pobre. O rico não tinha familia, e o pobre tinha dois filhos.

Um dos filhos, achava o pae que era parvo e o outro muito esperto.

Aquelle que o pae julgava parvo, pô-lo a guardar gado, e o outro, queria que fosse padre. Mas, como, para fazer o filho padre, o pae não tinha dinheiro, foi ter com o compadre rico e pediu-lh'o emprestado, dizendo que o filho lhe pagaria em dizendo missa.

O compadre rico emprestou o dinheiro ao compadre pobre, e o filho deste foi para a escola. Mas, desgraçadamente, o rapaz nunca foi capaz de passar do «livro de seis vintens»! Ora, o compadre rico, sabendo disto, foi a casa do compadre pobre e disse-lhe:

— «Então, compadre! como has-de [1] tu agora pagar o que me deves, se o teu filho nem ao menos foi capaz de passar

---

[1] O povo pronuncia: *ha-des.*

do «livro de seis vintens» ?! Mas olha, ha um meio de me pagares. Sabes que meio é ?»

— «Eu não, senhor compadre» — respondeu o compadre pobre.

— «Pois bem. Esse meio é arranjarem-me uma mentira que seja maior que o Padre Nosso. Dou-lhes para isso sete dias; e no fim desse tempo, se a tiverem arranjado, perdôo-te a divida.»

Em vista disto, o pae e o filho puzeram-se a combinar que mentira haviam d'arranjar. Estavam já no sexto dia, e não arranjavam nada, se o filho, que elle achava parvo, não viesse a casa essa noite.

Esse filho, vendo-os muito tristes da sua vida, perguntou-lhes: «Então, o que teem, que estão tão tristes ?» O pae contou-lhe o que havia, e elle respondeu: «Bem. Não lhe dê isso cuidado, que eu vou a casa do meu padrinho.» No outro dia, foi logo a casa do padrinho, e, assim que lá chegou, disse-lhe: «Sabe, padrinho, o que eu venho cá fazer hoje? Venho contar-lhe um caso.»

— «Era uma vez *um era e não era*, que andava lavrando na serra, com um boi calhandro e outro carrapato, quando lhe foi a noticia que o pae era morto e a mãe por nascer. Vae, o homem o que havia de fazer? Poz os bois ás costas e o arado a comer.

«D'ali foi por um valle abaixo e encontrou um ninho de cartáxo com cinco ovos de batárda (abetarda). Deitou-os á burra preta e tirou-os a burra parda, saindo-lhe dois leões, que nem galgões. Um dia foi á caça com os seus galgões, e subindo um valle abaixo, viu uma laranjeira carregada de romãs. Foi acima della e colheu marmellos. Veiu para baixo e apanhou maçãs. Nisto, vem de lá o dono do meloal e diz lhe: «O' seu amigo! quem lhe deu a Vócê licença de colher favas do olival que não é seu ?» E atirando-lhe com um tarrão (torrão), deu-lhe com um melão, que, acertando-lhe na testa, lhe fez sangue num artelho.

«D'ali foi contar umas colmeias, não as deu contadas. Foi contar as abelhas, faltava-lhe uma. Foi á busca da abelha, encontrou sete lobos comendo nella. Assim que viu isto, atirou-lhes com uma machadinha que levava. Os lobos fugiram, deixando ainda uma perna da abelha.

«Aquella perna, espremeu-a, e ainda lhe deu sete canadas de mel.

«Mas, como não tinha onde o metter, tirou um piolho e fez da pelle um surrão e deitou-lhe o mel dentro.

«Foi á busca da machadinha, não a encontrou, e, puxando fogo ao matto, ardeu o ferro e ficou-lhe o cabo; mas o barbeiro, trabalhando sete dias e sete noites, saiu-lhe um anzol.

«Um dia foi á pesca e apanhou uma burra com cangalhas e tudo.

«A burra, com o trabalho, fez-se-lhe uma matadura, e elle foi logo a casa do ferreiro para lhe ensinar alguma coisa. O ferreiro ensinou-lhe um alqueire de favas torradas.

«Ora, com o calor das favas, a burra morreu, tendo por isso de a levar para o almargem. Dahi a tempos, passou por aquelle sitio e viu um faval nascido no lombo da burra.

«Ficou muito admirado; e, quando foi tempo de ceifar o faval, foi lá e encontrou-lhe dentro uma porca javarda com sete javardinhos. Assim que a viu atirou-lhe logo com a fouce que levava, e o cabo tanchou-se-lhe no rabo.

«A javarda, como se sentia ferida, começou a fugir para todos os lados, de maneira que, com a foice ceifava, com as ventas limpava, e com as patas debulhava.

«E o faval, padrinho, deu tantas favas, que vendeu sete quarteiros e ainda mandou ao padrinho um presente, que era muito mais que as que vendeu!»

— «O' afilhado!» — respondeu o padrinho — «isso é mentira!...»

— «Pois, padrinho, foi isso mesmo que eu cá vim fazer, para lhe pagar o que meu pae lhe devia.»

(Da tradição oral)

(Brinches).

Antonio ALEXANDRINO.

BIBLIOTHECA D'«A TRADIÇÃO»

Publicação bi-annual, em volumes de 150 a 200 pag.

VOLUME I (a entrar no prélo):

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO-ALEMTEJO

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME II:

JOGOS POPULARES

POR

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME III:

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

POR

ANTONIO ALEXANDRINO

Prefaciados por

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME IV:

O AUTO DO PRESEPIO E A DEGOLLAÇÃO DO BAPTISTA

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME V:

SYLVA DE XÁCARAS

POR

A. THOMAZ PIRES

Anno I — N.º 10 SERPA, Outubro de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:— LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

Collaboradores artisticos:— F. VILLAS-BOAS e J. V. PESSOA

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I — N.º 10 SERPA, Outubro de 1899 **Série I**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

O elemento arabe na linguagem dos pastores alemtejanos

(continuado de pag. 134)

Da *tosquia* pouco ha a dizer. A nomenclatura é simples, e as palavras empregadas bem conhecidas.

Nas grandes lavoiras alemtejanas, a tosquia ainda é, e sobretudo foi, uma festa annual. Quando deve ter logar, ahi pelos fins de abril ou principios de maio, todos os rebanhos recolhem á principal herdade do amo. Ali se reune todo o gado de lan, todos os pastores, e a *quadrilha dos tosquiadores* (1). Durante os dias de tosquia, em numero variavel naturalmente segundo o numero do gado e o numero dos tosquiadores, estes recebem ou um salario bastante elevado *a secco*, ou um salario menor e *de comer*. N'este ultimo caso é que a tosquia constitue uma festa. O jantar dos tosquiadores é lauto, constando de legumes, hortaliças, toucinho, carne de ovelha, queijo e vinho. E este jantar estende-se a todos os pastores, a todos os outros creados da lavoira, e aos pobres e mendigos, que vêm de legoas de distancia receber os abundantes restos.

A tosquia faz-se habitualmente ao ar livre, em um terreno junto do monte, bem battido e bem varrido, chamado o *tendal*. Os pastores agarram as ovelhas e carneiros, atam-lhes os quatro pés com um *alfirme*, e estendem-nos em linha sobre o *tendal*. Cada um dos tosquiadores passa então a tosquiar uma cabeça de gado. Acabada esta, a *lan* do carneiro, ovelha ou malato, é enrolada em *véllo*. A lan dos borregos, chamada *anninho*, que ainda não pode formar *véllo*, vae sendo recolhida em golpelhas. Alguma thezourada que escape é tratada pelo proprio tosquiador com pó de *carvão*, ou de *caravão*, como elles dizem. Mas se a ovelha tem *ronha*, o tratamento é mais demorado e feito pelos pastores, que a untam com *méra*.

A *méra* é uma substancia semi-liquida e de côr escura, obtida por distillação de diversas madeiras, do zimbro, do zambujo ou do azinho. Nas nossas regiões é quasi toda feita na Amarelleja, uma aldeia do concelho de Moura, donde a trazem a vender em odres; e, segundo me informam, é exclusivamente feita com a lenha de azinho *estilada*.

Mesmo que a cabeça de gado esteja san, passa geralmente ao saír das mãos do tosquiador, por uma lavagem do lombo, dada pelos pastores. Para isso, estes têm feito nos dias anteriores cozimentos de hervas aromaticas em grandes tachos de arame. Mysteriosamente, como se se tratasse de algum encantamento, o pastor vigia a fervura, mechendo com um pausinho as plantas, nas quaes parece

---

(1) A organisação d'estes grupos, algumas cerimonias e ornatos de que usam, são extremamente interessantes; mas não pertencem propriamente á linguagem e vida do pastor, e melhor serão estudadas separadamente.

predominarem as *labiadas*. O ingrediente mais constante d'estes cozimentos—porque as receitas variam— é no emtanto a *cebola alvarran* (1). Se accrescentarmos, que o momento da tosquia é tambem o da mais rigorosa contagem do gado, teremos dito tudo quanto possa ter algum interesse.

Passámos assim em revista as principaes phases da vida do pastor, vida que pode parecer ociosa, porque elle fica horas e horas, encostado ao cajado ou sentado n'uma pedra, vendo pastar o gado; mas que na realidade é uma vida dura. As noites tempestuosas de inverno dormidas ao relento, os terriveis sóes alemtejanos, apanhados a pé firme muitas vezes sem uma sombra, as longas caminhadas de herdade para herdade ou em epocas de feiras, exigem do pastor d'estas nossas regiões uma robustez especial, que elle só alcança, começando a ser *zagal* desde quasi creança.

E' necessario accrescentar, que o alemtejano é geralmente um bom pastor, intelligente e perito, conhecendo as necessidades do gado, sabendo *dar as voltas* para aproveitar as pastagens, sabendo procurar os sitios para armar a rede em tempos asperos; e sobre isso cuidadoso. Para esta ultima qualidade contribue o facto de elle ser uma especie de socio do amo. Alem de ganhar a pequena *soldada* em dinheiro e as *comedías*, o pastor traz no rebanho um certo numero de ovelhas suas, a que se chama o seu *pegulhal*. Esta antiquissima palavra de origem latina, que em outras regiões significa um rebanho ou um pequeno rebanho, applica-se restrictamente no Alemtejo ás ovelhas do pastor (2). O *pegulhal* é uma verdadeira parceria; as ovelhas são do pastor, e ao pastor pertencem os borregos e a lan, emquanto ao amo pertencem os estrumes e o leite, o que paga sufficientemente a pastagem. Embora a existencia do *pegulhal* possa dar logar a algumas fraudes, dá por outro lado ao pastor um interesse especial no seu rebanho; mas iamos caindo de novo nas questões economicas de que nos temos systematicamente afastado.

Pelo que fica dito se vê, que o pastor do Alemtejo emprega um numero consideravel de palavras, tendo uma origem arabe bem patente. Não é, porém, simplesmente n'estas palavras que se revéla a antiga influencia dos moiros. A meu ver, em todo o regimen do gado se pode ainda descobrir o influxo de um povo pertencente á raça semitica, de instinctos nomadas e para quem durante muito tempo o gado foi a principal riqueza. Isto é sem duvida mais sensivel na Hespanha, onde existem os rebanhos *transhumantes*. Mas mesmo no nosso Alemtejo, apezar de não haver verdadeira *transhumancia*, os grandes rebanhos vivendo constantemente nos descampados, mudados repetidas vezes para legoas de distancia, guardados por homens feitos que d'isso fazem a sua profissão, lembram-nos o que se passa ou se passou em tempos remotos entre semitas. Lembram-nos os arabes do Saharà occidental, percorrendo com os seus rebanhos centenas de legoas em busca da escassa herva, que fez brotar a escassa chuva. Podem mesmo lembrar-nos os velhos patriarchas da Biblia, caminhando com as suas familias e os rebanhos, que constituiam toda a sua riqueza. E' claro que tudo isto se attenuou no nosso paiz durante seculos pela appropriação dos terrenos, pela diminuição dos baldios, pela divisão da propriedade, por muitas outras causas que restringiram as migrações; mas não julgo difficil descobrir ainda nos habitos d'esta nossa gente do sul a remota acção de um povo de pastores nomadas.

(1) A *cebola alvarran* ou *albarran* (bolbo da *Scilla maritima* L.) deriva o seu nome vulgar do adjectivo arabe *barraní*, que significa *campestre:* cebola alvarran é, pois, a cebola brava ou dos campos, em opposição á cebola cultivada ou das hortas.

(2) Os porqueiros tambem trazem no rebanho alguns porcos seus, que do mesmo modo se chamam *pegulhal*.

GALERIA DE TYPOS POPULARES

X

Grupo de marçanos, ou aprendizes de tosquiador, com o mestre ao lado (Serpa)

E isto torna-se talvez mais evidente, comparando-o com o que se passa no norte do paiz. Ali o regimen do gado, particularmente do gado de lan, é inteiramente diverso. As ovelhas fraccionam-se em pequenas parcellas. Tornam-se mais caseiras, recolhendo todas as noites aos curraes, aos alpendres, aos estabulos dos casaes ou dos logares. A sua guarda entrega-se geralmente aos cuidados de creanças, que ainda não têem força para trabalhar de outro modo. Pequenitos ou pequenitas de doze, de treze ou de quatorze annos levam o gado para as veigas do valle, ou para as boiças do monte. De que este ultimo facto é antiquissimo, temos uma prova muito curiosa. Nos mais antigos monumentos da nossa lingua, a palavra *pastor* (como outras palavras terminadas em *or* não tinha então feminino e applicava-se a ambos os sexos) a palavra *pastor* era synonymo de moço e de moça. Nos Cancioneiros do XIII e XIV seculos ha dezenas de exemplos d'este sentido dado á palavra. Em uma canção de Estevam da Guarda, este aconselha a um moço e mau poeta, que seja modesto: *em quanto fores tam pastor d'idade* — o sentido é perfeitamente claro. Em outra canção de Pero de Veer, por signal encantadora, uma rapariga abandonada pelo namorado, queixa-se dizendo:... *eu fiquei mui coitada pastor*, como quem dissesse, uma moça muito infeliz. O Livro Velho das Linhagens diz de um D. Fernam de Castro, *que foi o melhor pastor d'Espanha*, como hoje diriamos o melhor rapaz de Hespanha. Basta de exemplos [1], e pedimos desculpa d'esta digressão pelos dominios do velho portuguez; mas vinha de molde ao nosso argumento. Para que este sentido se desse figuradamente á palavra *pastor* era necessario que os verdadeiros pastores fossem habitualmente quasi creanças, como hoje são. E para que estivesse estabelecido no principio do XIII seculo era necessario que o habito fosse antigo, e viesse do principio da monarchia e de antes. Isto deixa-nos entrever, que em terras do Minho e Douro, e em terras de Galliza, o regimen do gado e o systema de cultura fosse desde bem remotos tempos muito similhante ao actual; rapazitos e rapariguitas guardavam os pequeninos rebanhos de uma pequenina cultura. Eu bem sei, que a natureza geologica do solo e o seu relevo, a distribuição das aguas e outras causas puramente physicas explicam em grande parte a extrema divisão da propriedade e da cultura, e, portanto, o regimen do gado, que de tal divisão depende; mas será licito attribuir uma pequena parte á influencia menor dos semitas, muito menos intensa ali por muito menos duradoura.

(1) Veja-se D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Randglossen zum alt-portugiesischen Liederbuch* I, 68; ao favor d'esta erudita escriptora devemos a indicação de tão curioso facto philologico.

Pelo contrario, n'estes nossos campos de Serpa, que foram terra de moiros durante quatro seculos e meio sem interrupção, aquella influencia ficou perfeitamente marcada.

CONDE DE FICALHO.

TRADIÇÃO DE UM OFFICIO

Convem fixar a tradição da antiga industria do barbeiro nacional, porque é um dos officios que teem passado por maiores transformações entre nós.

Ainda nas provincias se encontra, é certo, o typo primitivo d'essa profissão. Mas o progresso alterou-o profundamente nos principaes centros do paiz, e é de suppor que a evolução vá irradiando, ainda que lentamente, das cidades civilisadas para as mais remotas povoações montezinhas.

A loja do barbeiro, pequena e infecta, denunciava-se no exterior pela porta de vidros, pintada de verde, e pela bacia de latão em meia lua, emblema do officio. Muitas vezes o barbeiro não tinha loja, trabalhava ao ar livre, o que ainda hoje

não deixou de acontecer em certos arredores saloios de Lisboa, incluindo o Campo Grande, quando ali se realisa o mercado dos moços de lavoira. N'outras povoações, que ficam afastadas da egreja parochial, o barbeiro, se não reside na freguezia, chega ao domingo antes da «missa das almas», assenta arraial junto ao adro, e tange uma buzina para dar signal aos habitantes que desejem barbear-se para ir á missa, o que aliás é do estylo.

Na Povoa de Varzim, onde tem penetrado a civilisação do Porto, a symbolica bacia de latão, pendurada sobre a porta da loja, foi substituida por enormes tesoiras doiradas, abertas em X.

O barbeiro antigo não tinha as mais das vezes official, porque os seus escassos lucros lh'o não consentiam, mas tinha sempre um aprendiz, que fazia tirocinio ensaboando as faces dos freguezes, e cuidava da hypothetica limpesa da loja.

A operação de «ensaboar» requeria grande destresa de movimentos, que se não podia adquirir de um dia para o outro. A mão manobrava agil sobre a cara do padecente, sendo o dorso dos dedos que ia distribuindo a espuma n'uma fricção rapida, quasi sempre contundente.

O freguez, ajoujado dentro de uma toalha folhuda, muito recalcada no pescoço, soffria ainda o supplicio de uma semi-colleira de barro: era a bacia de louça branca, em forma de crescente musulmano, com ornatos azues.

No fôlho da toalha consistia o luxo unico admittido n'esta industria pela tradição; mas a mesma toalha servia para uma longa serie de dias e queixos, salvo o caso de apparecer na loja algum forasteiro graúdo, o que raras vezes acontecia.

O «panninho da barba», hoje substituido nas cidades pelo livrete de papel, que perde uma folha depois de servido cada freguez, ficava atravessado no hombro direito da victima á laia de dragona pendente sobre o omoplata.

Emquanto o aprendiz manobrava com o tradicional sabão amarello, gordo e pegajento, o mestre dando trella aos freguezes, porque não havia melhor soalheiro, passava a navalha sobre o assentador, que era ordinariamente um pau de piteira.

A mão calosa do rapaz, roliça de frieiras no inverno, punha de tal modo arrepiada a face do freguez, se não contundida, que bem pode ser que viesse d'ahi o chamar-se «ensaboadella» a qualquer reprimenda aspera, que deixa uma pessoa de cara á banda.

O que não padece duvida, porém, é que a palavra «barbeiro», na accepção de vento rijo e cortante, proveio da brutalidade com que o mestre-escama fazia a barba aos freguezes, não obstante o previo simulacro de assentar o fio á navalha e experimental-o golpeando a unha do dedo pollegar mais de uma vez.

Tambem ficou em uso a locução «fazer a barba» para significar que se deixou qualquer pessoa bem castigada.

Terminada a «ensaboadella» pelo aprendiz, preparava-se o mestre para entrar em funcções; e se não estava bem certo nos habitos do freguez, perguntava-lhe:

— Quer dedo ou noz?

Metter o dedo dentro da bocca do padecente era requisito indispensavel para dar-lhe relevo á face, de modo que a navalha podesse correr melhor, levando coiro e cabello.

Se, porém, ao padecente repugnava a unha negra do barbeiro, tinha de fugir de Scylla para ir naufragar em Charybdis, acceitando a noz, natural ou artificial, que devia conservar na bocca emquanto fosse barbeado.

Este simples facto revela ao mesmo tempo o atrazo de uma industria e da hygiene publica em Portugal; milhões de microbios, pneumococcus e quejandos, passariam de bôcca em bôcca transportados pelo dedo do barbeiro ou pela noz que o substituia.

Para se evitar o contagio que pode

transmittir-se pela navalha, não havia precaução nenhuma; e comtudo seria tão facil como barato desinfectal-a ao fogo.

O barbeiro, quando tinha a loja cheia de gente, o que ordinariamente acontecia aos sabbados á noite e aos domingos pela manhã, ainda mais abreviava o trabalho, deixando ás vezes varios gilvazes na cara do freguez.

Tambem acontecia perder a tramontana, com prejuizo dos queixos alheios, quando algum garotote lhe gritava á porta:

— O' mestre! tem obra feita?

Estas chalaças do rapazio a determinadas industrias foram desapparecendo lentamente, e estão quasi perdidas na tradição.

Não ha *gavroche* em Lisboa que se lembre agora de arreliar um carvoeiro perguntando-lhe:

— Já deu meio dia em S. Paulo?

O Figaro portuguez sempre teve veia politica, por isso os assumptos da governação publica são de preferencia discutidos nas suas lojas. Na provincia, o barbeiro contenta-se de tornear os negocios do estado, commentando-os; mas em Lisboa os barbeiros dos ministros teem a pretenção de fazer parte da engrenagem burocratica, e não são já poucos os que estão empregados em secretarias e repartições como continuos e serventes.

Tambem d'antes appareciam alguns barbeiros com veia poetica: o mais illustre d'esta especie foi o nosso Quita, de arcadica memoria.

Proseguindo afanosamente na tarefa, levando coiro e cabello, ou deixando o cabello e levando o coiro, como do seu barbeiro dizia Nicolau Tolentino, chegava o momento do mestre-escama proceder á ultima operação da barba: a lavagem da cara ao freguez, com o dorso dos dedos molhados em agua fria, na bacia de meia lua.

Vinha certamente do ceu essa ligeira ablução refrigerante, para acalmar o incendio das faces irritadas.

Nem borla de amido, nem irrigador de agua de Colonia, nem pedra de alúmen; tudo isso veio com o tempo, a pouco e pouco.

Havia um vocabulario de classe, por exemplo: *escamar um besugo* era fazer uma barba difficil.

Mas cada barbeiro tinha expressões propriamente suas, para se distinguir como bem fallante.

No Porto havia um, afreguesado com estudantes, que costumava perguntar:

— Deseja á contra?

Era um circumloquio para não dizer se queria escanhoado ao arrepio.

Durante seculos, e ainda hoje succede algumas vezes, o barbeiro accumulou com as funcções do seu officio as de cirurgião sangrador e de tira-dentes.

N'esta triplice qualidade era uma pessoa altamente cotada na parochia.

Trabalhada a cara, passava o nosso Figaro a operar na cabeça do freguez. Raspava-a com o «pente dos bichos», pente miudo, feito de chifre; raras vezes o padecente deixava de estremecer saccudido pelo violento raspão d'essa especie de almofaça.

Depois seguia-se o penteado. Os cosmeticos em uzo eram o oleo de macassar e a banha de cheiro, feita de sebo de carneiro e tutano de vacca, levemente aromatisada de espirito de lima e carminada pela cochonilha.

As caixinhas de cartão para conter a banha constituiam uma industria muito generalisada no paiz; os presos da Relação do Porto fabricavam todos os mezes grozas d'ellas.

Quando o freguez sahia, finalmente, das mãos do barbeiro, sentia-se alforriado de uma escravidão terrivel. Respirava a plenos pulmões, satisfeito. E esportulava um vintem ou trinta reis, se não estava contratado a seis vintens ao mez, na rasão de quatro barbas por semana.

Hoje o arsenal do barbeiro está completamente transformado nos grandes centros de população e já em algumas

villas mais importantes. Os dedos foram substituidos na ensaboadella pelo macio pincel, que depois de humedecido se embebe em pó de sabão. A' bacia de meia lua succedeu o lavatorio de marmore. A navalha é polida com esmeril e desinfectada com acido phenico. Os assentadores de correa, que substituiram o pau de piteira, teem sido quanto possivel aperfeiçoados no extrangeiro. Ha jornaes que os freguezes vão lendo emquanto esperam: o *Seculo* é de rigor. As lojas estão montadas com decencia; algumas com luxo. Abundam os grandes espelhos e candelabros e sobre a prateleira de mogno, corrida ao longo da parede, agglomeram-se os pentes de massa, marfim e tartaruga, as escôvas, os sabonetes, os cosmeticos e elixires. Não faltam penteadores e toalhas, algumas de renda. Ha ferro para frisar o bigode e brilhantina para o lustrar; machina para cortar o cabello; lampada de alcool e bico de gaz para aquecer a agua e o ferro. Tambem ha navalhas mecanicas, de origem americana, que substituem o barbeiro.

O proprio barbeiro deixou de chamar-se assim. E' cabelleireiro ou *coiffeur*. Mas ainda subsiste o costume de tratal-o por «mestre»: unico vestigio do passado que a evolução não apagou.

As barbas subiram de cotação — a 60 réis cada uma; foram subindo á medida que os fundos publicos desceram.

(Lisboa)

ALBERTO PIMENTEL.

A corrida da vacca das cordas em Ponte de Lima

(Conclusão)

A vereação de 1884 suspendeu e poz termo a essa velhissima usança; mas n'esse mesmo anno houve um particular que, *embirrando* com usos, costumes, leis e moças novas, obtida a previa licença camararia poz em scena publica, á sua custa, a mesmissima corrida.

E foi-se de uma vez tal espectaculo.

— Mas, pergunta toda a gente, qual foi a origem, quando iniciado e que significação tinha?

— *Hoc opus, hic labor est*. Não ha nenhuma memoria, não corre nenhuma tradição. Arriscamos, porém, uma opinião, que é só nossa.

Segundo a mythologia, *Io*, filha do rei *Iracho* e de *Ismene* — por formosa e meiga,— veio a ser requestada por *Jupiter*.

Juno, irmã e mulher d'este apaixonado pae dos deuses, que lia no coração e pensamentos do sublime adultero e velava sempre sobre tudo quanto elle meditava e fazia, resolvera perseguir e desfazer-se da comborça que lhe trazia a cabeça n'uma dobadoura. Elle, para salvar da vigilancia de *Juno* a sua apaixonada, metamorfoseou-se em vacca:— mas aquella mandou do ceu á terra um moscardo ou tavão, incumbido de afferroar incessantemente a infeliz *Io*, feita vacca e de forçal-a a não ter quietação e vaguear por toda a parte,— o que tudo lhe arrancara rios de lagrymas, rios que, reunidos, formavam o Nilo, segundo as lendas devotas dos egypcios, Nilo que por estes era chamado mar *(ianmâ, iôm)*, segundo *G. Maspero*, Cap. I, «Hist. anc. des peuples de l'Orient».

Io, assim perseguida e em tão desesperada situação, atravessou o Mediterraneo e penetrou no Egypto: ahi, restituida por *Jupiter* á forma natural e primitiva, houve d'este um filho, *Epajelio* e, seguidamente, o privilegio da immortalidade e *Osiris* por marido, que veio a ter adoração sob o nome de *Spis*.

Os egypcios levantaram altares a *Io* debaixo do nome de *Isis* (*) e sacrifica-

(*) *Isis* e *Osiris* foram duas divindades pertencentes ao grupo dos deuses votados á protecção dos mortos, junctamente com os deuses *Sokari*, *Anubis* e *Nephtys*, todos tres venerados como deuses dos elementos (segundo grupo), os deuses dos lares (3.º grupo). *G. Maspero*. cap. I. f. 26.

vam-lhe um pato por intermedio de seus sacerdotes e sacerdotisas: e parece natural que, não desprezando o facto da metamorfose, exhibissem nas solemnidades da sua predilecta divindade, como seu symbolo, *uma vacca* aguilhoada e errante, *corrida*.

Afigura-se-nos que sim e, portanto, que a *corrida da vacca*, especialmente quanto á primeira parte, as tres voltas em roda da Egreja Matriz de Ponte de Lima, seria uma reliquia dos uzos da religião egypcia,—como o *boi bento*, na procissão de *Corpus Christi*, é considerado symbolo do Deus *Osiris* ou *Apis* (o boi *Hapi de Memphis*, «Osiris idem qui Apis», Luc. l. q. v. 160». Essa religião, foi, por sem duvida, com todos os seus symbolos introduzida na peninsula hispanica pelos phenicios, acceita pelos romanos que a dominaram, seguida pelos suevos («Pars Guevorum et Isidi sacrificat», Tacit, de Germ. c. 9), e pelos christãos tolerada em alguns usos, para não encontrarem em absoluto as enraizadas crenças e costumes populares.

E que essa *Io* ou *Isis*, a vacca de *Jupiter*, a deusa da fecundidade, teve culto especial precisamente na região Callaico-Braccaria, na area de Entre Douro e Minho, no *Convento Bracarangustano*, ou Relação Juridica dos Bracarangustanos (por os particulares de Braga), de que era uma pequenissima dependencia administrativo-judicial o districto dos *liuricos* e que a mesma deusa teve dentro dos muros de Braga um sitio proximo da Sé, prova-o o cippo encravado na face externa dos fundos d'aquelle vetusto e venerando edificio,—cippo que abaixo transcrevemos *inteirado* conforme a interpretação que em parte nos ensinou e em parte nos approvou o eruditissimo professor Dr. Pereira Caldas:

ISIDI • AVG/ustae/ SACRVM
LVCRETIA FIDA SACERD/os/ PERP/etua/ P/opuli/
ROM/ani/ ET • AVG/usti/
CONVENTVVS BRACARANG/ustanorum/ D/ic/

INTERPRETAÇÃO

Sendo Lucrecia Fida sacerdotiza perpetua do Povo Romano e de Augusto, o Convento dos bracarangustanos dedica a Isis Augusta, ou á deusa Isis este monumento sagrado.

ou

Lucrecia Fida, sacerdotiza perpetua do Povo Romano e de Augusto, e o convento dos bracarangustanos dedicam a Isis Augusta, ou á deusa Isis este monumento sagrado.

A pontuação é representada por *coracões*,—uzo nas inscripções sagradas. O G grande final de *Bracarang* representa plural.

(Cap. XXV, posthumo, do livro «*Ponte de Lima*».)

MIGUEL DE LEMOS.

O IMPERADOR DE EIRAS

Eiras é uma pequena povoação situada a uma legua de distancia, ao norte da cidade de Coimbra.

Quando a peste, ha não sei quantos seculos, invadiu esta ultima, onde fez centenas de victimas, Eiras, na pessoa dos seus habitantes, tudo boa gente, muito cheia de crença, vendo as barbas do vizinho a arder, começou desde logo, com o seu parocho á frente, a implorar o auxilio celeste.

Foi remedio santo.

Como, porém, aquellas preces fervorosas e instantes dos bons dos eirenses fossem por elles dirigidas principalmente, se não exclusivamente, ao Espirito Santo, coube á divina pomba por isso mesmo attendel-as, e o caso é que a peste não entrou no logar, que então era villa e tinha honras de concelho.

De semelhante successo, de tantissimo bem, que colheram de seus rogos ao Espirito Santo, resolveram os eirenses, por voto sagrado, que logo fizeram, eleger todos os annos de entre os seus numerosos patricios um homem dos melhores em todo o sentido, com o qual, tributando-lhe as offertas dos seus fru-

CANCIONEIRO MUSICAL

X

A'S JANEIRAS (*)

(CANTICO)

(*) Vid. o artigo *Natal, Anno Bom e Reis*, a pag. 7 e 8.

ctos e dando-lhe ainda o cognome de «imperador de Eiras», isto é, arvorando-o em juiz, festejassem a divina pomba nos dias de Paschoa, Resurreição e Pentecostes.

Tres dias de pandega!

A eleição do imperador, cousa tão importante em Eiras, como n'uma republica a eleição do respectivo presidente, era feita pela camara do concelho, a qual lhe entregava n'essa mesma occasião vinte e seis mil réis em dinheiro, cincoenta alqueires de trigo e oito almudes de vinho.

Feito isto, que dá bem a barateza de tal imperador, apezar de n'esse tempo vinte e seis mil réis serem quasi uma fortuna, ia sua magestade, acompanhado da camara, da nobreza da villa, de dois pagens e dois creados, tudo precedido de uma bandeira de damasco encarnado e de muito povinho, tomar posse do seu cargo importante na primeira oitava do Espirito Santo.

A posse era-lhe dada pelo parocho e tinha logar na egreja matriz.

Muito interessante!

O padre, aparamentado e assistido do juiz da egreja, o qual comparecia de cruz alçada e entre duas tochas, esperava o imperador respeitosamente no arco da capella-mór.

Era o preludio da grande cerimonia.

Sua magestade entrava por alli dentro com toda a imponencia de que podia arrogar-se, e logo ajoelhava onde o esperava o representante da egreja, aos pés d'este mesmo.

Toda a comitiva ajoelhava tambem.

Acto continuo, o sacerdote, o parocho, punha na cabeça do imperador, sobre um casquete vermelho, a corôa de prata, que ao imperador pertencia e a qual um dos pagens ministrava ao padre, que, ao pôl-a no toutiço do homem, exclamava com solemnidade:

— Eu vos constituo imperador de Eiras.

Dava-se então uma scena alguma cousa parecida com aquella da *Grã-Duqueza de Gerolstein,* em que esta diz isto a Fritz:

> Acceita o sabre de meu pae!
> Heroes aos mil prostrou... venceu!
> D'um bravo ao lado eu sei que vae
> Se a guerra for ao lado teu!
> Cobre-o poeira que não sae,
> Antigo brilho já perdeu;
> Mas quem te dá o que ahi vae
> Já foi assim que o recebeu!

O imperador recebia, pois, em tal momento, e ainda das mãos do seu parocho, um sabre antiquissimo, velhissimo, um estafermo de um terçado ferrugento, que logo beijava e passava em seguida a um dos dois pagens, como ainda na opera burlesca da *carta adorada*, passa o general o chanfalho a Wanda.

Com o mesmo acompanhamento, que ao templo o levava, agora augmentado pelo parocho e juiz da egreja, que, com a cruz alçada e mais as duas tochas, se encorporavam n'aquelle cortejo, dirigia-se então o imperador á capella do Santo Christo da localidade, onde ajoelhava para o parocho lhe tirar a corôa e casquete, e assim começava magestosamente a percorrer as ruas do seu estado.

Cumprida esta formalidade tão reinadia como todas as outras, saltava a magestade mais toda a sua gente, todo aquelle cortejo, cada qual para cima de um solipede, ajaezado com mais ou menos luxo, e elles lá iam em luzida cavalgata, com a sua bandeira á frente e musica na rectaguarda, a caminho do convento de Cellas.

Cellas é um outro logar mais pequeno que Eiras e que tomou o seu nome de esse mesmo convento, mosteiro de emparedadas, encelladas ou recluzas, que a infanta D. Sancha, filha do rei povoador, alli edificou.

O imperador da villa de Eiras mais a sua comitiva, que não era pequena, mormente se contarmos com os solipedes, entravam na egreja do referido mosteiro ao som do repique dos sinos.

Era dia grande.

E feita por todos a respectiva oração em frente do altar-mór, tinha logar um *Te-Deum* celebrado com pompa, ao qual se seguia uma nova coroação de sua magestade imperial pelo obezo capellão do convento e parece que em homenagem ás sorores.

Terminada mais esta cerimonia ia o homem de corôa na cabeça e todo solemne na importancia da sua jerarchia, sentar-se junto ás grades do coro, onde tinha de cumprir ainda mais uma praxe, qual era a de conversar com a abbadessa e as outras freiras.

Que conversariam?

Farto de dar á lingua ou não, mas no grave cumprimento de mais outra usança, recolhia-se em seguida o bom do imperador á casa da hospedaria monastica a fim de descansar e tomar alguns refrescos ou vinhos, offerta da madre abbadessa, que tambem o mimoseava com

> Doces, gratuitas tijellas
> do famozo *manjar branco*,

como diz Nicolau Tolentino, elogiando o celebrado *manjar*, que era a especialidade de doçaria do mosteiro.

A abbadessa e as freiras, pedindo então a corôa a sua magestade, a qual corôa consideravam milagroza, entretinham-se a beijocal-a, uma agora outra logo, cada qual por sua vez e todas com uncção, emquanto, por seu lado, o possuidor de tal joia se entretinha a comer e a beber, acto final da sua visita ao convento.

De Cellas seguia tudo, tambem de cavalgata, a caminho de Santo Antonio dos Olivaes.

N'este outro logar, que é um dos arrabaldes mais bellos de Coimbra e em cuja capella do Espirito Santo era parte obrigada penetrar o imperador com todos que o seguiam, continuavam as festas com grande arraial, corridas de eguas, luctas de homens e um lauto banquete por fim.

Um pagode imperial!

Como, porém, com o rodar dos tempos, principalmente com a entrada de este seculo, surgisse má quadra para as frontes coroadas, o bom do imperador, que *in illo tempore* só homenagens recebia de toda aquella gente, começou a ser alvo das maiores zombarias por parte dos garotos e dos espiritos fortes, duros como massa de patacos, voltaireanos, trocistas, incredulos.

Uns lhe atavam ao rabicho da cabelleira um cordel, uma guita, um fio, que puxado lhe atirava por terra com aquella belleza da cabelleira postiça, casquete vermelho e corôa milagrosa, ficando de tal arte á mostra a mais imperial careca, outros o apertavam de maneira differente, atirando-lhe dichotes e fazendo-o ir á serra.

Tão grandes desacatos a uma magestade e um raio de boa luz, que este seculo das ditas dardejou no bestunto dos simples eirenses, acabaram com tal tradição... e era uma vez um imperador, que fez as delicias da villa de Eiras.

(Coimbra) ALFREDO DE PRATT.

THERAPEUTICA MYSTICA

A PESTE

O recente apparecimento da peste na cidade do Porto, que tão profundamente tem emocionado os espiritos, trazendo ao mesmo tempo graves perturbações economicas, principalmente ás provincias do norte, veiu provar-nos a toda a luz dos factos o enorme pavor que ainda hoje domina as populações em presença do *terrivel contagio*.

A peste constitue com a fome e a guerra a trilogia sinistra d'horriveis flagellos que, segundo a crença popular, caem sobre os homens como castigos de Deus. Ora, sendo a peste considerada

d'origem divina, nada é para surprehender que o povo, em horas afflictivas, invoque cheio de fé os santos advogados da mencionada enfermidade.

Nesta região, são tutelares dos infelizes pestiferos: S. Roque e S. Sebastião. Para as imagens destes santos convergem, pois, as instantes supplicas dos devotos.

A palavra *peste* não é adoptada na linguagem popular unicamente para designar a molestia perigosa conhecida pelo nome de *peste bubonica*. *Peste* é um termo que o vulgo applica a qualquer epidemia exotica, como o cholera morbus, a febre amarella, etc.

Numa povoação, quando em qualquer bairro, rua ou mesmo casa, se manifesta uma doença grave, costuma o povo dizer: «Parece que foi ramo de peste que aqui entrou, ou que por aqui passou». Sempre que uma pessoa passa junto dum local donde emanam gazes mefiticos, aos labios dessa pessoa acode immediatamente a frase: «Isto é uma peste, ou é capaz de gerar peste». Quando atravez duma porta aberta se sente passar um ar frio e incommodo, tambem se diz que «é uma peste».

Emfim, *peste* serve ainda para designar uma pessoa fraca e enferma, ou de ruins qualidades; bem como qualquer fructo mal saboroso ou amargo.

*

* *

Vejâmos agora quaes as orações a que o publico ingenuo e crente costuma recorrer, para se livrar da horrorosa peste.

I

Oração a Santa Martha

«Em louvor do Santissimo Sacramento, estas palavras vou lomear—p'ró contagio aplacar. Eu sou Martha que a Deus hoje pedi. Quem confiar em mim, não morrerá de *córrela-mór* (cholera-morbus) (1) nem d'epidemia.»

Esta oração deve ser proferida todos os dias ao levantar, e, escrita num papel, colloca-se interiormente, por cima do arco da porta da rua, porque diz o povo: «E' pela porta que entra a peste.»

II

«S. Roque de Deus amado,—Virgem-Mãe da Guadalupe, lá fóra,—e S. Pedro mais desviado;—Martyr S. Sebastião, que fica entre vinhas e olivaes,—e Mãe da Saude, que ao pé dos franciscanos ficaes.» (2)

Esta oração, ou melhor, invocação, deve tambem dizer-se todos os dias ao levantar, accrescentando-se-lhe cinco Padre-Nossos offerecidos a S. Roque e ao Martyr S. Sebastião.

Digâmos ainda, para terminar, que outr'ora, quando a população se via sob a ameaça ou a braços com um sério contagio, havia o costume d'accender nas ruas, grandes fogueiras d'alecrim e outras hervas cheirosas, fazendo-se tambem transitar pelo interior da povoação o gado vaccum.

Este systema de desinfecção publica, em verdade bem pittoresco e alegre, é conservado apenas na memoria do povo, porque na pratica deixou ha muito de existir.

(Serpa) LADISLAU PIÇARRA.

---

(1) O povo toma a palavra *córrela-mór* como synonymo de peste.

(2) As ermidas de S. Roque, Senhora da Guadalupe, de S. Pedro, de S. Sebastião e da Senhora da Saude, acham-se todas situadas fóra da villa de Serpa, embora a pequena distancia, á excepção da ermida de S. Roque que actualmente já está ligada á povoação. A ermida da Senhora da Saude encontra-se dentro do cemiterio da villa, muito proximo das ruinas dum convento pertencente em tempos idos aos frades franciscanos.

LENDAS & ROMANCES

(Recolhidos da tradição oral na provincia do Alemtejo)

V

Gerinaldo

(2.ª variante do romance n.º III)

—Gerinaldo, Gerinaldo,
Pagem de el-rei mais querido,
Bem podias, Gerinaldo,
Dormir 'ma noite comigo.
—Se eu sou vosso vil criado,
Senhora, não zombeis comigo.
—Não é zombar, Gerinaldo,
E' deveras que t'o digo.
—Dizei-me vós, ó Senhora,
A que horas q'reis que vá.
—Entre as dez, e entre as onze,
Quando meu pae está dormindo.—
Foi-se d'ali Gerinaldo,
Dando mil ais e suspiros.
—Cala, cala, Gerinaldo,
Entra por este postigo—.
Toda a noite têm brincado,
P'la manhã se ham dormido;
Brada el-rei por Gerinaldo,
E elle não lhe ha acudido;
Vae ao quarto da infanta
Com ella o achou dormindo,
Voltados um para o outro,
Como mulher com o marido;
Puxou pelo seu punhal,
Que á cinta o ha trazido:
Os copos para a infanta
E o bico para Gerinaldo.
Gerinaldo deu uma volta,
Logo se sentiu ferido.
—Acordae, ó bella infanta,
Que já fomos presentidos!
O punhal do vosso pae
Entre nós está mettido.
—Cala, cala Gerinaldo,
Cala, não sejas sentido,
Que meu pae é generoso,
E me ha de casar comtigo—.
Foi á presença de el-rei
Dando mil ais e suspiros.
—D'onde vindes, Gerinaldo,
Que assim vindes esclarecido?
Que é das tuas côres de rosa,
Com quem as tens perdido?
Em dormires com a infanta,
Como mulher com o marido?
—E' verdade, ó bello rei,
Grande castigo mereço.
—Como queres que te castigue,
Se eu te criei de menino?
Toma a ella por mulher,
E ella a ti por marido.
—Mil annos viva, meu rei,
Sempre no vosso reinado;
Quem serve a tão bom amo,
Sempre recebe bom pago.

(Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

O S. JOÃO EM SERPA

(Conclusão)

De caracter economico, temos a registrar duas experiencias: uma que se effeitúa por meio da *fava* e outra cuja base é *pão* e *agoa*.

Depositam-se, ao deitar, debaixo do travesseiro trés sementes da referida leguminosa, sendo uma vestida de toda a epiderme, outra meio vestida, e completamente núa a restante. Após o primeiro somno, retira-se a esmo uma das sementes: A' pessoa, homem ou mulher, que fez a experiencia fica desde então prognosticado—vestir bem, vestir mal, ou chegar á extrema pobreza da nudez, consoante houver sido, na ordem por que as mencionámos, a primeira, segunda ou terceira semente, aquella que veio á mão.

Um copo d'agoa e mais um pão e uma metade foram postos d'antemão sobre uma mesa. Trés raparigas, de olhos vendados, são conduzidas até junto do movel; e rapidamente, cada uma d'ellas procura apossar-se de seu objecto. Viverá sempre na abundancia aquella que pegou no pão inteiro; a que tomou a metade, ora sim ora não, terá com que alimentar-se; e á desventurada moça que o copo d'agoa alcançou, tão só miseria e lagrimas o destino lhe impõe.

Com uma *bacia d'agoa* muito limpida, alumiada pelo clarão da fogueira d'alecrim, se executa a mais trivial e popular de todas as experimentações, qual é a de vida ou morte proxima.

Pessoas *animosas*, a quem o conhecimento dos successos futuros não preoccupa nem intimída, se assomam credulas (cada uma por seu turno) á virtuosa bacia: Aquellas cuja imagem o espelho da agoa reflecte ficam seguras de não falle-

cer durante o anno que decorre; as outras teem morte certa, dentro de curto lapso de tempo.

No intuito de saber quaes os mezes de chuvas, usa o povo deixar ao relento doze montanitos de sal, em fórma de pyramide, correspondentes aos doze mezes do anno. Os montanitos que, de manhã, se apresentam achatados, rasos, o sal quasi desfeito, indicam os mezes em que deve cahir a agoa pluvial.

E temos dito, a respeito de experiencias.

***

Na tradição popular, o santo de que nos occupâmos é advogado contra numerosas enfermidades; e d'ahi o emprego d'alguns remedios, e a manipulação d'outros, já na vespera já no dia em que se commemora o Precursor.

A sangria, geralmente aberta no dorso da mão esquerda, é adoptada aqui, entre a classe camponeza, por velhos e novos de ambos os sexos. Os barbeiros-sangradores da localidade vêem-se abarbados para attender, n'uma mesma noite, os seus duzentos a trezentos freguezes annuaes, que lhes pedem extracção de sangue, na razão de duas onças por individuo.

Estas sangrias, que na imaginação popular «fazem crear sangue novo» (sic), são usadas, umas vezes, como simples medida prophylatica, e outras vezes como meio therapeutico nas doenças de olhos, figado [1], pelle e cabeça; nas cargas de sangue (fluxões), anginas, impaludismo chronico, etc., etc.

E' preparado um balsamo para a cura de feridas, no qual entram como elementos a flôr da *herva de S. João* [2], azeite crú, mel e *balsaminas.* E mais se prepara um milagroso xarope, composto de *cardasol* em pó, mel e canella, que a gente do povo costuma empregar nas affecções do peito.

Uma porção d'agoa proveniente de sete poços, e por egual o cosimento de restolho de trigo, servem para combater inflammações d'olhos.

Para tratamento de figado, crê-se remedio efficaz beber agua fresquinha, trazida para casa antes do sol nado. Ainda para o mesmo mal, ha quem aconselhe lançar para dentro d'um poço, á meia-noite, cinco sementes de fava...

A junça, colhida e recolhida pela festividade do Santo, faz subitamente desapparecer as dores de cabeça, desde que uma haste da planta seja passada em redor d'aquella parte do corpo.

Eis quanto nos consta ácerca de medicamentos e medicamentações.

Agora, como remate d'este ligeiro artigo, escripto muito ao correr da penna, ahi vão dois proverbios e um punhado mais de praticas e crenças populares relativas ao assumpto:

—«Agoa no mez de S. João tira vinho, azeite, e não dá pão.»

—«Guarda pão para Março, lenha para Abril, algum cavaquinho p'ró mez que hade vir, e um tição p'ró mez de S. João.»

Em noite de S. João:

—Afim de afugentar as pulgas de qualquer casa, um grupo de raparigas empunhando foices, e ás escuras, fazem menção de segar, dentro da casa onde os insectos abundam, cantando em altas vozes as cantigas do Baptista.

—A agoa salobre torna-se doce misturando-se-lhe trés mãochinhas de sál.

—Quando uma roseira está longo tempo sem florescer, dá-se-lhe uma sóva com uma vara muito flexivel. A florescencia, depois, vem como por encanto.

—Rapariga que ambicione avigorar e alongar o cabello, corta-lhe as extremidades e lança-as na fogueira, proferindo as seguintes palavras: «Em louvor do Senhor S. João, que o meu cabello

---

[1] O povo chama *figado* ás blepharites ciliares, e a certas doenças de pelle, taes como: eczêmas, erythêmas, etc., etc.

[2] A *herva de S João*, a que tambem se dá o nome de *milfurada*, é o *Hypericum perfuratum* de L. Esta planta, bem como algumas outras do modesto herbario regional que vimos organisando, foi-nos obsequiosamente classificada pelo eminente escriptor e sabio lente cathedratico da Escola Polytechnica de Lisboa, o Senhor Conde de Ficalho.

cresça e engrosse e chegue até ao chão».

—Nos cravos de côr lisa, obtem-se o matiz verde enxertando em couves os respectivos craveiros.

«No dia de S. João nasce o sol balhando.»—

M. DIAS NUNES.

CONTOS ALGARVIOS

II

O principe-diabo

Havia um rei que maltratava a rainha por ella não lhe dar um filho. Em certo dia, viu-se a rainha tão offendida das injurias do rei, que exclamou do fundo da sua alma:

— Quem me dera um filho, ainda que fosse o proprio diabo!

Appareceu-lhe momentos depois um cavalleiro e disse:

— Se queres um filho, tira do teu braço tres pingas de sangue, e com o sangue, em vez de tinta, assigna o teu nome n'este papel.

A rainha sob a impressão das injurias do marido, feriu o braço com um alfinete, e nas tres pingas de sangue molhou a ponta do alfinete, com o qual escreveu o seu nome num papel que o cavalleiro lhe apresentou. Em seguida o cavalleiro guardou o papel e desappareceu.

Mezes depois sentiu-se a rainha pejada e deu, em tempo competente, á luz um principe. Houve por esse facto grandes festas.

Manifestou-se a creança desde a hora do seu nascimento muito má. Chorava constantemente, e a sua maior satisfação consistia em cortar com as pequeninas gingivas os bicos dos peitos das amas. Quando já crescido, todos o temiam. Vendo o rei que toda a corte fugia do principe e que todo o reino murmurava d'elle, desejou consagral o por um acto publico á Mãe de Deus. Desde que o principe foi informado da resolução do rei, accentuaram-se mais e mais os seus actos rancorosos e maus.

A rainha consumia-se de desgosto, mas não se atrevia a contar ao rei, o encontro que tivera com o cavalleiro desconhecido. Em um dia que o principe fez verdadeiras diabruras, chamou-o a rainha e disse-lhe:

— E's um desgraçado, meu filho; vendi tua alma ao diabo por um documento que elle conserva em seu poder.

Ora o principe, depois das costumadas diabruras, parecia entrar nuns momentos de arrependimento; era talvez o seu principio bom contra o mau principio. Ouviu as palavras de sua mãe e disse:

— Vou ao inferno buscar esse documento. Montou num cavallo e desappareceu. Andou, andou e foi descançar no meio de uma campina. Ali appareceu-lhe uma velhinha, que lhe perguntou amavelmente aonde ia.

O principe contou-lhe a historia que sua mãi lhe contara e concluiu por dizer que se dirigia ao inferno.

— Má caminhada! se seguir, porém, o meu conselho pode ir e voltar — observou a velhinha.

— O que devo fazer?

— O menino segue esta estrada que o leva a uma ribeira, onde, em vez de agua, corre sangue. Apêa-se do cavallo, ajoelha e pede a Deus o perdão dos seus peccados, por forma que as suas lagrimas se vão confundir com o sangue da ribeira. Em seguida atravessa a ribeira. Mais adiante encontrará outra ribeira por onde corre leite: faça o mesmo que fez junto da ribeira de sangue. Logo mais adiante encontrará outra de agua pura, e faça o que fez junto da primeira e da segunda. Caminhe sempre montado no seu cavallo e chegará a uma grande porta aberta; entre e peça a Satanaz o seu documento. Elle não lh'o pode entregar porque o perdeu, mas mande reunir todos os diabos e apparecer-lhe-á um diabo côxo, que tem o tal documento nos bolsos. Aproxime-se d'elle e faça-lhe uma cruz nas costas. Elle cairá immediata-

mente, e tire-lhe o documento. Então saia immediatamente.

O principe agradeceu o conselho e partiu montado no seu cavallo. Tudo lhe succedeu como a velhinha lhe tinha dito. Logo que entrou no inferno appareceu-lhe Satanaz.

— Venho buscar o documento que minha mãi assignou com as tres pingas de sangue e tu guardaste—disse o principe.

— Perdi-o.

— Alguem o achou. Chama os teus subditos.

Satanaz embocou uma trombeta que produziu o som de trovão, e todos os diabos appareceram num momento.

— Quem tem o documento assignado pela rainha? — perguntou Satanaz.

— Eu, — respondeu o diabo côxo.

— Entrega-o a este mancebo.

— Não o entrego — replicou o diabo côxo.

O principe fez-lhe uma cruz nas costas, o côxo caiu, e o principe tirou-lhe o documento.

Estabeleceu-se logo um grande barulho no inferno, mas nenhum diabo se atrevia a lançar as unhas ao principe, cujo fato ainda conservava algumas pingas de sangue, leite e agua das ribeiras, que tinha atravessado. No meio d'este barulho ouviu-se a voz de Satanaz, que gritava:

— Fechem a porta, porque as almas vão-se escapando.

Já a este tempo o principe estava fóra do inferno, e viu elle adiante de si uns trapinhos muito velhos que ligeiramente se moviam.

Mais adiante encontrou o principe a mesma velhinha que lavava na ribeira de agua pura os trapinhos sujos. A' proporção que eram lavados, subiam ao ceu e desappareciam.

— Que trapinhos são aquelles, que depois de lavados, sobem ao ceu, minha boa velhinha?

— São as alminhas que se poderam escapar do inferno, quando os diabos queriam arrancar-te o documento.

— E o que significam as tres ribeiras, que atravessei á vinda e agora terei de passar?

— O sangue da ribeira representa o sangue que o Salvador derramou pelos nossos peccados; o leite significa o que a Virgem deu de mamar ao seu Bemdito Filho; e a agua pura as lagrimas da Virgem junto da cruz.

A velhinha desappareceu e o principe foi dar ao seu palacio, onde o rei e a rainha já o não esperavam. Então o principe entregou o documento á rainha. Esta queimou-o immediatamente. Logo que o vento espalhou as cinzas do documento, olhou a rainha para o braço, e já não viu a cicatriz das tres pingas de sangue. Tinham desapparecido com as cinzas do documento maldito.

D'ahi em diante foi o principe um modelo de todas as virtudes e tornou-se um homem amado de todos os seus subditos. Casou e foi muito feliz.

Bemdito e louvado
Meu conto celebrado.

(Da tradição oral)

(Loulé.)

Athaide d'OLIVEIRA.

PROVERBIOS E DICTOS

(Continuação)

LXVI

Dia de S. Lourenço—vae á vinha e enche o lenço.

LXVII

Agoa quente adivinha outra.

LXVIII

Agosto amadura, Setembro derruba.

LXIX

Até ás Neves, que é a 5 d'Agosto.

(Da tradição oral).

(Continúa)

Serpa.

CASTOR.

BIBLIOTHECA D'«A TRADIÇAO»

Publicação bi-annual, em volumes de 150 a 200 pag.

VOLUME I (a entrar no prélo):

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO-ALEMTEJO

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME II:

JOGOS POPULARES

POR

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME III:

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

POR

ANTONIO ALEXANDRINO

Prefaciados por

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME IV:

O AUTO DO PRESEPIO E A DEGOLLAÇÃO DO BAPTISTA

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME V:

SYLVA DE XÁCARAS

POR

A. THOMAZ PIRES

Anno I — N.º 11 SERPA, Novembro de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

Collaboradores artisticos: — F. VILLAS-BOAS e J. V. PESSOA

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I — N.º 11 SERPA, Novembro de 1899 **Série I**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typographia de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

ESTATINGA ESTANTIGA?

Já viram *Wuotans Heer? das wütende Heer? o exercito bravio,* na forma attenuada em que a velha concepção da mythologia germanica, meio dissolvida, e com infiltração de pormenores estranhos, persiste na peninsula?

O cortejo lugubremente phantastico desfila sempre a horas mortas, nas trevas e no silencio da noite, emquanto os sinos vão repetindo monotonos as doze badaladas.

Ou então nas horas crepusculares, ao *toque d'almas (ás Trindades* ou *Ave-Marias),* quando os môchos começam a piar e o morcego atravessa os ares, adejando em torno de ermidas solitarias e torres de egreja. Não só no adro, nos cemiterios, mas tambem em olivedos e pinheiraes, nos montes e nas eiras dos lavradores é onde surge com mais freqüencia.

Sitios ha por onde passa cada noite, mas estes são raros e depressa se tornam deshabitados. Em outras partes sobrevém regularmente na solemne vigilia de todos os finados [1] quando — *mundo patente* — os *manes* voltam á terra. Mas em geral a apparição é completamente imprevista.

Compõe-se de vultos muito altos e muito magros, vestidos de branco, — verdadeiras *avejãs* [2] ou *abantesmas*, — entre os quaes de longe em longe se destacam uns vultos pequeninos e vacillantes.

Ora são sete, ora nove, mas por via de regra infinitos: uma turbamulta de phantasmas vaporosos que deslizam, mal tocando no chão.

Todos seguram, nas mãos que ninguem lhes avista, luzes acesas: tochas, brandões ou candeias. Algumas vezes a illuminação é de ossos ardentes.

Quem os podesse mirar de perto reconheceria que nada teem de corporeos, sendo meras sombras.

A Morte, em forma de esqueleto, capitaneia (nem sempre), essas hostes silenciosas: os *muitos* — *οἱ πλείονες*, [3] como diziam os Gregos, discretamente.

Entre os defuntos vae sempre um vivo. Isto é a imagem, a visão, *a estatua*, *εἴδωλον*, de uma pessoa ainda não fallecida, mas já sentenciada a morrer, comquanto o sinistro agouro em certos casos se realize tarde. O termo mais prolongado é de sete annos.

Os que marcham á frente, levam a figura do condemnado n'um esquife.

Pouquissimos são os que chegam a distinguir-lhe as feições. Segundo uns, só as lubriga quem os mortos querem que as veja. Segundo outros, esse privilegio pertence a pessoas predestinadas, «que teem uma palavra de menos no baptismo» *(sic.)*

Ai de quem encontrar o funebre prestito no seu caminho, ou o vir passar deante da sua janella! Ha quem affirme que o aspecto por si só é prenuncio de fim, ou mesmo acarreta morte instantanea. «São os mortos que o chamam.» No entender de outros, para que o prognostico

se realize é preciso que se extinga uma das luzes, ou que os da procisssão batam á porta da pessoa que querem avisar.

Cada um sabe como cumpre proceder ao encontrarmos uma pobre alma, perdida e penada, que anda *só e senheira*. [4] Embora ella se introduza na nossa casa pelos sotãos e se apresente nas formas mais assustadoras, arrastando grilhões e arremessando pela chaminé pernas, braços e caveiras de corpos humanos, basta encararmos afoitamente esse *Medo*, e perguntar-lhe, vencendo o nosso tremor: «Da parte de Deus te requeiro, digas o que queres, porque far-se-ha, se poder ser.» Ou então: «Da parte de Deus e da Virge-Maria, se és alma do outro mundo, dize o que queres.»

Mas em frente dos *muitos*, este meio não é valido. Os mortos são sagrados. E' preciso acatá-los com muito respeito. Senão elles vingam-se. Não é prudente dirigir-lhes àlguma palavra [5], nem mesmo respondendo a qualquer das suas perguntas. Antes, virar costas e deixar passar, sem olhar para tras, cedendo á nossa natural curiosidade. De resto, é muito raro fallarem ou cantarem. Só se alguem, sem querer, de distrahido ou illudido, se juntar á procissão, entrando na egreja ou no campo-santo onde celebram os seus officios. Porque então levantar-se-ha do meio d'elles uma voz, gritando (como o *ogre* do conto :) «aqui cheira a folego vivo.»

Ignoro qual a penitencia que n'essa conjunctura se impõe ao incauto, visto que a innocente a que tal aventura aconteceu, se salvou por ter ajoelhado, rezando, ao pé da campa de sua madrinha. Um unico espectador ouviu — não sei se bem ou mal — os phantasmas psalmodiarem uns versos sem poesia, improprios da triste e sobrenatural companha. [6]

Mais natural seria se lhes pertencessem algumas rimas que é praxe recitar quando se quer *metter medo* a alguem:

> Quando eramos vivos
> andavamos pelos caminhos.
> Agora que somos mortos
> andamos pelos barrocos... [7].

Ou outras semelhantes.

Na bella Galliza, famosa pela paixão e pela arte com que as suas filhas cultivam a musica e a dança, os mortos formam rondas e enfileiram-se nas choreias nocturnas das *bruxas, meigas, lurpias e chuchonas*. Pela companhia, suspeito não serem mortos, mas antes *mortas*, essas aereas bailadeiras.

Em terrenos pantanosos (os *barrocos* e *baiôcos* de que falla a cantiga,) assim como em carreiros muito estreitos e sombrios que nunca seccam, vincados pelos profundos e encharcados cortes das rodas pesadonhas do patriarcal carro de bois, em vez de vultos divisam-se muitas luzinhas que correm e saltam n'um rodopiar doido de fogueirinhas, fogachos ou candeinhas.

E' quanto sei. — Mas não! ainda ha mais. Quem passar o verão no campo pode mesmo de dia presenciar espectaculos parecidos, está claro que muito menos phantasticos e aterradores.

Empinando o sol, nas horas abertas, quando o grande Pan está a dormir, levanta-se ás vezes inopinadamente — de preferencia nas encruzilhadas — um forte redemoinho de vento: *balborinho, borborinho, berbrinho, besbrinho*. N'esse caso, benzendo-nos, e depois de uma devota e benefica conjuração: *Santo Nome de Jesus! Credo! Abrenuncio! Vae-te para quem te comeu as leiras!* devemos seguil-o com a vista, observando onde as palhinhas e folhas acarretadas pelo vento forem cahir, na certeza que é lá que se cometteu qualquer maleficio agrario, que incumbe sanar, — está bem visto em caso que resolvamos remir a alma atormentada do malfeitor que assim nos falla e impiora. [8]

Ainda não ouvi contar que a Morte e o seu exercito apparecessem na peninsula montados em corseis, quer brancos, quer negros; nem que os acompanhas-

GALERIA DE TYPOS POPULARES

XI

Um tocador de viola (Serpa)

sem matilhas de cães uivantes. [9] Taes accrescimos de terror serão proprios apenas das nebulosidades nordicas? Nas espessas florestas da Germania e da Russia, os effeitos de luz são quasi sempre reforçados por effeitos acusticos, havendo tumulto de ruidos: estropeada de cavallos, ladrar de cães, buzinas de caçadores, e vozes sobrehumanas. Uma *caçada* infernal — *die wilde Jagd* — em vez de uma *procissão* com tochas, cantochão e bailados. [10]

*

Foi em Valença, Ponte de Lima, Guimarães, Briteiros e Vizella [11]; em Lavadores e S. Christovam de Mafamude, em Villa Nova de Anços, em Mondim da Beira, Vidaes e Cadaval; em Urros e Freixo de Numão onde se colheram notas portuguesas sobre apparições de defuntos, fogos fatuos e balborinhos; e é provavel que ainda em outras localidades não exploradas haja rica messe. As hispanicas de que disponho, são todas provenientes da Galliza e das Asturias. Nos planaltos desertos de Castella apenas se lembram vagamente das multidões de almas que tambem por lá andaram em dias do Cid e do Conde Fernam Gonçalez; mas a memoria está tão obliterada que o nome antigo do exercito nocturno só se emprega em sentido figurado, para injuriar qualquer estafermo alto e soturno, geralmente do sexo feminino.

E' pois nas zonas septentrionaes e occidentaes da peninsula, em geral as mais ricas em restos de vetustas crenças e superstições bellas ou caracteristicas, que se conservam e contam casos reaes, tradições e lendas relativas ás crenças a que alludo. [12]

*

As *avejãs*, os *fogachos* e os *balborinhos* são, como disse, *almas do outro mundo*, *almas perdidas*, *almas penadas*, *almas errantes:* as *larvas* e *lemures* da Roma gentilica. Espiritos «desinfelizes» de peccadores *(unselige Geister)* que não podem entrar no ceo, nem são admittidos ao purgatorio. [13] Uns porque não foram levados á egreja com acompanhamento de um padre; outros porque não se lhes rezaram missas. Os mais devem restituição aos vivos. Alguns deixaram de cumprir promessas. Outros não confessaram os seus delictos, ou deixaram de alcançar perdão dos que offenderam, apparecendo por este motivo nos proprios logares onde causaram faltas, e perto das pessoas ás quaes são devedoras, ou que lhes devem indulto. O seu fadario é vaguear entre a terra e o ceu, annunciando a morte aos vivos, para castigo dos maus e admoestação dos bons, mas principalmente para que esses, por obras redemptoras, lhes proporcionem *requiem aeternam*.

As almas que apparecem nos balborinhos são de campesinos, que commetteram delictos agrarios. [14]

Os fogachos e os vultos pequeninos representam criancinhas que morrem sem baptismo.

Onde apparecem dão-se quasi sempre scenas deveras enternecedoras. [15] A serdes paes, e se um d'elles vier um dia ao vosso encontro, lentamente, com passos incertos, a mostrar-vos a sua mortalhazinha humida e a sua luzinha apagada pelas muitas lagrimas que chorastes, — enxugando os vossos olhos, aconchegai-o contra o vosso coração, sem nada dizer, para que o calor do vosso seio o aquente e não mais lhe amargureis a sua melancholica sina. [16]

*

O leitor pergunta, de certo, porque e para quê lhe fallo de crenças tão conhecidas entre nós, e de que correm contos e tradições sem numero, embora extremamente monotonas e «desmusicas» (para empregar o termo predilecto do Miguel Angelo português,) — crenças das quaes os melhores folkloristas nacionaes já se occuparam [17] em livros que todo

o estudante de ethnographia deve manusear, afim de ficar inteirado dos materiaes colhidos, das explicações tentadas e dos problemas que importa resolver.

Primeiramente, não fallo das *almas penadas* em geral, mas apenas das feições menos vulgares e mais significativas. Depois, ninguem, que eu saiba, se referiu ás superstições parallelas da Galliza e das Asturias. E em terceiro logar, o meu intento não é registar novidades. De encontro ao uso, pretendo, patenteando a minha ignorancia, provocar os que tiverem investigado mais aprofundadamente a litteratura e a tradição oral, a que me elucidem a respeito de um pormenor importante que desconheço.

O caso é que em nenhum dos estudos que consultei, se acha consignado o vocabulo com que os antigos denominavam a *procissão dos finados.* Nem o descobri na bocca do povo. Apenas o conheço — mal e indirectamente — de uma obra tardia, belletristica: um romance de poeta incognito.

Variante da expressão indigena que empregam nas provincias do Norte de Hespanha, e tambem empregaram no centro, a palavra *estatinga* que serve de epigraphe a estas paginas, é de importancia particular, porque mostra as relações intimas de parentesco em que as apparições nocturnas de almas de finados na peninsula estão com o *exercito de Wuotan: das wütende Heer* da mythologia germanica. Translucida a meu ver, embora a palavra fosse reduzida e talvez deturpada, a sua etymologia deu margem a discussões entre alguns sabios estrangeiros, a que desejaria pôr ponto final.

Os vocabularios vernaculos, sem excepção do *Novo Diccionario da Lingua Portugueza*, não encerram *estatinga* nem *estantiga.* Apenas no lexicon do Padre D. Raphael Bluteau (1716) achei no vol. V, a p. 196.ª, s. v. *lubishomem* a seguinte passagem, dirigida não sei a que entidade, real ou imaginaria:

De noite qual lubishomem
correi o fadario embora
ou andai como Estatinga
que n'essas partes s'encontra.

Ninguem vos veja de dia,
pois senão sois cousa boa,
apparecerem de dia
as cousas más, é má coisa.

Certo poeta em um romance (18)

A graphia *Estatinga*, com *E* maiusculo, o facto de o proprio Bluteau a deixar ir sem explicação alguma, e mais ainda o não incluí-la na sua obra, mostrabem que *estatinga* lhe soava como nome proprio peregrino, sem significação clara.

Na falta de mais documentos, é impossivel determinar se *estatinga* é mero erro de imprensa, ou deturpação usual portuguesa de *estantiga*, inventada inconscientemente por quem pensava nas *estátuas* ou imagens, sob cuja forma as almas podem tornar a este mundo; (19) ou na *estatua* que no cortejo vimos figurando o individuo, predestinado a morrer em breve; ou ainda na *estadea* dos Gallegos, de que mais abaixo direi duas palavras.

Em todo o caso *estatinga*, de *estantiga* é variante do castelhano *estantigua*, que provém de *hueste antigua* e significa *exercitus antiquus.* Para estabelecer esta equação tanto monta o auctor do romance ter sido algum hispanizante do tempo dos Felippes, que adoptou o estrangeirismo, nacionalizando-o: ou então que o termo fosse colhido por um versejador semi-popular directamente na tradição oral.

*

Estantigua, explicado no Diccionario da Academia Hespanhola por «visão ou phantasma que se offerece á vista pela noite, causando pavor e espanto,» e no sentido figurado «pessoa muito alta, secca e mal vestida,» não conservou em Castella o seu sentido primitivo, sendo

como é, applicado unicamente a um só individuo, exactamente como no romance português.

Os exemplos de que disponho mostram que tal evolução do significado já se dera antes de 1500, não sómente com relação á palavra composta, [20] mas propriamente com a expressão *hueste antigua.* [21]

E' preciso retrocedermos até ao sec. XIII para encontrarmos documentado o sentido original. O monge do mosteiro de S. Pedro de Arlanza (em Burgos) que escreveu, perto de 1240, o poema epico de Fernan Gonçález, ainda o conhecia.

Os companheiros do heroe, abysmados de fadiga, protestam contra as marchas violentas e as lides ininterruptas a que o Conde os obrigava:

Los vassallos del conde teniense por errados,
eran contra el conde fuertemente yrados,
eran de su sennor todos muy despagados,
porque avyan por fuerza syempre de andar armados.

Folgar non les dexa nin estar asegurados,
diçien: non es esta vyda sy non para los pecados
que andan de noche e de dia e nunca son cansados.
Asemeia a Satanas e nos a los sus pecados. [22]

Porque lidiar queremos e tanto lo amamos,
nunca folgura tenemos sy non quando almaé saquamos, [23]
A los de la veste antygua, aquellos semeiamos,
ca todas cosas cansan e nos nunca cansamos.

(Estr. 331-333)

*

Como se este trecho não fosse sufficiente para provar que a primeira parte de *estantigua* é realmente *ueste*, *hueste*, *hostis*, a moderna litteratura das Asturias, onde a crença na apparição collectiva de almas é vivissima, emprega para a denominar o simples substantivo, com omissão do epitheto. *Hueste*, *güeste*, *güestia* e *güestiga* são as formas dialectaes mais usadas [24], prevalecendo *güestia.* [25]

Não para a documentar, mas unicamente para dar ideia do modo como, alludindo á entidade mythica de que nos occupamos, tambem em Asturias se tem em vista sobretudo a apparição da *morte*, extractarei alguns exemplos das graciosas poesias do maestro *Teodoro Cuesta.*

Uma vez é um marinheiro que apostropha a borrasca, dizendo-lhe entre outras cousas:

pos sabe que tu y la güéstia
seis (=sois) de la mesma baraxa,
y mas grande ye l'antroxu (entrudo) [26]
si mas siega la gadaña.= (p. 39)

com referencia á alfaia de que a comadre morte costuma ir armada.

Cheio de admiração pelas *Doloras* e os *Contos* de Campoamor, o Asturiano gostaria que essa voz nunca se calasse, e reza por isso «*que nunca toque la güestia esgargolada* (?) *a tal xigante*» (p. 59).

Ora é n'uma carta de amores que Perico confessa a Pepa, sua namorada:

Flacu, perflacu quedé;
non te digo más, mió reina,
que los niñinos al vême
fuxen como de la güestia (p. 70),

simile que se repete ainda em outra composição:

fuxamos del pecáo como'l neñu de la güestia! (p. 14.)

Para dizer «evita os presagios da morte» já outro Asturiano empregara, de resto, o mesmo termo n'um vilhancico do Natal de 1676, onde diz:

buelvet'acá, rapaza,
buelvet'acá, donceya,
y fugi de lla gueste
que anda n'aquesa tierra [27]

Na obra, a cujo benemerito auctor se deve a ultima citação, ha descripções de costumes e crenças locaes, bastante vagas, em que tambem se menciona a *hueste*:

«Para las eternas veladas de inverno en torno del llar relumbrante hay cola-

ciones y juegos y cuentos maravillosos de la hermosura y poder de las Xanas, (diminutas silfides que brotando del manancial cristalino de las fuentes secan a los rayos de la luna sus delicados cendales), *y de los siniestros presagios de aquellas misteriosas luces llamadas huestes que callada y lentamente al traves de las sombras van desfilando como precursoras de muerte y de infortunio.*»

*

Na Galliza o thema apresenta-se com alguma divergencia. O unico termo usado para designar a procissão é o de *companha*. Se *estantiga* existiu, ou se ainda existe, deve ser em recantos muito escondidos. Posso completar as definições dos diccionaristas apenas com um punhado de notas soltas, espalhadas pelos versos, da inspirada auctora dos *Cantares Gallegos*, perfeita encarnação moderna do genio lyrico gallaïco-português.

Cuveiro-Piñol (28) nos ensina que as *companhas* em que o vulgo acredita, não são outra cousa senão fogos fatuos; e que a *hueste* é uma procissão de bruxas que andam de noite, allumiando-se com ossos de mortos, batendo nas portas para que as acompanhem as pessoas, que querem ver morrer em breve «con una porcion de disparates á cual mas absurdos y misteriosos.» Infelizmente não os archiva.

Rosalia Castro de Murguía, dando a mesma definição nominal, narra que essas luzes-bruxas que apparecem em fileira, em eiras, caminhos, bosques e montes, correndo de um lado a outro, costumam ser sete; e conta ainda que o apagar-se uma d'ellas é considerado como signal de morte e referido ao dono da respectiva herdade. [29]

Descrevendo uma noite de tempestade, ella canta:

> Tod'era sombra no ceo,
> tod'era loito na terra
> e parece qu'a compaña
> bailab' antr'as arboredas
> c'as chuchonas enemigas
> e c'as estricadas meigas
>
> (Cant. Gall. p. 103)

documentando assim que na sua phantasia e na dos seus conterraneos, as apparições da *hueste* e as reuniões das bruxas se confundiram, [30] resultando nova especie de dança macabra, em substituição d'aquella outra *chorea Machabaeorum* — *des Todes Reihentanz* — que tantas vezes serviu de assumpto ao pincel, ao escopro e aos rhythmos dos artistas medievaes, emquanto a arte vivia á sombra dos mosteiros.

E' ainda a gentil poetisa que, á frente ou ao lado da *companha*, evoca a *estadea* ou *estadaïnha* a que já me referi [31]: a Morte na figura de um esqueleto envolto em mortalha. [32] Leia-se por exemplo a composição das *Folhas Novas* em que, tenta affastar do caminho da deshonra uma dona aventureira que sahe de casa a deshoras, introduzindo a voz da consciencia que lhe segreda:

> E si atopas a *compaña*?
> e si vos say a *estadea*?

para no fim rematar o romance com a quadra seguinte:

> Adios adios, dama hermosa!
> darvos a tan malos modos!
> Non vos levou a *compaña*,
> mais o enemigo levouvos. [33]

Outra prova antiga de que em tempos remotos a apparição de multidões de almas tinha caracter bellico, annunciando não a morte de um só individuo mas a guerra e o morticinio de muitos, conforme o faz presumir tanto o substantivo *hueste* [34] como a passagem do poema epico, é nos fornecida por um auctor estrangeiro medieval.

O chanceller Guilherme de Alvernia — Guillaume d'Auvergne, chamado tambem de Paris, (fall. em 1248) — trata em um dos

seus escriptos theologicos [35] da concepção mythologica que nos occupa. Como Francês allega o curioso e obscuro nome vulgar *hellequin* (*la mesnée de Hellequin*) que na sua patria designava a *hueste antigua*, traduzindo a denominação original hispanica por *exercitus antiquus*.

Eis os trechos principaes: De equitibus vero nocturnis, qui vulgari gallicano *Hellequin*, et vulgari hispanico *exercitus antiquus* vocantur, nondum tibi satisfeci quia nondum declarare intendo qui sint; nec tamen certum est eos *malignos spiritus* esse (p. 1037.) [36] Nec te removeat aut conturbet ullatenus *vulgaris illa Hispanorum nominatio*, qua *malignos spiritus qui in armis ludere ac pugnare videri consueverunt*, EXERCITUM ANTIQUUM nominant, magis enim anilis et delirantium vetularum nominatio est quam veritatis! (p. 1073.)

De outros paragraphos resulta igualmente que o tal exercito se compunha então, na opinião do vulgo, de innumeraveis cavalleiros armados. E resulta ainda que o viandante, que encontrando-o, se refugiava num campo, sahindo da via publica, ficava salvo e immune [37], porque as terras lavradas gozam da protecção especial do creador, sendo inacessiveis aos espiritos malignos, que não têem a faculdade de fazer mal a quem nellas estiver [38].

Estas passagens levaram naturalmente o grande Jakob Grimm, a cuja *Mythologia Germanica* [39] as pedi emprestadas, a assentar que em Hespanha chamavam *exercito antigo* á apparição aërea dos bandos militantes de Wuotan. Conhecendo nós hoje a expressão vernacula *hueste antigua*, pelo texto archaico (quasi coevo de Guilherme de Paris) que transcrevi, teremos de suppôr que ao latinista francês repugnava servir-se do vulgarismo peninsular *hostis* por *exercitus*, mas que era aquelle o termo que realmente havia em mente. *Exercito* é vocabulo erudito, desconhecido nos sec. XIII e XIV [40]. Na litteratura archaïca castelhana o unico termo usado era *ueste* (escrito *veste* ou *uueste* [41]; *oste* nos textos gallaïco-portugueses [42].

A favor da identidade originaria das lendas asturiano-gallaïcas e das germanicas só darei alguns rapidos apontamentos. Quem desejar instruir-se, deve consultar em primeiro lugar a obra fundamental de Grimm, nos capitulos dedicados á Morte (XXVII) e ás Apparições (XXXI) [43].

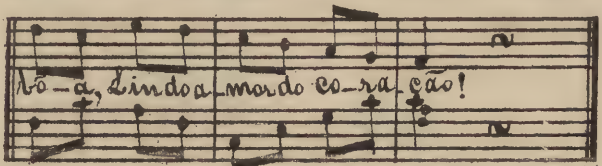
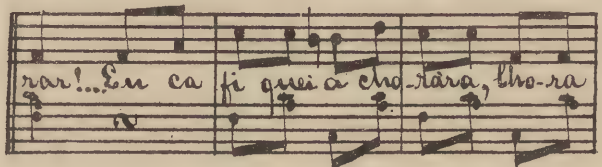
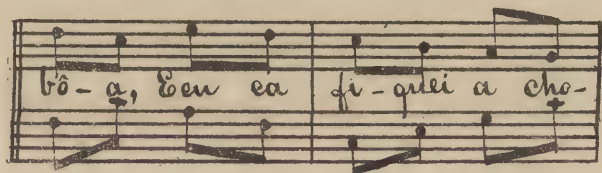
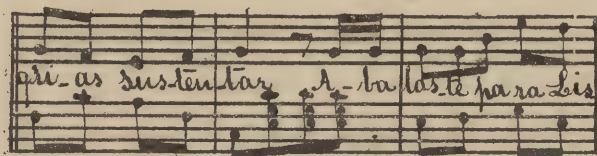
A expressão *ueste antigua* corresponde de um modo surprehendente a outras germanicas, como *der alte haufen*, (empregado na phrase *den altem haufen zuschicken=remetter á oste antiga); das olde heer er ist zum grossen Heer gegangen* i. é. *elle passou para a grande armada* [44]. Em ambas se pensa nas mesnadas do velho Deus das batalhas e da victoria *(der alte Heervater)* que montado num cavallo branco conduz as almas dos guerreiros finados [45].

Em algumas partes da Allemanha catholica (Baviera), a *estantigua* chama-se como em Portugal *procissão nocturna= Nachtgelait-Nachtgejaid.*

Se Wuotan capitaneia o cortejo ou a caçada dos homens, sua esposa Holda, Berhta ou Perchtha, vestida de branco, guia o prestito dos pequeninos que morreram antes do baptismo. Estes, não lustrados pela agua sacramental, estão condemnados a vaguearem sobre a terra como fogachos *(Irr-licher=fogos errantes; Irr-wische=fachos vagantes)*, ou a atravessarem o ar, em bandos *(in ganzen Haufen)*, num tumulto e estrepito que causa pavor [46].

Em todo aquelle paiz vigora entre o povo a crença que as almas não admittidas no ceo apparecem como aves noctivagas, ou em figura de luz, affastando o viandante do seu caminho. E vigora, como em Portugal, a fé que é preciso não só respeitar essas visões mas temê-las. A vingança das almas não se fará esperar, se algum destemido lhes mostrar menos consideração [47].

Os agrimensores deshonestos e os

CANCIONEIRO MUSICAL
XI
Tinhas-me tanta amizade
(CHOREOGRAPHICA)
Ti nhasme tan-ta a-mi-sa-de Que me
qui-as sus-ten-tar A-bal-las-te pa-ra Lis
bô-a, Eu ca fi-quei a cho-
rar!... Eu ca fi quei a cho-rar a, cho-ra
va d'u-ma pai-xão. A-bal-los-te pa-ra Lis
bô-a, Lindo a-mor do co-ra-ção!

aldeãos que se apropriaram nesgas de campos alheios limitrophes, no acto de lavrarem o seu terreno, ou os que fraudulentamente mudaram o lugar dos marcos que separam as propriedades, estão igualmente sentenciados a pairarem sem sossego, brandindo varas de fogo, sobre as leiras que danificaram.

*

Consiglieri Pedroso, o qual ha muito deixára assente, numa nota, que a procissão dos defunctos é variante da lenda do *wütendes Heer* [48] (remettendo á obra fundamental de Grimm [49] e ao livro do russo Afanasïev) compara com ambas as concepções mythologicas a expressão latina *feralis exercitus*, empregada por Tacito, cingindo-se n'este particular ás duas auctoridades citadas. Para evitar um emprego erroneo d'essa indicação, concluirei estabelecendo que no capitulo 43 da *Germania*, onde o historiador se serve d'aquella expressão, não ha allusão ás multidões celestes e sobrenaturaes, mas simplesmente aos exercitos muito positivos e carnaes de uma tribu germanica, de excepcional bravura.

Os Harios, nas margens do Vistula, realçavam a impressão, produzida pela sua natural fereza, por efeitos exteriores, tingindo de preto os escudos e pintando os seus corpos. «Para os combates escolhem ás trevas mais densas da noite (*atras ad proelia noctes legunt*); pela terribilidade e negridão do lugubre e mortifero exercito incutem terror tal (*ipsaque formidine atque umbra feralis exercitus terrorem inferunt*) que ninguem atura o inusitado e infernal aspecto do inimigo (*nullo hostium sustinente novum ac velut infernum adspectum*).

*

Tres etymologias de *estantigua* teem sido tentadas.

1.º) *Est (atua) antigua*, por Paul Foerster na sua Grammatica hespanhola, (1880) § 347. O auctor lembrava-se, de certo, de outros substantivos compostos, nos quaes de duas syllabas identicas, ou quasi homophonas, a protonica se perdeu *ce(ji)junto*, *li(ga)gamba*, *mo(gi)gato*, *mo (gi)ganga)*, *mira (ma) molin*, *mal (va) visco*, *o (lio) libano*. Mas o caso é bem diverso.

2.º) *Stantifica*, por Gottfried Baist, na *Zeitschrift*, V, 243 (1881). Como se a preexistencia de um verbo *stantificare*, (de formação modelada sobre *santificare*, *testificare*, *mortificare*, *pacificare*, *verificare* que deram *santiguar*, *atestiguar*, *amortiguar*, *apaziguar*, *averiguar*) fosse provavel [50].

3.º *Hostis antiqua*, por ºAke W:son Munthe na *Zeitschrift* XV 228 (1889). Este auctor, sem demonstração phonetica, allegava os exemplos quinhentistas de *estantigua* e *hueste antigua*, communicados na minha nota 20 e 21, assim como as formas dialectaes asturianas.

Esta ultima etymologia foi apoiada por A. Morel. Fatio na Romania, XXII, 482; (1893) e pela auctora na *Rev. Lus.* III 159, (1894.) Em ambas as partes se citava a passagem do poema de Fernan Gonçalez.

Ultimamente, o eminente cathredatico de Freiburg desistiu da etymologia *stantifica*, (só phoneticamente sufficiente, mas pouco satisfactoria quanto á morphologia e ideologia. Applaudiu a que advoguei e advogo; mas não incondicionalmente, suppondo que na primeira parte da palavra haja algum malentendido. [51])

Não o creio. A evolução pode muito bem ter sido meramente phonetica. Nas Asturias onde a crença subsiste mais vivaz, *hueste* conservou-se inalterado. [52] Em Castella onde a clara noção dos elementos constitutivos se perdeu juntamente com a superstição, no sec. XIV ou XV, é que *ueste* foi reduzido a *est*. Que maravilha se n'uma palavra composta, a vogal que de tonica passára a ser atona foi alterada e reduzida o mais possivel? Se não começasse com *s* impuro [53], *ue*, reconduzido a *o*, segundo a regra, perdia-se prova-

velmente de todo, engrossando assim a já longa serie de vocabulos privados, por apherese, de *o* (resp. *ho*) inicial, nos territorios de que trato ([54]).

Mas tambem é possivel que, uma vez formada a expressão *estantigua* (gal. port. *estantiga*), a lembrança da *estátua* da Morte se infiltrasse n'ella, creando por ventura a deturpação *estatinga* que n'esse caso mereceria ser contada entre as etymologias populares.

Já vimos que *estátua*, no sentido vulgar de imagem corporea, ou pelo menos visivel, de um ente humano, mais vezes morto do que vivo, anda positivamente ligada ás lendas da *hueste antigua*. Recordem-se do esquife e tambem dos versos gallegos. E' verdade que D. Rosalia apresenta a forma *estadea*, (em rima com *cea lostreguea)* accentuando o *e*; e só esta se acha registada nos diccionarios. Outros relatores escrevem porém *estadia* ([55]). Será *estádia?* ou *estadía?*

Faltam-me por ora os elementos necessarios para esclarecer as relações muito provaveis entre *estadéa*, figura da morte; e *estátua* imagem de um morto ([56]).

Um estudo critico e comparativo de todos os usos e costumes, todas as crenças e superstições, todas as praticas e ritos relacionados com a morte, os mortos, e suas almas, seria, parece-me, extremamente curioso e conduziria a pontos de vista bastante elevados, alargando o horizonte intellectual de quem o realizasse despreoccupadamente. E' de crer que tambem resolveria os problemas philologicos que deixo indicados.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

([1]) 1 a 2 de Novembro.

([2]) *Visiones et abusiones.* — Sobre a historia da palavra veja-se *Rev. Lus.* III 129.

([3]) *Plures mortui, quia ii majore numero sunt quam vivi.*

([4]) *Senheira* = singularia.

([5]) P. ex. pedindo-lhes lume!

([6]) *Oh'alma dientera*
Toca-me n'essa caldera... (sic!)

Consiglieri Pedroso XIV p. 35.

([7]) Leite de Vasconcellos, *Tradições* p. 295. — Colhidas no lugar de Gondifellos (Famalicão.)

([8]) Se esta crença fosse simples variante de outra germanica, a que mais abaixo me refiro, seria mais natural o conjuro *Vae te para onde comeste leiras*, com allusão a roubos de terra, praticados pelo defunto.

([9]) Occorre todavia que uma alma penada apparece na figura de *cão preto (galgo negro)*.

([10]) Os *nuberos* das Asturias, (*nuveiros* na Galliza,) são rectores e agentes das trovoadas e correspondem aos *tempestarii* das Gallias. Em Portugal acredita-se que a alma do excommungado não vae para o ceu nem para o inferno, ficando a pairar n'uma nuvem. Onde ella passar, o ar ruim do excommungado causa dôres de cabeça (Cf. Leite § 120 e 360).

([11]) Os materiaes minhotos foram quasi todos colhidos pelo celebre descubridor da Citania de Briteiros, cuja morte nos consternou ultimamente.

([12]) Não será extemporaneo recordar que já Strabon affirmou ser *una* a maneira de viver dos Lusitanos, Gallaicos, Astures e Cantabros. — E' todavia nas Asturias onde a persistencia de costumes antigos é mais sensivel.

([13]) Dos que morreram em peccado mortal, de morte violenta (por mão alheia ou como suicidas), não sendo enterrados em sagrado, o povo narra contos bem diversos.—Cf. Nota 10.

([14]) Em Tras-os-Montes ouvi dizer *pulv'rinho*. São *almas penadas*, *bruxas*, *feiticeiras*, que n'elles fallam, ás vezes o *diabo*, ou o *Medo*. — Veja-se p. ex. o *Romance do Soldadinho* em *Rev. Lus.* II 222-230 — Leite § 104; Pedroso X.

([15]) Tanto em Portugal como na Allemanha ha lendas e contos muito poeticos sobre o mesmo assumpto e sobre os anjinhos. — V. Consiglieri Pedroso XIV, 18. — Com as nossas lagrimas molhamos as azas dos anjinhos que por isso não podem voar para o ceu.—As nossas lagrimas salgadas são recolhidas pelos anjinhos n'uma cantarinha, com cujo peso não podem, e que transbordando lhes molham as suas vestiduras. — V. Grimm *Kinder-und Haus-Maehrchen e Deutsche Mythologie* II 777-778.

([16]) Ib. Ach wie warm'ist Mutter-arm! —Ach wie warm sind Mutterhände!

([17]) 1881— F. A. Coelho, na *Revista d'Ethnologia e de Glottologia*, fasc. IV. § 215, 237, 252.

1882—J. Leite Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal.* No § 104, 120, 143, 366, 373, 374.

1883 — Consiglieri Pedroso, *Tradições populares portuguezas* na Revista *Positivismo*, vol. IV; —especialmente na monographia sobre *Almas do outro mundo*, as p. 16-19, com duas contribuições finaes de Leite de Vasconcellos.

1883 — Th. Braga, *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez* — vol I 148.

1886 — Id. *O Povo Portuguez* vol. I p. 221-226, ou todo o cap. IV: *Dos Ritos Funerarios em Portugal*, de p. 177 a 228.

([18]) No § 346 das suas *Tradições* que trata dos *Lobishomens*, Leite de Vasconcellos transcreveu a primeira quadra, sem a interpretar.

([19]) Pedroso N.º 588: Quando uma pessoa morre, o seu *carnal* não volta mais, mas pode apparecer uma *sombra* ou uma *estatua* (εἴδωλον) — *Eidolon* corresponde exactamente ao germanico *gespenst* (*revenant*): *anima rediens* aut *rediviva*.

([20]) Em tres casos *estantigua* designa (em novelas dramaticas do Cyclo da Celestina) a uma velha picara e «*nocherniega*,» que cuida de negocios pouco limpos.

1500 — Celestina, Acto VII: *Valala el diablo a esta vieja! con que viene como estantigua a tal hora!* (Bibl. Aut. Esp p. 34.)

1521 — Seraphina p. 380: *la vista como ídolo del tiempo antiguo, el andar y vision de estantigua y fantasma de la noche* (Col. Libr. Esp. Raros ó Curiosos, V).

1554 — Selvagia, p. 136: *Quien es esta fantasma ó estantigua?* (Ib)

([21]) 1544 Francisco de Villalobos, Tractado de calor natural, Çaragoça. f. XXIXº: *No sabemos si es alguna fantasma que aparece a unos y no a otros como trasgo o como la hueste antigua?*

([22]) Repare-se na curiosa personificação dos *pecados*, que acompanham a Satanas como acolytos seus. São outras *companhas*, mas essas infernaes: *die höllischen Heerschaaren*.

([23]) A respeito dos que *sacam almas* tambem haveria que dizer.

([24]) A. Gumersindo Laverde Ruiz, *Apontamentos lexicográphicos sobre una rama del dialecto asturiano* em *Rev. de Asturias* 1879-80.

D. Fermin Canella, *Estudos Asturianos* — Oviedo 1886 (p. 133.)

([25]) No *Vocabulario de las Palabras y Frases Bables* de D. Apolinar Rato de Argüelles (Madr. 1892) sómente esta ultima se regista, com a explicação seguinte: 1.º *procesion nocturna de finados que forma parte de la mitologia popular asturiana*; 2.º *la aparicion de los muertos*. — Marcelino Menéndez y Pelayo empréga na sua *Historia de Heterodoxos* (T, p. 238) outra designação curiosa como synonyma de *hueste*: o euphemismo *buena-gente* que supponho privativo da região das *Montañas*.

([26]) *Poezias Asturianas* — Oviedo 1895.

([27]) D. José M. Quadrado, *Asturias y Leon* (p. 354.), Barcel. 1885. — Forma parte da publicação *España, Sus Monumentos y Artes, su Naturaleza y Historia*.

([28]) *Diccionario Gallego* p. 74.

([29]) *Cantares Gallegos*, Madrid. 1872. — v. p. 219 (Glosario.)

([30]) Tambem em Portugal os contos de bruxas confundem-se com as das almas do outro mundo. — Nos fogos-fatuos p. ex. o povo reconhece óra umas, óra outras. — V. Nota 14.

([31]) A' dança macabra tambem presidia um esqueleto, coroado.

([32]) *Estadéa*, esqueleto ó figura de la Muerte (Cuveiro Piñol e Valladares Nunez.)

([33]) *Follas Novas*, Madr. e Habana 1880; p. 108.

([34]) Hueste = exercito em campaña.

([35]) *De Universo*, Part. II c. 12.

([36]) Não tenho ao meu dispôr as obras d'esse erudito, sobre as quaes ha algumas indicações na Encyclopedia de Groeber II.ª 207, 212, 235.

([37]) P. 1065 e 1067. Cf. Du Cange, *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis* s. v. *Hellequinus*.

([38]) Propter quod opinio inolevit apud multos agros gaudere protectione creatoris propta utilitatem hominum ethac de causa non esse accessum malignis spiritibus ad eos neque potestatem nocendi propter hanc causam hominibus existentibus in eis.

([39]) Ed. 4.ª, Berlin 1877, p. 785.

([40]) O povo nunca o adoptou e serve-se de preferencia do vocabulo *tropa*, mais caracteristico e pittoresco.

([41]) Poema del Cid, 2346; Poema de Alex. 396, 436, 440, 1859, 2102; Fern. Gonç. 473; Conq. Ultr. p. 429.

([42]) *Canc. Vat.* 159, 420, 1168 *(na oste por el rei servir)*; *Cant. Mar.* 15, 3: *sacar oste;* 28, 2 *oste de pagãos*; 165, 4; 211, 3, 233, 7: *grand'oste.* Na Cantiga 182, 8 *Como S. Maria livrou un ladron da mão dos diabos que o levavan* encontramo-nos até com uma oste de espiritos malignos (*de demões oste.)*

([43]) Grimm, *Deutsche Myth.*, Vol. II 700-713, 761-793, III 245 e 277-284.

([44]) Ib. 706 e 785.

([45]) A via lactea (*galaxia* lembrava *Gallicia*), na mythologia germanica a estrada dos deuses ou de Wuotan (Grimm I 106-280, III 296), e é tambem entre nós, como entre os gregos, o caminho pelo qual as almas sobem ao ceo. Recordarei a principal lenda sobre a estrada de Santiago — que a alma do peninsular que em vida não foi a Santiago de Compostela tem de ir lá, depois da morte, antes do corpo ser levado á egreja — para lembrar que em Galliza ha outro sanctuario que é obrigação de cada natural visitar pelo menos uma vez: *Sant'André de Teixido*. No dia da grande romaria ninguem mata lagartixa, cobra, ou outro qualquer reptil, que encontre no caminho, porque é crença viva que os defuntos vão em aquella forma a cumprir a romagem que não fizeram.

([46]) Grimm I 765.

([47]) Ib. 776.

([48]) Ib. 792.

([49]) Ib. I 725 e III 244, Poetiicheskia vozzrieniia slavian na prirodu (ideias poeticas dos Slavos ácerca da natureza.)

([50]) V. Kœrting, *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch* N.º 7447 (texto e supplemento.)

([51]) Kritischer Jahresbericht IV 314: Im erten Theil der zusammensetzung dürfte bei alledem ein Missverständniss stecken.

(52) Com isso não quero dizer que o povo asturiano saiba da significação primitiva de *hueste*. Muito pelo contrario. O desconhecimento d'ella, e as formas dialectaes com *g* até levaram philologos indigenas a derivar *gueste* do inglez *ghostall*, em allemão. *Geist=espirito*. Para os convencer da verdadeira origem da palavra bastará assentar que o bable não admitte que uma palavra principie com o dithongo *üe*. Quer provenha de *ho* primario ou secundario; quer ande precedido de *u* consoante, ou da labial *b* (que nas regiões septentrionaes e occidentaes da peninsula confundem com *v)*, o asturiano pronuncia *güe*. Ao par de *güerto,=huerto, horto; güespede,=huesped hospede; güevo, = huevo, ovo; guesu,=hueso, osso; gueyu=oio, olho óclo* temos *guesa=huessa, fossa; guelta=vuelta, volta; guela=vuela volat; gueno = bueno, bono; gue = vue, bue bove; guesca=huesca, osca*.—A substituição de *e* final por *ia* é tambem um dos caracteristicos do asturiano, como do gallego e português, p. ex. em *gólpia* por *golpe*, resultante da preferencia dada aos verhos em *iar* e adj. em *iu ia alterar, guardar, pulsíar, encurtiar; cúrtiu, blandin* etc. Para explicar a variante *güéstiga* — outro testemunho da predilecção d'esses povos por esdrùxulos por elles creados—lembrarei apenas *mústigo*=gall. *muscho*, port. *murcho*; *lóstrego=lustrum; cróbega=cobra colubra*; *pérdega=perda* de *perdita*.

(53) Cf. *hespitalero*, Conq. 429, e em português *espital estau, espicio, escuro*.

(54) Eis alguns casos gallaícos-portugueses de alijamento do *o: chavo; chumba* de *buncha, opuntia*; *leado; menagem; penião, punião*; *repiar, arrepiar; ruginal (original)*; *varino; Tranto; Vaya (Ovaya Baya .Eulalia)*

(55) *Heterodoxos* I 235.

(56) O povo português pronuncia *estátua*, mas tambem já ouvi dizer *estádua*. Conf. *estatelado*.

M. V.

Modas-estribilhos alemtejanas

Tinhas-me tanta amisade

Tinhas-me tanta amisade
Que me qu'rias sustentára . . .
Abalaste para Lisbôa
E eu cá fiquei a chorára!

Eu cá fiquei a chorára,
Chorava d'uma paixão . . .
Abalaste para Lisbôa
Lindo amor do coração!

M. DIAS NUNES.

Danças populares do Baixo-Alemtejo

(Continuado de pag. 23)

Os bailes *aos pares* começam pela formação de dois circulos concentricos, de rapazes um e outro de raparigas, em numero egual, e collocados frente a frente; sendo peculiar do sexo forte o circulo exterior.

Ao elevar-se a voz, que entôa a primeira syllaba da primeira quadra, cada um dos rapazes se acerca, lado a lado, da sua rapariga e enlaçam as mãos, destra com destra, sinistra eom sinistra. De seguida, todos os pares, uns após outros, se põem em movimento, caminhando para a direita.

Quando a cantiga, em côro, finalisa e a moda-estribilho principia (*), desenlaçam-se as mãos, e a roda estacou. Então tornam os bailadores á primitiva posição de frente a frente, e cada um faz balancé com o seu par, arrastando os pés, arqueando os braços, e dando castanholas com os dedos pollegar e maximo de ambas as mãos.

Mal que a moda acabou, ouve-se logo uma nova cantiga, ao som da qual volta a formar-se, e a movimentar-se; a dupla roda. Vem depois, uma vez mais, a moda-estribilho, obrigada á paragem *vis-à-vis*, balancé, castanholas, etc. E sempre assim, continuadamente.

A mudança de pares é coisa obrigatoria ao começar de cada nova quadra: O circulo feminino avança um passo, emquanto o circulo dos homens se conserva no mesmo logar; e d'este modo, o novo par de cada rapariga é o mancebo immediato ao seu par anterior.

Devo notar que, hoje em dia, as raparigas vão usando dar o braço aos rapazes, em vez das mãos, como era de antiquissimo costume.

(*) Se a moda não tem resquebre (lettra), em logar d'este repete-se a cantiga.

Particularidade curiosa, de que várias pessoas me informam: a mocidade de ha sessenta annos dava-se as mãos, não de frente, mas pelas costas, torcendo os braços e martyrisando o corpo.

Nos bailes *aos pares*, o andamento, em regra, é paulatino e moroso, em harmonia com as musicas adoptadas n'este genero de dança — puros e simples «descantes».

*

* *

Reservando para mais tarde a descripção de certas variantes dos bailes de roda, taes como as que se observam no «Paspalhão», «Triste viuvinha», «Senhora quintaneira», etc., etc., passâmos a registrar diversas praxes e rimas populares, interessantissimas, que são communs aos bailes em geral.

Fallemos primeiramente do velho e sympathico tocador da viola nacional, que — mal de nós! — está sendo eclipsado pelo moderno tangedor do estrangeirissimo harmonium.

Creatura indispensavel em todos os bailes, quer publicos, quer de feição particular e familiar, o tocador de viola gosou em todos os tempos, e ainda hoje gosa, das finezas mais caras e gentis por parte do bello sexo. Ora veja o leitor estas lindas cantigas, repassadas de graça e bom humor, que as raparigas se permittem dirigir, entre sorrisos brejeiros, ao maganão do violista:

O tocador da viola
Merece uma bôa ceia:
Uma data de *pasadas*,
Trinta dias de cadeia!

O tocador da viola
Merece uma gravata;
Hei-de mandar fazer-lhe uma
Do rabo da minha gata!

O tocador da viola
Merece uma gallinha...
Mastigada co'os meus dentes,
Cá p'rá minha barriguinha!

O tocador da viola
E' feio .. mas toca bem!
Se não casar pela prenda...
Formosura não a tem!

O tocador da viola,
Oh moças! tratem-n'o bem,
Que elle é de fóra da terra,
Não conhece aqui ninguem.

O tocador da viola
Merece levar *pasadas*:
A viola não é sua,
As cordas são emprestadas!

O tocador da viola
Tem dedos de marafim;
Tem olhos d'enganador...
Não me ha-de enganar a mim!

A viola tem um S
Por baixo do cavalete;
O tocador que a toca
E' um lindo ramalhete!

O tocador da viola
Tem dedos de papel pardo...;
Tem olhos d'enganador...
Ha-de enganar o diabo!

E que não esqueça est'outra quadra, muito favorita d'um afamado tocador, já fallecido:

Aqui me vejo apertado,
Sem me poder resolver,
Com esta viola a peitos...
Ai! Jesus! Que hei-de eu fazer?!

(Continúa.)

M. Dias NUNES

THERAPEUTICA MYSTICA

(Continuado de pag. 143)

VII

Benzedura da dôr de cabeça

«Jesus, santo nome de Jesus, etc., etc.»

Continua a benzedeira:

«Onde eu ponho minha mão, ponha o Senhor a sua divina vontade. Quando S. Pedro pelo mundo andou, encontrou o seu divino mestre. O Senhor lhe per-

guntou: — Onde vaes, Pedro? — Eu, Senhor? vou para o monte forte.—Anda, Pedro. — Não posso, Senhor. — Pois o que tens? — Dôr de cabeça.»
«Jesus, Jesus, Jesus — Credo em cruz.»

N. B. — Emquanto a benzedeira diz aquella oração, conserva a mão sobre a cabeça do paciente, mas sem lhe tocar nem fazer cruzes.

VIII

Benzedura do fogo

«Jesus, santo nome de Jesus, etc., etc.»
«Santa Cecilia tinha tres filhas: uma lavava, outra estendia, e outra no fogo caía. Com que se curou? com que se curaria? — Com o unto do porco e com o pó do dia.»
«Em louvor de Deus etc., etc., etc.»

N. B.—Prepara-se um bocado de unto de porco e uma porção de pó da estrada. Emquanto a benzedeira diz a oração, ella se encarrega de ensopar o unto no pó e com este esfrega os pontos queimados pelo fogo.

IX

Benzedura do côbro

«Jesus, santo nome de Jesus, etc., etc.»
Diz a benzedeira:
«Se fores alvorinho, eu te corto o focinho, se fores negral eu te corto o cristal.»
«Em louvor de Deus etc., etc., etc.»

N. B.—A benzedeira finge cortar com uma faca e reza um P. N. e uma A. M.

X

Benzedura da calma

«Jesus, santo nome de Jesus, etc., etc.»
«Sexta feira da luz subiu o Senhor á cruz. Perguntou Pilatos a Jesus: — quem treme? tremo eu ou a cruz?» Respondeu o Senhor: — Não tremo eu nem a cruz. «Não treme, nem tremerá, que eu sou o Senhor sacramentado, pelo mundo tenho andado, calmas e calmarias apanhado.» — Pois como se tiraria? — Com a rama da oliva talhada e dobrada duas vezes e com pingas d'agua fria.»
«Em louvor de Deus etc., etc., etc.»

Nota final

Todas as pessoas que benzerem devem pôr um pedacinho de pão no seio, e depois de concluida a benzedura devem deital-o a um animal, porque, se não fazem isto, podem adquirir a doença, de que benzeram. Todas as pessoas que padeçam dos dentes ou dos nervos teem de rezar nove vezes o credo, offerecendo-o á Senhora das Dôres.

(Loulé)

Athaide d'Oliveira.

JOGOS POPULARES

VII

Esconderêlos (*)

Este jogo, d'origem antiquissima, ainda hoje se vê adoptado entre a rapaziada, que o pratíca em todas as estações do anno, tanto de dia como de noite. Vejâmos como elle se realisa.

Juntam-se diversos rapazes em qualquer sitio, perto do qual haja esconderijos. D'entre os mesmos rapazes, escolhe-se um para *mãe*, cuja missão é dirigir o jogo, conforme veremos d'aqui a pouco. Quanto aos demais jogadores, um delles tem de ser vendado pela *mãe*, emquanto os outros se vão esconder. Aquelle que ha de ser vendado, é tirado á sorte pelo

(*) O povo pronuncía: *escondarêlos*.

processo da pedrinha, já anteriormente descrito.

Isto feito, senta-se a *mãe* no chão, ou em cima d'um poial, e, entre os seus membros inferiores, senta-se tambem o rapaz indicado pela sorte para receber a venda.

A mãe, então, tapa-lhe os olhos com as mãos, e manda os outros rapazes a esconderem-se, ao mesmo tempo que vai proferindo em voz alta: «lá vai um, lá vão dois, lá vão tres, etc.». Entretanto vão os rapazes escondendo-se, o melhor que pódem, até que a mãe grita: «Esconder bem, que lá vai Maria a ver!» Ditas estas palavras, a *mãe*, levantando as mãos, destapa os olhos do rapaz que está sentado junto de si, e deixa-o ir á busca dos companheiros, os quaes, apenas presentem que vão ser descobertos, correm immediatamente para a *mãe*. Cada um dos jogadores procura ganhar a dianteira aos outros, porque o rapaz, que mais se atraza na carreira, é precisamente aquelle que tem d'ir sentar-se ao pé da *mãe*, para, a seu turno, ser vendado da mesma fórma que o anterior. E assim successivamente.

O jogo, que ahi deixâmos descrito, é, como se vê, muito simples, mas nem porisso elle deixa de ser bastante alegre, e tem a sua utilidade sob o ponto de vista hygienico.

(Brinches) LADISLAU PIÇARRA.

As festas do Sacramento em Beja

(continuado de pag. 134)

Os presos nunca excedem o numero de dez ou doze; pois, apesar d'isso, o jantar que lhes é destinado toma proporções taes, que dá bem para duzentas ou trezentas pessoas. Com isto lucram os pobres, porque por elles são distribuidos os sobejos. Este jantar é conduzido processionalmente pelas irmandades de todas as freguezias, auxiliadas por soldados do regimento 17, ou quaesquer homens do povo, que se apresentam mesmo sem opa nem distinctivo algum.

O jantar, ao mesmo tempo abundante e variado, consta de sôpa fervida, cosido de vacca, couve e carne de porco; arroz tostado, carneiro assado, carneiro guisado (*ensopado*), azeitonas, queijinho, fructa, arroz dôce, trouxas d'ovos e vinho. A cada ração corresponde ainda uma onça de tabaco e um livro de papel de fumar. Todas as iguarias, que acabâmos de mencionar, introduzem-se em alcôfas d'esparto, sendo cada alcôfa transportada por dois homens. N'este acto figura tambem o respectivo talher de prata, cujas peças são conduzidas pelos reitores das differentes freguezias. Ao thesoureiro pertence levar uma salva de prata contendo o tabaco e o papel de fumar.

Na ultima festividade, adoptou-se um novo processo de conduzir o jantar, muito preferivel ao antigo, porque dá mais realce ao cortejo e evita que n'elle tomem parte individuos desprovidos d'opa. Parte do jantar caminhou sobre dois carros alemtejanos artisticamente ornamentados, simulando centros de mesa ou fructeiros. Produziam um effeito surprehendente e davam ao prestito o tom d'um cortejo civico. O jantar dos presos percorre um trajecto curto. Em geral, sae da freguezia da festa e dirige-se logo á cadeia. Após a distribuição do jantar, ha um intervallo de uma ou duas horas, no fim do qual sahe a chamada *procissão da festa*. E' n'esta procissão que figuram os tres famosos andôres de prata, primorosamente buriládos e marchetados de pedras pseudo preciosas, collocadas ali, segundo consta, em vez das primitivas, que eram as verdadeiras.

Os ricos andôres, que vimos de nomear, eram propriedade do extincto Convento da Conceição d'esta cidade, mas hoje pertencem á mitra.

(Continúa)

ALVES TAVARES.

BIBLIOTHECA D' «A TRADIÇAO»

Publicação bi-annual, em volumes de 150 a 200 pag.

VOLUME I (a entrar no prélo):

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO-ALEMTEJO

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME II:

JOGOS POPULARES

POR

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME III:

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

POR

ANTONIO ALEXANDRINO

Prefaciados por

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME IV:

O AUTO DO PRESEPIO E A DEGOLLAÇÃO DO BAPTISTA

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME V:

SYLVA DE XÁCARAS

POR

A. THOMAZ PIRES

Anno I — N.º 12 SERPA, Dezembro de 1899 Série I

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

SUMMARIO:

TEXTO

Collaboradores artisticos: — F. VILLAS-BOAS e J. V. PESSOA

PREÇO DA ASSIGNATURA:

Em Portugal (continente), série de 12 numeros . . . . . 600 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

Numero avulso 60 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

A TRADIÇÃO — Serpa — (Portugal)

Venda avulso d'esta revista: LISBOA, «Galeria Monaco», Rocio. — PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44. — COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno I — N.º 12 SERPA, Dezembro de 1899 **Série I**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça & Duarte*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

REVISTA MENSAL D'ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRECTORES: — *LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES*

Danças populares do Baixo-Alemtejo

(Continuado de pag. 173)

Realisam-se, de ordinario, os bailes populares na casa de fóra, ou da entrada, que é por via de regra o melhor e mais espaçoso compartimento das pobres habitações terreas dos camponezes.

As raparigas, unicamente, são convidadas para estes bailes; os rapazes, esses apresentam-se alli sem nenhuma especie de convite.

A' porta da rua, o dono ou a dona da casa — mais vulgarmente a mulher — recebe prasenteira o bello sexo e vae *parlamentando* com os mancebos que chegam.

— Dá licença que veja o seu balho? — é a pergunta sacramental de todos os rapazes, ao pisarem garbosos o limiar.

A dona de casa:

— Se é p'ra balhar, entre; agora se é só p'ra vêr e fazer pouco, — não senhor, — rua!

— E' p'ra balhar...

— Então, entre.

Quando o baile é *ao meio*, o recemchegado pede licença a qualquer dos individuos que formam a cadeia e n'ella se incorpora sem mais cerimonias. Agora se o baile é *aos pares* a coisa não vae tão facilmente, pois se faz mistér que algum dos *cavalheiros* dançantes esteja disposto, ou se disponha, a ceder a sua *dama*.

— O' amigo, dá licença que eu balhe um poucochinho? — interroga o recemvindo, opportunamente (*), dirigindo-se ao mais proximo par e collocando, ao de leve, a mão direita sobre a espadua do varão. Desde que este seja realmente *amigo*, ou mesmo simples conhecido, de quem solicíta a permissão de balhar, a cedencia da rapariga é quasi certa; mas do contrario, é bem vulgar a resposta: «n'este instante mesmo eu entrei», equivalente á recusa. E tal recusa, embora entre desconhecidos, constitue sempre uma grave offensa, da qual não raro derivam grandes questões e serios conflictos.

Dos bailes populares, o maximo attractivo, por sem duvida, consiste nas variadissimas quadras, de variadissimo objecto, que a mocidade canta com profundo enthusiasmo, alegre e ruidosa.

Que nos permitta, pois, a benevolencia do leitor estamparmos aqui uns pequenos trechos, inherentes ás diversões choreographicas, do nosso vasto e opulento cancioneiro regional.

E' do estylo bailarem em cabello, tanto os homens como as mulheres; e se porventura alguem se esquece de observar similhante preceito, ha logo quem advirta, n'alguma d'estas cantigas:

(*) A opportunidade, dá-se no momento em que a moda-estribilho findou e nova cantiga vae principiar.

Disse-me a dona da casa
(Assim eu tivera o ceu!):
«Quem quizer aqui balhar
Ha-de tirar o chapeu».

Disse-me a dona da casa
(Em louvor de San Lourenço):
«Quem quizer aqui balhar
Ha-de tirar o seu lenço».

Cantam as raparigas quando os respectivos namorados estão ausentes:

O meu bem não está aqui,
Mas 'stá quem lh'o vá contar:
Eu, na sua ausencia d'elle,
O meu allivio é chorar.

O meu bem não está aqui,
Mas 'stá quem lh'o vá dizer:
Eu, na sua ausencia d'elle,
O meu allivio é morrer!

Onde estará o meu bem,
Que ha dias que o não vejo?
Qual será o dia alegre
Que eu matarei meu desejo!...

Onde estará o meu bem,
Que me vem tanto ao sentido?
Se estará na obrigação,
Ou se terá já morrido?...

Onde estará o meu bem,
Qu'inda o não vi esta tarde?
E' muito certo que esteja
N'alguma sociedade...

Onde estará o meu bem?
Com quem andará brincando?
Se eu serei lembrada d'elle
Como elle me está lembrando!...

Meu amor ficou de vir,
Mas, porém... inda não tarda!
O caminho é muito longe,
Tem que dar muita passada.

Este balho está bom balho,
Agradeço-lhe o favor!
Mas não 'stá aqui balhando
Quem estimo por amor.

Todos veem vêr
O nosso balhinho..
Só o meu amor
Não sabe o caminho!

Se o meu lindo amor
Viesse aqui dar,
Um rosario ás almas
Havia eu rezar!

Cantam ainda as raparigas á chegada dos seus derriços:

Graças a Deus que chegou
Seja muito bem parecido!
O rigor da sua ausencia
Só eu o tenho sentido.

Graças a Deus que chegou
Quem eu desejava vêr;
A' palavra não faltou:
Assim é que ha-de fazer!

Graças a Deus que chegou
A alegria da minh'alma:
Olhos de branca açucena,
Raminho de verde palma!

Graças a Deus que chegou,
E' chegado não sei quem..
Chegaram dois olhos pretos
A quem os meus querem bem!

Graças a Deus que já chovem
Pingas d'agua no jardim!
Graças a Deus que já tenho
Meu amor ao pé de mim!

Nos bailes *aos pares*, ao enlaçarem as mãos dois namorados, é muito usual qualquer das seguintes quadras:

Aqui me tens ao teu lado,
A's tuas disposições!
Vamos a unir se queres,
Os nossos dois corações.

Aqui me tens ao teu lado,
Meu amor, haja prazer!
Sem comer posso passar;
Sem ti não posso viver!

Aqui me tens ao teu lado,
Meu amor, haja alegria!
Sem comer posso passar;
Sem te vêr...nem só um dia!

Aperta-me a minha mão
Té que m'estalem os dedos!
Como queres que t'eu ame,
Se eu não sei os teus segredos?!..

GALERIA DE TYPOS POPULARES

XII

Camponez, de çafões e çamarro (Serpa)

Aperta-me a minha mão
Té que eu diga :—deixa, amor !
Quem mais aperta, mais quer,
Quem mais quer, mais sente a dor.

Aperta me a minha mão,
Ajunta palma com palma ;
Aqui tens meu coração,
Toma posse da minh'alma !

Aperta-me a minha mão
Té que eu diga :—deixa ! deixa !
Quem mais aperta, mais quer,
Quem mais quer, menos se queixa.

Quando as tuas mãos estreito
E apérto com saudade,
Sinto dizer em meu peito :
—'Stá firme a nossa amizade !

—Dá-me as tuas mãos de firme,
Dou-te as minhas de leal ;
São cartas que ficam feitas
Se algum de nós se ausentar.

—Ausente mas sempre firme,
Resolvido a não deixar-te ;
Quanto mais ausente cu vivo,
Mais firme sou em amar-te !

Aos donos de casa :

Esta casa está bem feita,
Picadinha ao picão;
A' dona, que n'ella mora,
Deus lhe dê a salvação.

Esta casa está bem feita,
Muito bem emmadeirada.
Muito gósto eu de balhar
Em casa de gente honrada !

Viva o dono d'esta casa
Mais a sua companheira !
Deus lhe dê muita saude,
Muita libra na algibeira.

Esta casa está juncada
Com junquilhos da ribeira.
Viva o dono d'esta casa
Mais a sua companheira !

Lá no alto da Marreira
'Stá um calvario e tres cruzes.
Viva o dono d'esta casa,
Que o balho tem nove luzes !

Para acalmar a vozeria que ás vezes se estabelece :

Senhores ! Haja silencio !
Não mando calar ninguem...
Disse-me a dona da casa :
«Silencio parece bem».

Despedidas :

Adeus, que me vou embora !
Adeus, que me quero ir !
Dá-me, amor, esses teus braços,
Que me quero despedir.

Dize-me, amor : Até quando
Ha-de ser a nossa ausencia ?
Se ha-de ser por muito tempo
Peço a Deus paciencia.

Vou-me embora.. e tu cá ficas !
Quem te podesse levar !...
Se podesses vir commigo,
Não havias cá ficar !

Vou-me embora, que nem tanto
M'eu havia demorar,
Que tenho o caminho longe
E ámanhã que trabalhar.

Vou-me embora, vou-me embora,
Já tenho a roupa no barco.
'Stá chegada a triste hora,
Que eu de ti, amor, me aparto.

Vou me a dar a despedida,
Já não canto senão esta :
O pouco parece bem,
Tudo o que é de mais não presta.

Despedida, despedida !
Sabe Deus quem se despede !
Eu, para não ir chorando,
Faço despedida alegre.

Várias :

'Stás de fóra e não balhas,
Qual é o teu superior ?
Quero-lhe ír pedir licença
P'ra balhar comtigo, amor !

Os senhores que aqui estão,
Uns sentado', outros de pé,
Não veem cá por balhar,
Veem só por darem fé.

Se me amares a mim só,
Mais do que a rocha sou firme!
Em sabendo que amas outrem...
Sou um raio a despedir-me!

O nosso balhinho
'Stá pápa, 'stá peixe;
Quem não gostar d'elle
Vá-se embora, deixe.

No nosso balhinho
'Stão pares eguaes.
Fechem là a porta,
Não qu'remos cá mais.

Gósto muito de quem gosta
O mesmo gôsto que eu tenho.
Se tu em mim fazes gôsto,
Eu em ti dobrado empenho!

Venho d'aqui tantas leguas
Por te vêr, oh meu amor!
Nem de rastos que tu andes
Me pagas este favor.

Vamos lá cantando bem,
Para o balho ter valor.
Quem chegou agora aqui
Foi um grande cantador.

M. Dias NUNES.

THERAPEUTICA MYSTICA

O quebranto

Toda a gente sabe, que o povo attribue a certas pessoas o triste privilegio de molestar outras, com a simples projecção dum olhar. A' doença assim produzida, por modo tão facil quão mysterioso, dá-se o nome vulgar de *quebranto,* e aos raios visuaes pathogenicos da supposta enfermidade, chama-se *mau olhado*.

Quando qualquer sujeito, do sexo masculino ou feminino, gozando na apparencia de boa saude, é atacado repentinamente de nauseas, vomitos, dores de cabeça e do ventre, trata-se provavelmente, no entender do publico, d'um caso de quebranto. E, para haver a certeza, se sim ou não a referida pessoa foi aquebrantada, costuma fazer-se a seguinte experiencia: deita-se agua numa tijéla, e benze-se essa agua, «dizendo tres vezes o credo em cruz» (*), e em seguida lançam-se algumas gottas d'azeite dentro da mesma tijéla. Se o azeite desapparece, diluindo-se completamente, não resta a menor duvida de que a creatura suspeita está aquebrantada; o contrario succede, quando o citado oleo se conserva, bem distincto, á flôr da agua.

Um dos effeitos que o quebranto ordinariamente produz nos individuos em que elle se manifesta, é a queda extemporanea do cabello. Neste caso, é de boa praxe ir recolhendo todo o cabello que cae, guardando-o cuidadosamente, para ser queimado na noite de S. João. Procedendo assim, o dono ou a dona do cabello caido, livra-se de todo e qualquer maleficio.

O mau olhado não affecta unicamente o genero humano; a sua malevola acção faz-se sentir numa area mais larga. Sob a influencia perniciosa do mau olhado—crê o vulgo — adoecem tambem os animaes, seccam-se as plantas e damnificam-se diversos objectos, taes como o pão, os bôlos, etc. Conhece-se que o pão, ou um bôlo qualquer, foi alvo de olhar mau, quando transportados esses alimentos ao fôrno, para ali serem cosidos, se nota que elles, em vez de levantarem sob a acção intensa do calor, ficam, ao inverso, chatos e mal passados, desagregando-se em fios a sua massa interior.

São innumeros os episodios que a fantasia popular tem bordado em tôrno do quebranto. Quem tiver paciencia para investigar, na grande e ingenua massa do povo, tudo quanto se conta ácerca do mau olhado, ficará de certo estupefacto perante a immensidade de casos, muitos

(*) *Dizer uma oração em cruz*, consiste em proferir essa oração ao mesmo tempo que se pratíca o signal da cruz.

dos quaes são em verdade bem extravagantes. Assim, narremos um pequeno facto, que não deixa de ser pittoresco e até picaresco.

Numa noite d'inverno, em volta duma confortavel e poetica lareira alemtejana, achavam-se sentadas varias pessoas, entretendo-se a conversar. Por cima do lume, dentro da chaminé, existia um pau de bellos chouriços, que estavam ali a defumar-se, conforme o costume do Alemtejo. Um dos circumstantes, ao que parece, pouco distrahido com a palestra, entendeu que devia fitar os alludidos chouriços, mirando-os e remirando-os minuciosamente. Mais tarde, depois dessa pessoa se haver retirado, assistiu-se ao curioso espectaculo de ver cahir, um a um, todos os chouriços que se achavam dependurados. Tão extranho fenomeno, não podia explicar-se, segundo a interpretação da lenda, senão por effeito de um mau olhado, que necessariamente emanára da pessoa supramencionada. E casos como este, encontram os leitores quantos queiram, desde que se disponham a procurá-los no vastissimo campo da tradição.

*

A crença ou, para melhor dizer, superstição, que ao de léve ahi deixâmos esboçada, apesar de ter a sua origem em remotas eras, ainda hoje s'encontra muito espalhada entre as camadas populares. Resulta naturalmente d'aqui, ser a benzedeira assaz procurada, pois que a ella costumam recorrer todos aquelles que se julgam victimas do mau olhado.

Benzedura contra o quebranto

A benzedeira sustenta na mão direita um rosario, e acenando para o rosto do enfermo com a cruz do mesmo rosario, vai fazendo cruzes, ao mesmo tempo que profere a seguinte oração:

—«Em nome de Deus e da Virgem Maria, a mão de Deus vá adiante, que a minha não tem valia. José! (se é este o nome no doente) Deus te fez e Deus te creou. Perdoe Deus áquelle que mal te olhou. Se é da cabeça, S. João Baptista; se é dos olhos, santa Luzia; se é do pescoço, Senhor do Horto; se é dos dentes, Santa Apolonia; se é dos braços, Senhor S. Marcos; se é da barriga, Santa Margarida; se é do estomago, Santo Ignacio; se é das pernas, Santo Amaro; se é dos pés, Santo André; se é das costas, Senhora das Brótas; se é das guelas, Senhor S. Braz; se é da cara, Senhora Santa Clara; se é do peito, Senhor do Leito. Em louvor de Deus e da Virgem Maria: Padre Nosso e Ave Maria». (Reza-se um Padre Nosso e uma Ave Maria).

Toda a reza precedente deve ser proferida durante nove dias, e em cada dia nove vezes. No fim de cada sessão, offerece-se a mesma reza á Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo e aos Santos e Santas que entram na benzedura, «para que sejam servidos de tirar aquelle mau olhado».

Serpa.

LADISLAU PIÇARRA.

LENDAS & ROMANCES

(Recolhidos da tradição oral na provincia do Alemtejo)

VI

Bernal Francez

Era meia noite em ponto,
A uma porta batiam.
— Se é Bernardo Francez,
A porta lhe vou abrir;
Se é algum dos seus criados,
Todos já se podem ir.
— Sou eu, sim, minha senhora,
A porta me queira abrir —.
O' descer da sua cama
Lhe cahíra o ananguil,
O' abrir da sua porta
Se apagára o candeil.
Pegara-lhe pela mão
E o levára ao seu jardim,
E mui bem o lavára
Em agua de alecrim.
Para a sua cama o levára
E o deitára a par de si.
— Que tendes, Bernardo Francez,
Que tanto pensas em ti,

Que meia hora é passada
E sem te virares para mim?
Se tens medo aos mouros,
Elles não te combatem aqui;
Se tens medo aos meus irmãos,
Elles não estão pòr aqui;
Se tens medo ao meu marido,
Elle longe está de ti;
Mil facadas o matem,
Más novas me tragam d'elle,
E boas m'as tragam de ti.
— Eu não tenho medo aos mouros,
Que elles longe estão de mim,
Nem tenho medo a teus irmãos,
Que cunhados são de mim,
Nem tão pouco a teu marido
Que o tens a par de ti.
—Ai! desgraçada de mim,
Foi um sonho que sonhei,
Que tinha meu amor nos braços,
Sem saber que o tinha aqui.
— Socega, que inda é de noite,
Deixa vir a manhã sim,
Vestirás sáia de malha,
Roupinha de carmelim.
— Peco-te que me enterres
No adro de S. Chrispim.
— Onde vaes, Bernardo Francez,
Tão pensativo em ti?
— Vou vêr a minha dama,
Que ha dias que a não vi.
— A tua dama já é morta,
E morta foi por mim;
As facadas que dei n'ella
Quem m'as dera dar em ti!
— Eu hei de ir áquelle outeiro,
Aonde costumava a ir,
Tanto lhe hei de bradar,
Que ella me ha de accudir.
— Adeus, Bernardo Francez,
Vive tu, que eu já vivi:
Olhos com que te olhava,
Já de terra os cobri;
Bocca com que te beijava,
Já não tem sabor em si;
Braços com que te abraçava,
Já não tem vigor em si.
Se chegares a ter filhas,
Ensina-as melhor que a mim,
P'ra que se não percam mulheres,
Como eu me perdi por ti.

VII

Bernal Francez

(Variante do romance anterior)

— Quem bate á minha porta,
Quem bate quem está ahi?
— E' Bernaldo Francez,
Sua porta venha abrir —.
Ao abrir da minha porta
Se apagou o meu candil;
Ella me pegou na mão,
Me levou ao seu jardim,
E lá me lavou os pés
Em agua de alecrim;
Levou-me para o seu quarto,
Me deitou ao pé de si.
—Que tens Bernaldo Francez,
Que te disseram de mim?
Que é meia-noite dada
Sem te virares para mim;
Se tu tens medo dos mouros
Elles não veem aqui;
Se tens medo da justiça,
Ella não virá aqui;
Se receias meus irmãos,
Tam pouco virão aqui;
Se receias meu marido,
Más novas me tragam d'elle,
Más novas venham a mi.
— Não receio á justiça,
Porque nunca a temi;
Não temo a teus irmãos,
Que cunhados são de mi;
Nem receio a teu marido,
Porque o tens agora aqui.
— Ora bem que isso assim fôra,
Que te q'ria mais que a mim!
— Não me enganas já, tyranna,
Não me enganas tu a mi.
Deixa vir a manhãsinha
Que eu te darei que vestir,
Darei-te saia de lan,
Roupinha de carmezi,
Gargantilha encarnada,
Porque a quizeste assi.
Brada por tuas damas,
P'ra que te venham vestir;
Brada por Bernal Francez,
P'ra que te venha acudir.

VIII

Bella Infanta

Estando D. Adriana
No seu jardim assentada,
Deitou os olhos ao largo
E viu vir 'ma grande armada.
Cavalleiro que vem n'ella
Traz 'ma estrella bem guiada.
Palavras não eram dadas,
O cavalleiro que chegava:
— Bons dias, minha Senhora,
Dê-me, dê-me um copo d'agua.
— Dá-me noticia, Senhor,
Do patrão d'esta casa?
— Diga-me, minha Senhora.
Os signaes que elle levava.
— Levava cavallo branco,
A sélla sobredoirada,
Na ponta da sua lança

Um Christo de oiro levava.
— Debaixo da lyrio roxo
Sete facadas levava.
— Ai de mim, triste viuva,
Ai de mim, tão desgraçada!
Já me vou por esse mundo
Triste viuva malfadada!
— O que dareis vós, Senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
— De tres moinhos que tenho
Te darei o mais gentil;
Um móe cravo, outro canela,
Para o rei e mais para mim.
— Vossos moinhos, Senhora,
Não me são dados a mim,
Eu sou capitão da armada,
Amanhã marcho d'aqui.
— Das tres filhas que tenho
Uma te darei a ti.
— As vossas filhas, Senhora,
Não me são dadas a mim,
Eu sou capitão da armada,
Amanhã marcho d'aqui.
— Não tenho mais que vos dar,
Nem vos mais que me pedir.
— Tendes sim, minha Senhora,
O vosso corpo gentil.
— Cavalleiro que tal pede,
Que tal ousa pedir,
Precisava posto fora
Do meu formoso jardim.
Andem, andem, meus criados,
Venham buscal-o aqui!
— Alto, alto, ó criados,
Que criados sois de mim,
Palacios e carruagens
Todos me pertencem, sim.
Que é do nosso annel de nupcias,
Que á meia noite te dei,
Ao entrarmos na egreja
Acompanhados de el-rei?
— Se tu eras meu marido
P'ra que me fazias soffrer?
— Porque ao longe tinha ouvido
Que te deixaste vencer
Por um moço fidalguinho
Que a côrte te vinha fazer,
E te vestiras de encarnado
Por eu 'star quasi a morrer.
— Oh que vozes tão infames!
Oh que fama sem proveito!
Não devias duvidar
Do sentir d'este meu peito.
— Perdoa-me, esposa minha,
Se te estava exp'rimentando,
Pois é coisa bem cruel
Viver no mundo enganado.
— Perdôo-te, esposo meu,
De todo o meu coração.
Deus livre as minhas filhas
Dos enganos da traição.

(Elvas). A. Thomaz PIRES.

As festas do Sacramento em Beja

(Conclusão)

Tomam parte na procissão, além de todas as irmandades, anjos ricamente vestidos, uma força de capitão, todas as auctoridades, diversas pessoas das mais gradas da terra e todas as philarmonicas expressamente convidadas para abrilhantar os festejos.

Esta procissão é o verdadeiro *clou* das festas, e a ella ninguem deixa d'assistir, tanto da cidade como dos arredores.

E' digno d'observar-se, nas ruas por onde passa o solemne cortejo, o bello effeito que produzem milhares de pessoas, na sua quasi totalidade pertencentes ao madamismo, debruçadas das janellas, de muitas das quaes pendem riquissimas colchas de seda.

N'esse mesmo dia, ás nove horas da noite, tem logar a *procissão da posse*, que é a parte mais original de toda a festa. N'esta procissão tomam parte os reitores de todas as freguezias acompanhados da respectiva cruz de prata, a qual é conduzida por um homem escolhido *ad hoc*, vigoroso e de pulso rijo, capaz d'entrar triumphante e com perfeita galhardia na egreja da freguezia, onde se vae dar a posse da festa do anno seguinte.

A' entrada da egreja trava-se uma lucta ardente, conforme d'aqui a pouco referiremos.

A procissão da posse, constituida, além dos mencionados reitores, pela irmandade da festa, sai da propria egreja da festa e, acompanhada da competente philarmonica, caminha com as suas cruzes de prata e o andôr de S. Sizinando á frente. Nas ruas do trajecto, aos lados, acham-se collocadas bastas girandolas de foguetes, que vão ardendo á medida que passa o cortejo. No adro da egreja da posse, são as girandolas ainda em maior numero, e representam verdadeiros baluartes de fogo.

CANCIONEIRO MUSICAL

XII

Ao Deus-Menino (*)

(CANTICO)

(*) Vide o artigo, *Natal*, *Anno-bom e Rêis*, a pag.as 6 e 7.

E' interessante ver esse prestito marchar impavido, por entre o esfusiar dos foguetes e o estalar das bombas. Os vivas e morras atroadores, levantados ás irmandades das differentes freguezias, repetem-se constantemente, no meio de uma gritaria infernal.

As mesmas freguezias são n'esta occasião designadas pelos nomes tradicionaes e jocosos de *carda*, *tripa, escama* e *pelados*, correspondendo estas designações, por sua ordem, ás freguezias de S. João, S. Thiago, Santa Maria e Salvador.

A applicação dos tres primeiros termos ás freguezias citadas, deriva, segundo a tradição popular, dos antigos moradores d'essas freguezias exercerem respectivamente a profissão de cardadores de lã, vendedores de carnes verdes e vendedores de peixe. A designação de *pelados* resulta, como é obvio, de predominar a calvicie, entre os habitantes da freguezia do Salvador.

Mas, continuando a descripção de tão singular cortejo, convém notar que a vozearia vai crescendo á proporção que a procissão se aproxima do seu termo. O andamento e a gravidade, proprios das procissões religiosas, faltam aqui por completo. Em certos momentos, rompe o prestito até n'uma carreira de tal modo desabrida, que já tem acontecido chegar a imagem de S. Sizinando, que é de pequenas dimensões, á egreja, com o rosto voltado para traz. O que não é muito para admirar, se nos lembrarmos que a cabeça da referida imagem, por mal segura, gira facilmente em tôrno do seu eixo.

Ao terminar da procissão, cada cruciferario procura introduzir no templo a sua cruz, primeiro que os outros, estabelecendo-se por isso n'esse momento uma tal confusão e violencia, que não é raro ficarem as cruzes partidas. Em seguida canta-se um *Te-Deum*, a grande instrumental, findo o qual sobem ao ar as ultimas girandolas de foguetes.

A maior parte da população da cidade, contenta-se em vêr simplesmente a chuva de fogo multicôr, proveniente de milhares de foguetes de lagrimas. Durante meia hora, pelo menos, manteem-se os espectadores a contemplar, embevecidos, aquella luminosa e iriada chuva, destacando-se no fundo negro da noite.

Depois d'esta manifestação, nada mais existe digno de menção, a não ser as luminarias, que os irmãos da *festa* e os da *posse* collocam ás suas janellas, e a illuminação resplandecendo na fachada da egreja da posse.

Na 2.ª feira immediata ainda se realisa uma outra procissão, formada unicamente pela irmandade da posse, e que tem por fim levar a cada preso a esmola de 500 reis. N'este dia, a philarmonica contratada pela irmandade da posse, vai visitar todos os membros que compõem a mesma irmandade, tocando-lhes á porta, por algum tempo. Cada musico recebe n'essa occasião a gratificação habitual de 500 reis. Esta prática tem igualmente logar nos dias de sabbado e domingo anteriores, mas a irmandade que figura então, é a da festa e não a da posse.

E assim termina a bem conhecida e tradicional festa do Sacramento, em Beja, festa essencialmente religiosa e caritativa, da qual procurámos dar aos leitores da «Tradição» uma ideia aproximada, embora muito summaria.

Alves TAVARES.

RIMAS POPULARES

Eram tres horas da tarde :
Quando andava passeando
Ouvi uma voz a dizer
Que me fosse approximando.
Eu por mim fui-me chegando
Aond'essa voz me bradava ;
Cheguei a uma porta da entrada,
Dei-lhe só uma pancadinha :
Appareceu-me uma florzinha,
Que de mim se namorava.

— A primeira vez que o vi
Quando andava passeando,
Do senhor fiquei gostando;
Por isso é que lhe bradei.
— Essa sim! é bem lembrada!
Senhora, de mim pretende?
Fique certa para sempre
Que ha de ser a minha amada —.
Como fica consolada
Cuidando que isto é assim!
Pelo menos sempre usei
Com todas boas palavras;
A todas trago enganadas,
A todas digo que sim.
— O senhor já está dizendo
Que eu mesmo me offereci...
Eu sempre suppuz assim,
Que o não fazia por menos!
Atraz do senhor vem outro.
Dinheiro tenho dez contos,
Fóra este estabelecimento.
Vê que tenho valimento,
Você, se não é parvo é louco.
— Inda que tenha dinheiro,
Tenha tudo o que tiver,
Nunca passa de mulher,
Namorada d'um estrangeiro.
Da flôr só se goza o cheiro:
Foi o mesmo que eu gozei.
A senhora disse a mim
P'ra que fosse seu amor:
Isso lá, será o que fôr...
Eu nunca me retratei.
— Já vou para meu palacio,
Minha vida a governar;
Não pretendo de cazar
Com um senhor que me é falso.
Pode seguir os seus passos
Onde tenha acceitação,
Porque d'esta hora em diante
Sempre lhe direi que não.
— Venha cá, faça favor
De me dar uma palavra.
Juro-lhe na hora sagrada
Que não sabe o meu interior:
Serei sempre o seu amor
Da mais mimosa feição.
Eu já d'outra não pretendo,
Aqui tem a minha mão.
— Já nos temos carteado,
Em tudo estamos eguaes.
Vá-me pedir a meus paes
Para ficar descançado.
Quando á porta fôr chegado,
Eu lhe farei algum signal;
Peça-me um copo d'agua
E eu o convido para entrar.
....
....

— Dirigi-me a sua casa,
Sua filha venho pedir
Para ser a minha espoza.
Juro-lhe n'uma hora boa,
Que em tudo será ditosa } *bis*
Egual á sua pessoa.
— O senhor que vem aqui
A' minha filha rogar-se,
'Inda mesmo não gostasse,
Sempre lhe dizia que sim.
O senhor m'a pediu a mim
N'uma tão boa amizade...
Eu não acho desegualdade,
Se ella de si pretender.
Eu não desmancho vontades.
— Oh! meu pae, lhe vou dizer
Que este senhor é meu espozo!
Por ser bonito e formoso,
De mim está a pretender.
Por tantas fazendas ter,
Possuir tanto dinheiro,
Ser tão firme e verdadeiro
Que ainda me não offendeu,
Lh'offereço tudo que é meu,
Por ser meu amor primeiro!
— Minha senhora, eu agradeço,
Esse seu offerecimento.
De seu pae casa a contento:
E' porque bem a mereço!
Para seu esposo me off'reço
Já, d'esta hora por diante;
Darei parte á minha gente,
Que me venha acompanhar,
Que a minha mão lhe vou dar,
Fica ligada p'ra sempre.

(Da tradição oral).

(Serpa.)

JOÃO VARELLA.

CRENÇAS & SUPERSTIÇÕES

Penitencias nocturnas

No concelho da Vidigueira, principalmente nas aldeias de Selmes e Alcaria, existe uma curiosa superstição, originada naturalmente no arrependimento de se haver praticado algum acto menos conveniente, ou criminoso. Eis em que consiste a referida superstição:

Juntam-se tres ou quatro mulheres em casa d'um *adivinhão* ou *virtuoso,* a quem as ditas mulheres confiam o segredo das suas faltas.

O astuto confessor, depois de as ouvir attentamente, prescreve-lhes a seguinte penalidade, que ellas cumprem religiosa-

mente: Em as noites tempestuosas d'inverno, é preciso que cada uma das penitentes vá ás extremidades da povoação, correspondentes aos quatros pontos cardeaes, escolhendo de preferencia alguma esquina mais afastada e escusa, e ali reze um Padre-Nosso e uma Ave-Maria pelo eterno descanço das almas. No fim desta pratica devem as mulheres reunir-se de novo, mas á porta do cemiterio, para ahi fazerem as suas rezas. O que ellas effectivamente executam no meio de lamentações em voz alta.

N'esta occasião, se do interior do cemiterio lhes respondem: «ide-vos, que a vossa penitencia está cumprida», as penitentes retiram-se logo para suas casas, tendo o cuidado de não olharem para traz, porque se olharem, caem no chão fulminadas por um profundo terror. Mas, se após as rezas e lamentações a tal voz mysteriosa não responde, teem as penitencias nocturnas de repetir-se, até ouvirem-se as sacramentaes palavras acima citadas. Estas palavras, segundo affirmam varias pessoas que julgo bem informadas, são proferidas pelo proprio adivinho, que occultamente se introduz no cemiterio para tambem tomar parte na interessante scena, que acabâmos de expôr.

FAZENDA JUNIOR.

CONTOS ALGARVIOS

III

Os tres cães

Havia um rei e uma rainha, que não tinham filhos e por cuja razão não viviam felizes. Em uma noite que a rainha no seu oratorio pedia a Deus um filho, ouviu uma voz:

—Has de ter um filho, que será devorado por uma serpente, quando elle tiver vinte annos.

Foi a rainha contar ao rei o que ouvira, e o rei respondeu:—paciencia!

Passados nove mezes a rainha deu á luz um principe e desde a primeira hora do seu nascimento o consagrou á Virgem.

Quando o principe chegou aos dezenove annos começou a notar que o rei e a rainha andavam constantemente tristes e por vezes os encontrava a chorar. Tanto inquiriu que chegou a saber de sua mãe o motivo das suas lagrimas.

Para não presenciar os desgostos de seus paes e evitar-lhes o grande desgosto da sua morte, conseguiu, a muito custo, licença de ir correr mundo. Quando, proximo dos vinte annos, atravessava uma campina encontrou uma velhinha:

—Para onde vai, meu menino?

O principe simpathisou tanto com a velhinha que lhe contou a sua historia.

— Bem sabia a tua historia. Uma fada má quer vingar-se de teu pai. Essa fada no dia em que fizeres vinte annos e durante mais nove dias ha de empregar todos os meios de acabar com tua vida.

—E eu não poderei matar essa má mulher?

—Não. Mais adiante e em diversos logares encontrarás tres cães, que te acompanharão sempre. Pára onde elles pararem, e não faças senão o que elles quizerem. Por maiores que te pareçam as tropelias que elles façam não te opponhas. Elles são os teus guias.

O principe pediu a benção á velhinha e continuou o seu caminho. Lá adiante encontrou um cão muito gordo, ao qual poz o nome de *Pezão*, mais adiante encontrou outro, grande corredor, que foi batisado com o nome de *Ligeiro*, e logo mais adiante outro, a que poz o nome de *Adivinhão*.

Seguido dos tres cães entrou o principe numa estrada muito arborisada em dia de grande calor e de muita tristeza para elle: fazia n'esse dia vinte annos.

No meio da estrada encontrou o principe uma formosa menina, que o convidou a descansar á sombra de uma arvore. Os tres cães pararam e o principe acceitou o convite. Dois cães pozeram-se a

brincar, o *Pezão* foi deitar-se sob uma arvore proxima d'aquella a cuja sombra o principe e a joven se acolheram. O principe reclinou a cabeça sobre o collo da joven, que se sentara, e deixou-se adormecer. Quando o principe acordou não viu a menina, mas viu o *Adivinhão* e o *Ligeiro* deitados ao seu lado; o *Pezão* conservou-se deitado sob a arvore proxima.

Montou-se o principe no seu cavallo e logo os tres cães o seguiram. Foram dar a uma estalagem. A estalajadeira era bonita, e tinha uma filha ainda mais bonita. Logo que o principe viu esta, conheceu ser a mesma que encontrara na estrada, mas fingiu não a conhecer.

A estalajadeira quiz oppor-se á entrada dos cães na estalagem, mas o principe declarou-lhe que os seus cães o acompanhavam de dia e de noite e comiam com elle á meza.

A estalajadeira calou-se.

Nessa noite dormiu o principe no seu quarto, acompanhado dos seus cães: o *Pezão* foi deitar-se sobre um bahú; o *Adivinhão* e o *Ligeiro* ao lado do seu dono.

No dia seguinte dizia a estalajadeira para a filha:

— Passei a noite muito incommodada. Estive mettida no bahú, no quarto do principe, e não me foi possivel sair d'ali, porque o *Pezão* tem o pezo do mundo. Já na estrada, não sei porque, elle se deitara sob a arvore, mesmo em cima da tampa que eu tinha de erguer para accometter o principe, deitado no teu collo.

— E que tempo tem para matar o principe?

— Apenas nove dias.

— E qual o motivo do seu odio contra um principe tão bello e novo?

— Porque o pae d'este principe prometteu-me casamento e foi depois casar com a minha rival. Hei-de matar o filho não obstante os tres cães.

D'ahi a pouco ergueu-se o principe da cama e a estalajadeira disse-lhe que o cavallo estava sem beber por que os criados não se atreviam a aproximar-se-lhe por ser muito respingão.

O principe desceu á cavallariça acompanhado dos tres cães; o *Adivinhão* aproximou-se do *Pezão* e poz-se a cheiral-o; logo este foi deitar-se a um canto da cavallariça.

O principe deu agua e feno ao cavallo e subiu á estalagem acompanhado dos cães.

A estalajadeira estava fula: pretendia atacar o principe na cavallariça, mas o *Pezão* deitára-se sobre a tampa do alçapão, que ella não podera erguer. Dirigiu-se á filha e disse:

— É necessario envenenar o principe; de outro modo não lhe dou fim. Envenena-lhe a comida.

Ás horas da comida sentou-se o principe á meza, e logo os tres cães saltaram sobre a meza e partiram os pratos, que continham o jantar. A criada fugiu com medo dos cães, e a estalajadeira poz-se a ralhar com o principe.

— Os meus cães são muito doceis, e elles que inutilisaram a comida, alguma razão tiveram.

N'esta occasião entrou um cão de certo forasteiro, poz-se a lamber os restos da comida espalhados pelo chão, e logo morreu envenenado. Então foi que o principe conheceu que a comida estava envenenada. Calou-se e fingiu não perceber.

N'essa tarde saiu a estalajadeira e o principe disse á filha:

— Tua mãe, por qualquer motivo, quer matar-me. Vejo-me obrigado a matal-a.

— Minha mãe não morre: é como fada quasi immortal.

— Todos morrem. Não sabes de onde depende a morte de tua mãe?

— Não sei, e se soubesse não o diria.

— Tenho a minha vida em perigo, e eu queria viver e casar comtigo.

— Teu pae prometteu o mesmo a minha mãe e faltou.

— Eu não te faltarei porque te fico devendo a minha vida.

A filha da estalajadeira pensou por algum tempo e respondeu:

—Eu tentarei saber de onde depende a morte de minha mãe.

Logo que a estalajadeira chegou, foi a filha dizer-lhe que o principe a queria matar.

A estalajadeira riu-se e respondeu:

—Não tenhas medo: elle não conhece a causa de que a minha morte depende.

—E eu não o poderei saber?

—Podes. A minha morte depende da morte de uma bicha, que existe num ovo de uma pomba, que está escondido no armario do nosso quarto escuro. Para matar a bicha tem de ser côrta ao meio num só golpe.

—Aonde foi minha mãe esta tarde?

—Fui invocar o auxilio de duas grandes fadas para conseguir a morte do principe e dos tres cães.

Logo que a estalajadeira se ausentou foi a filha informar o principe. Este, acompanhado da rapariga e dos tres cães, entrou no quarto escuro e matou a pomba. Dentro da pomba havia um ovo, que cahiu no chão. Do ovo sahiu uma bicha enorme, mas o *Pezão* carregou sobre a bicha e o principe a cortou ao meio com a sua espada. Ouviu-se então um grito longinquo: era a estalajadeira que morria.

Os tres cães desappareceram e não mais foram vistos; eram tres anjos.

O principe então dirigiu-se para o palacio de seu pae, levando na sua companhia a filha da estalajadeira. O palacio estava vestido de lucto; suppunha-se que o principe tivesse morrido. A' entrada do palacio encontrou o principe a velhinha que tinha encontrado na campina.

A velhinha beijou o principe e desappareceu.

O rei e a rainha abraçaram e beijaram o filho e deram o seu consentimento no casamento, logo que o principe lhes contou a sua historia. Houve grandes festas em todo o reino.

Fui lá e não me deram nada.

(Loulé.)

ATHAIDE D'OLIVEIRA.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

X

Tres gallegos querendo falar á politica (*)

Era duma vez tres gallegos, que resolveram vir ao Alemtejo, para aprender a *falar á politica.* No dia combinado, marcharam os homens. Encontrando uma cidade e passando perto d'um jardim, viram nesse jardim tres individuos de chapeu pinante (chapeu alto) a passear. Diz logo um dos gallegos: «O' rapazjes, nós bâmos comesçar já por aqui: porque no Alemtejo sção poucos os que sçabem, mas os que sçabem... sçabem como aquelles que sçabem! E estes débem sçaber. Pois bóscês não bêem como elles andam bestidos?!»

Os outros dois gallegos concordaram, e o que teve a lembrança entrou logo para o jardim e foi esconder-se detraz do *tarôco* (tronco) duma arvore, á espera que os taes tres individuos passassem, a ver se lhes ouvia dizer alguma coisa. Effectivamente, quando os individuos passaram ao pé daquella arvore, disse um delles: «Nós todos tres». O gallego, assim que ouviu estas palavras, não esperou por mais nada, marchou a correr para o logar onde estavam os companheiros e disse-lhes, endireitando-se todo:

—«O' rapazjes, eu já scêi diszer uma coisja.»

—«Einton o que é, camarada?»—perguntaram-lhe os dois companheiros.

—«Nós todos tres»—respondeu elle.

Como este gallego já sabia dizer uma coisa, foi um dos outros collocar-se por traz da mesma arvore, e ouviu dizer a um dos mesmos individuos que andavam passeando no jardim: «Por tres alqueires de sal». O gallego, ouvindo isto, partiu immediatamente para junto dos companheiros e disse-lhes:

(*) *Falar á politica*, é uma expressão vulgar, que significa: falar correctamente.

—«Eu tambem já scêi dizjer uma coisja, é: *Por tres alqueires de sçal.*»

O terceiro gallego, então, querendo tambem aprender alguma coisa, foi pôr-se atraz da arvore; e, quando os taes individuos por ali passaram, disse um delles: «Tem razão, senhores!». O gallego, mal ouviu estas palavras, foi logo ter com os seus companheiros e disse-lhes: «Eu já scêi muito mais que bóscês!» Os outros, muito admirados, perguntaram-lhe porque? E elle respondeu-lhes: «Scêi muito mais que bóscês, porque já scei dizjer: Nós todos tres, por tres alqueires de sçal, tem rasjão, scenhores!»

O primeiro gallego, que tinha ido escutar dentro do jardim, ouvindo isto, estava já resolvido a ir pôr-se no mesmo sitio, mas como nesta occasião saissem do jardim os tres individuos, disse um dos outros gallegos:

—«Bem. Nós aqui já nun fazjêmos nada, e por consceguinte, o melhor é irmos para oitra terra.» Os homens effectivamente marcharam, mas com tão pouca sorte que, na estrada por onde iam, estava um *homem morto*, e, ainda para mais pouca sorte, chegaram ao pé delle quasi ao mesmo tempo que a justiça. Um dos da justiça mandou logo aos gallegos fazer alto e perguntou lhes:

—«Vocês sabem quem era este homem? e sabem quem o matou?»

Ora, como na justiça vinham dois individuos de chapeu pinante, e os meus gallegos queriam mostrar que tambem sabiam falar á politica, disse logo um delles:

—«Nós todos tres». Continua o outro: «E por tres alqueires de sçal». Accrescenta o terceiro: «Tem rasjão, scenhores!».

E' claro que a justiça, em vista destas declarações, metteu-os a todos numa cadeia, e, ainda a esta hora, elles lá estarão amaldiçoando a hora em que se lhes metteu na cabeça o aprender a «falar á politica».

(Da tradição oral)

Brinches

ANTONIO ALEXANDRINO.

PROVERBIOS E DICTOS

(Continuação)

LXX

—A como vendes os capachos?
—Conforme parvos acho.

LXXI

Caroço d'Agosto, dá gosto.

LXXII

Pela manhã é oiro, ao meio-dia prata, e á noite mata (a laranja).

LXXIII

Pé de gallinha não mata pinto.

LXXIV

Gallinha gorda a pastores... choca vae ella!

LXXV

Se é p'ra bem, que augmente; se é p'ra mal, que arrebente!

LXXVI

Se d'esta vos espantaes, aguardae, que lá vae mais!

LXXVII

Maio, é o mez em que canta o cuco.

LXXVIII

Primeiro d'Agosto, primeiro d'inverno.

LXXIX

Rindo-se vae Fevereiro, porque lhe juam (jejuam) no seu dia primeiro (vespera da Sr.ª da Encarnação).

LXXX

Quem compra e mente, na bolsa o sente.

LXXXI

Em o cúco não vindo entre Março e Abril, ou o cúco é morto ou a má fim quer vir.

LXXXII

Em Fevereiro, vae acima ao outeiro: se vires verdejar, põe-te a chorar; se vires terrear, põe-te a cantar.

LXXXIII

Elle a dar-lhe e a burra a pender.

LXXXIV

— Ai, que penas!
— Quem faz pelas coisas, tem-n'as.

LXXXV

Trindades na aldeia é hora de ceia.

LXXXVI

Quem vae com Deus vae na tumba.

LXXXVII

O que se não faz em dia de Santa Maria, faz-se no outro dia.

LXXXVIII

O que se vê não precisa candeia.

LXXXIX

Pelo S. Pedro vae ao arvoredo: se vires uma, conta um cento.

XC

O que faz bem ao bófe faz mal ao figado.

XCI

O mal e o bem á face vêm.

XCII

O boi solto, lambe-se todo.

XCIII

Meio-dia, barriga vasia; panella ao lume, é o nosso costume.

XCIV

Manhã de nevoa (em) recolhe-te á balsa, — se não te recolheres a casa.

XCV

Não ha fome que não venha dar em fartura.

XCVI

Uns morrem com gafeira, outros com inveja d'ella.

XCVII

Hoje por mim, ámanhã por ti.

XCVIII

Aguas passadas (com) não móem moinhos.

XCIX

Fevereiro afogou a mãe no ribeiro.

C

Quem dá o que tem, a pedir vem.

CI

Quem dá o que tem, mostra o que deseja.

(Da tradição oral).

(Serpa).

CASTO R.

BIBLIOTHECA D'«A TRADIÇÃO»

Publicação bi-annual, em volumes de 150 a 200 pag.

VOLUME I (a entrar no prélo):

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO-ALEMTEJO

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME II:

JOGOS POPULARES

POR

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME III:

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

POR

ANTONIO ALEXANDRINO

Prefaciados por

LADISLAU PIÇARRA

VOLUME IV:

O AUTO DO PRESEPIO E A DEGOLLAÇÃO DO BAPTISTA

Com um prefacio e notas

POR

M. DIAS NUNES

VOLUME V:

SYLVA DE XÁCARAS

POR

A. THOMAZ PIRES